



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANNA CAROLINA CHIEROTTI DOS SANTOS ANANIAS

**UM CAMINHAR PELA TOPONÍMIA DAS MICRORREGIÕES
DE TOLEDO E FOZ DO IGUAÇU**

Londrina
2013

ANNA CAROLINA CHIEROTTI DOS SANTOS ANANIAS

**UM CAMINHAR PELA TOPONÍMIA DAS MICRORREGIÕES
DE TOLEDO E FOZ DO IGUAÇU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Área de concentração – Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo

Londrina
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

A533c Ananias, Anna Carolina Chierotti dos Santos.

Um caminhar pela toponímia das microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu / Anna Carolina Chierotti dos Santos Ananias. – Londrina, 2013.
268 f. : il.

Orientador: Aparecida Negri Isquero.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Toponímia – Teses. 2. Nomes geográficos – Paraná, Oeste – Teses. 3. Paraná – Municípios – Teses. 4. Linguística – Teses. I. Isquero, Aparecida Negri. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 801.311

ANNA CAROLINA CHIEROTTI DOS SANTOS ANANIAS

**UM CAMINHAR PELA TOPONÍMIA DAS MICRORREGIÕES DE
TOLEDO E FOZ DO IGUAÇU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Área de concentração – Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de qualificada.

Orientador: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
UFMS – Campo Grande - MS

Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
UFMG – Belo Horizonte –MG

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
UEL – Londrina –PR

Londrina, 25 de Fevereiro de 2013.

Dedico este trabalho à minha família, presente que Deus me deu, que com incentivo e amor me deram força para que eu não desanimasse nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Como em tudo na minha vida, em primeiro lugar agradeço a Deus, meu Mestre que sempre me guiou pelos caminhos da vida.

Também registro minha gratidão:

à minha orientadora, Professora Doutora Aparecida Negri Isquerdo, que desde o ano de 2007 acreditou no meu trabalho e me incentivou a continuar na vida acadêmica. Sua paciência, amizade e conhecimento possibilitaram a concretização deste sonho;

às Professoras Doutoradas Maria Cândida Trindade Costa de Seabra e Vanderci de Andrade Aguilera, pela valiosa colaboração fornecida no Exame de Qualificação. Ainda agradeço à professora Aguilera pelas reuniões sobre toponímia realizadas no decorrer do curso;

aos meus colegas do curso de Pós- Graduação em Estudos da Linguagem, em especial, às minhas amigas, Gislaine Domingues, Marigilda Antônio Cuba, Marilze Tavares e Valeska Gracioso Carlos pela amizade e troca de experiência durante o curso;

à Doutora Márcia Zamariano pela disposição em ajudar-me, pelo empréstimo de materiais e contribuições na delimitação da área de pesquisa;

à Coordenação e a secretaria do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, pela gentileza com que sempre me atendeu;

à CAPES pela ajuda financeira imprescindível para a realização do trabalho;
aos funcionários da Biblioteca Municipal de Londrina pela disposição e presteza com que sempre me ajudaram;

a toda minha família que sempre esteve ao meu lado;

ao meu esposo, Douglas Wilson, pelo incentivo em toda minha vida acadêmica e pelas palavras de coragem durante os dois últimos anos;

à minha mãe Celia Regina e à minha irmã Priscila, pela força e carinho dispensados ao longo da minha vida;

aos meus avós Jayme Antônio e Alice Emília que sempre estiveram prontos para me ajudar no que fosse preciso;

Agradeço, portanto, a todos que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste trabalho.

OBRIGADA!

ANANIAS, Anna Carolina Chierotti dos Santos. **Um caminhar pela toponímia das microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu**. 2013. 268 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

A Toponímia é a disciplina que tem como objeto de investigação os nomes de lugares, os topônimos, por isso a toponímia de uma região pode ser considerada também um repositório da história local, à medida que por meio do estudo dos topônimos é possível a recuperação de dados acerca da trajetória dos grupos humanos que habitaram e habitam a região e de momentos históricos vivenciados por eles. Este trabalho partiu da hipótese de que as quatro fases propagadas na colonização do Oeste Paranaense tenham deixado vestígios na toponímia que, além de aspectos do sentimento impressos nos nomes de lugares, forneçam pistas para um resgate sobre a cultura e as paisagens naturais da região. A pesquisa investigou os nomes de lugares (acidentes físicos e humanos) dos municípios que integram essa região do Estado do Paraná, não só do ponto de vista linguístico, como também em termos de camadas dialetais evidenciadas pela toponímia regional. O *corpus* da dissertação é formado por 1.471 topônimos extraídos dos mapas oficiais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com escalas que variam entre 1:50.000 e 1:100.000, relativos aos 32 municípios que integram as microrregiões de Toledo e de Foz do Iguaçu, ambas pertencentes à mesorregião Oeste Paranaense. O estudo orientou-se, fundamentalmente, pelo modelo teórico-metodológico proposto por Dick (1990; 1999; 2006), que se baseia em uma organização de natureza indutivo-dedutiva e adota procedimentos onomasiológico-semasiológicos característicos das pesquisas sobre o léxico. A pesquisa revelou que dos 1.471 topônimos, 459 são de acidentes humanos e 1.012 de acidentes físicos. As três taxionomias mais produtivas entre as taxionomias de natureza física foram os *fitotopônimos*, os *hidrotopônimos* e os *zootopônimos*, enquanto entre as taxionomias de antropoculturais predominam os *hagiotopônimos*, os *animotopônimos* e os *antropotopônimos*. Foi considerada também a dimensão etimológica que apontou a presença das três bases étnicas que sedimentaram a formação da língua portuguesa no Brasil: o português, as línguas indígenas e as africanas. O trabalho focalizou quatro características que se destacaram no conjunto da toponímia do Oeste Paranaense, a saber: os *hagiotopônimos*, os *fitotopônimos*, a questão indígena e os *animotopônimos*. Por fim, a investigação demonstrou que a motivação dos topônimos coletados evidenciou a influência exercida pelo meio ambiente físico e social e pelos pioneiros que colaboraram na construção da história da região na seleção dos nomes atribuídos aos lugares.

Palavras-chave: Toponímia. Léxico. Oeste Paranaense.

ANANIAS, Anna Carolina Chierotti dos Santos. **A walk by the place name of de micro Toledo and Foz do Iguaçu.** 2013. 268 f. Dissertation (Master's degree in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

ABSTRACT

The Toponymy is the discipline that has as its object of study the names of places, the toponyms, wherefore the toponymy of a region can also be considered a repository of local history, as through the study of toponyms is possible to recover data on the trajectory of human groups who inhabited and inhabit the region and historical moments experienced by them. This study hypothesized that the four phases propagated in the colonization of the West of Parana have left traces in the toponymy that besides aspects of sentiment printed on place names, provide clues to a rescue on culture and natural landscapes of the region. The study investigated the names of places (physical and human accidents) of the municipalities that integrate this region of State of Paraná, not only linguistically, but also in terms of dialectal layers evidenced by regional toponymy. The research corpus consists of 1,471 toponyms extracted from the official maps of the IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics), with scales ranging between 1:50,000 and 1:100,000, for the 32 municipalities that integrate the microregions of Toledo and Foz do Iguaçu, both belonging to the West mesoregion of Paraná. The study was guided primarily by the theoretical-methodological model proposed by Dick (1990, 1999, 2006), which is based on an organization of inductive-deductive nature and adopts onomasiologic-semasiologic procedures characteristic of research on the lexicon. The research revealed that among 1,471 toponyms, 459 are of human accidents and 1,012 of physical accidents. The three most productive taxonomies between taxonomies of physical nature were the phytotoponyms, the hydrotoponyms and zootoponyms while between taxonomies of anthropocultural nature predominate hagiotoponyms, the animotoponyms and the anthropotoponyms. The study also considered the etymological dimension that showed the presence of three ethnic bases which sedimented the formation of the Portuguese language in Brazil: Portuguese, indigenous and african languages. The study focused on four characteristics that stood out throughout the toponymy of the West of Paraná, namely: the hagiotoponyms, the phytotoponyms, the indigenous issues and animotoponyms. Finally, the study demonstrated that the motivation of toponyms in case showed the influence of the physical and social environment and of the pioneers who helped to build the region's history in the selection of names attributed to places.

Keywords: Toponymy. Lexicon. West of Paraná.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mesorregião Oeste Paranaense	47
Figura 2 – Colônia Militar do Iguaçu fundada pelo tenente Antônio Batista da Costa Junior e o sargento José Maria de Brito, século XIX	49
Figura 3 – Central da Obra Barthe (1905) hora do rancho	51
Figura 4 – Alcaprema; Carretão que puxava toras na época das obras; Porto Britânia	52
Figura 5 – Revolucionários em Foz do Iguaçu – 1924	53
Figura 6 – Chegada dos primeiros compradores de terra na fazenda Britânia	55
Figura 7 – Urbanização dos municípios da Mesorregião Oeste do Paraná (1960-2000)	194
Figura 8 – Carta Toponímica I: Taxionomias de natureza físicas mais produtivas nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu	203
Figura 9 – Carta Toponímica II: Taxionomias de natureza antro-po-culturais mais produtivas nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu	205
Figura 10 – Carta Toponímica III: Produtividade de <i>hagiotopônimos</i> nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu	216
Figura 11 – Mata nativa do Paraná	225
Figura 12 – Mata remanescente no Paraná em 1980	225
Figura 13 – Carta Toponímica IV: Produtividade da <i>fitotopônimos</i> nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu	229
Figura 14 – Carta Toponímica V: Produtividade da <i>animotopônimos</i> nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu	239
Figura 15 – Distribuição de reservas indígenas no Paraná	244
Figura 16 – Carta Toponímica VI: Produtividade da língua indígena nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu	248

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição percentual dos topônimos segundo o tipo de acidente nomeado	193
Gráfico 2 – Distribuição percentual dos acidentes geográficos nomeados	195
Gráfico 3 – Distribuição percentual das taxionomias de natureza física dos acidentes humanos	196
Gráfico 4 – Distribuição percentual das taxionomias de natureza física dos acidentes físicos.....	197
Gráfico 5 – Distribuição percentual das taxionomias de natureza antropocultural dos acidentes humanos	199
Gráfico 6 – Distribuição percentual das taxionomias de natureza antropocultural dos acidentes físicos	200
Gráfico 7 – Distribuição percentual das taxionomias propostas pelo projeto ATEPAR e dos topônimos não classificados	201
Gráfico 8 – Distribuição percentual dos topônimos segundo a estrutura morfológica.....	207
Gráfico 9 – Percentual de <i>hagiotopônimos</i> nas microrregiões de Toledo e da Foz do Iguaçu	215
Gráfico 10 – Percentual de <i>fitotopônimos</i> nas microrregiões de Toledo e da Foz do Iguaçu	227
Gráfico 11 – Percentual de <i>animotopônimos</i> nas microrregiões de Toledo e da Foz do Iguaçu	235
Gráfico 12 – Distribuição percentual dos topônimos de base indígena segundo a estrutura morfológica	246

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Topônimos do município de Assis Chateaubriand - PR	77
Quadro 2 – Topônimos do município de Diamante D'Oeste - PR	84
Quadro 3 – Topônimos do município de Entre Rios do Oeste- PR	89
Quadro 4 – Topônimos do município de Formosa do Oeste- PR	90
Quadro 5 – Topônimos do município de Guaíra- PR	93
Quadro 6 – Topônimos do município de Iracema do Oeste- PR	98
Quadro 7 – Topônimos do município de Jesuítas- PR	100
Quadro 8 – Topônimos do município de Marechal Cândido Rondon- PR	102
Quadro 9 – Topônimos do município de Maripá- PR	109
Quadro 10 – Topônimos do município de Mercedes- PR	112
Quadro 11 – Topônimos do município de Nova Santa Rosa- PR	114
Quadro 12 – Topônimos do município de Ouro Verde do Oeste- PR	116
Quadro 13 – Topônimos do município de Palotina - PR.....	118
Quadro 14 – Topônimos do município de Pato Bragado - PR.....	122
Quadro 15 – Topônimos do município de Quatro Pontes - PR.....	124
Quadro 16 – Topônimos do município de Santa Helena - PR	126
Quadro 17 – Topônimos do município de São José das Palmeiras - PR.....	130
Quadro 18 – Topônimos do município de São Pedro do Iguaçu- PR	132
Quadro 19 – Topônimos do município de Terra Roxa- PR	135
Quadro 20 – Topônimos do município de Toledo - PR	139
Quadro 21 – Topônimos do município de Tupãssi - PR	148
Quadro 22 – Topônimos do município de Céu Azul- PR	151
Quadro 23 – Topônimos do município de Foz do Iguaçu- PR	155
Quadro 24 – Topônimos do município de Itaipulândia- PR	161
Quadro 25 – Topônimos do município de Matelândia- PR	166
Quadro 26 – Topônimos do município de Medianeira- PR	169
Quadro 27 – Topônimos do município de Missal- PR	173
Quadro 28 – Topônimos do município de Ramilândia- PR	176
Quadro 29 – Topônimos do município de Santa Terezinha de Itaipu- PR	178
Quadro 30 – Topônimos do município de São Miguel do Iguaçu- PR	181
Quadro 31 – Topônimos do município de Serranópolis do Iguaçu- PR	187
Quadro 32 – Topônimos do município de Vera Cruz do Oeste- PR	190

Quadro 33 – Distribuição numérica da língua de origem dos topônimos	207
Quadro 34 – Distribuição dos <i>hagiotopônimos</i> segundo os municípios das microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu	213
Quadro 35 – Relação de <i>hagiotopônimos</i> identificados nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu	218
Quadro 36 – Produtividade de <i>fitotopônimos</i> nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu	227
Quadro 37 – <i>Animotopônimos eufóricos e animotopônimos disfóricos</i> nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu	236
Quadro 38 – Produtividade dos <i>animotopônimos</i> segundo os municípios das microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu	240
Quadro 39 – Distribuição numérica da língua indígena na toponímia regional.....	245

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATB	Atlas Toponímico do Brasil
ATEMIG	Atlas Toponímico de Minas Gerais
ATEMS	Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul
ATEPAR	Atlas Toponímico do Estado do Paraná
ATESP	Atlas Toponímico do Estado de São Paulo
ATITO	Atlas Toponímico de origem indígena do estado de Tocantins
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
AF	Acidente Físico
AH	Acidente Humano
SEMA	Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos no Paraná
TN	Tradução nossa

LÍNGUAS DE ORIGEM

LAF	Língua Africana	LIN	Língua Inglesa
LCH	Língua Chinesa	LM	Língua Malai
LE	Língua Espanhola	LNI	Língua não identificada
LF	Língua Francesa	LP	Língua Portuguesa
LG	Língua Guarani	LT	Língua Tupi

TAXIONOMIAS

Animo	animotopônimo	Geomorfo	geomorfotopônimo
Antropo	antropotopônimo	Hidro	hidrotopônimo
Astro	astrotopônimo	Hiero	hierotopônimo
Axio	axiotopônimo	Historio	historiotopônimo
Cardino	cardinotopônimo	Hodo	hodotopônimo
Coro	corotopônimo	Lito	litotopônimo
Cromo	cromotopônimo	Meteoro	meteorotopônimo
Crono	cronotopônimo	Mito	mitotopônimo
Dimensio	dimensiotopônimo	Morfo	morfotopônimo
Dirremato	dirrematotopônimo	Numero	numerotopônimo
Eco	ecotopônimo	Polio	poliotopônimo
Ergo	ergotopônimo	Socio	sociotopônimo
Etno	etnotopônimo	Somato	somatotopônimo
Fito	fitotopônimo	Zoo	zootopônimo

TAXIONOMIAS ATEPAR

Acronimo	acrônimotopônimos
Estema	estematopônimos
Grafema	grafematopônimos
Higie	higietopônimo
Necro	necrotopônimo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 LEXICOLOGIA	20
1.2 ONOMÁSTICA	24
1.3 A TOPONÍMIA	27
1.3.1 Perspectiva histórica dos estudos de Toponímia	30
1.3.2 Estudos toponímicos no Paraná	32
1.3.3 O topônimo	35
1.3.4 Signo linguístico <i>versus</i> signo toponímico	37
1.3.5 Taxionomias toponímicas.....	41
1.3.5.1 Taxionomias de natureza física	43
1.3.5.2 Taxionomias de natureza antro-po-cultural	44
CAPÍTULO 2 - BREVE PANORAMA HISTÓRICO DO OESTE PARANAENSE	47
2.1 SÍNTESE HISTÓRICA DOS MUNICÍPIOS DAS MICRORREGIÕES DE TOLEDO E FOZ DO IGUAÇU	57
2.2 MICRORREGIÃO TOLEDO	57
2.2.1 Assis Chateaubriand	57
2.2.2 Diamante D'Oeste	57
2.2.3 Entre Rios do Oeste	58
2.2.4 Formosa do Oeste	58
2.2.5 Guaira	58
2.2.6 Iracema do Oeste	59
2.2.7 Jesuítas.....	59
2.2.8 Marechal Cândido Rondon	59
2.2.9 Maripá	60
2.2.10 Mercedes.....	60
2.2.11 Nova Santa Rosa.....	61
2.2.12 Ouro Verde do Oeste	61

2.2.13	Palotina	62
2.2.14	Pato Bragado	62
2.2.15	Quatro Pontes	62
2.2.16	Santa Helena	62
2.2.17	São José das Palmeiras	63
2.2.18	São Pedro do Iguaçu	63
2.2.19	Terra Roxa	64
2.2.20	Toledo	64
2.2.21	Tupãssi	65
2.3	MICRORREGIÃO FOZ DO IGUAÇU	65
2.3.1	Céu Azul	65
2.3.2	Foz do Iguaçu	65
2.3.3	Itaipulândia	66
2.3.4	Matelândia	66
2.3.5	Medianeira	66
2.3.6	Missal	67
2.3.7	Ramilândia	67
2.3.8	Santa Terezinha de Itaipu	67
2.3.9	São Miguel do Iguaçu	68
2.3.10	Serranópolis do Iguaçu	68
2.3.11	Vera Cruz do Oeste	68
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS		69
3.1	CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	69
3.2	DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	70
CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO DOS DADOS		76
4.1	APRESENTAÇÃO GERAL DO <i>CORPUS</i>	76
4.2	ANÁLISE DOS DADOS	193
4.2.1	Análise taxionômica	193
4.2.2	Estrutura morfológica e língua de origem	206
4.3	A MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA	209
4.3.1	A história e o meio ambiente <i>versus</i> toponímia regional	210
4.3.1.1	Os hagiotopônimos e a fé na região Oeste Paranaense	210

4.3.1.2 Marcas da vegetação impressas nos fitotopônimos.....	224
4.3.1.3 As expectativas do sujeito-nomeador e os <i>animotopônimos</i>	234
4.3.1.4 Toponímia indígena no Oeste Paranaense	241
CONSIDERAÇÕES FINAIS	250
REFERÊNCIAS	254
ÍNDICE REMISSIVO	259

INTRODUÇÃO

A língua se constitui como um meio de representação da realidade utilizado pelo homem, uma vez que expressa conhecimentos, valores, crenças, atitudes de uma comunidade de falantes. De todos os níveis da língua, o léxico é um dos mais representativos da realidade, visto que por meio dele o falante nomeia elementos de seu ambiente físico e social, evidenciando a sua visão de mundo e a maneira de pensar e de agir da sua comunidade.

É inerente ao ser humano o desejo de fixar suas marcas no meio social em que vive e se perpetuar na memória dos que o suceder. A toponímia, por exemplo, pode ser considerada como um repositório de marcas deixadas pelos antepassados, uma vez que, por meio da nomeação dos lugares, o homem propaga sentimentos, impressões que refletem o momento vivenciado pelo denominador como membro de um grupo. Nesse sentido, em termos de Brasil, pesquisas têm demonstrado que a miscigenação linguística e cultural tão característica da formação do povo brasileiro, como também os diferentes momentos que marcaram a história do Brasil, como um todo, e cada região, em particular, refletem-se na nomeação dos acidentes geográficos. Assim, a toponímia pode ser considerada como um tesouro histórico-vocabular, razão pela qual um estudo toponímico contribui também para o resgate da norma lexical regional.

A despeito da valorização dos estudos toponímicos, nos últimos anos, e do número de trabalhos acerca do estudo da toponímia regional produzidos no Brasil crescer gradualmente, a comunidade científica brasileira carece de pesquisas mais amplas que garantam uma descrição toponímica de todas as regiões do País, uma vez que estudos pontuais, realizados em diferentes universidades brasileiras, poderão fornecer dados toponímicos acerca dos registros que caracterizam cada região.

O projeto Atlas Toponímico do Brasil, doravante ATB, sediado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e coordenado pela Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick procura responder ao desafio da descrição da toponímia no território brasileiro. Além disso, as variantes regionais do ATB colaboram na concretização do propósito de estudo da toponímia do Brasil nas suas especificidades regionais. Situam-se nesse contexto, na atualidade, os seguintes projetos regionais: ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (USP); ATEMS – Atlas

Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (UFMS); ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (UFMG); ATT – Atlas Toponímico do Estado de Tocantins (UFT) ¹.

No Paraná os estudos toponímicos tiveram início em 1995, na Universidade Estadual de Londrina, motivando a proposição do projeto de pesquisa Atlas Toponímico do Estado do Paraná – ATEPAR, com o objetivo maior de contribuir com as pesquisas toponímicas no Brasil. O projeto foi encerrado em 30 de setembro de 2003 e, além da base de dados construída sobre a toponímia paranaense, resultou em inúmeros trabalhos acadêmicos – monografias de curso de Especialização *lato sensu*, dissertações de Mestrado e uma Tese de Doutorado.

Este trabalho tem como motivação principal contribuir para a ampliação dos estudos da toponímia no Estado do Paraná, no caso, com dados oficiais registrados nos mapas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), relativos à mesorregião Oeste Paranaense. O trabalho fornecerá, pois, ao projeto ATEPAR mais uma parcela de dados da toponímia oficial do Paraná, Estado que, por sua constituição populacional, tornou-se um território marcado por uma grande diversidade étnica. Nesse cenário, podemos considerar que o léxico e, por extensão, o léxico toponímico, materializam aspectos dessa realidade, o que justifica o seu estudo a partir de diferentes olhares.

Nessa perspectiva, o estudo toponímico evidencia aspectos da trajetória do homem no território paranaense, à medida que acaba por revelar também dados significativos acerca da história local, pois, por meio da análise dos topônimos é possível a recuperação de dados sobre a trajetória dos grupos humanos que habitaram e habitam a região e de momentos históricos vivenciados por eles. O Oeste Paranaense, por exemplo, em virtude da sua formação populacional, tornou-se uma região com grande diversidade étnica, o que foi perenizado por meio da toponímia, razão pela qual a investigação dos nomes de lugares dos municípios que integram essa região do Estado do Paraná poderá contribuir para o resgate dessa realidade, não só do ponto de vista linguístico, como também em termos de camadas dialetais evidenciadas pela toponímia regional.

Em vista disso, orientou este estudo a hipótese de que as quatro fases (ocupação indígena, reduções jesuíticas, *obrages* e *Marcha para o Oeste*) propagadas na colonização do Oeste Paranaense tenham deixado vestígios na toponímia que, além de aspectos

¹ O Tocantins conta também com o Atlas Toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins (ATITO), produzido por Karylleila dos Santos Andrade, como Tese de Doutorado, defendida na Universidade de São Paulo, em 2006. Trabalho publicado em 2010 (ANDRADE, 2010a).

do sentimento impressos nos nomes de lugares, forneçam pistas para um resgate sobre a cultura e as paisagens naturais da região.

Na tentativa de dar uma resposta para essa hipótese, o percurso teórico-metodológico trilhado orientou-se por um objetivo geral – analisar os topônimos dos municípios que integram as microrregiões geográficas de Toledo e de Foz do Iguaçu, pertencentes à mesorregião Oeste Paranaense nos seus aspectos etnodialetológico, taxionômico e formal – e por três objetivos específicos: i) demonstrar em que proporção os topônimos registrados são condicionados por fatores sócio-históricos e por influências do meio ambiente físico e cultural relacionado à região investigada; ii) discutir a motivação dos topônimos catalogados, considerando fatores linguísticos e extralinguísticos – história social dos municípios que compõem a área da pesquisa; iii) contribuir com o projeto ATEPAR, no que se refere ao estudo da toponímia oficial das duas microrregiões que integram o universo da pesquisa.

O estudo considerou os acidentes físicos, tais como rios, córregos, serras, arroios, ribeirão, morros, entre outros, e os acidentes humanos de caráter urbano, dentre eles, cidade, bairro, colônia, distrito, povoado, vila e outros. Os dados foram coletados de mapas oficiais do IBGE com escala que varia entre 1:50.000 e 1:100.000 do ano de 2010.

A metodologia para os estudos toponímicos no Brasil vem sendo construída há mais de três décadas por Dick que, a partir de estudos clássicos sobre o nome próprio, sobretudo europeus, propôs um modelo teórico que tem orientado as pesquisas toponímicas no Brasil e servido de referencial para estudos em outros países (DICK, 1990; 1999; 2006). A interpretação e análise dos dados que integram o *corpus* deste trabalho têm, pois, como parâmetro os fundamentos teórico-metodológicos propostos por Dick, além de contribuições teóricas da Lexicologia, da Semântica, da Morfologia.

Das três microrregiões pertencentes à Mesorregião Oeste Paranaense, foram eleitas como área de pesquisa as duas microrregiões do Paraná que fazem fronteira com o Paraguai: Microrregião Geográfica Toledo e Microrregião Geográfica Foz do Iguaçu, que compreendem 32 municípios. A pesquisa resultou em um *corpus* de 1.471 topônimos – 528 relativos à microrregião de Foz do Iguaçu (181 de acidentes humanos e 347 de acidentes físicos) e 943 da microrregião de Toledo (278 de acidentes humanos e 665 de acidentes físicos).

O trabalho é constituído de quatro capítulos, em que o primeiro apresenta e discute o referencial teórico que deu sustentação à pesquisa. Para tanto, optou-se por seguir uma direção em que as linhas teóricas se relacionam, abordando inicialmente conceitos de

Lexicologia e, em seguida, de *Onomástica*. Discutidos esses conteúdos, na sequência são focalizadas teorias específicas sobre a disciplina *Toponímia*. O capítulo II apresenta um *Breve panorama Histórico do Oeste Paranaense* que, além de fornecer uma visão geral sobre a formação histórica da região, destaca características de cada município em particular. O capítulo III, por sua vez, discute o percurso metodológico da pesquisa, detalhando os diferentes passos trilhados em direção à conclusão do trabalho.

Por fim, a análise dos dados foi objeto do Capítulo IV que, além de fornecer um panorama geral dos dados coletados, traz um olhar pontual sobre um recorte gerado pelas informações amalgamadas entre a história da localidade e a toponímia regional. Nesse sentido focaliza quatro características que se destacaram no conjunto da toponímia do Oeste Paranaense, a saber: i) os *hagiotopônimos* e respectiva relação com características do sistema de povoamento; ii) os *fitotopônimos* e o universo do comércio da madeira e da riqueza da flora local; iii) os *animotopônimos* e as expectativas dos primeiros habitantes frente às possibilidades de sucessos na nova terra e, iv), a questão indígena e seus reflexos no conjunto de topônimos estudados.

Ao final encontram-se as *Considerações Finais*, em que é apresentado um balanço final sobre as conclusões geradas pela pesquisa, as *Referências* contendo a relação das obras que embasaram o estudo e um índice remissivo que reúne todo o universo de topônimos analisado.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo discute o referencial teórico que deu sustentação à pesquisa. Inicialmente focaliza a Lexicologia que situa a pesquisa entre os estudos linguísticos; em seguida trata da Onomástica, enfocando conceitos de nomes próprios e, por extensão, discute fundamentos da Toponímia, que engloba conceitos de língua, cultura, signo toponímico e signo linguístico. Por fim, apresenta uma breve retrospectiva dos estudos toponímicos no Brasil e no Paraná.

1.1 LEXICOLOGIA

A Linguística, ciência que se ocupa do estudo científico da linguagem, tem como objeto de estudo a descrição das línguas naturais, a linguagem articulada. A língua, por sua vez, é considerada uma atividade mental e um código utilizado pelo homem para expressar seus sentimentos, vontades e pensamentos; também é por meio dela que os falantes atuam e interagem em grupos sociais. Segundo Borba (1972, p.37), a língua é uma parte ou uma manifestação da linguagem e possui função social. Esse ponto de vista recupera a posição do precursor da Linguística Moderna, Ferdinand de Saussure, que define a língua como social e a fala como individual. A primeira, como algo adquirido e convencional, por meio da qual o indivíduo é compreendido e se faz compreender, e também por ela se exprimem as ideias; define-se pelo seu caráter abstrato e por ser um produto da cultura. Já a segunda é o meio utilizado pelo homem para exprimir seus pensamentos, emoções; a fala é a língua em ação, portanto, a realização concreta da língua (SAUSSURE, 1972, p. 21-22) ².

O linguista romeno Eugenio Coseriu, por considerar insuficiente a dicotomia língua/fala do mestre genebrino para esclarecer a dinâmica de funcionamento de um sistema linguístico, propôs um terceiro nível de realização do fenômeno linguístico, a norma, de caráter sociocultural. É a partir dela que se revela o fenômeno da variação linguística que caracteriza as comunidades de falantes. Nessa perspectiva, pode-se definir a fala como o uso individual; a norma como o real coletivo, o que está em uso pela comunidade e, por fim, a língua como virtual, uma convenção social (BIDERMAN, 2001, p.18).

² A primeira edição dessa obra é de 1916. Para este trabalho foi consultada a 4ª edição brasileira (1972).

A língua se distingue a partir de dois componentes: o léxico e a gramática. Portanto, “as palavras são elementos da língua e não da fala”, logo, o léxico se refere a um dos níveis da língua (BIDERMAN, 1999, p. 87). Ainda segundo a mesma estudiosa, “embora, na prática, o vocabulário seja indexado a partir de realizações discursivas, de fato as palavras são entidades abstratas que compõem o sistema lingüístico”. Um ramo da Linguística ocupa-se especificamente do estudo da palavra, a Lexicologia. Vilela (1994, p. 11) assim delimita o objeto dessa área de investigação e estabelece a sua relação com a tricotomia coseriana: língua, norma e fala:

A Lexicologia tem como objecto a semântica (lexical) e morfologia (lexical): o primeiro aspecto, o que aqui nos ocupa, compreende o estudo dos lexemas e grupos de palavras equivalentes de lexemas. Mas a semântica lexical pode situar-se no nível da “langue”, da “norma” e no da “parole”: mas é apenas ao nível da “langue” que se situa a sistematicidade das unidades lexicais, o nível em que as unidades se configuram como unidades funcionais; no nível da norma situa-se o que não é necessariamente funcional ou distintivo, mas o que é fixado socialmente e usado pela comunidade lingüística respectiva; no nível da “parole” situa-se o que pertence ao discurso concreto, a designação ou a relação com o extralingüístico (ou a própria realidade extralingüística).

A Lexicologia tem, pois, o seu objeto de estudo bem limitado: a palavra considerada nas suas relações com demais níveis da língua. Como *palavra* ou *vocábulos* são considerados termos generalizantes e imprecisos, retomamos a posição de Biderman (1999, p. 87), no que diz respeito à definição dos termos palavra, léxico e vocabulário:

Léxico é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; *vocabulário* é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades. No plano das realizações discursivas, qualquer seqüência significativa será chamada indiferentemente e imprecisamente de *palavra* ou *vocábulo*.

Nesse sentido, Biderman (2001, p. 170) entende que *léxico* se refere ao acervo dos lexemas de uma língua e *vocabulário* é o conjunto das lexias registradas, por exemplo, na obra de um autor. Por sua vez, define *lexema* como “unidade léxica abstrata em língua” que, segundo a estudiosa, se manifesta no discurso por formas fixas ou variáveis, como é o caso do lexema CANTAR, que pode se apresentar em formas como *cantei*, *cantavam*, *cantas*, entre outras (BIDERMAN, 2001, p.169).

A descrição do léxico pode ser realizada no âmbito de três ramos do conhecimento: a Lexicologia (ocupa-se do estudo científico do léxico), a Lexicografia (fundamenta a elaboração de dicionários) e a Terminologia (centra-se no estudo dos termos

científicos do léxico especializado). Este trabalho ancora-se, fundamentalmente, nos parâmetros teóricos da Lexicologia, cujos fundamentos são discutidos na sequência deste Capítulo.

Como já assinalado anteriormente, à Lexicologia compete o estudo do léxico. Trata-se de uma ciência antiga que, por sua vez, tem como objetivos fundamentais a análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico (BIDERMAN, 1998, p.14).

Ao abordar o estatuto da Lexicologia no âmbito dos estudos sobre o léxico, Lorente (2004, p. 20) argumenta o seguinte:

Nas universidades do mundo inteiro os estudos linguísticos têm alcançado um nível de institucionalização suficiente para que quase todas as especialidades das ciências da linguagem sejam objeto de docência e de pesquisa. Entretanto, a lexicologia, entendida como disciplina que se ocupa do léxico das línguas de forma completa e integrada, nem sempre se encontra incluída nos planos de estudos de filologia, humanidades, tradução, lingüística ou comunicação. Os motivos devem ser investigados na própria conformação desta matéria como estudo complexo de fenômenos de fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

Sob esse prisma, a estudiosa entende que o léxico se configura como uma “intersecção de caminhos” (LORENTE, 2004, p. 20), ou seja, para ela, há cruzamentos de perspectivas diversas no estudo do léxico. Vilela (1994, p. 10) de certa forma já havia relacionado os fenômenos apresentados por Lorente, mas considerou também a Lexicologia na sua “ligação especial com a semântica³”, apontando-lhe como objeto de estudo “o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações”.

Os estudos lexicológicos podem ser desenvolvidos a partir de diferentes perspectivas. Krieger (2010, p. 169), por exemplo, salienta três pontos, evidenciados, atualmente, pelos lexicólogos, a saber: o estudo sobre vocabulários específicos (variação linguística), os topônimos (história/cultura) e os neologismos (dinamismo/identidade do idioma). A estudiosa observa que nesse cenário os estudos sobre o léxico contribuem para o entendimento da variação linguística do português no Brasil e complementa salientando que “à

³ Vilela (1994, p. 9), ao focalizar o conceito de Semântica, esclarece que “a definição tradicional de semântica como “ciência ou estudo do significado”, no plano puramente lingüístico, tem sido re-interpretada, ou como o estudo da mudança do significado, ou como o estudo da significação (englobando o processo e o modo de significar), ou como estudo do “conteúdo” dos signos lingüísticos. É neste último sentido que entendemos aqui semântica (ou semântica lingüística)” Entende-se por semântica, portanto, “o estudo dos signos lingüísticos de qualquer nível (morfemas, lexemas, sintagmas, frases, texto)”.

variação associam-se importantes aspectos da cultura nacional, bem como das regionais, da história da língua e, conseqüentemente, de visões de mundo e de valores da nossa sociedade”. A mesma autora evidencia ainda que a busca pela descrição do léxico do português do Brasil tem adquirido bases teóricas e metodológicas, fornecidas pela Lexicologia (KRIEGER, 2010, p. 170). Cabe acrescentar, nesse contexto, que o léxico é formado “por um conjunto de vocábulos que representa a herança sociocultural de uma comunidade”, o que o torna “testemunha da própria história dessa comunidade, assim como de todas as normas sociais que a regem” (OLIVEIRA, 2001, p.109).

Nesse contexto, julga-se importante assinalar a relação entre léxico e cultura que, por sua vez, decorre do vínculo existente entre língua e cultura. A posição de Sapir (1969, p. 19-20) é esclarecedora a respeito dessa relação:

[...] a língua está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura. Em certo sentido, a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa. É uma ilusão pensar que podemos entender os lineamentos significativos de uma cultura pela pura observação e sem o auxílio do simbolismo lingüístico, que torna esses lineamentos significativos e inteligíveis à sociedade.

Entende-se, portanto, que a língua reflete as características culturais da sociedade. Convém reter de Sapir (1969, p. 44) a observação de ser o léxico de uma língua o nível lingüístico que “mais nitidamente reflete o ambiente”, entendendo-se o termo “ambiente” como:

[...] tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que e incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (SAPIR, 1969, p. 44).

Nessa perspectiva, Sapir (1969, p. 45) define o léxico como o “complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade”. Logo, o léxico, dentre os níveis da língua, é um dos mais afetados por influências externas e se configura como “o tesouro vocabular de uma língua” (BIDERMAN, 1989, p. 399) que transmite a cultura de uma sociedade por meio dos signos verbais, sintetizando aspectos da vida, dos valores e das crenças de uma comunidade lingüística.

Pelo exposto, fica evidente a relação línguo-sócio-cultural que subjaz ao léxico de uma língua que, por sua vez, insere-se no “acervo do saber vocabular de um grupo”, haja vista que o léxico “representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade”. A partir disto entende-se que o léxico “conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9).

Por meio do léxico, o falante nomeia elementos da sua realidade física e social, manifestando a sua compreensão de mundo e a maneira de pensar e de agir da sua comunidade. Logo, o léxico contribui para propagar a maneira de ver e de sentir de uma comunidade linguística. Nessa mesma linha de raciocínio, Krieger (2010, p. 169-170) destaca que:

[...] o léxico retrata-se como um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico. E, como tal, renova-se, funcionando como o pulmão das línguas, mas também assegura a permanência do pilar comum de palavras, condição necessária à comunicação, independente de tempos, regiões e de outras peculiaridades do uso da língua.

A Toponímia (estudo dos nomes de lugares), como uma disciplina que se ocupa do léxico toponímico, mantém estreita relação com a Lexicologia, à medida que o léxico toponímico também pode ser considerado uma forma de repositório da história local, uma vez que por meio do estudo dos topônimos é possível a recuperação de dados acerca da trajetória dos grupos humanos que habitaram e habitam a região e de momentos históricos vivenciados por eles. A partir do estudo da toponímia regional, observam-se influências ambientais, culturais e sociais relativas a determinado espaço geográfico, consideradas pelo denominador ao nomear o meio em que vive.

A seção seguinte trata de conceitos sobre a Onomástica e suas ramificações, além de focalizar o *nome próprio* e algumas das suas características.

1.2 ONOMÁSTICA

A Onomástica é “hoje considerada um subgrupo da Lexicologia, traduzindo, assim, outra forma de dizer e pensar o léxico; ao mesmo tempo, contribui para a sua própria expansão terminológica, difundindo expressões regionalistas e formas individualizadas do fazer nominativo” (DICK 2006a, p. 218).

O termo *Onomástica* é oriundo de *onoma*, termo grego que significa nome próprio, “não apenas “*proper*”, “*own*”, “*belonging to*” (isto é, “próprio”, “propriedade”, “pertencente a”), mas também “peculiar”, “característico”, “próprio a”, em oposição ao “comum”, “ordinário” (DICK, 1998, p.43). Por esse motivo o nome próprio é um instrumento de estudo que merece atenção especial, uma vez que se opõe ao nome comum, por ser considerado em sua essência, um “nome por excelência”, de acordo com Dick (2006a, p. 217).

Já Ullmann (1987, p. 151), ao focar o estudo dos nomes, defende que “nem sempre é fácil estabelecer os fundamentos sobre os quais se baseia a distinção” entre nome próprio e substantivo comum. Assim, apresenta alguns critérios bases para definir um nome próprio. O primeiro diz respeito à *unicidade*, entendida desde o século II a. C., quando o gramático Dionísio Trácio apresentou seu conceito sobre a diferença entre o nome próprio e o substantivo, em que o primeiro é usado individualmente, enquanto o segundo, comumente. Essa característica associa-se ao próximo critério apresentado por Ullmann (1987, p. 152-153), a *identificação*, decorrente da tendência existente entre filósofos e linguistas de considerarem “os nomes próprios como marcas de identificação”. O princípio da distinção pela *designação contra conotação*, sugerido por Mill (1843), constitui o terceiro critério:

Função “designativa” dos nomes próprios, por oposição ao “conotativo” dos substantivos comuns. “Os nomes próprios”, diz ele, “não são conotativos: designam os indivíduos que por eles são chamados; mas não indicam nem implicam nenhum atributo como pertencente a estes indivíduos” (*apud* ULLMANN, 1987, p. 153 - 154).

O quarto critério representa o *som distintivo* que, conforme Ullmann (1987, p.155), é uma característica de todas as palavras. Por fim, os *critérios gramaticais* que, segundo o autor, variam entre as línguas e pode variar “algumas vezes, de um período para o outro na mesma língua. Alguns deles são puramente convencionais, outros são ditados pela função especial dos nomes próprios”.

Por fim, Ullmann (1987, p. 160) sintetiza o conceito de *nome próprio*, argumentando que as fronteiras entre nome próprio e nome comum não são decisivas, uma vez que “muitos nomes próprios derivados de substantivos comuns ainda mostram claramente marcas da sua origem”. Outros, “embora menos transparentes, têm, pelo menos, algum elemento analisável”, enquanto outros ainda se tornaram “inteiramente opacos”. O estudioso defende também a tese de que por meio do estudo do nome próprio é possível “esclarecer muitos aspectos da história política, econômica e social”.

À esteira de Ullmann, Isquierdo e Castiglioni (2010, p. 294) destacam a importância dos estudos onomásticos e consideram esse conhecimento meritório à medida que pode recuperar “aspectos da história da língua (formas arcaizantes, empréstimos, contato de línguas) e, conseqüentemente, da história social de grupos falantes”.

Salazar-Quijada (1985, p.16), ao tratar da ciência Onomástica, argumenta ainda que:

Toda arte, toda ciencia, todo conocimiento especializado o no, exige una *onomástica*, una terminología, en sistema de palabras, nombres calificativos que sirven para determinar hechos, fenómenos u objetos a fin de precisar sus relaciones y sus transformaciones.⁴

Tradicionalmente, a Onomástica visava a um estudo meramente etimológico, mas com o passar do tempo, mais especificamente no século XIX, seus propósitos foram ampliados ao considerar a necessidade de

[...] alcançar o nomeador/emissor ou o agente do processo de nomeação, no ato enunciativo. Situam-se aqui duas circularidades cronológicas, em que o tempo cultural ou coletivo vai se contrapor, complementando, ao tempo biológico ou particular do indivíduo, somatória de todas as suas experiências, projetadas simbolicamente em um enunciado ou em um sintagma onomástico (DICK, 1998, p. 46).

Nesse sentido, Dick (2006a, p. 215) destaca as “diversidades línguo-culturais na variação das formas de chamamento de seu universo cognitivo”, fazendo ainda uma ressalva: “Entendemos, porém, que essas diferenciações lexicais particulares é que tornam o vocabulário da Onomástica uma linguagem de especialização”.

Contemporaneamente a Onomástica se divide em dois ramos do saber, a *Antroponímia*, que estuda os nomes de pessoas, e a *Toponímia*, que estabelece parâmetros para o estudo dos nomes de lugares. Esses dois ramos atuam, conforme elucida Dick (1999, p. 123),

[...] como formas conservadoras da “memória” do núcleo, que se faz presente nos estágios denominativos de diversas origens e causas. Esses marcadores, por evoluírem de modo mais lento que as normas e posturas sociais, são definidos como enunciados arcaizantes das linguagens, capazes de recuperar os momentos históricos vividos e a própria trajetória do homem na formação do grupo.

⁴ “Toda arte, toda a ciência, todo o conhecimento especializado ou não, exige uma *onomástica*, uma terminologia, um sistema de palavras, nomes, descrições que são usados para determinar os fatos, eventos ou objetos, a fim de esclarecer as suas relações e suas transformações” (TN = tradução nossa).

Realizadas essas considerações sobre a Onomástica, segue-se a reflexão sobre o tema central deste trabalho, a Toponímia, com destaque para o seu objeto de estudo: o topônimo e suas especificidades.

1.3 A TOPONÍMIA

O ato de nomear torna-se algo tão essencial quanto natural, uma vez que se entende a importância de denominar o que existe como forma de identificação, visto que, ao atribuir nome a um lugar, o nomeador tende a refletir seus valores, a sua visão de mundo. Como cada grupo humano tem uma forma particular de perceber os fatos que o cerca e transmite seus conhecimentos e sua cultura através das gerações, é inerente ao ser humano o desejo de fixar suas marcas no meio social em que vive e se perpetuar na memória dos que o suceder.

O deslocamento do homem antigo traz, como explicita Dick (2006a, p.215), as “primeiras notícias toponímicas”, pois havia a necessidade de nomear os lugares, tanto os do próprio *habitat* quanto os percorridos. Segundo a autora, esses hábitos devem ser entendidos “mais como vivências humanas extraídas do cotidiano grupal, do que práticas historiográficas paralelas, para fins determinados”. A toponímia, em sua essência, como a arte de nomear os lugares, é uma prática muito antiga, presente desde os primórdios da humanidade visto a imprescindibilidade de buscar novos lugares, quando aqueles habitados já não ofereciam o essencial à sobrevivência. Era necessário ao homem, portanto, ao chegar a uma nova localidade, atribuir nomes a essa outra realidade.

Pautando-se nessa necessidade de nomear os lugares, Salazar-Quijada (1985, p. 08) também destaca a importância da Toponímia e o motivo de seu surgimento:

Para indicar que vemos a quien está con nosotros, basta señalarlo con el dedo. Pero si deseamos referirnos a algo que está lejos o que vimos en otra ocasión, lo hemos de denominar. Pueda que baste con el término genérico: el río, la montaña (...) Pero si los ríos e las montañas que conocemos son diversas, precisa distinguirlos; o sea, darles un nombre propio⁵.

A Toponímia traduz a visão de mundo do indivíduo-nomeador que atribuiu um nome ao acidente geográfico e que é considerado um indivíduo-grupal, à medida que

⁵ “Para indicar algo que vemos a quem está conosco, basta mostrá-lo com o dedo. Mas se desejamos nos referir a algo que está longe ou que vimos em outra ocasião, temos que nomeá-lo. Pode ser com um termo genérico: o rio, a montanha [...] Mas se os rios e as montanhas que conhecemos são diversos, precisamos distingui-los, ou seja, dar-lhes um nome próprio” (TN).

imprime na nomeação a cultura e o conhecimento gerado pelo meio que o cerca, revelando, pois, o pensamento coletivo. O nomeador apresenta-se assim como espelho de seu grupo. E como cada grupo cultural tem um modo de ver a sociedade, a língua traduz as diferentes faces dessa sociedade, incluindo as suas peculiaridades (PORZIG, 1964, apud Borba, 1972, p. 57), o que acaba sendo também refletido na toponímia, haja vista que, consoante o pensamento de Dick (1990a, p.22),

A Toponímia situa-se como crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica.

O pesquisador venezuelano Salazar-Quijada (1985, p. 18) também evidencia que, nessa área de estudo, “homem-ambiente-topônimo” são três elementos interligados e concebe a Toponímia como “aquella rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en el tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socio-económicos y antropolinguístico, que se permitieron y permiten que en nombre de lugar se origine y subsista⁶”. Essa definição pretende dar aos estudos toponímicos não um caráter simplista, unilateral, mas apresentá-la como uma disciplina dinâmica e abrangente. Para completar, o autor considera a disciplina como um “producto cultural que tiene vida y, como el hombre y su cultura, se desarrolla y se dinamiza”.⁷

No Brasil, uma metodologia para os estudos toponímicos vem sendo construída há mais de três décadas pela toponimista, reconhecida como o maior expoente dos estudos onomásticos no Brasil, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, que propôs um modelo teórico voltado para a realidade toponímica do Brasil (DICK, 1990; 1999; 2006). Suas obras *Toponímia e Antroponímia do Brasil. Coletânea de Estudos* (1990), *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira* (1990) e *A dinâmica dos nomes na toponímia da cidade de São Paulo. 1554 – 1897* (1996) compõem a lista de leituras básicas para uma pesquisa toponímica no

⁶ “O ramo da Onomástica que trata do estudo abrangente, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguístico, que se permitiram e permitem que o nome do lugar se origine e persiste e subsista” (TN).

⁷ “Producto cultural que tem vida e, como o homem e sua cultura, desenvolve e se torna mais dinâmico” (TN).

Brasil. A estudiosa coordena o Projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB)⁸ e sua variante regional Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP). Desde os anos setenta do século XX, a Toponímia é disciplina curricular do Curso de Letras na Universidade de São Paulo (USP). Ao inseri-la no curso, os estudiosos da área tiveram a preocupação, como lembra Dick (2006b, p. 93), em fundamentá-la na realidade etnocultural brasileira, que mescla três etnias, das quais se formou a matriz etnolinguística da população: branco, índio e negro. A princípio, a toponímia no Brasil centrou seu interesse no tupi ao mesmo tempo em que buscava o significado admitido ou aparente pelo contato com os primeiros viajantes europeus.

Não é demais lembrar que, conforme salienta Dick (1990a, p. 19), apesar de ser uma disciplina antiga, no Brasil, a Toponímia como corpo disciplinar é recente e foi considerada por muito tempo uma disciplina secundária. Pontua ainda a autora que o estudo só pode ser compreendido quando se entende que por ele se percebe sua marca dentro de um “contínuo tempo-espacial”.

Os estudos contemporâneos da Toponímia não se limitam a coletar os nomes de acidentes geográficos e apresentar sua história e etimologia. Na realidade, esta é apenas uma etapa do estudo toponímico que fornece ao pesquisador os elementos para a análise propriamente dita. Nesse sentido, acresce-se ainda que:

Un *Toponimista* debe ser en Profesional universitario, graduado en cualquier rama de la ciencia, con sensibilidad por la investigación de los nombres geográficos o la toponimia, que busca captar fielmente las designaciones con las cuales el hombre diferencia entre sí los accidentes que son de significación para él y los aspectos contenidos en esa designación, que permitan el estudio de su origen y sus implicaciones geo-históricas⁹ (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p. 20).

Nessa perspectiva, acreditar que esse estudo revela-se apenas como um emaranhado de nomes que possui características meramente exploratórias ou de caráter curioso

⁸ “O Atlas Toponímico do Brasil (Projeto ATB) tem por objetivo o reconhecimento da toponímia do país, inscrita na cartografia estadual (escalas 1:50.000; 1:100.000), do ponto de vista lexical, etimológico, morfossemântico e etnolinguístico. O estudo intercorrente das designações leva à percepção dos motivos socioculturais dominantes na onomástica brasileira. O método de análise proposto permitiu também formalizar princípios teóricos para a disciplina e a construção de modelos taxionômicos”. Informações retiradas do site <http://linguistica.fflch.usp.br/node/85>. Acesso em 28.jul.2012.

⁹ “Um Toponimista deve ser um profissional universitário de graduação em qualquer ramo da ciência, com sensibilidade pela investigação dos nomes geográficos, ou toponímia, que procura captar fielmente as designações com as quais um homem se diferencia entre si e os acidentes que são de importância para ele e os aspectos contidos nessa designação, que permitem o estudo de sua origem e suas implicações geo-históricas” (TN).

é não perceber todo o valor cultural e científico existente por trás dos nomes de lugares. A despeito dessas discussões, Dick (1990b, p. II) esclarece que atualmente a Toponímia

[...] pode ser considerada uma disciplina completa e acabada, com seu campo de estudos específicos (o topônimo, em suas várias modalidades semânticas, de modo a poder se traduzir, através delas, verdadeiras áreas nomenclaturais e, por conseguinte, os principais motivos que coordenam essa nomenclatura, como já procuramos demonstrar em nossa Tese de Doutorado. A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxonômicos. USP, 1980), e um método todo próprio de trabalho (o da investigação científica, genericamente considerado). Não se pode atribuir o entendimento de um mero diletantismo, sem vinculação com outras ciências do conhecimento humano, das quais recebe, ao mesmo tempo em que lhes fornece, subsídios preciosos para suas configurações teóricas.

A toponímia é, pois, considerada pela autora como “um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (DICK, 1990a, p.35-36). Isto se dá pelo fato de esse estudo ser multifacetado e voltar seu conhecimento a diversas áreas como a Linguística, a História, a Geografia, a Antropologia e até mesmo a Zoologia, a Botânica e a Arqueologia.

Assim a partir do conceito da ciência maior – a Onomástica – a Toponímia adiciona a seus estudos o conceito de espaço e essa inclusão de um novo foco, segundo Dick (1990b, p.96-98), apenas acrescentou benefícios à Toponímia à medida que nem sempre os nomes onomásticos esgotam seu sentido como identificadores de lugares, mas podem ultrapassar seus limites ao serem percebidos como marcas regionais, sem alteração de uso.

Complementa ainda a estudiosa que essa disciplina “reflete de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe, nada mais é que reconhecer o papel por ela desenvolvido no ordenamento dos fatos cognitivos” (DICK, 1990a, p. 19).

1.3.1 Perspectiva Histórica dos Estudos Toponímicos

Conforme Dick (1990b, p. 1-2), Auguste Longnon, por volta de 1878 na França, introduziu o estudo da toponímia na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França. Porém, apenas em 1912, postumamente, seus estudos foram publicados, por seus alunos, na obra *Les noms de lieux de La France*, considerada clássica para os estudos da área.

Contudo, a continuidade dos estudos toponímicos só foram retomados em 1922, quando Albert Dauzat, em uma conferência na mesma *École Pratique*, destacou os

estudos onomásticos e publicou a obra clássica para os estudos toponímicos: *Les noms de lieux, origine et évolution* (1926). Com o objetivo de melhor difundir esses estudos Dauzat promoveu em 1938 o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia que disseminou os estudos toponímicos para um grande número de países (DICK, 1990b)¹⁰. O projeto de Dauzat tem se mostrado eficiente, pois os Congressos de Onomástica continuam sendo realizados com regularidade em vários países europeus, onde são discutidas temáticas distintas, respeitando-se a realidade cultural de cada país.

Dick (1990b, p. 2) acrescenta ainda que a América Setentrional, Estados Unidos e Canadá também são considerados expoentes dos estudos toponímicos. Em 1951 em Detroit foi fundada a revista *Names*, cuja publicação oficial se dá na *America Name Society*, tendo George Stewart como o seu colaborador mais renomado. O Canadá, por sua vez, possui, desde 1966, um Grupo de Estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica no Departamento de Geografia da Universidade Laval em Quebec. Ainda conforme Dick (1990b, p.3), na Rússia, os estudos toponímicos contam com a dedicação de Pospelov que “fazendo uma retrospectiva da Toponímia na União Soviética [...] cita três modelos¹¹ de “orientação temática”, seguido pelos pesquisadores”.

Além dos mencionados, outros estudos realizados na área de conhecimento em questão merecem destaque, como o de Adolfo Salazar-Quijada, sobre *La Toponímia em Venezuela* (1985), tese de doutoramento em que propõe uma metodologia no tratamento dos dados toponímicos. O Chile conta com os estudos de Mário Benarles Lillo sobre a toponímia Mapuche, difundidos, dentre outros, na obra *En busca de los nombres. Toponímia indígena e hispánica* (2002).

Já no Brasil, como ressaltou Carvalhinhos (2008, p. 11),

Durante o século XX, a toponímia no Brasil esteve muitas vezes vinculada ao estudo do tupi antigo pela já mencionada característica de imutabilidade do topônimo após o momento de sua fixação. Com isso, além dos estudos iniciados regularmente na Universidade de São Paulo em 1934, quando de sua fundação, na Cadeira de Etnografia e Língua Tupi (cujo responsável era o Prof. Dr. Plínio Ayrosa, de quem Carlos Drummond foi assistente e sucessor), mencionamos também os estudos de Frederico Edelweiss, na Bahia, e Rosário Farâni Mansur Guérios, no Paraná.

¹⁰ Moreira (2006, p. 93) registra, cronologicamente, algumas obras publicadas por Dauzat : “Les Noms de Lieux – origine et évolution” (1921); “La Toponymie Française” (1921); “Essais de géographie linguistique” (1921); “Dictionnaire etymologique de la langue française” (1938); “La Géographie linguistique” (1942); “Les noms de famille de France” (1945); “Les noms de personnes”; “Glossaire etymologique du patois de Vinzelles”; “Études de linguistique française” dentre outros”.

¹¹ Os modelos são: “a – problemas gerais de teoria toponímica e de métodos de pesquisas geográficas; b – os nomes geográficos da URSS; c – nomes geográficos de países estrangeiros” (DICK, 1990b, p.3).

Levy Cardoso abriu o caminho dos estudos toponímicos de base indígena no Brasil, com a obra *Toponímia Brasileira* (1961), que analisa os topônimos brasileiros de origem caribe e aruaque da Amazônia. Para esse autor, a obra de Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, é referência no que se relaciona aos estudos do tupi:

Não há dúvida, positivamente, que a língua tupi foi aquela que mais influenciou, não só no vocabulário do português do Brasil como, talvez ainda mais na toponímia brasileira. [...] Teodoro Sampaio se sagrou, evidentemente, nesse ramo de estudo, um esplêndido desbravador, um tapejara magnífico, que não só abriu o caminho como, principalmente, apontou o rumo em que deviam ser orientados os futuros trabalhos sobre a toponímia brasileira (CARDOSO, 1961, p. 17).

Nesse quadro de estudos da toponímia indígena não tupi no Brasil, destaca-se ainda a contribuição de Carlos Drummond, que deixou como herança à comunidade científica a sua obra *Contribuições do bororó à toponímia brasileira* (1965). Todavia os estudos onomástico-toponímicos no Brasil, de forma ampla e sistematizada, têm início com a obra de Dick. Como anteriormente mencionado, suas obras e artigos, atualmente, são leituras indispensáveis nos estudos toponímicos no Brasil.

Contemporaneamente o projeto ATB – Atlas Toponímico do Brasil – realiza o levantamento e o estudo dos nomes de acidentes geográficos do Brasil sob a coordenação de Dick. Também as variantes regionais desse projeto maior ocupam-se do estudo da toponímia, como: ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (USP); ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (UFMS); ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (UFMG); Atlas Toponímico de origem indígena do Estado de Tocantins (ATITO), Atlas Toponímico do Estado de Tocantins (ATIT).

A seção a seguir apresenta uma síntese dos trabalhos toponímicos realizados no Paraná, mais especificamente por discentes do curso de pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina.

1.3.2 Estudos Toponímicos no Paraná

No Paraná, os estudos toponímicos tiveram início em 1995, por iniciativa da Professora Vanderci de Andrade Aguilera que introduziu essa linha de pesquisa no curso de Especialização em Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Londrina. Essa iniciativa deu origem a vários trabalhos monográficos, o que motivou a proposição do projeto de pesquisa Atlas Toponímico do Estado do Paraná – ATEPAR, que teve como coordenadora a

Professora Maria Antonieta Carbonari de Almeida, projeto esse que teve como objetivo maior contribuir com as pesquisas toponímicas no Brasil. Para tanto, respaldou-se nos princípios teórico-metodológicos que orientam o projeto do Atlas Toponímico do Brasil - ATB (USP).

O projeto ATEPAR foi desenvolvido em duas fases: 1) o projeto “Pelos Caminhos do Paraná – Esboço de um Atlas Toponímico – ATEPAR” (1996-1999), que realizou a coleta de dados com o auxílio de um questionário que foi enviado por correspondência às prefeituras dos municípios paranaenses (323 municípios); 2) o projeto “A Toponímia Paranaense, a partir de 92 - ATEPAR 2” (2000-2003) que envolveu o estudo dos topônimos relativos aos novos municípios emancipados a partir de 1992, perfazendo um total de 399 cidades.

Moreira (2006) compilou os seguintes trabalhos produzidos no âmbito do projeto ATEPAR, por discentes do curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual de Londrina:

Toponímia norte-paranaense: uma tentativa taxionômica (1996), de Mara Dutra Pereira; Investigação toponímica dos municípios de Campina da Lagoa, Cascavel e Curitiba (1996), de Eliane Maria Sperandio; Estudos toponímicos das regiões Oeste e Noroeste do Paraná (1996), de Olga Kirylko de Matos; Especificidades da motivação toponímica na microrregião de Campo Mourão (1996), de Elisângela Costa Rebello Cardoso; O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos em treze municípios da microrregião de Paranavaí (1996), de Ignez de Abreu Francisquini; Topônimos dos municípios paranaenses da região Sudoeste (1996), de Nivaldete Aparecida Santos Costa; Estudo toponímico em doze municípios do Norte do Paraná (1996), de Claudécir da Silva; Topônimos Londrinenses: uma proposta taxionômica com base no motivo de denominação (1996), de Célia Dias dos Santos; Toponímia: uma contribuição aos estudos dos topônimos no estado do Paraná (1996), de Lúcia Helena Alves Casimiro; Esboço de um Atlas Toponímico (2000), de Leodmar Romam de Oliveira; Toponímia dos mais novos municípios paranaenses (2002), de Hélio Costa Moreira; A substituição do nome de lugar: um ato essencialmente motivado (2002), de Lídia Albino; Estudo da toponímia de Londrina e municípios limítrofes (2004), de Márcia Zamariano, dentre outras. (MOREIRA, 2006 p. 97-98)

Na sequência, Moreira (2006, p. 98-99) registra ainda os trabalhos realizados pelos discentes do curso de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (Mestrado e Doutorado): Francisquini que, em sua dissertação *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí* (1998), que analisou os dados armazenados no banco de dados do projeto ATEPAR, ou seja, o material recolhido por meio das correspondências enviadas pelas prefeituras e pesquisa de campo. Apresenta, também, um glossário de topônimos referentes aos 29 municípios da microrregião de Paranavaí; Lídia Albino, na sua dissertação A

relação da hidronímia com a História Social do Paraná: uma descrição diacrônico-contrastiva (2004), estudou topônimos relativos aos afluentes e subafluentes do rio Iguaçu. Para tanto, utilizou para a coleta de dados mapas de três períodos distintos da história do Paraná: um mapa de 1876, outro de 1896 e de outros 107 mapas atuais (a partir de 1980), não utilizando, portanto, o banco de dados do ATEPAR; Hélio Costa Moreira, por sua vez, analisou os topônimos referentes a 22 municípios paranaenses localizados no Caminho das Missões e na Estrada de Palmas, antigo Caminho das Tropas, na sua dissertação de Mestrado *A toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das missões e estrada de Palmas* (2006), tendo como fonte os mapas oficiais do IBGE; por fim, Marcia Zamariano, que também adotou a coleta de dados dos mapas do IBGE, foi autora da dissertação *Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853* (2006), na qual analisou topônimos referentes a 36 municípios fundados entre 1648 a 1853, e da tese de doutorado *Estudo toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro* (2010), em que a autora analisou a toponímia de 97 municípios dessas três mesorregiões, tendo apresentado uma proposta de cartografia dos dados toponímicos como um dos produtos da Tese.

Atualmente no curso de pós-graduação em Estudo da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina estão vindo a lume duas dissertações que têm como objeto de estudo a toponímia do Paraná registrada nos mapas oficiais do IBGE: a produzida por Robson Rogério do Rego, que trabalha as microrregiões geográficas de Maringá, Apucarana e Londrina, e esta dissertação, *Um caminhar pela toponímia de Cascavel e Foz do Iguaçu*.

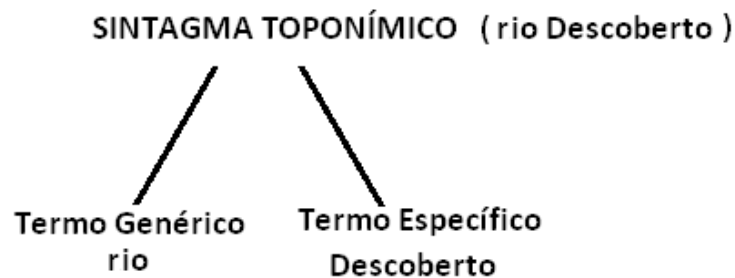
Enfim, esses dados históricos sobre os estudos toponímicos realizados no Paraná demonstram a produtividade do projeto ATEPAR, no que diz respeito à formação de pesquisadores na área e ao registro e estudo da toponímia das diferentes regiões do Estado, estudos esses que têm contribuído para o resgate da história e dos aspectos regionais da nomenclatura dos acidentes físicos paranaense pelo viés da toponímia. Acresce-se, ainda, a significativa produção dos pesquisadores envolvidos no projeto que disseminaram os resultados obtidos por meio de trabalhos científicos apresentados em eventos e publicados em veículos de divulgação científica da área.

Na sequência, enfoca-se o objeto de estudo deste trabalho, o topônimo. A seção discute conceitos de topônimo, a relação entre signo linguístico e signo toponímico e a questão das taxinomias toponímicas.

1.3.3 O Topônimo

O conceito *lato* de topônimo é a designação atribuída aos acidentes geográficos, porém sob uma visão mais específica concebe-se o topônimo como um signo com funções especiais e como repositório de marcas culturais. Nesse sentido, definem-se os topônimos como “verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação” (DICK, 1990a, p. 22). Logo, o estudo dos topônimos, na perspectiva linguística, configura-se como um trabalho sobre língua¹² e não apenas como um estudo de natureza histórico-geográfica e puramente cultural.

Nesse particular, Dick (1990a, p. 35) esclarece que, frente às inúmeras informações encontradas nos topônimos, a delimitação do campo de trabalho e a caracterização do objeto específico geram grandes dificuldades ao se conceituar a área, razão pela qual, conforme Dick (2006b, p. 101), no processo de construção de um modelo teórico-metodológico foi necessário a “(re)construção de uma tipologia onomástica de aplicação mais ampla”, que gerou um modelo taxionômico¹³ de fundo semântico. Assim, para que o topônimo seja reconhecido como entidade de sentido, precisa ser considerada a questão da sua formação: sintagma toponímico = termo genérico + termo específico (DICK, 1999, p.138). Para ilustrar essa estrutura toma-se como exemplo o topônimo rio Descoberto (Toledo-PR) que integra o *corpus* deste trabalho:



Desta forma, o sintagma toponímico (correntemente chamado de nome de lugar) é constituído de um termo genérico (objeto da nomeação) e de um específico (nome particular do objeto nomeado). Dick (1990b, p. 10) esclarece que o termo específico pode aparecer ou de forma justaposta (rio das Amazonas), ou aglutinada (*Paraúna*, “rio negro”).

¹² O termo língua está sendo tomado aqui na acepção de um código utilizado pelo homem para expressar seus sentimentos, vontades e pensamentos; também é por meio dela que os falantes atuam e se interagem em grupos sociais.

¹³ O modelo taxionômico será explicitado na sequência deste Capítulo ao serem discutidas as taxionomias toponímicas.

Uma das principais características que norteiam o estudo dos topônimos é a sua motivação, pois a arbitrariedade da língua se torna, no ato do batismo do lugar, algo motivado. Nesse sentido, Dick (1990b, p. 18) acrescenta que o duplo aspecto da motivação toponímica transparece em dois momentos:

Primeiro na *intencionalidade* que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico e, a seguir, na própria *origem semântica* da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências das mais diversas.

Pode-se inferir que o indivíduo-nomeador, frente ao universo de possibilidades de designações existentes, escolhe a que melhor lhe agrada, transformando no ato da nomeação a significação do signo linguístico. Em face disso, a importância dos topônimos extrapola a dimensão linguística, uma vez que, conforme Salazar-Quijada (1985, p. 29-30),

Los topónimos constituyen una fuente de invaluable importancia para el acervo científico y patrimonial de cualquier país, pues a través de ellos la nación obtiene una personalidad geográfica propia y se particulariza con respecto a los demás territorios del mundo. La toponimia permite conocer las características culturales de los hombres que habitaron y habitan en una determinada región; ya que los topónimos, como los yacimientos arqueológicos, son a veces la única evidencia de la permanencia histórica de grupos humanos en un área geográfica y se constituyen como inscripciones grabadas en el suelo, arraigados a un lugar, identificándolo y diferenciándolo de las demás cosas o fenómenos que lo rodean.¹⁴

1.3.4 Signo Linguístico *Versus* Signo Toponímico

As questões a respeito dos estudos acerca do signo linguístico povoam as discussões entre filósofos desde a antiguidade clássica, na tentativa de busca de respostas para as indagações referentes à origem das línguas. No entanto, apenas no século XX os estudos

¹⁴ “Os topônimos são uma fonte de importância inestimável para o acervo científico e patrimonial de qualquer país, pois através deles a nação recebe personalidade geográfica própria e particulariza com respeito sobre outros territórios do mundo. A toponímia permite conhecer as características culturais de homens que viveram e vivem em determinada região, já que os topônimos, como sítios arqueológicos às vezes são a única evidência da permanência histórica dos grupos humanos em uma área geográfica e se constituem como inscrições gravadas no solo arraigadas a um lugar, identificando e diferenciando-o de outras coisas ou fenômenos que o cercam” (TN).

linguísticos tomaram forma, baseados nos princípios expostos por Saussure em seu *Curso de Lingüística Geral*. Nessa obra clássica, o *signo* é concebido a partir de uma visão dicotômica, a saber, o *significante* e o *significado*. Ou seja, o signo apresenta dupla face: o primeiro termo se refere à imagem acústica, enquanto o segundo diz respeito à representação mental do primeiro. Câmara Jr. (1990, p. 106) entende que na visão de Saussure, “a língua lhe parecia como uma entidade abstrata, resultante da relação que uma comunidade estabelecia entre os complexos de sons vocais e os outros conceitos”, portanto, a língua para ele era “um sistema de relações”.

Saussure (1972), na dicotomia *significante/significado*, aborda outra problemática que diz respeito ao conceito de arbitrário:

O laço que une o *significante* ao *significado* é arbitrário ou então visto que entendemos por *signo* o total resultante da associação de um *significante* com um *significado*, podemos dizer mais simplesmente o *signo* lingüístico é arbitrário (SAUSSURE, 1972, p. 37).

Não se deve, porém, pensar que a escolha do *significado* é livre, pois, conforme Guiraud (1975, p. 27), para Saussure “não existe qualquer ligação natural entre o nome e a coisa denominada, e de que é tão somente em virtude de uma relação puramente convencional”. Ou seja, a ligação entre *significante* e *significado* já está convencionalizada.

Essa característica do *signo* lingüístico suscitou muitas discussões sobre o assunto. Como lembra Guiraud (1975, p. 27), Saussure só levou em consideração a motivação onomatopaica, excluindo a motivação em outros planos. Guiraud (1975, p. 28) se opõe à supremacia da arbitrariedade do *signo* e explica:

A essência do *signo* lingüístico é a convencionalidade e não o arbitrário, convencionalidade que *tende* à desmotivação do *signo*, e, portanto ao arbitrário, mas que exclui a motivação; apenas nesse caso a motivação constitui um caráter secundário, não imediatamente necessário, e que, por este fato tende a se alterar, a se obscurecer, e, muitas vezes, a se apagar.

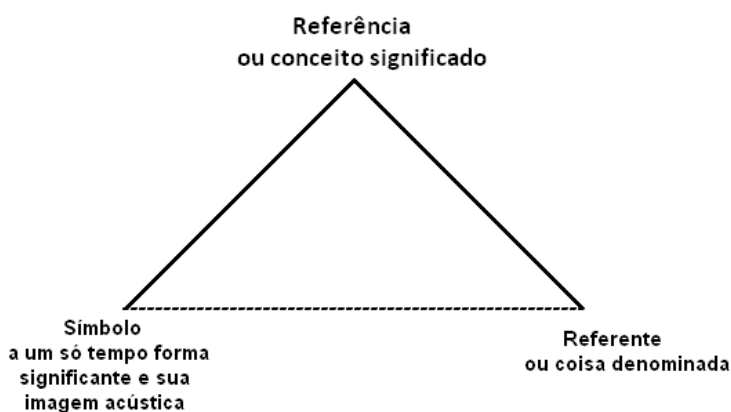
O estudioso completa que, mesmo com etimologia obscura, “todas as palavras são motivadas em seu ponto de partida”. Já Ullmann (1987, p. 169) pondera que a despeito das discussões sobre a arbitrariedade do *signo* lingüístico não é mais necessário levantar questões sobre a língua ser “convencional ou <<motivada>>: todos os idiomas contêm certas palavras arbitrárias e opacas, sem qualquer conexão entre o som e o sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes”.

Segundo Guiraud (1975, p. 17), “todo signo é um estímulo associado” e se divide em dois tipos: os signos naturais (baseados na natureza) e os signos artificiais (relacionados a fabricações humanas). Este último, por sua vez, se subdivide em dois grupos, *representar* o real e *comunicar* com outrem. O estudioso esclarece que é “por sua natureza que esses dois grupos se diferenciam, os primeiros são reproduções dos caracteres naturais da realidade – *imagens*, ou *ícones*, os segundos são signos convencionais - *símbolos*”.

Referindo-se sob outro olhar aos princípios lançados por Saussure, alguns estudiosos o criticaram pelo fato de ter excluído do seu conceito a coisa significada. A esse respeito Blikstein (2003, p. 22-23) esclarece:

A insuficiência da relação comumente estabelecida, no processo da cognição, entre signos e coisas vem sendo insistentemente assinalada na linguística, na psicologia, na antropologia, na teoria do conhecimento etc.; sob diferentes enfoques, nas diversas “escolas” lingüísticas e semiológicas, a dicotomia *significante* e, *significado* e, num plano mais geral, a vinculação *signo/realidade* vêm sendo revistas, criticadas, ampliadas e desdobradas em formulações bem mais complexas, com as quais os estudiosos têm procurado iluminar, a partir de diferentes aparelhamentos teóricos, os ângulos de um problema primeiro e maior: a natureza e o lugar do acontecimento semântico. Como e quando eclode a significação? Em que momento da cognição irrompe o significado? Qual é o mecanismo da semiose, enfim?

Diante das perguntas lançadas, muitos estudiosos procuraram apresentar suas contribuições, dentre eles, Ogden e Richards (1923) que, na tentativa de melhor esclarecer a dicotomia *significante/significado* de Saussure, utilizam a figura de um triângulo, cujo objetivo, como lembra Blikstein (2003, p. 23), era o de “situar o significado lingüístico no processo cognitivo”. Assim, acrescenta à dicotomia de Saussure a coisa denominada, ou seja, o *referente*:



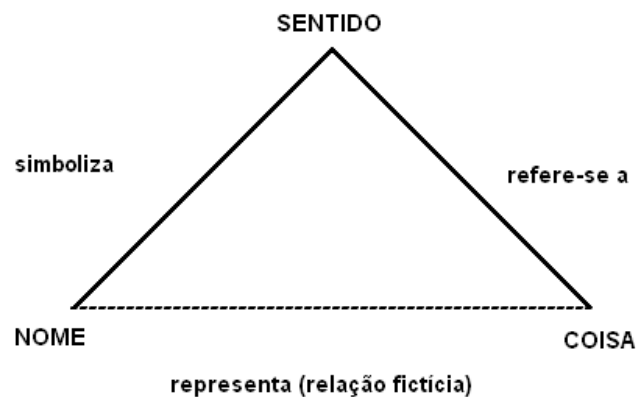
Triângulo de Ogden e Richard (1923, *apud* GUIRAUD, 1975, p. 24).

Epstein (1997, p. 22), por seu turno, ao interpretar esse triângulo, esclarece que nele a relação entre o símbolo e a referência “é causal no sentido de que o símbolo deve servir (pelo menos em parte) à referência que se tem em mente, a finalidade que se persegue ao fazer tal referência etc.”, enquanto Ullmann (1987, p. 117) complementa que:

A característica essencial deste diagrama é que distingue três componentes do significado. Segundo esta interpretação, não há relação directa entre as palavras e as coisas que elas <<representam>>: a palavra <<simboliza>> um <<pensamento ou referência>> que, por sua vez, se <<refere>> ao aspecto ou acontecimento que estamos a falar.

Como nenhum conhecimento na ciência é de fato acabado, questões também foram levantadas em torno da teoria ternária do signo proposta por Ogden e Richards (1923). No triângulo proposto há, pois, a exclusão do referente, visto que “o esquema de Ogden e Richards não vai suficientemente longe. Dá conta de como a palavra actua no ouvinte, mas parece desprezar o ponto de vista do que fala” (ULLMANN, 1987, p. 119). Ou seja, para eles, as palavras apenas obtinham significado quando o sujeito delas fazia uso.

Assim, baseados nessa relação tríade que, por sua vez, é fundamentada nos pressupostos de Saussure, outros estudiosos se posicionaram frente ao assunto. Dick (1990a, p.33) ressalta que, além de Ogden e Richards, que estabeleceram a relação entre “pensamento, palavra e coisas”, vale destacar o trabalho de Ullmann (1964) referente ao triângulo em pauta:



Triângulo de Ullmann (1964 *apud* BLIKSTEIN, 2003, p. 28).

Todavia, essa retratação do signo linguístico, proposta por Ullmann (1964), também descarta o referente:

A sobrecarga de termos nos vértices do triângulo não constitui acréscimo algum ao modelo de Ogden e Richards, pois trata-se da mesma relação triádica, a qual continua aliás sendo encarada do mesmo modo: a “coisa” (ou

referente) continua sendo extralingüística e, portanto, marginalizada do processo da significação lingüística (BLIKSTEIN, 2003, p.30).

Ao se referir às propostas de realização do triângulo da significação, Biderman (1998, p. 117) conclui que “não é porque a realidade é extra-lingüística que o referente deva ficar fora da Linguística. De fato, a significação se origina e lança as suas raízes no universo cognoscível, interpretado e simbolizado por palavras. E o conjunto dessas palavras vem a ser o léxico da língua”.

A despeito dessas discussões, o fato é que, embora tenha havido a intenção de aperfeiçoar o triângulo semiótico, fica evidente o descarte do referente extralingüístico. E, como lembra Tavares (2004, p. 38), “ao estudar o significado há que se considerarem os fatores extralingüísticos, pois serão eles que representarão, em uma determinada época e lugar, aspectos sociais, culturais, históricos e ideológicos dos indivíduos”.

Retomando a questão do signo toponímico, é preciso considerar os traços especiais inerentes a essa categoria de signos, pois, conforme defende Dick (1990a, p.38), “o que era arbitrário em termos de língua, transforma-se no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo”. Este processo, portanto, resume-se em transformar uma unidade lexical do léxico em um nome próprio.

Andrade (2010, p. 134), por seu turno, também poderá que o signo lingüístico é caracterizado por sua arbitrariedade enquanto o signo toponímico liga-se à qualidade de motivado. Desta forma “o que os diferencia é a função significativa quando a toponímia os transforma em seu objeto de estudo”. Dick (1990a, p. 34) define, pois, o signo toponímico como

[...] o elemento lingüístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada.

Isquierdo e Castiglioni (2010, p. 294) destacam ainda o seguinte:

A Toponímia, especificamente, a par do estudo do estatuto lingüístico no nome próprio (elucidação dos aspectos lingüísticos que identificam os designativos – etimologia, características semânticas, estrutura morfológica), analisa os designativos, no que tange ao aspecto motivacional, classificando-os segundo categorias taxionômicas. Os topônimos de um espaço geográfico, coletados preferencialmente dos mapas oficiais, podem ser, pois, objetos de

estudos monográficos, de pesquisas que visam à produção de atlas toponímicos ou obras lexicográficas.

Dessa forma, a toponímia é concretizada na estruturação dos motivos (fontes geradoras de nomes de lugares) que integram o quadro da motivação toponímica (DICK, 1990a, p. 22). Essa problemática é amplamente discutida por Dick, em sua tese de doutorado, o que dá origem à proposta de estruturação dos motivos, da motivação toponímica. Para isso, toma como pressuposto o princípio de que o que se apresenta como arbitrário ou convencional em termos de língua se torna motivado no ato da nomeação (DICK, 1990a, p.22). E essa motivação compreende um dos objetivos dos estudos toponímicos, ou seja, as “causas e as origens da denominação”.

Na sequência, o último aspecto abordado neste capítulo diz respeito à questão das classificações taxionômicas. A princípio são apresentadas algumas considerações a esse respeito sob o olhar de conceituados toponimistas e, por fim, é discutido o modelo de Dick (1990b, p. 31-34), no qual se baseia este trabalho.

1.3.5 Taxionomias Toponímicas

As taxionomias técnico-científicas são, conforme esclarece Biderman (1998, p. 13), “sistemas classificatórios engendrados segundo modelos científicos”. Todavia, ressalva que cada grupo social forja seus conceitos baseados segundo os padrões lexicais existentes em sua língua. Como já assinalado, uma das maiores dificuldades dos estudos toponímicos é a sua metodização, o que gerou a necessidade de utilização modelos taxionômicos¹⁵ para subsidiar a sistematização do signo toponímico, segundo determinados parâmetros.

Na busca de um modelo de classificação, a literatura sobre o assunto registra as contribuições de George Stewart que, conforme explica Dick (1990b, p. 24-25), em 1954, propôs uma categorização baseada nos mecanismos da própria nomeação, que resultou em nove categorias: *descriptive names*, *possessive names*, *incident names*, *commemorative names*, *euphemistic names*, *manufactured names*, *shift names*, *folk etymologies*, *mistake names*¹⁶. Embora a classificação pareça, a princípio, funcional, não tem aplicação ampla, à medida que se restringe a determinadas regiões.

¹⁵ Entende-se por taxionomia a “ciência ou técnica de classificação” (HOUAISS, 2001).

¹⁶ Nomes descritivos, nomes possessivos, nomes de incidentes, nomes comemorativos, nomes de eufemísticos, nomes fabricados, nomes de deslocamento, etimologias populares, nomes equivocados (TN).

No Brasil, Dick (1990b, p. 25), com base nas características da toponímia brasileira, concluiu que “o mecanismo da nomeação, causado, portanto, por influências externas ou subjetivas, transparece em topônimos das mais diversas origens e procedências”. Entende-se assim que, para realizar a classificação dos topônimos de acordo com determinadas taxes, é necessário catalogar não a partir do doado e sim do produto gerado, ou seja, o pesquisador deve conhecer o lugar a ser estudado e já com os dados gerar uma classificação que possa satisfazer essa região de acordo com suas culturas. Como ratifica Dick (1990b, 26), a princípio, o homem é impulsionado na escolha do nome, em seguida, é a denominação que irá determinar os rumos do estudo toponímico.

Pautada nessa perspectiva de análise, Dick (1999, p.141) criou, em 1980, um sistema classificatório, com base nos topônimos registrados no *Índice dos Topônimos do Brasil, 1:1.000.000* (IBGE,1968), que teve como objetivo reconhecer as características da nomenclatura onomástica brasileira. A primeira versão do modelo continha dezenove taxes (1975)¹⁷, mas esse número foi ampliado e atualmente o modelo conta com vinte e sete taxes (DICK, 1990b, p. 31-34). As taxionomias são exemplificativas e podem ser ampliadas em seus categoremas.

Os estudos de Dick demonstraram a preferência do homem brasileiro por designativos de índole vegetal, animal, hidrográfica, geomorfológica e litorânea, todos relacionados a elementos de ordem física. Já no plano antropocultural, são os de origem religiosa, antroponímica, histórica, social e noológica que mais se destacam. Na teoria de Dick os fatos cósmicos foram divididos em físicos e antropoculturais, divisão essa considerada para a classificação toponímica. Dentro dessa bi-compartimentação a autora situa as modalidades particulares, “através da formulação de uma terminologia técnica”, composta pelo sintagma toponímico (DICK, 1990b, 26).

Outros estudiosos também propuseram modelos classificatórios na tentativa de sistematizar o universo de topônimos, como é o caso de Adolfo Salazar-Quijada (1985, p. 21-27) que, em sua tese de doutoramento, adotou uma classificação pautada em cinco aspectos, a saber: seus elementos¹⁸; sua extensão¹⁹; sua localização²⁰; sua aplicação²¹ e seus motivos²².

¹⁷ Este estudo utilizou o texto reformulado pela autora em 1990.

¹⁸ Simples e Compostos.

¹⁹ Microtopónimo, Mesotopónimo e Macrotopónimo.

²⁰ Terrestres e Extraterrestres.

²¹ Actinônimos, Astinônimos, Corônimos, Insunônimos, Hidrônimos, Odônimos, Orônimos, Espeleônimos, e Selenônimos.

²² Fisiotopónimos, Zootopónimos, Fitotopónimo, Minerotopónimos, Epotopónimos, Hagiotopónimos, Somatotopónimos, Animotopónimo; Cognomotopónimos, Pragmatopónimos.

O modelo de Dick, como já assinalado, contém vinte e sete categorias, onze de natureza física e dezesseis de natureza antropocultural. Para explicar os princípios adotados na criação desse modelo terminológico, Dick (1999, p.142) sublinha que as categorias podem ser ampliadas, mas deve seguir o seguinte esquema básico que lhe deu origem:

Adoção de um prefixo nuclear (greco-latino), de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano; acréscimo do termo “topônimo” ao elemento prefixal, para dar a justa medida do campo de atuação da unidade onomástica criada.

Sob esse modelo, Dick (1990b, p. 31-34) propõe as seguintes taxionomias toponímicas, a seguir apresentadas. Os exemplos são do *corpus* deste trabalho.

1.3.5.1 Taxionomia de natureza Física

- a) **Astrotopônimos** – topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex.: córrego da Lua (Guaíra).
- b) **Cardinotopônimos** – topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex.: rio do Sul (Medianeira).
- c) **Cromotopônimos** – topônimos relativos à escala cromática. Ex.: córrego Azul (Ouro Verde do Oeste).
- d) **Dimensiotopônimos** – topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, altura, profundidade. Ex.: povoado Fundo (Pato Bragado).
- e) **Fitotopônimos** – topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da mesma espécie, ou de espécies diferentes, além de formações não espontâneas. Ex.: água Jataí (Quatro Pontes).
- f) **Geomorfotopônimos** – topônimos relativos às formas topográficas. Ex.: Monte córrego Serrinha (São José das Palmeiras).
- g) **Hidrotopônimos** – topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Ex.: córrego Água Branca (Terra Roxa).
- h) **Litotopônimos** – topônimos de índole mineral, relativos à constituição do solo, representados por indivíduos, conjunto da mesma espécie, ou de espécies diferentes. Ex.: povoado Ouro Preto (Toledo).
- i) **Meteorotopônimos** – topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex.: povoado Butu Bueno (Céu Azul).

j) **Morfotopônimos** – topônimos que refletem o sentido de formas geográficas. Ex.: córrego Dobrado (Vera Cruz do Oeste).

k) **Zootopônimos** – topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos, não domésticos e da mesma espécie. Ex.: água Uru (Assis Chateaubriand).

1.3.5.2 Taxionomias de natureza Antropocultural

a) **Animotopônimos ou Nootopônimos** – topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano. Ex.: rio Alívio (Assis Chateaubriand).

b) **Antropotopônimos** – topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: água Perla (Entre Rios do Oeste).

c) **Axiotopônimos** – topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: distrito Doutor Oliveira Castro (Guaíra).

d) **Corotopônimos** – topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões, continentes. Ex.: comunidade Londrina (Jesuítas).

e) **Cronotopônimos** – topônimos que encerram indicadores cronológicos representados, em toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Ex.: sanga Novo Horizonte (Marechal Cândido Rondon).

f) **Ecotopônimos** – topônimos relativos às habitações de um modo geral. Ex.: ribeirão Tapera (Terra Roxa).

g) **Ergotopônimos** – topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: sanga Maracá (Toledo).

h) **Etnotopônimos** – topônimos relativos aos elementos étnicos, isolados ou não. Ex.: água dos Paulistas (Tupãssi).

i) **Dirrematotopônimos** – topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex.: Vira Volta (Terra Roxa).

j) **Hierotopônimos** – topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: às associações religiosas; às efemeridades religiosas Ex.: Tupãssi (Tupãssi). Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões:

1 – **Hagiotopônimos** – topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano. Ex.: colônia São Francisco (Céu Azul).

2 – **Mitotopônimos** – topônimos relativos a entidades mitológicas. Ex.: córrego Apolo (Itaipulândia).

- k) **Historiotopônimos** – topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico e social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes. Ex.: córrego Quinze de Novembro (Toledo).
- l) **Hodotopônimos** (Odotopônimos) – topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex.: córrego Estrada da Jurema (Vera Cruz do Oeste).
- m) **Numerotopônimos** – topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: Quatro Pontes (Quatro Pontes).
- n) **Poliotopônimos** – topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: distrito Vila Iguaporã (Marechal Cândido Rondon).
- o) **Sociotopônimos** – topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade. Ex.: córrego Navegantes (Santa Helena).
- p) **Somatotopônimos** – topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal. Ex.: córrego Cabeça de Boi (Terra Roxa).

Isquerdo sugere, em sua tese, uma subdivisão para a taxa dos *animotopônimos*. Como o seu *corpus* (topônimos dos seringais e colocações do Estado do Acre), revelou um grande contingente dessa categoria com evidências de estados anímicos de naturezas muito díspares quanto à natureza dos sentimentos expressos pelos topônimos, propôs uma subcategorização dessa taxa em *animotopônimos eufóricos* e *animotopônimos disfóricos*:

[...] consideramos esses termos não no sentido corrente na psiquiatria, mas sim com a conotação de sensação agradável, expectativas otimistas, boa disposição de ânimo (eufórico) e sensação desagradável, expectativas não muito otimistas, perspectivas temerosas (disfórico). Assim, o termo animotopônimo foi tomado nesse contexto como uma expressão neutra, reservando-se aos determinantes eufórico e disfórico a função de especificar a natureza do estado anímico, razão pela qual propusemos as terminologias animotopônimos eufóricos e animotopônimos disfóricos para designar, respectivamente, os nomes de seringais que deixam antever expectativas positivas e negativas frente à realidade vivida pelo denominador (ISQUERDO, 2011, p.471).

Também a equipe do projeto ATEPAR, ao encontrar dificuldades para classificar alguns topônimos, propôs uma proposta²³ de cinco taxas²⁴:

- 01) **Acronimotopônimos** – os topônimos formados por siglas. Ex: IBAMA (PR).

²³ Para tanto, contou com a assessoria do Professor Aluysio Fávero da cadeira de Latim e Literatura Latina no Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas (CCH/UEL).

²⁴ Moreira (2006, p. 92).

- 02) **Estematopônimos** – topônimos relativos à percepção (são percebidos pelos sentidos). Ex: Água Fria.
- 03) **Grafematopônimo** – topônimos que representam como elemento distintivo as letras do alfabeto. Ex. Seção C.
- 04) **Higietopônimos** – topônimos que se referem à saúde, à higiene e ao bem-estar. Ex. água Limpa.

Em suma, o modelo taxionômico elaborado por Dick se porta como “um instrumento de trabalho que possibilitará, provavelmente, a aferição objetiva das causas motivadoras dos designativos geográficos, de maneira a satisfazer as demandas da pesquisa” (DICK, 1990a, p. 24).

Na sequência do trabalho alguns dos conceitos aqui tratados serão retomados sempre que houver necessidade de justificar o caminho escolhido. A seguir, o Capítulo 2 situa a região pesquisada e os momentos históricos que marcaram o seu processo de povoamento e colonização, além de fornecer uma breve descrição acerca da colonização de cada município selecionado.

CAPÍTULO 2

BREVE PANORAMA HISTÓRICO DO OESTE PARANAENSE

Ao explorar a história da mesorregião Oeste Paranaense depara-se com um lugar, onde os primeiros povoadores que ali buscavam fincar suas raízes foram obrigados a lutar contra o desprezo das autoridades governamentais, por vários séculos. As várias frentes de colonização fixaram na região uma miscigenação de culturas distintas, que se reflete em todos os níveis culturais, certamente, dentre eles se encontra a língua.

A mesorregião Oeste Paranaense, situada na fronteira entre Paraguai e Argentina, é formada por 51 municípios divididos por três microrregiões – Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu –, distribuídos conforme a figura 01 a seguir. Não se pode desconsiderar o fato de a região Oeste ter sido a última a ser ocupada no Estado do Paraná e que, apesar do povoamento tardio, ter sido cenário de acontecimentos que marcaram a história do Estado.

Figura 1 – Mesorregião Oeste-Paranaense



Fonte: Sites do Brasil²⁵

A riqueza histórica dessa região decorre da miscigenação étnica e cultural resultado do processo de povoamento ali ocorrido. A história da Mesorregião Oeste Paranaense pode ser demarcada, segundo Reolon (2007, p.50), em quatro fases, assim caracterizadas: a primeira fase se refere à ocupação indígena, como esclarece Westphalen (1953, p. 20):

No tempo do descobrimento, as terras do Paraná estavam ocupadas por tribos indígenas que, pouco a pouco, foram recuando para o interior, à medida que o branco se estabelecia no litoral. De lá os foram arrancar os ataques bandeirantes, que neles encontravam grande fonte de riqueza – o trabalho escravo.

Atualmente, para deslocar-se de um lugar para outro existem muitos meios, porém, na época da colonização, a locomoção, a princípio, só era possível pelos caminhos abertos pelos índios. Desta forma pode-se entender que esse foi um dos papéis fundamentais dos indígenas nesse contexto, pois, à medida que conheciam os caminhos, podiam ensinar aos viajantes a melhor opção de rotas a serem trilhadas, o que em muito deve ter contribuído para o desbravamento e a interiorização do território brasileiro. Nessa época, século XVI, no Oeste Paranaense ocorriam muito conflitos entre os portugueses e espanhóis que almejavam a posse de terras da região e que, com a ajuda dos indígenas, conseguiam adentrar na mata através dos caminhos abertos por eles.

²⁵ Disponível em: http://www.sites-do-brasil.com/diretorio/index.php?cat_id=919. Acessado em 30 ago. 2012.

A primeira fase de colonização dessa região tem início com a chegada dos colonizadores europeus no século XVI até o início do século XVII, quando se iniciou outro modelo de povoamento, firmando outros propósitos para os indígenas residentes na região. Iniciava-se, assim, a segunda fase relacionada à ocupação do Oeste do Estado, a inserção das reduções jesuíticas que, conforme Wachowicz (1982, p. 14), consistiam em

[...] atrair o maior número possível de indígenas para uma povoação, chamada redução. Ali teriam uma habitação para sua família; o missionário também ali fixava residência, não precisando deslocar-se freqüentemente para outras regiões. Procuravam os jesuítas, desta maneira, conseguir alguma coisa durável no seu trabalho missionário. Pensavam eles que não bastava lançar a palavra de Deus ao acaso, como faziam outrora, mas era preciso vigiá-la até dar frutos.

Balhana et al. (1969, p. 52) corroboram esse ponto de vista informando que nas reduções a vida era organizada com base comunitária, procuravam produzir o necessário para se manterem, exportando os excedentes de sua produção. As atividades econômicas eram baseadas na coleta da erva-mate, na plantação de mandioca, milho, outros produtos relacionados à agricultura e à criação de gado.

As reduções jesuíticas localizavam-se onde, atualmente, se situam os municípios de Guaíra e de Terra Roxa. A localização estratégica da região e a abundância de mão de obra indígena aumentaram a ganância dos portugueses. Nesse particular, Busse (2010, p. 33) pondera que, no século XVII, “a região foi palco do maior conflito da história entre brancos e indígenas, com a destruição das reduções jesuíticas e demais povoações espanholas pelos bandeirantes”. Essa destruição fez com que a região à margem esquerda do Paraná ficasse completamente abandonada, pois o único interesse no Oeste Paranaense eram os índios, os quais, por sua vez, abandonaram a região, que “assim, deserta e sem atrativos econômicos ou políticos, ficaria por mais de uma centena de anos” (COLODEL, 2002, p.15).

O fim da Guerra do Paraguai (1864-1869) demonstrou o quão frágil era a fronteira naquela região. A província, por sua vez, não tinha condições de ocupar e de defender seu território, pois, como apontam os dados reunidos por Wachowicz (1987, p. 13), havia uma população total em 1853 de 62.000 habitantes para uma extensão territorial de 240.000 km², ou seja, 0,25 habitantes por km².

Em 1888, segundo Colodel (2002, p. 17), o Ministério da Guerra idealizou a criação de uma Colônia Militar no Extremo-Oeste paranaense, uma vez que sua posição estratégica deveria “funcionar como um bastião da defesa nacional nessas fronteiras”. Além da

proteção da fronteira, a colônia tinha o propósito de dar início à colonização e ao povoamento da região.

Figura 2 – Colônia Militar do Iguaçu fundada pelo tenente Antônio Batista da Costa Junior e o sargento José Maria de Brito, século XIX.



Fonte: Gazeta. Inf, 2011

O que era, contudo, uma busca das autoridades governamentais de transformar a região em uma localidade propícia à moradia e, conseqüentemente, incentivo à agricultura e à pecuária, como forma de prevenção dos recursos naturais, logo se tornou utópico, pois, como esclarece Colodel (2002, p. 16), novo cenário começa a desenhar-se:

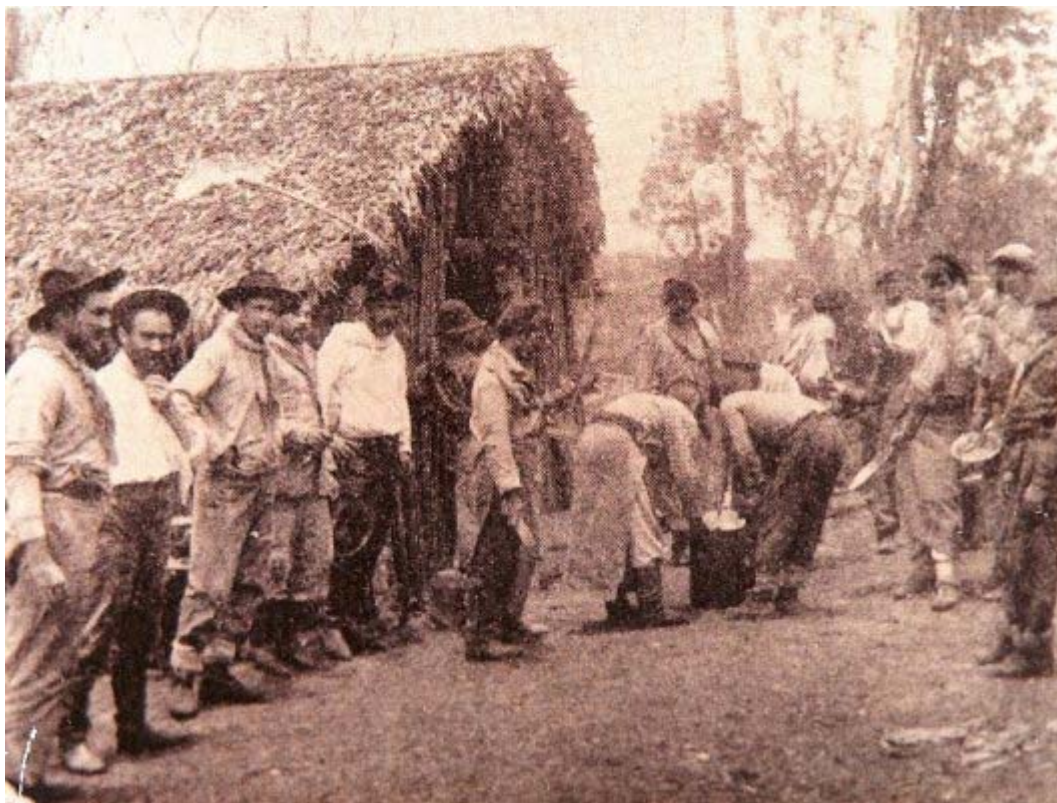
Chegamos ao século XIX. Agora não serão mais as pedras e metais preciosos ou o preamento de indígenas a serem escravizados os fatores que atrairão novos interesses para o Oeste paranaense. Novos produtos estão em destaque. Erva-mate e a madeira é o binômio econômico que desperta a cobiça de novos aventureiros.

Colodel (2002, p. 23) esclarece ainda que as famílias que residiam na região aos poucos foram abandonando as atividades agrícolas e se mantendo por meio da extração da erva-mate, pois “este sim era o grande negócio da região, o mais lucrativo”. Além da erva-mate, as melhores madeiras eram derrubadas e transportadas pelo rio Paraná, por onde seguiam para os portos de Corrientes e Misiones. Essa exploração lucrativa deu abertura a um modelo de exploração que ficou conhecido como *obrages*, dando início, portanto, a uma terceira fase de colonização da região Oeste do Paraná:

A chamada *obrage* foi uma propriedade e/ou exploração, típica das regiões cobertas de matas subtropicais, em território argentino ou paraguaio. O interesse fundamental de um *obragero* não era a colonização em regime de pequena ou média propriedade, nem o povoamento de suas vastas terras. Seu objetivo precípua era a extração da erva-mate, nativa da região, bem como da madeira em toros, abundante na mata nativa, subtropical. A *obrage*, portanto, estava ligada ao binômio extrativista: mate-madeira [...] Como o controle geoeconômico da navegação do sistema do Prata pertencia à argentina, foram os *obrageros* desta nação, os principais responsáveis pela introdução desse sistema em território brasileiro, ou mais especificamente: paranaense e matogrossense (WACHOWICZ, 1987, p. 44).

A Figura 3 retrata um grupo de obrageros reunidos na central da Obrage Barthe que, conforme elucidada Colodel (2002, p. 30), consistia em uma das principais obrages existente no Paraná.

Figura 3 – Central da Obrage Barthe (1905) hora do rancho.



Fonte: jaccolodel, 2010

O trabalho nas *obrages* era de completa “servidão”, à medida que eram contratados trabalhadores paraguaios, os conhecidos guaranis modernos, nomeados de *mensus*, por serem pagos mensalmente. Mas, na verdade, o que ocorria, segundo Steca e Flores (2002, p. 95), é que os *mensus* que recebiam, antes de chegarem às *obrages*, o denominado *antecipo* que funcionava como um recebimento antecipado de três meses de trabalho, era uma tática utilizada pelos patrões para manter os *mensus* enraizados nas *obrages*, haja vista que a viagem dos trabalhadores era atrasada e, conseqüentemente, os *mensus* acabavam gastando todo o *antecipo*. Conseqüentemente, ao chegarem ao local destinado eram obrigados a fazer um “vale” para a alimentação e moradia, desencadeando assim uma dívida “infinita”.

Figura 4 – Alcaprema; Carretão que puxava toras na época das obras; Porto Britânia.



Fonte: Museu de Imagem e do Som, 2012.

A região, nessa época, ficou isolada e o desprezo por parte das autoridades governamentais foi praticamente absoluto. As *obrages* ficaram conhecidas também pelos atos de violência praticados nesse tipo de trabalho. Os *obrageros* possuíam seus capatazes, que eram homens de sua confiança, que tinham como objetivo obrigar os *mensus* a trabalhar, utilizando, para tanto, métodos nada convencionais e desconsiderando se os trabalhadores estavam doentes, com fome ou cansados.

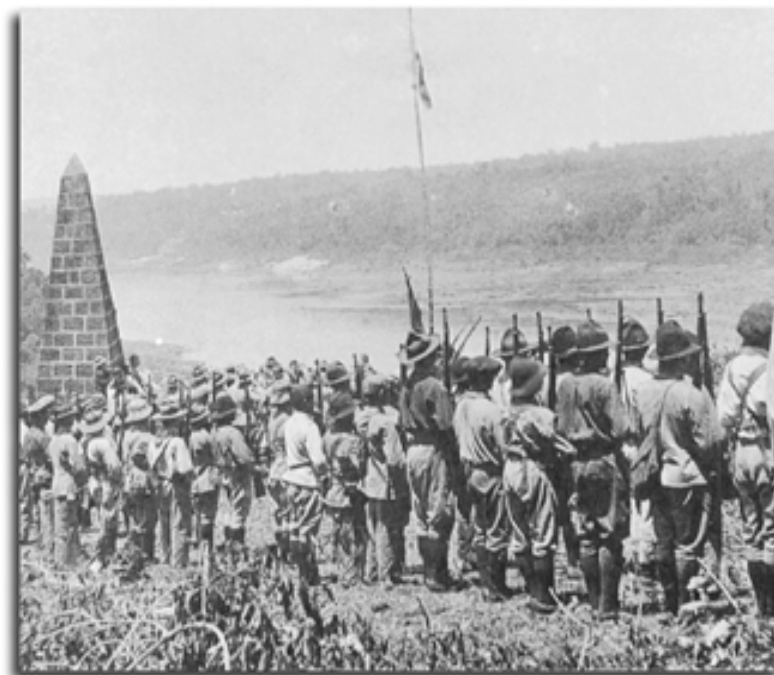
Segundo Colodel (2002, p. 32-33), o sistema de *obrage* durou por quase 50 anos. Conseqüentemente, durante esse tempo, o modelo político, econômico e social da região foi imposto por esse tipo de regime de trabalho. O mesmo estudioso acrescenta que

[...] da exploração intensiva da erva-mate e madeira criou-se uma classe de proprietários e comerciantes poderosos, verdadeiros senhores, montados em impérios agrários imensos. A presença brasileira nessa conjuntura era

insignificante, apenas nominal, assim como o eram as suas repartições públicas, fiscais e aduaneiras. Os limites do que era legal ou ilegal passavam invariavelmente pelo crivo dos obrageros, juizes e policiais ao mesmo tempo. [...] Os poucos ocupantes resumiam-se a aventureiros de todas as espécies, remanescentes indígenas, soldados desertores, bandidos foragidos, alguns colonos miseráveis, paraguaios itinerantes e um punhado de policiais da Força Pública Estadual (COLODEL, 2002, p. 32-33).

Enquanto o Oeste Paranaense estava relegado às ordens dos *obrageros*, no Brasil os militares ganhavam força na política, após o regime republicano em 1889. Isso fez com que, em 1924, tivesse início um movimento militar denominado *a revolução de 1924*, pois, de um modo geral, os militares, não satisfeitos com a situação do País, resolveram desencadear um movimento revolucionário. Consequentemente, essa medida acabou por influenciar de maneira considerável o Oeste Paranaense, pois a passagem dos Revolucionários pela região enfraqueceu as *obrages*, muitos *mensus* foram colocados em liberdade, algumas terras exploradas foram vendidas, atitudes essas que permitiram o “início ao processo de colonização da região, ainda mais incentivada pela campanha da marcha para o oeste” (DEITOS, 2004, p. 39). A Figura 5, a seguir, reproduz um momento em que os Revolucionários se reuniram em Foz do Iguaçu.

Figura 5 – Revolucionários em Foz do Iguaçu – 1924.



Fonte: Jaccolodel, 2010

A partir desse ponto, inicia-se no século XX a última fase da colonização da região, período esse que se configura como o do efetivo povoamento da mesorregião Oeste

Paranaense, que ocorreu a partir da campanha denominada *marcha para o oeste* lançada na véspera de 1938, e da implementação das companhias colonizadoras na década de 1940.

A *marcha para o oeste* consistiu em um programa adotado pelo então presidente Getúlio Vargas que objetivava a ocupação da fronteira do Oeste do Brasil. Além desse objetivo, Deitos (2004, p.106) aponta como benefício dessa campanha o fato de, “ao mesmo tempo em que o Rio Grande do Sul se livrava do excesso populacional, empresários se beneficiavam explorando atividades imobiliárias na região oeste”. Conseqüentemente, os colonizadores sulistas buscaram fixar na região Oeste do Paraná um sentimento nacionalista. A colonização dessa parcela do território paranaense, como aponta Busse (2010, p.4),

[...] estava assentada nas ações oficiais do governo do Período Vargas, de nacionalismo exacerbado e de busca de um Estado fortalecido e centralizador. As terras da fronteira, habitadas por índios, paraguaios e argentinos, deveriam ser colonizadas por uma gente bravia que se dispusesse a lutar por ela e a transformá-la em espaço produtivo.

Vale ressaltar que os colonos vindos do Sul do Brasil eram, em sua maioria, de ascendência italiana ou alemã e, como bem lembram Balhana et al.(1969, p. 219), esses novos habitantes da região, em sua maioria, traziam recursos financeiros que possibilitavam sua instalação na região, à época só possível com recursos próprios, pois, como antes, os poderes públicos não apoiavam os novos migrantes que passaram a investir na plantação de cereais e na criação de porcos.

Figura 6 – Chegada dos primeiros compradores de terra na fazenda Britânia



Fonte: Museu de Imagem e do Som, 2012.

Todavia, foi a partir do ano de 1940 que a população no Oeste Paranaense cresceu em números altíssimos:

A década de 1940 revela-se principalmente como uma etapa de povoamento intensivo onde as companhias colonizadoras particulares, gaúchas em sua maioria absoluta, desempenharão um papel de capital importância. A ação governamental cede espaço aos empreendimentos de caráter empresarial, alicerçados fundamentalmente na venda de pequenos lotes agrícolas aos colonos interessados no cultivo direto da terra. Os projetos colonizadores se multiplicam e atraem milhares de famílias durante as décadas de 1940-50. Podemos chamar essa fase como sendo a frente de povoamento sulista, já que a corrente colonizadora tem sua origem preferencialmente nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Ela entrará na década de 1970, formando vários municípios oestinos (COLODEL, 2002, p. 42).

Gregory (2002, p. 93), por sua vez, aponta as principais colonizadoras que atuaram na região: a Madeireira Colonizadora Rio Paraná (MARIPÁ); a Pinho e Terras, com as seções Piquiri, Céu Azul, Porto Mendes e Lopeí; a Industrial Agrícola Bento Gonçalves; a Colonizadora Matelândia e a Colonizadora Criciúma. Essas empresas visavam “à exploração da madeira, à mercantilização de terras, ao comércio e à indústria”.

Dessas colonizadoras a que mais se destacou foi a MARIPÁ, com sede no atual município de Toledo, que foi formada por acionistas gaúchos no ano de 1946. Nesse mesmo ano a empresa comprou a Fazenda Britânia da Companhia Maderas Del Alto Paraná, de 124 mil alqueires, onde “abriu estradas e picadas, mediu e demarcou os lotes urbanos e rurais e

iniciou a sua venda. Já em 1951 todas as áreas medidas e demarcadas estavam vendidas ou compromissadas!” (COLODEL, 2002, p. 42-43).

Outras frentes de ocupação do Oeste se instauraram. A primeira se refere à colonização “proveniente do chamado *Paraná Tradicional*, tendo como centros irradiadores os Campos de Guarapuava, das antigas colônias de imigrantes europeus estabelecidos no Terceiro Planalto e de Laranjeiras do Sul, dentre outros” (COLODEL, 2002, p.43). Esses grupos se fixaram nos territórios de Cascavel, Catanduva, Guaraniaçu e Foz do Iguaçu. Por fim, atraídos pela economia cafeeira, brasileiros oriundos dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e de diferentes Estados do Nordeste brasileiro se fixaram no Oeste Paranaense e deles surgiram os municípios Guaíra, Palotina, Terra Roxa, Assis Chateaubriand, Formosa do Oeste, Nova Aurora, Vera Cruz do Oeste, Ouro Verde do Oeste, Cafelândia, Tupãssi, Corbélia, Braganey, dentre outros (COLODEL, 2002, p.43).

Busse (2010, p. 39-40) relaciona o povoamento dessa região, na década de 1960, a partir de três perspectivas: a primeira geográfica e histórica, pois, em virtude da sua localização fronteiriça, o morador da região aprendeu a lidar com as disputas de terras; a segunda pauta-se na continuidade da povoação e conhecimento da região, pois os colonos sulistas deixaram para trás elementos da sua origem para se fixar na “terra prometida”; por fim, a terceira perspectiva se relaciona ao desenvolvimento social e econômico, uma vez que os colonos do sul realizam uma agricultura para a mecanização da terra. Ao mesmo tempo em que as companhias colonizadoras chegaram, iniciou-se a construção da rodovia BR-277 que liga a região à capital Curitiba, em seguida a construção da hidrelétrica de ITAIPU, iniciativas essas que influenciaram na evolução da região Oeste do Paraná.

Pretendeu-se aqui apresentar uma síntese da história do Oeste Paranaense, região que, em virtude da sua história social, é marcada por uma grande diversidade étnica, o que se perpetuou por meio da toponímia. Assim, a investigação dos nomes de lugares dos municípios que integram essa região do Estado do Paraná mostra-se relevante não só do ponto de vista linguístico, como também em termos de resgate das camadas dialetais evidenciadas pela toponímia regional.

Seguem-se informações gerais acerca da história de cada município estudado. Salienta-se que, em muitos casos, as histórias se assemelham devido à própria colonização da região que, na maioria, foi realizada pelas companhias colonizadoras que venderam seus lotes a migrantes dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

As informações acerca da história de cada município foram obtidas por meio de consulta ao banco de dados da biblioteca do IBGE²⁶, em Ferreira (2006) e sites das prefeituras.

2.1 SÍNTESE HISTÓRICA DOS MUNICÍPIOS DAS MICRORREGIÕES DE TOLEDO E DE FOZ DO IGUAÇU

2.2 MICRORREGIÃO TOLEDO

2.2.1 Assis Chateaubriand

Os primeiros colonizadores chegaram à região na década de 1950, por meio da empresa colonizadora Norte do Paraná S/A, que buscava desbravar a região Vale do Piquiri. Os primeiros grupos étnicos que chegaram à região foram os italianos, os alemães, os portugueses e os japoneses, que vieram do norte do Paraná e dos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e do Nordeste. A venda das terras iniciou-se em agosto de 1959 e a economia do município baseou-se nesta época no extrativismo da madeira nativa. Mais recentemente, verifica-se um incremento na produção de algodão e milho e também aumento na produção animal. O município foi instalado oficialmente em 07 de abril de 1967 e o seu território resultou do desmembramento dos municípios de Toledo, de Palotina e de Cascavel.

2.2.2 Diamante D' Oeste

A localidade era pouso dos tropeiros, mas sua colonização se deu a partir de 1962 com imigrantes dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. As primeiras culturas a serem desenvolvidas na localidade foram o rami, o café e a hortelã. Diamante D' Oeste foi elevado à categoria de município ao ser desmembrado de Matelândia.

2.2.3 Entre Rios do Oeste

²⁶ Informações disponíveis em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>. Vários acessos.

Essa localidade foi colonizada a partir de 1956, pelo programa Marcha para o Oeste, organizado pelo então presidente Getúlio Vargas. Os primeiros colonizadores adquiriram suas terras por meio da Companhia MARIPÁ (Colonizadora Industrial Madeireira Rio Paraná), revendedora das terras da fazenda Britânia, que abrangia vários municípios. Em 1956 chegou à região uma caravana com a intenção de conhecer o lugar, entre eles estavam Emílio Agnes, José Agnes e Simão João Maldaner. Em 1959 a primeira família, de Ervino e Norma Hentges, se estabeleceu em Entre Rios. A tradição gaúcha e alemã sempre predominou no município. A localidade foi elevada à categoria de município com a denominação de Entre Rios do Oeste ao ser desmembrado do município Marechal Cândido Rondon.

2.2.4 Formosa do Oeste

Na década de 60 o município Formosa do Oeste foi fundado pela Colonizadora Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná – SINOP. O nome originou-se de uma moradora ilustre da até então denominada Gleba Rio Verde, que achou suas densas matas e a terra fértil uma “formosura”. A partir daquela data surgiu o nome Formosa do Oeste. Foi instalada oficialmente em 08 de dezembro de 1961 sendo desmembrado de Cascavel.

2.2.5 Guaíra

Guaíra é uma das mais antigas povoações do Oeste Paranaense, bem como do Paraná, porém foi oficialmente emancipada apenas em 1951. Em meados do século XVI, a região pertencia ao Governador do Paraguai e era habitada por indígenas da etnia guarani. Segundo informações do IBGE (2012), “o Governo Paraguaio fundou, em 1554, o “pueblo”, a Ciudad Real Del Guaíra, na confluência do Rio Piquiri com o mesmo “direito” sobre a escravização de gentio”.

Conforme corrobora as informações apresentadas pela prefeitura municipal de Guaíra²⁷, o antigo vilarejo administrado por padres jesuíta e destruído pelos bandeirantes em 1631 foi entregue, em 1750, à Coroa Portuguesa. A região só foi novamente explorada, no início do século XX, com a chegada da Companhia Matte *Larangeira*²⁸, empresa que tinha como objetivo explorar a erva-mate. Guaíra possuía o maior conjunto de cataratas em volume

²⁷ Informações retiradas do site: <http://www.guaira.pr.gov.br/?pg=noticia&id=2287>. Acesso em: 09 de nov. 2011.

²⁸ No nome oficial dessa companhia, o termo “laranjeira” é grafado com “g”.

d'água do mundo, as conhecidas Sete Quedas, que foram submersas em 1982 em decorrência da construção da usina hidrelétrica Itaipu.

2.2.6 Iracema do Oeste

Conforme Ferreira (2006, p. 147), Iracema do Oeste teve sua colonização iniciada em 1952 quando ali chegou Juvenal Henrique Correia trazendo consigo sua família e a de seu sogro, Antônio Teodorico da Silva, o denominado 'Caboclo'. Nessa mesma época, chegaram outras famílias como: Furlan, Correia, Pedro Pimenta e Terim. O município foi elevado à categoria de município ao ser desmembrado de Formosa do Oeste. Sede no antigo distrito de Iracema, atual Iracema do Oeste.

2.2.7 Jesuítas

A princípio a região era habitada pelos índios Kaingang, que, por sua vez, eram catequizados pelos jesuítas. A efetiva ocupação do município se deu através da comercialização das terras feita pela Colonizadora SINOP (Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná Ltda.). Assim, entre os anos de 1959 e 1960, os primeiros colonizadores chegaram à região em busca da exploração e comércio de madeiras. Os colonizadores eram de diferentes etnias como imigrantes italianos, portugueses, espanhóis e japoneses. Além dos migrantes paulistas, mineiros, nordestinos e catarinenses. Elevado à categoria de município com a denominação de Jesuítas, desmembrado de Formosa do Oeste. Sede no antigo distrito de Jesuítas.

2.2.8 Marechal Cândido Rondon

Os colonizadores chegaram à região em 1950, dentre outros, Antônio Rockenback, Erich Ritscher, Oswaldo Heinrich e Benno Weirich. A ocupação foi estimulada pela Colonizadora MARIPÁ, razão pela qual a criação, o desenvolvimento e a vida histórica da comunidade estão ligados ao constante trabalho dessa companhia, que era constituída por gaúchos, liderados por Alfredo Ruaro, Luiz Alberto Dalcanalle, aliados a Curt e Egon Bercht, Willy Barth e Julio Gertun de Azevedo Bastian. A MARIPÁ trouxe à região colonos oriundos dos estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

No ano de 1953 a vila denominada General Rondon tornou-se distrito de Toledo e, após sete anos, passou à condição de município, quando recebeu o nome de Marechal Cândido Rondon. A emancipação política do município ocorreu em 1960.

2.2.9 Maripá

A companhia inglesa Anglo-Argentina Madeireira Rio Paraná, por volta do ano de 1905, deu início à exploração madeireira e à extração da erva-mate nativa na região Oeste do Paraná. Ao comprar a fazenda Britânia da Companhia de Madeira Del Paraná, deu surgimento à Vila Maripá durante o início do ano de 1953. O dono da colonizadora e fundador da vila, Sr. Willy Barth, deu a seus funcionários um pedaço de terra.

A princípio a economia do município era baseada na extração da madeira, o que atraiu colonos provenientes dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os primeiros habitantes do local eram provenientes de terras catarinenses e de origem alemã, pioneiros esses que são responsáveis pelo início da história de Maripá. Elevado à categoria de município com a denominação de Maripá, o município foi desmembrado do município de Palotina.

2.2.10 Mercedes²⁹

Mercedes formou-se após 1952 e se assemelha a de outros municípios do Oeste Paranaense, pois partiu das ações da colonizadora MARIPÁ. A ocupação do município é dividida em duas fases, a primeira se refere aos imigrantes europeus, vindos dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que buscavam se estabilizar na região, pois havia conhecimento de ser ali uma localidade de terras férteis e boa para viver. Em um segundo momento grupos de migrantes saídos das regiões Norte e Nordeste do Brasil e outros das lavouras de café do Norte do Estado também se instalaram em Mercedes.

Elevado à categoria de município, foi desmembrado de Marechal Cândido Rondon e emancipado em primeiro de janeiro de 1993.

2.2.11 Nova Santa Rosa

²⁹ As informações referentes a esse município foram retiradas do site do município <http://www.mercedes.pr.gov.br/historia.html>, pois a biblioteca do IBGE não fornecia informações a respeito do histórico da cidade. Acesso em 09 de nov. 2011.

A colonização desse município teve início em 1953, com colonos originários do município de Santa Rosa do Estado do Rio Grande do Sul. A maioria dos colonizadores era de origem germânica. Em homenagem às suas origens, os pioneiros batizaram as principais ruas de Nova Santa Rosa com os nomes dos distritos do município gaúcho de Santa Rosa (Boa Vista, Santo Cristo, Horizontina, Três de Maio, Tucunduva, Tuparandi, Campinas, Cruzeiro, Ubiretama, Porto Lucena, Porto Mauá; além das ruas Toledo, Maripá e Palotina). O distrito foi elevado à categoria de município com a denominação de Nova Santa Rosa, desmembrado dos municípios de Toledo, Marechal Cândido Rondon, Palotina e Terra Roxa.

2.2.12 Ouro Verde do Oeste

A ocupação do município teve início com a chegada das primeiras famílias por volta de 1960, que eram de origens alemã, italiana, polonesa e japonesa. Provenientes dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina, e outras regiões do Paraná e de Estados do Nordeste brasileiro, os pioneiros ali se fixaram em busca de melhoria de vida.

Havia a informação de que aquelas terras pertenciam ao governo, por esse motivo havia um portão, que era vigiado por homens armados por ordem do juiz de Foz do Iguaçu, e a determinação era a de impedir a entrada de qualquer pessoa. Por esse motivo, muitos desanimavam e voltavam para o lugar de origem, mas o grupo, anteriormente mencionado, esperou uma oportunidade, e tomou a decisão de arrancar o portão à força, trabalho executado por cerca de 40 pessoas. Todavia, no dia seguinte foram intimadas a depor na delegacia de Toledo sobre o acontecido. Ao final o governador, na época Nei Braga, autorizou a liberação do portão. Assim, os pioneiros voltaram para Ouro Verde e encontraram uma mata rica em madeira de lei para explorar.

2.2.13 Palotina

O município foi colonizado pelas companhias Pinho e Terra Ltda e Madeireira Rio Paraná, que trouxeram migrantes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A área desse município foi desmembrada do município de Guaíba e foi emancipado com a denominação de Palotina.

2.2.14 Pato Bragado

O município de Pato Bragado também foi colonizado pela Companhia MARIPÁ, na década de 50 que foi responsável pela ocupação da região, mas a comercialização da madeira era realizada apenas pela Companhia, razão pela qual os proprietários locais passaram a dedicar-se à agricultura e à pecuária como forma de subsistência. Atualmente, a região é predominantemente agrícola. Foi elevado à categoria de município com a denominação de Pato Bragado e desmembrado do município Marechal Cândido Rondon.

2.2.15 Quatro Pontes

O município tem-se a colonização semelhante à ocorrida em Pato Bragado, bem como da maioria dos municípios da microrregião de Toledo, ou seja, na década de 50, chegaram trazidos pela companhia MARIPÁ, os primeiros colonos vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Segundo o IBGE (2012), “a companhia Maripá realizou uma divisão de terra em propriedades com área média de 25 hectares, dimensões estas que ainda hoje caracterizam uma estrutura fundiária com pequenas e médias propriedades na região de Quatro Pontes”. Elevado à categoria de município com a denominação de Quatro Pontes, foi desmembrado do município de Marechal Cândido Rondon.

2.2.16 Santa Helena

Grupos populacionais se instalaram na região antes mesmo de sua efetiva colonização, pois essa região, outrora, era habitada por alguns grupos de indígenas, entre eles, os Mimos, Chiques, Cheripas e Chiringuanás. O município, durante algum tempo, sofreu a exploração de seus recursos naturais através das obras, em especial, nessa localidade, a regida por Domingos Barthe. Apenas após a passagem da Coluna Prestes é que a região se livrou desta opressão. Além de extinguir a Companhia Domingos Barthe, as tropas revolucionárias faliram a Companhia Meyer e Annes, que havia se instalado no município. Como solução decidiram vender suas terras, que foram adquiridas pela firma Imobiliária Agrícola Madalozzo Ltda. em 1952. Assim, algumas famílias de origem italiana, vindas do Rio Grande do Sul, instalaram-se próximas às margens do Rio Paraná, dando início à efetiva colonização de Santa Helena. Entre os pioneiros, destacam-se as famílias Ferri, Bortolini, Prati,

Thomé, Noro, Gallo, Tafarel, Cattani, dentre outras. Elevado à categoria de município com a denominação de Santa Helena, em 03.02.1967, foi desmembrado de Medianeira e Marechal Cândido Rondon.

2.2.17 São José das Palmeiras

Em São José das Palmeiras ocorreu outro tipo de colonização, pois, diferentemente dos outros municípios que foram colonizados, principalmente, por migrantes do Rio Grande do Sul, São José das Palmeiras teve seu início no final da década de 60, com a chegada de alguns colonizadores oriundos da região Norte do Estado do Paraná, como também de outros Estados da Federação. Nessa época o Norte do Paraná tinha como principal cultura as plantações de café, e encontraram no município terras de excelente qualidade para esse tipo de plantação. Paralelamente à plantação de café, houve interesse pela cultura de hortelã, mas a geadada ocorrida em 1975 dizimou todas as plantações. Em face disso, os moradores de São José das Palmeiras optaram pela plantação do algodão, cultura ainda existente no município. Elevado à categoria de município com a denominação de São José das Palmeiras, foi desmembrado do município de Santa Helena.

2.2.18 São Pedro do Iguaçu

São Pedro do Iguaçu teve seu início a partir de 1963, marcado por muita violência, devido aos conflitos de terras. A população foi inicialmente formada por mineiros e nordestinos, e atualmente pode ser caracterizada por grupos vindos das regiões centrais e Nordeste do Brasil. Guarda alguns vestígios da presença de alemães e de italianos oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A princípio tinha sua economia voltada para a extração da madeira e do palmito, atualmente, a agropecuária é o principal ciclo econômico do município. Elevado à categoria de município com a denominação atual, foi desmembrado do município de Toledo.

2.2.19 Terra Roxa

A compreensão da história de Terra Roxa exige um recuo ao século XVI, pois ali existia a Ciudad Real Del Guairá. Essa região era palco das ações jesuíticas que, em 1632, foram destruídas, bem como a localidade em que se encontravam, restando ali apenas as ruínas

das antigas reduções. Em dezembro de 1882, as empresas Mary Anna e Espéria e a Companhia Mate Laranjeira, com o domínio de uma faixa de terra que ia de Foz do Iguaçu (PR) até Ponta Porã (MS), objetivavam a exploração da erva-mate nativa da região. No entanto, após o início da segunda guerra mundial, a Argentina, ao incentivar a cultura da erva mate, levou a Mate Laranjeira praticamente à falência, o que ocasionou a entrega das terras para o Estado. Já em 1955, com a Companhia Ipiranga, deu-se início à divisão do atual município em lotes realizada pela CODAL, firma radicada na cidade de Londrina que, para realizar o loteamento, deslocou para a localidade seus maquinários pelo rio Paraná, como também, delimitou o perímetro urbano, por responsabilidade do engenheiro Azauri Guedes Pereira que loteou o perímetro urbano e o rural da área que atualmente compõe o município de Terra Roxa. Os primeiros moradores foram Nilo Benigno Faya Corte e Sebastião Leão, que formaram a primeira comunidade de Terra Roxa. Elevado à categoria de município com a denominação de Terra Roxa, foi desmembrado do município de Guairá.

2.2.20 Toledo

A colonização de Toledo dá-se a partir da chegada da Companhia MARIPÁ, que trouxe para a região colonos do Rio Grande do Sul, em sua maioria imigrantes italianos e alemães que, ao chegarem à localidade, se depararam com um lugar ainda não habitado, sem estradas e coberto pela mata virgem. No entanto, graças ao árduo trabalho dos pioneiros, o município cresceu e hoje é um dos mais progressistas do Paraná. Elevado à categoria de município com a denominação de Toledo, foi desmembrado de Foz do Iguaçu.

2.2.21 Tupãssi

A partir de 1966, a Colonizadora Norte do Paraná S/A e a Imobiliária Paraná Ltda. deram início ao povoamento de Tupãssi. Os colonos que aqui se fixaram eram, em sua maioria, lavradores vindos do Norte do Paraná e do Rio Grande do Sul. Elevado à categoria de município com a denominação de Tupãssi, foi desmembrado de Assis Chateaubriand.

2.3 MICRORREGIÃO FOZ DO IGUAÇU

2.3.1 Céu Azul

A colonização desse município teve início pela ação da Companhia Pinho e Terras Ltda., em 1952, que trouxe para a localidade grupos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Dentre esses pioneiros destacam-se as famílias Gomes, Olivindo Seben, Sibério Tomazi, Ângelo Colombo, Reinaldo Biazuz e Alfredo P. Ruaro. Uma das primeiras construções da localidade foi a denominada “Casa do Imigrante”, destinada a abrigar as famílias que ali chegavam. Elevado à categoria de município com a denominação de Céu Azul, desmembrou-se de Matelândia.

2.3.2 Foz do Iguaçu

Esse município teve início no ano de 1542, quando Alvar Nuñez Cabeza de Vaca descobre as cataratas existentes na região e as batiza com o nome de “Cachoeiras de Santa Maria”. Em 1609 bandeiras são enviadas a fim de assegurar que a região ficasse sob o domínio dos brasileiros. É fundado, em 1765, o estabelecimento militar na fronteira com o Paraguai, a pedido do Conde Oeyras Pombal e o ano de 1881 registra a fixação dos primeiros moradores na região, o brasileiro Pedro Martins da Silva e o espanhol Manoel Gonzales. Em 1888 é criada uma Comissão Estratégica, cujo objetivo era o de construir estradas estratégicas, descobrir a foz do Iguaçu e fundar uma Colônia Militar que, em 1910, passou à condição de Distrito do município de Guarapuava, denominada Vila Iguaçu. Em 1914 é criado o Município de Vila Iguaçu.

Segundo informações do IBGE (2012), a colonização de Foz do Iguaçu se efetivou a partir da intensificação da colonização européia no Estado do Paraná, quando chegaram aos municípios moradores, a maioria colonos italianos e alemães, que se dedicaram à extração de madeira e ao cultivo de erva-mate. Vale ressaltar que a região é marcada pela presença de ingleses, italianos, alemães e seus descendentes. Elevado à categoria de vila com a denominação de Iguaçu, desmembrou-se de Guarapuava. Sede da antiga colônia de Foz de Iguaçu.

2.3.3 Itaipulândia

A colonização desse município teve como base migrantes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. O município tem como principais culturas o fumo, o feijão, o milho, a mandioca e a criação de bovinos e suínos. A economia do município, atualmente, além da permanência do setor agrícola, investe também na indústria e no turismo.

Foi elevado à categoria de município no ano de 1992 ao ser desmembrado de São Miguel do Iguaçu.

2.3.4 Matelândia

Os pioneiros se instalaram no município por meio da ação da colonizadora dirigida por Miguel Matte. Em 1950, alguns migrantes do Rio Grande do Sul, de origem italiana, como Benjamin Luiz Biazuz, Francisco Donadel, Antônio Menoncim, Avelino Molon e Gentil Picolli, chegaram à região e fundaram um núcleo que, posteriormente, se tornou sede do distrito. Foi elevado à categoria de município com a denominação de Matelândia, desmembrado de Foz do Iguaçu.

2.3.5 Medianeira

A Colonizadora Industrial e Agrícola Ltda. trouxe para o município migrantes do Rio Grande do Sul que, com esperança de encontrar na região uma terra fértil passível de ocupação, fundaram, em 1949, o primeiro núcleo do município, que seria a sede da futura Cidade de Medianeira. Assim, no ano seguinte, iniciaram o desmatamento e o loteamento da área urbana e, em 1951, chegaram as primeiras famílias, dentre outros, Pedro Socol e José Callegari. Foi elevado à categoria de município com a denominação de Medianeira, desmembrado do município de Foz do Iguaçu. Sede no antigo distrito de Medianeira.

2.3.6 Missal

O município conserva até hoje marcas deixadas por seus pioneiros, de origem germânica. Foi fundado no ano de 1963, pelo Padre José Backes, sob orientação dos Bispos das Mitras Diocesanas de Palmas e Toledo. Foi elevado à categoria de município com a denominação de Missal, desmembrado do município de Medianeira.

2.3.7 Ramilândia

Ramilândia foi constituída a partir de três grandes fazendas: Rami, Padroeira do Brasil e Água Cristalina. Os primeiros pioneiros a chegarem ao município, oriundos de Alvorada do Sul, foram João Gonçalves da Fonte e Maria de Lurdes Orbolato da Fonte, em 1960. Em seguida, em 1965, Sebastião Dino Dias, de Brazópolis/MG, chegou à região, mas foi

a implantação da cultura do café que atraiu para a região muitas famílias. Elevado à categoria de município com a denominação de Ramilândia, desmembrou-se do município Matelândia.

2.3.8 Santa Terezinha de Itaipu

No início do século XX, a exploração da erva-mate e da madeira regia a economia da localidade, mas foi apenas na década de 1950 que o município teve sua colonização efetiva, pois data dessa época a instalação dos primeiros grupos a partir das terras adquiridas pela Colonizadora Criciúma Ltda. Assim, em 1952, o primeiro acampamento foi montado, era uma casa de madeira coberta por sapé, para acomodar pioneiros e funcionários da empresa. Em 1953 Santa Terezinha de Itaipu contou com a instalação de uma serraria e posteriormente uma olaria, iniciando, assim, o ciclo da madeira em escala industrial. Isso atraiu famílias de Santa Catarina em busca de terras para o cultivo de suas lavouras, colonizando a região. Foi elevado à categoria de município com a denominação de Santa Terezinha de Itaipu, desmembrou-se do município de Foz de Iguaçu.

2.3.9 São Miguel do Iguaçu

A origem desse município data de 1948 e planejado pela colonizadora Gaúcha Ltda. Os primeiros colonizadores são provenientes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Foi elevado à categoria de município com a denominação São Miguel do Iguaçu, desmembrado do município de Foz do Iguaçu.

2.3.10 Serranópolis do Iguaçu

Esse município é o resultado da movimentação dos moradores das comunidades dos distritos de Flor da Serra e de Jardinópolis, pertencentes ao município de Medianeira. A população intencionava a emancipação dos distritos e assim criar um novo município. Foi elevado à categoria de município com a denominação de Serranópolis do Iguaçu, em 07.12.1995, desmembrado do município de Medianeira.

2.3.11 Vera Cruz do Oeste

Segundo o IBGE (2012), em 1960 houve uma corrente migratória do norte do Paraná e do Brasil, que foi responsável pela instalação de um grande contingente de moradores na região, mas, com o passar dos anos, foram aparecendo moradores de todas as localidades para ali se fixarem, atraídos pelas terras férteis para a agricultura e a pecuária. Elevou-se à categoria de município com a denominação de Vera Cruz do Oeste, desmembrado do município de Céu Azul. Sede no antigo distrito de Vera Cruz do Oeste.

As informações apresentadas fornecem um panorama geral dos municípios pertencentes às microrregiões estudadas e permite traçar paralelos na fase de análise dos topônimos coletados. O capítulo que se segue trata dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa para a Constituição do *corpus* e a Descrição e Análise do *corpus*.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Conforme já pontuado, este estudo pauta-se nos dados acerca da região Oeste Paranaense, formada por três microrregiões, a saber: Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu. Porém em virtude do volume de dados e do tempo regimental para conclusão da pesquisa, foram selecionadas duas dessas microrregiões, optando-se pelas que fazem fronteira com o Paraguai: Microrregião Geográfica Toledo que abriga 21 municípios (Assis Chateaubriand, Diamante D'Oeste, Entre Rios do Oeste, Formosa do Oeste, Guaíra, Iracema do Oeste, Jesuítas, Marechal Cândido Rondon, Maripá, Mercedes, Nova Santa Rosa, Ouro Verde do Oeste, Palotina, Pato Bragado, Quatro Pontes, Santa Helena, São José das Palmeiras, São Pedro do Iguaçu, Terra Roxa, Toledo e Tupãssi) e Microrregião Geográfica Foz do Iguaçu que reúne 11 municípios (Céu Azul, Foz do Iguaçu, Itaipulândia, Matelândia, Medianeira, Missal, Ramilândia, Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu, Serranópolis do Iguaçu e Vera Cruz do Oeste), totalizando 32 municípios cuja toponímia foi objeto de investigação no âmbito deste trabalho.

Os dados foram obtidos por meio de consulta aos mapas oficiais desses municípios disponíveis no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A busca por mapas oficiais exigiu contatos com a SEMA – Secretaria do Meio Ambiente – de Curitiba- PR. Como esse órgão não dispõe no seu acervo de todos os mapas necessários, com o auxílio da Profa. Dra. Márcia Zamariano, pesquisadora da toponímia paranaense, foram obtidas duas fontes para a localização dos mapas oficiais: o site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que disponibiliza os mapas oficiais de todos os municípios do Brasil com escalas que variam entre 1:50.000 ou 1:100.000, referentes aos mapas municipais estatísticos do censo de 2010³⁰, além de um CD contendo as cartas do Ministério da Guerra da Fundação IBGE (2004), com escalas de 1:50.000 e 1:100.000. Logo, esses mapas atendem aos objetivos da pesquisa também em se tratando da escala sugerida pela metodologia adotada que, segundo Dick (1990), devem ser de escala entre 1:50.000 e 1:100.000.

Para a constituição da base de dados, foram utilizados como fonte primária os mapas disponíveis no site do IBGE. O CD foi usado como fonte para conferência/confirmação dos dados, com exceção do município de Toledo que, em virtude de o mapa do IBGE ter apresentado problemas de legibilidade, foi utilizado como fonte de dados, para esse município, apenas a carta do Ministério da Guerra da Fundação IBGE (2004).

Na fase do levantamento de dados foram recolhidos todos os topônimos de acidentes geográficos (arroio, bairro, bairro rural, chácara, cidade, colônia, córrego, distrito, estrada, fazenda, morro, povoado, reserva, ribeirão, rio, sanga, serra, sítios, vila, entre outros.) registrados nos mapas oficiais. Todavia, para a análise, foram considerados tão somente os topônimos de acidentes físicos (rio, córrego, arroio, serra, ribeirão, morro, entre outros) e de acidentes humanos urbanos (cidade, bairro, colônia, distrito, povoado, vila, entre outros). Logo, os nomes de estradas, fazendas, sítios e chácaras foram coletados aguardando futuros trabalhos na área.

O *corpus* coletado nos mapas dos 32 municípios estudados constitui-se de 1.471 topônimos – 528 relativos à microrregião de Foz do Iguaçu (181 de acidentes humanos e 347 de acidentes físicos) e 943 da microrregião de Toledo (278 de acidentes humanos e 665 de acidentes físicos).

3.2 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

³⁰ Site do IBGE: <http://www.ibge.gov.br/home/download/geociencias.shtm>.

A pesquisa que deu origem a este trabalho foi de cunho qualitativo e quantitativo, pois a análise proposta, além de possibilitar a descrição e a interpretação dos dados tendo como parâmetro o modelo taxionômico proposto por Dick (1990b), fundamentos teóricos da Lexicologia, da Semântica, da Morfologia, abordagens de caráter qualitativo, também considerou a dimensão quantitativa, à medida que utilizou os recursos da estatística, como gráficos e tabelas para evidenciar os dados. Esses recursos utilizados demonstram a proporção de cada taxa e estratos linguísticos por município analisado.

O método mais empregado na Toponímia é o da investigação do nome a partir do registro de cartas topográficas e/ou obtido pelo próprio pesquisador por meio de pesquisas orais ou consulta em fontes históricas (documentos escritos diversos). No Brasil, tem predominado o estudo a partir de fontes oficiais, estando as outras modalidades em fase inicial de pesquisa em algumas universidades brasileiras. O modelo de investigação toponímica concebido por Dick (2006, p. 100-101) considera quatro pontos básicos:

(a) formulação da hipótese de trabalho, ou de uma proposição de estudos, cuja finalidade perseguida é verificar as possibilidades de realização do tema escolhido, já enunciando as etapas admissíveis para esse exame; (b) delimitação da área básica de estudos (nível da toponímia) ou do objeto da investigação (nível da onomástica), detalhamento temático, em extensão areal (nível quantitativo) ou em profundidade (nível qualitativo), de acordo com a disponibilidade do pesquisador, finalidade da demanda, vinculação a um projeto de pesquisa; (c) tratamento dos dados ou do *corpus*; (d) conclusão e bibliografia utilizada e de suporte.

A análise dos topônimos considerou três perspectivas: taxionômica, etnodialetológica³¹ e formal. Para tanto, foram consultados dicionários de diferentes tipologias (etimológicos, históricos, geográficos) e relativos à língua portuguesa e a línguas indígenas. Fontes sobre os processos de povoamento e colonização da região pesquisada forneceram subsídios para a análise da motivação para a escolha dos nomes que compõem a toponímia local.

A sistematização dos dados foi realizada por meio de quadros, que seguem o modelo proposto por Moreira (2006) que, por sua vez, baseou-se nas fichas léxico-toponímicas elaboradas por Dick (2004, p. 130) e no quadro proposto por Dargel (2003, p. 80).

Os quadros organizam os dados segundo o tipo de acidente nomeado, agrupando, primeiramente, os dados relativos aos topônimos que nomeiam acidentes

³¹ Etnodialetológica diz respeito à caracterização das camadas étnicas, responsáveis pela formação da população local e à distribuição espacial dos topônimos segundo essas camadas.

geográficos humanos e, em seguida, as nomeações dos acidentes físicos. Cada quadro é introduzido por um cabeçalho que contém dados básicos acerca da localidade estudada, como: histórico do nome do município, data de instalação, nomes anteriores, área, municípios limítrofes e gentílico. Em seguida, o quadro, que é dividido em colunas, relaciona os topônimos, apresentando informações acerca de cada um deles, relativas a cinco aspectos, o que divide a tabela em seis colunas. A primeira apresenta o acidente geográfico; a segunda registra o topônimo em estudo; a terceira fornece a etimologia dos topônimos de base indígena³²; a quarta registra a(s) língua(s) de origem do topônimo; a quinta coluna apresenta a classificação taxionômica, segundo Dick (1990), a proposta de Isquierdo (1996) e o modelo proposto pelo projeto ATEPAR; e, por último, a sexta coluna informa a estrutura formal do topônimo, simples, quando formado por apenas um formante; composto, quando se estrutura com dois ou mais formantes de mesma língua de origem; composto híbrido, quando resultante da junção de dois ou mais formantes de línguas de origem distintas. Exemplo:

Histórico do nome do município: Os primeiros moradores observaram que o céu estava limpo e apresentava um *azul celeste*, o contrário do que apresentava o lado do Parque Nacional do Iguaçu. Devido a essa paisagem resolveram denominar o lugar de Céu Azul (FERREIRA, 2006, p. 84).

Data de instalação: 22. 12.1968 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado

Área: 1.179,449 Km²

Municípios limítrofes: São Pedro do Iguaçu, Capanema, Lindoeste e Matelândia (ATEPAR, 1999).

Gentílico: céu-azulense (IBGE, 2012).

Quadro 1 – Topônimos do município de Céu Azul

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Colônia					
	Guairiçá	Variante fonológica de Guairacá: carnívoro da fam.	LT	Zootopônimo	Simples

³² A opção por apresentar apenas a etimologia dos topônimos de base indígena segue o parâmetro metodológico utilizado por Dick nos projetos do ATB – Atlas Toponímico do Brasil – e ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo, também adotados neste estudo.

		Mustelídea; lontra. (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 102).			
Córrego					
	Boa Vista		LP	Animotopônimo	Composto

A consulta aos mapas forneceu o registro dos seguintes tipos de acidentes humanos: assentamento, bairro, cidade, colônia, comunidade, distrito, jardim, povoado³³, vila, além dos seguintes elementos físicos: água³⁴, arroio³⁵, cataratas³⁶, cerro³⁷, corredeiras³⁸, córrego³⁹, espigão⁴⁰, ilha⁴¹, ilhota⁴², lago⁴³, lagoa⁴⁴, lajeado⁴⁵, morro⁴⁶, represa, ribeirão⁴⁷, rio⁴⁸, salto⁴⁹, sanga⁵⁰ e serra⁵¹.

Os dicionários pesquisados auxiliaram na obtenção do significado dos termos da língua comum elevados à categoria de topônimos, como também a respectiva origem

³³ No levantamento dos dados foi considerado *povoado* todo aglomerado populacional apresentado nos mapas sem a especificação do termo.

³⁴ “A *água* é um termo genérico, muitas vezes utilizado como sinônimo de pequenos acidentes hidrográficos como ribeirão e riacho” (ALBINO, 2004 p. 108).

³⁵ “Denominação dada aos pequenos rios no sul do Brasil” (GUERRA, 1997 p. 65).

³⁶ “Quebra ou degrau no perfil longitudinal de um rio, produzindo grande queda d’água” (GUERRA, 1997 p. 131).

³⁷ “Denominação regional usada em certas áreas do Brasil para as pequenas elevações ou colinas, mais ou menos irregulares, cuja altitude não excede a uns 50 metros, apresentando vertentes acidentadas” (GUERRA, 1997, p. 134).

³⁸ “O mesmo que *salto* (vide) no leito de um rio” (GUERRA, 1997, p. 163).

³⁹ “Referência aos pequenos cursos d’água” (ALBINO, 2004, p. 108).

⁴⁰ “Denominação dada geralmente aos altos ou dorsos das serras, constituindo penhascos de arestas vivas ao longo das mesmas” (GUERRA, 1997, p. 246).

⁴¹ “Porções relativamente pequenas de terras emersas circundadas de água doce ou salgada” (GUERRA, 1997 p. 348).

⁴² “Ilha pequena constituída de rochedos” (GUERRA, 1997, p. 350).

⁴³ “Depressões do solo produzidas por causas diversas e cheias de água confinadas, mais ou menos tranqüilas, pois dependem da área ocupada pelas mesmas” (GUERRA, 1997, p. 370).

⁴⁴ “Depressão de formas variadas - principalmente tendendo a circulares – de profundidades pequenas e cheia de água doce ou salgada” (GUERRA, 1997, p.373).

⁴⁵ “Afloramento de rocha sã na superfície do solo, constituindo uma área de extensão variável” (GUERRA, 1997, p. 381).

⁴⁶ “Monte pouco elevado, cuja altitude é aproximadamente de 100, 200 metros. Termo descritivo para o geomorfólogo, e muito usado pelos topógrafos” (GUERRA, 1997, p. 440).

⁴⁷ “É empregado geralmente para designar o curso d’água menor que um rio e maior que um riacho” (ALBINO, 2004 p. 108).

⁴⁸ “Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale” (GUERRA, 1997, p. 544).

⁴⁹ “Denominação genérica dada a todos os tipos de desnivelamento ou degraus encontrados no perfil longitudinal de um rio” (GUERRA, 1997, p 558).

⁵⁰ “Normalmente, se refere a um pequeno regato, que seca facilmente” (ALBINO, 2004, p. 108).

⁵¹ “Termo usado na descrição da paisagem física de terrenos acidentados com fortes desníveis” (GUERRA, 1997, p.570).

linguística do nome. A seguir, apresenta-se a lista das obras de referência consultadas para este trabalho:

- O tupi na geografia nacional, de Theodoro Sampaio (1987).
- Dicionário das plantas úteis do Brasil, de Gilberto Luis da Cruz (1995).
- Dicionário brasileiro de botânica, de Antonio Batista Pereira Jair Putzke (2010).
- Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha (1986).
- Dicionário de português-espanhol, de Julio Martinez Almoyna (1979).
- Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi, de Luiz Caldas Tibiriçá (1985).
- Novo dicionário Geológico – Geomorfológico, de Antônio Teixeira Guerra (1997).
- Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, de Antônio Houaiss (2001).
- Dicionário da Língua Portuguesa, de Antenor Nascentes (1966).
- Diccionario Guaraní/español Español/guaraní, de Anselmo Jover Peralta (1951).

Deve-se mencionar que, em alguns casos, não foi possível encontrar o significado ou motivação do topônimo. Nesses casos, os topônimos foram identificados como de “origem não identificada” e, conseqüentemente, também marcados como “não classificados” em termos taxionômicos. Outros topônimos, por sua vez, apresentaram significados distintos. Quando não for possível precisar o significado pela história da localidade, receberam dupla classificação, estas separadas por uma barra.

Os 1.471 topônimos coletados estão, desta forma, distribuídos por município: Assis Chateaubriand (98), Céu Azul (56), Diamante D'Oeste (44), Entre Rios do Oeste (15), Formosa do Oeste (35), Foz do Iguaçu (67), Guaíra (69), Iracema do Oeste (11), Itaipulândia (42), Jesuítas (34), Marechal Cândido Rondon (88), Maripá (32), Matelândia (45), Medianeira (46), Mercedes (27), Missal (46), Nova Santa Rosa (21), Ouro Verde do Oeste (22), Palotina (63), Pato Bragado (15), Quatro Pontes (18), Ramilândia (27), Santa Helena (67), Santa Terezinha de Itaipu (33), São José das Palmeiras (25), São Miguel do Iguaçu (90), São Pedro do Iguaçu (27), Serranópolis do Iguaçu (32), Terra Roxa (65), Toledo (126), Tupãssi (41) e Vera Cruz do Oeste (44).

A toponímia da região estudada apresentou estreita ligação com a história local, desta forma, o capítulo 3 é destinado à análise de quatro recortes de dados que, por sua vez, evidenciam tendências observadas no *corpus*, ou seja, a relevância de três classificações: os *hagiotopônimos*, os *fitotopônimos* e os *animotopônimos*, e da língua de origem indígena presente na toponímia da região. Foram utilizadas para a análise desses dados, além de gráficos

e quadros, duas cartas toponímicas de âmbito geral e quatro cartas toponímicas que visualizam os dados por meio do sistema de escala cromática com vistas a demonstrar a distribuição percentual dessas classificações em cada município.

A etapa subsequente elenca informações gerais em termos taxionômicos, etnodialetológicos e estruturais apresentadas por meio de gráficos e quadros. Objetiva-se, dessa forma, oferecer uma visão geral dos dados para, em seguida, relacionar aspectos pontuais selecionados para a análise, selecionados segundo o critério de maior ligação entre a toponímia e as quatro fases da história da região.

CAPÍTULO 4

DISCUSSÃO DOS DADOS

A seguir são apresentados os Quadros 1 a 32 que sintetizam a análise dos 1.471 topônimos catalogados nos 32 municípios que figuram no universo desta pesquisa. Para tanto foram considerados: o acidente geográfico, o topônimo, a etimologia dos topônimos de base indígena, a(s) língua(s) de origem do topônimo, a classificação taxionômica e a estrutura formal do topônimo. Depois de apresentados os quadros, segue a análise dos dados que considera um olhar genérico sobre o conjunto dos topônimos catalogados.

4.1 APRESENTAÇÃO GERAL DO *CORPUS*

MICRORREGIÃO DE TOLEDO

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIAND

Histórico do nome do município: O nome do município é em homenagem a Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, jornalista brasileiro, que contribuiu para o desenvolvimento do telejornalismo. Escreveu para jornais como "Gazeta do Norte", o "Jornal Pequeno", o "Diário de Pernambuco", colaborou também com o "Correio da Manhã" e em 1924 assumiu a direção de "O Jornal" um dos maiores do país, além de atuar no rádio e televisão (IBGE, 2012).

Data de instalação: 14-03-1967 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Tupãssi.

Área: 969,589 Km²

População: 33.025 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes Alto Piquiri, Iporã, Toledo, Tupãssi, Palotina, Formosa do Oeste, Jesuítas e Nova Aurora.

Gentílico: assis-chataeaubriense ou assisense (IBGE, 2012)

Quadro 1 – Topônimos do município de Assis Chateaubriand - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
----------	----------	------------	------------------	------------	-----------------------

Acidentes Humanos					
Cidade					
	Assis Chateaubriand		LP+LF	Antropotopônimo	Composto híbrido
Bairro					
	Oriental		LP	Etnotopônimo	Simples
Colônia					
	Peruíbe	PERUHIBE, “ Iperú-y-be , no rio do tubarão” (SAMPAIO, 1987, p. 289).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Pindorama	“ Pindó-rama , ou pindó-retama , a região ou país das palmeiras” (SAMPAIO, 1987, p. 301).	LT	Fitotopônimo	Simples
Distrito					
	Bragantina		LP	Corotopônimo	Simples
	Encantado d’Oeste		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
Povoado					
	Alto Alegre		LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
	Ana Neri ⁵²		LP+LP	Historiotopônimo	Composto
	Bucaio		LNI	Não classificado	Simples
	Cambará ⁵³	“ Caá-mbará , a planta variegada; a planta de folhas de várias cores” (SAMPAIO, 1987, p. 213).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Caracu	“Com este nome Caracú se designa uma espécie de gado de pêlo fino e curto e cauda também fina, no Sul do Brasil” (SAMPAIO, 1987, p. 216).	LT	Zootopônimo	Simples
	Cinco Mil		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Engenheiro Azauri		LP+LF	Sociotopônimo	Composto híbrido
	Indaia ⁵⁴	INDAYÁ, “ Anadá-yá , amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira <i>Attalea Compta</i> ” (SAMPAIO,	LT	Fitotopônimo	Simples

⁵² “Ana Justina Ferreira Néri entrou para a história como precursora da Enfermagem no Brasil e uma das heroínas da Guerra do Paraguai”. Informações retiradas no site <http://mulher.terra.com.br/noticias/0,,OI908295-EI1377,00-Ana+Neri.html>. Acessado em 27.12.2012

⁵³ “Esta verbenácea é uma das plantas mais comuns do nosso país, medrando abundantemente por toda a extensão do território pátrio, sendo geralmente utilizada para fins medicinais. O cambará é uma espécie de vegetal bastante aproveitada na medicina alopática e homeopática e, de um modo geral, empiricamente, pelo povo das cidades e dos campos na preparação de remédios caseiros” (CRUZ, 1995 p. 144).

⁵⁴ “Nome utilizado para designar popularmente várias espécies de palmeiras, muito elegantes” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 204).

		1987, p. 249).			
	Iracema	“ Yra-cema , a saída das abelhas, o enxame” (SAMPAIO, 1987, p. 253).	LT	Antropotopônimo	Simples
	Iutaca	Variação de ITACA “ Ytaca , água ruidosa; o rio roncador” (SAMPAIO, 1987, 254).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Ivo Muller		LP+LAL	Antropotopônimo	Composto híbrido
	Lagoa Dourada		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Massapê ⁵⁵		LP	Litotopônimo	Simples
	Santa Cruz		LP+LP	Hierotopônimo	Composto
	Santa Rita		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São José		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Pedro		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Soipê	Variação fonológica de SIUPÊ “ Çoo-pé , o trilho do animal, da caça” (SAMPAIO, 1987, p. 315).	LT	Hodotopônimo	Simples
	Tangará	“ Atá-cará , andar aos saltos, em alusão ao costume da ave deste nome (<i>Tanagra</i>) brincar aos saltos, dois a dois” (SAMPAIO, 1987, p. 321).	LT	Zootopônimo	Simples
	Terra Nova		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Terra Nova do Oeste		LP+LP+L P	Litotopônimo	Composto
	Tupancireta	“ Tupã-cy-retã , a terra da mãe de Deus, o patrimônio de Nossa Senhora” (SAMPAIO, 1987 p. 335).	LT	Hierotopônimo	Simples
Vila					
	Nice		LNI	Antropotopônimo	Simples
	São Cosme e Damião		LP+LP+L P	Hagiotopônimo	Composto
	Silveirópolis		LP	Antropotopônimo	Composto híbrido
Acidentes Físicos					
Água					
	Perobas ⁵⁶ , das	“ Ypê-roba , a casca amargosa (<i>Aspidosperma</i>)” (SAMPAIO, 1987, p. 251).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Uru	“Nome comum das galináceas no tupi”	LT	Zootopônimo	Simples

⁵⁵ “Em agronomia é o nome popularmente aplicado a solos argilosos” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 243).

⁵⁶ Produz madeira de boa qualidade (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 288).

		(SAMPAIO, 1987, p. 340).			
Corredeira					
	Índios, dos		LP	Etnotopônimo	Simple
Córrego					
	Abençoado		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Acavã	Varição de ACAUÃ “Voz onomatopaica com que se designa a ave que ataca as cobras e que os índios tinham como protetora” (SAMPAIO, 1987, p. 190).	LT	Zootopônimo	Simple
	Amor, do		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Anchieta		LP	Historiotopônimo	Simple
	Anga	“A alma, a sombra, o vulto, o espírito, a consciência” (SAMPAIO, 1987, p. 194).	LT	Mitotopônimo	Simple
	Anzol		LP	Ergotopônimo	Simple
	Arapaçu	“ARAPASSÚ, Ave conhecida por pica-pau” (SAMPAIO, 1987, p. 198).	LT	Zootopônimo	Simple
	Arapuã	“ARAPOÁ, Ira-poã, o mel redondo, ou ninho de abelhas arredondado” (SAMPAIO, 1987, p. 199).	LT	Zootopônimo	Simple
	Baiano		LP	Etnotopônimo	Simple
	Balão		LP	Ergotopônimo	Simple
	Barreirinho		LP	Litotopônimo	Simple
	Beija-Flor		LP	Zootopônimo	Simple
	Bones		LNI	Não classificado	Simple
	Caracu	“Designa-se uma espécie de gado de pêlo fino e curto e cauda também fina, no Sul do Brasil” (SAMPAIO, 1987, p.216).	LT	Zootopônimo	Simple
	Cassau	Cassá , “passagem da mata, passagem através da mata” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 41). U “a água, o líquido, o rio” (SAMPAIO, 1987, p.336).	LT+LT	Hodotopônimo	Composto
	Cedro ⁵⁷ , do		LP	Fitotopônimo	Simple
	Cinco de Maio ⁵⁸		LP+LP	Historiotopônimo	Composto

⁵⁷ “Ampla dispersão na América do Sul. A madeira é de lei e muito valiosa, da qual também se extrai óleo essencial e a casca é utilizada na medicina popular como antisséptico e antitérmico” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 100).

	Curi ⁵⁹	“Curi, o pinhão, o fruto do pinheiro (<i>Araucaria brasiliensis</i>)” (SAMPAIO, 1987, p.226).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Torre, da		LP	Geomorfotopônimo	Simples
	Dez de Junho		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Diamante		LP	Litotopônimo	Simples
	Erva		LP	Fitotopônimo	Simples
	Facho ⁶⁰		LP	Ergotopônimo	Simples
	Guambé	“Trepadeira nativa do Brasil (PA), que se fixa nas árvores por numerosas raízes adventícias, de folhas inteiras ou palmatífidas, espádice oblíquo com espata verde, amarelo-esverdeada na parte interna, e pequeninas bagas róseas; guaiambé, guambé”(HOUAISS ELETRÔNICO, 2001).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Guarani	“Guarani, o guerreiro, o lutador” (SAMPAIO, 1987, p 238).	LT	Etnotopônimo	Simples
	Icarai	“ Y-caray , a água santa; a água benta” (SAMPAIO, 1987 p. 246).	LT	Hierotopônimo	Simples
	Incra ⁶¹		LP	Acronimotopônimo	Simples
	Indaiá ⁶²	INDAYÁ: “ Anadá-yá , amêndoas ou cocos caídos, ou que se despencam. É a palmeira <i>Attalea Compta</i> ” (SAMPAIO, 1987, p. 249).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Iracema	“ Yra-cema , a saída das abelhas, o enxame” (SAMPAIO, 1987, p. 253).	LT	Antropotopônimo	Simples
	Itanirim	“ Itá-mirim , pedras pequenas” (SAMPAIO, 1987, p.	LT	Litotopônimo	Simples

⁵⁸ Dia do Marechal Rondon, segundo o calendário de datas comemorativas. Informações retiradas do site <http://www.arteducacao.pro.br/comemorativas.htm>. Acesso em 27.dez.2012.

⁵⁹ “Espécie arbórea, pertencente à família *Araucariaceae* cujos megásporos denominados pinhão são comestíveis e muito apreciados, principalmente durante as festa juninas do Sul do Brasil; a madeira está entre as mais nobres” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 127).

⁶⁰ Segundo o Houaiss (2001), a unidade lexical *facho* designa o “material inflamável que se acende para iluminação ou como sinal; archote”.

⁶¹ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

⁶² “Nome utilizado para designar popularmente várias espécies de palmeiras, muito elegantes” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 204).

		257).			
	Iutaca	“ Ytaca , água ruidosa; o rio roncador” (SAMPAIO, 1987, 254)	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Jacutinga	“ Yacú-tinga , o jacu branco. (<i>Penelope leucoptera</i>)” (SAMPAIO, 1987 p. 264).	LT	Zootopônimo	Simples
	Japi	“As cabeceiras, as nascentes” (SAMPAIO, 1987, p. 268).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Joari	JUARY: “ Juá-r-y , o rio do juá” (SAMPAIO, 1987, p. 270).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Maíri	MAIRY: “nome dado pelos Tupis às cidades e povoações dos franceses depois da conquista” (SAMPAIO, 1987, p. 276).	LT	Poliotopônimo	Simples
	Marulho ⁶³		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Pajé	“Chefe espiritual, feiticeiro, entre os índios do Brasil” (CUNHA, 1986, p. 572).	LT	Hierotopônimo	Simples
	Peixinho		LP	Zootopônimo	Simples
	Pic-Nic ⁶⁴		LIN+LIN	Sociotopônimo	Composto
	Portão		LP	Ergotopônimo	Simples
	Santa Helena		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Silveira		LP	Antropotopônimo	Simples
	Soipê	Varição de SIUPÉ “ Çoo-pé , o trilho do animal, da caça” (SAMPAIO, 1987, p. 315).	LT	Zootopônimo	Simples
	Tupancireta	TUPANCERATAN: “ Tupã-cy-retã , a terra da mãe de Deus, o patrimônio de Nossa Senhora” (SAMPAIO, 1987,p.335).	LT	Hierotopônimo	Simples
	Tupãssiretã	TUPANCERATAN: “ Tupã-cy-retã , a terra da mãe de Deus, o patrimônio de Nossa Senhora”(SAMPAIO, 1987, p.335).	LT	Hierotopônimo	Simples
	Tupi	“Tu-upí, o pai supremo” (SAMPAIO,	LT	Etnotopônimo	Simples

⁶³ Conforme Houaiss (2001), *marulho* designa um tipo de “agitação permanente das águas do mar, constituída pelo movimento incessante de vagas curtas e pouco altas, às vezes imperceptível”.

⁶⁴ “Pic nic anglicismo por refeição no campo” (ALMOYNA , 1979, p. 821).

		1987, p. 335).			
	Uru	“Nome comum das galináceas no tupi” (SAMPAIO, 1987, p.340).	LT	Zootopônimo	Simple
Rio					
	Alívio		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Baiano		LP	Etnotopônimo	Simple
	Barreiro		LP	Litotopônimo	Simple
	Calunga	“Nome com que os negros designaram o Deus dos missionários, por considerarem-no vago como a imensidão do mar; representado por figuras e bonecos, que levam o mesmo nome” (HOUAISS ELETRÔNICO 2001).	LAF	Hierotopônimo	Simple
	Descoberto		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Encantado		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Lambari	“ Aramberĩ , o peixinho de água doce semelhante à sardinha” (SAMPAIO, 1987, p.273).	LT	Zootopônimo	Simple
	Memória		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Peixe, do		LP	Zootopônimo	Simple
	Piquiri	“ Piquir-y , o rio dos peixinhos” (SAMPAIO, 1987, p.301).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	São Pedro		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Solene		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Verde		LP	Cromotopônimo	Simple
Sanga					
	Ariranha	“ Irarana (irar-ana) , a falsa irara, a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão” (SAMPAIO, 1987, p.201).	LT	Zootopônimo	Simple
	Cobras, das		LP	Zootopônimo	Simple
	Nove de julho ⁶⁵		LP+LP	Historiotopônimo	Composto

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE DIAMANTE D'OESTE

⁶⁵ “Dia da Revolução e do Soldado Constitucionalista” segundo o calendário de datas comemorativas. Informações retiradas do site <http://www.arteducacao.pro.br/comemorativas.htm>. Acesso em 27.dez.2012.

Histórico do nome do município: Os primeiros habitantes da Fazenda Macuco encontraram, no leito de um córrego, pedras brilhantes que lembravam diamantes, fato que motivou o nome do município (FERREIRA, 2006, p. 102) .

Data de instalação: 01-01-1989 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Diamante do Oeste (IBGE, 2012).

Área: 309,111Km²

População: 5.027 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: São José das Palmeiras, Santa Helena, São Pedro do Iguaçu, Vera Cruz do Oeste, Ramilândia e Missal.

Gentílico: diamantense (IBGE, 2012).

Quadro 2 – Topônimos do município de Diamante D'Oeste - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidente Humano					
Cidade					
	Diamante d'Oeste		LP+LP	Litotopônimo	Híbrido
Povoado					
	Alto da Serra		LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
	Casa Branca		LP+LP	Ecotopônimo	Composto
	Jacaré	“ Ya-caré , aquele que é torto, ou sinuoso” (SAMPAIO, 1987, p.263).	LT	Zootopônimo	Simples
	Lagoinha		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Ponte Nova		LP+LP	Hodotopônimo	Composto
	Ponte Queimada		LP+LP	Hodotopônimo	Composto
	Progresso		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Santa Maria		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santa Terezinha		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Salvador		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Vila					
	Bonita		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
Acidentes Físicos					
Córrego					
	Barra Funda		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Barreirão		LP	Litotopônimo	Simples
	Bonsucesso		LP+LP	Animotopônimo	Composto

				Eufórico	
	Brilhante		LP	Cromotopônimo	Simples
	Cego		LP	Animotopônimo Disfórico	Simples
	Diamante		LP	Litotopônimo	Simples
	Esperança		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Gavião		LP	Zootopônimo	Simples
	Itabaiana	“Baiana de pedra” (TIBIRIÇA, 1985, p. 62).	LT	Litotopônimo	Simples
	Lagoinha		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Manso		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Paraíso		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Preguiça		LP	Zootopônimo	Simples
	Quatro		LP	Numerotopônimo	Simples
	Santa Inês		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santa Maria		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santa Teresinha		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Cristovão		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Manuel		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Tamandaré	“ Tamanda-ré , depois da volta ou em seguida ao rodeio” (SAMPAIO, 1987, p. 320).	LT	Geomorfotopônimo	Simples
Lajeado					
	Jacaré	“ Ya-caré , aquele que é torto, ou sinuoso” (SAMPAIO, 1987, p. 263).	LT	Zootopônimo	Simples
	Roselito ⁶⁶ ou Boselito ⁶⁷		LF	Litotopônimo	Simples Simples
	São João		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Rio					
	São Domingos		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco Falso Braço Norte		LP+LP+L P+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco Falso Braço Norte ou Corvo Branco		LP+LP+L P+LP+LP LP+LP	Hagiotopônimo Zootopônimo	Composto Composto
	São Francisco Falso Braço Sul		LP+LP+L P+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Sanga					

⁶⁶ Roselita: “Mineral triclinico, constituído de arseniato, hidratado de cálcio, cobalto e magnésio” (CUNHA, 1986, p. 691).

⁶⁷ Boselito foi considerada variante fonológica de Roselito.

	Barrinha		LP	Hidrotopônimo	Simple
	Cascavel		LP	Zootopônimo	Simple
	Cebolão		LP	Geomorfotopônimo	Simple
	Meio, do		LP	Cardinotopônimo	Simple
	Melancia		LP	Fitotopônimo	Simple

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE ENTRE RIOS DO OESTE

Histórico do nome do município: O nome do município é uma referência geográfica. A gleba, da Colonizadora Maripá S.A, situava-se na confluência dos rios Paraná, São Francisco Verdadeiro e São Francisco Falso. O termo “do Oeste”, por sua vez, é um termo para diferenciar este município de outro, de mesmo nome, existente no Estado da Bahia (FERREIRA, 2006, p. 110).

Data de instalação: 01-01-1993 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Entre Rios (IBGE, 2012).

Área: 122,072 Km²

População: 3.926 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Pato Bragado, Marechal Cândido Rondon, São José das Palmeiras e Santa Helena.

Gentílico: entrierense (IBGE, 2012).

Quadro 3 – Topônimos do município de Entre Rios do Oeste - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Entre Rios do Oeste		LP+LP+L P	Cardinotopônimo	Composto
Povoado					
	Colondrina ⁶⁸		LE	Zootopônimo	Simple
	Esquina Fagundes		LP+LP	Hodotopônimo	Composto

⁶⁸ Variante fonológica de *golondrina* : “Andorinha, pássaro insectívoro, de arribação, da família dos fissirrostrós; peixe do mar” (ALMOYNA, 1979, p. 573).

	Vista Alegre		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Volta Gaúcha		LP+LP	Morfotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Água					
	Colondrina		LE	Zootopônimo	Simple
	Leão, do		LP	Zootopônimo	Simple
	Mansa		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Perla		LE	Antropotopônimo	Simple
	Varana	Varição de UBARANA: “imitando pau, como pau. É o nome do peixe <i>Bagrus reticulatus</i> ”. (SAMPAIO, 1987, p. 337).	LT	Zootopônimo	Simple
Arroio					
	Água Pica Pau		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
Córrego					
	Barra Grande		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Felicidade		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
Rio					
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Sanga					
	Tapajós	“Tapayó, o que procede das aldeias; nome de uma nação de selvagem que procede ao do afluente do Amazonas” (SAMPAIO, 1987, p. 321).	LT	Etnotopônimo	Simple

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE FORMOSA DO OESTE

Histórico do nome do município: O topônimo Formosa é em homenagem às belas matas da região e a fertilidade das terras do município (FERREIRA, 2006, p. 102).

Data de instalação: 08-12-1961 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Formosa (IBGE, 2012).

Área: 275,712 Km².

População: 7.541 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Assis Chateaubriand, Jesuíta, Iracema do Oeste e Nova Aurora.

Gentílico: formosense-do-oeste ou formosense (IBGE, 2012).

Quadro 4 – Topônimos do município de Formosa do Oeste-PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					

Cidade					
	Formosa do Oeste		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
Bairro					
	Bela Vista		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
Povoado					
	Aimoré	“Denominação dada à indígenas de grupos de diversas regiões geográficas que não falavam o tupi; alguns passaram a ser chamados <i>gueréns</i> no século XVII, e <i>botocudos</i> , nos séculos seguintes” (HOUAISS, 2001).	LT	Etnotopônimo	Simples
	Birigui	“ <i>mberu'wi</i> (<i>mbe'ru</i> 'mosca' + '(w)i	LT	Zootopônimo	Simples
	Consolata ⁶⁹		LIT	Hierotopônimo	Simples
	Cruzeirinho		LP	Hierotopônimo	Simples
	Guaporé	“Uma espécie de cipó” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 51).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Santos Anjos		LP+LP	Hierotopônimo	Composto
Comunidade					
	Santa Terezinha		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Conjunto					
	Peruíbe	“ Iperú-y-be , no rio do tubarão” (SAMPAIO, 1987, p. 298).	LT	Zootopônimo	Simples
Porto					
	Cinco		LP	Numerotopônimo	Simples
	Seis		LP	Numerotopônimo	Simples
Acidentes Físicos					
Córrego					
	Abelha		LP	Zootopônimo	Simples
	Alegre		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Araras	“Voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios” (SAMPAIO, 1987, p. 199).	LT	Zootopônimo	Simples
	Barra Mansa		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Borboleta		LP	Zootopônimo	Simples
	Caracol		LNI	Zootopônimo	Simples
	Central		LP	Cardinotopônimo	Simples
	Diamante		LP	Litotopônimo	Simples
	Pato, do		LP	Zootopônimo	Simples
	Macacos, dos		LAF	Zootopônimo	Simples
	Ministério		LP	Sociotopônimo	Simples
	Monjolo	“Engenho rudimentar,	LAF ⁷⁰	Ergotopônimo	Simples

⁶⁹ Nossa Senhora Consolata.

⁷⁰ Origem quimbunda (NASCENTES, 1966, p. 497).

		acionado à água, usado para pilar milho e descascar café” (HOUAISS, 2001).			
	Piriquito		LP	Zootopônimo	Simple
	Placa		LP	Ergotopônimo	Simple
	Tarumã ⁷¹	“Planta da família das verbenáceas” (CUNHA, 1986 p. 757).	LT	Fitotopônimo	Simple
	Tatu	“ Ta-tú , o casco encorpado, ou grosso, couraça” (SAMPAIO, 1985, p.326).	LT	Zootopônimo	Simple
	Tigre		LP	Zootopônimo	Simple
Ribeirão					
	Hong Kong		LCH+LCH	Corotopônimo	Composto
	Jacaré	“ Ya-caré , aquele que é torto, ou sinuoso” (SAMPAIO, 1987, p. 263).	LT	Zootopônimo	Simple
Rio					
	Padres, dos		LP	Axiotopônimo	Simple
	Jesuítas		LP	Axiotopônimo	Simple
	Piquiri	“ Piquir-y , a água ou rio de ferver; a água borbulhenta ou cheia de fervuras” (SAMPAIO, 1987, p. 301).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Verde		LP	Cromotopônimo	Simple

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE GUAÍRA

Histórico do nome do município: O nome Guaíra é em alusão aos Saltos de Sete Quedas (Santa Maria, Grande, Caxias, Faradai, Santiago, Conceição, Osório entre outros) pertencentes ao Rio Paraná.

Data de instalação: 14-12-1952 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Guairá (IBGE, 2012).

Área: 560,487 Km².

População: 30.704 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Terra Roxa e Mercedes.

Gentílico: guairense (IBGE, 2012).

Quadro 5 – Topônimos do município de Guaíra – PR.

⁷¹ “Espécie arbórea, cuja madeira é utilizada para dormente e mourões por ser resistente ao apodrecimento, as folhas são utilizadas na medicina popular para o tratamento de hemorróida e depurativo, o chá da casca é utilizado para tratamento de reumatismo e dermatoses” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 338).

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Guaira	Alteração de Guairá. “Nome que os guaranis davam a região de Sete-Quedas, considerada o seu paraíso terrestre” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 50).	LT	Mitotopônimo	Simple
Distrito					
	Doutor Oliveira Castro		LP+LP+LP	Axiotopônimo	Composto
Povoado					
	Água Branca		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água do Bugre		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água Verde		LP+LP	Hidrotopônimo	Simple
	Apepu	“Naranjo silvestre y su fruta, oriundo de America, cuyo jugo, de sabor agridulce, es delicioso como refresco” ⁷² (PERALTA, 1951, p. 10).	LG	Fitotopônimo	Simple
	Bandeirantes		LP	Historiotopônimo	Simple
	Cachimbeiro	Cachimbo+ eiro “Do quimbundo <i>kixima</i> “poço”. O cachimbo tem forninho onde se mete o fumo” (NASCENTES, 1966, p. 125).	LAF	Ergotopônimo	Simple
	Capivari dos Sanches	“Rio da Capivara” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 38).	LT+LP	Zootopônimo	Híbrido
	Cavalo Morto		LP+LP	Zootopônimo	Composto
	Cruzeirinho		LP	Hierotopônimo	Simple
	Cruzeiro Novo		LP+LP	Hierotopônimo	Composto
	Espírito Santo		LP+LP	Hierotopônimo	Composto
	Maracaju dos Gaúchos	“Maracá-yu, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico” (SAMPAIO, 1987, p. 279).	LT+LP	Ergotopônimo	Híbrido
	Maracaju/ maracatu	“Maracá-yu, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico” (SAMPAIO, 1987, p. 279).	LT	Ergotopônimo	Simple
	Monte Alto		LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
	Oliveira Castro		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
	Ouro Verde		LP+LP	Litotopônimo	Composto

⁷² “Fruto de laranja silvestre, nativa da América, cujo suco de sabor agridoce, é delicioso como refresco” (TN).

	Pasta ⁷³		LP	Ergotopônimo	Simples
	Salamanca ⁷⁴		LE	Corotopônimo	Simples
	Santo Antonio		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São João		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São José		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Porto					
	Tigre, do		LP	Zootopônimo	Simples
Acidentes Físicos					
Água					
	Estrela, da		LP	Astrotopônimo	Simples
	Onça, da		LP	Zootopônimo	Simples
	Pasta, do		LP	Ergotopônimo	Simples
	São João, do		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Porcos, dos		LP	Zootopônimo	Simples
	Forquilha		LE	Ergotopônimo	Simples
Córrego					
	Água Verde		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Apepu	“Naranjo silvestre y su fruta, oriundo de America, cuyo jugo, de sabor agridulce, es delicioso como refresco” ⁷⁵ (PERALTA, 1951, p. 10).	LG	Fitotopônimo	Simples
	Bandeira		LP	Ergotopônimo	Simples
	Boa Esperança		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Capivari	“Caapiuar-y, o rio das capivaras” (SAMPAIO, 1987, p. 216).	LT	Zootopônimo	Simples
	Carambey	“Origina-se do guarani “ <i>carambé</i> (<i>carumbé</i>)”... tartaruga + “y” rio: o rio das tartarugas” (FERREIRA, 2006, p.78).	LG	Zootopônimo	Simples
	Carolina		LP	Antropotopônimo	Simples
	Cruz de Malta		LP+LP	Hierotopônimo	Composto
	Cururu	“ Cururu , o roncador; o capo grande” (SAMPAIO, 1987, p. 228).	LT	Zootopônimo	Simples
	Diamantina		LP	Litotopônimo	Simples
	Guarani	“ Guananí , o guerreiro, o lutador” (SAMPAIO, 1987, p. 238).	LT	Etnotopônimo	Simples
	Ilusão, da		LP	Animotopônimo	Simples

⁷³ O topônimo *Pasta* foi considerado um ergotopônimo, pois pode se referir tanto a um objeto em que se guarda papéis, quanto ao macarrão para os italianos.

⁷⁴ Província pertencente à Espanha.

⁷⁵ “Fruto de laranja silvestre, nativa da América, cujo suco de sabor agridoce, é delicioso como refresco” (TN).

				Disfórico	
	Lua, da		LP	Astrotopônimo	Simple
	Missões		LP	Hierotopônimo	Simple
	Oliveira Castro		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
	Ouro Verde		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	Sabiá	“Çoó-biã, o animal apazível, mavioso” (SAMPAIO, 1987, p. 310).	LT	Zootopônimo	Simple
	Sul, do		LP	Cardinotopônimo	Simple
	Tupi	“Tu-upí, o pai supremo, o primitivo, o progenitor” (SAMPAIO, 1987, p.335).	LT	Etnotopônimo	Simple
Ilha					
	Cardoso		LP	Antropotopônimo	Simple
	Garça Branca		LP+LP	Zootopônimo	Composto
	Grande ou Sete Quedas		LP LP+LP	Dimensiotopônimo Numerotopônimo	Simple Composto
	Joel		LP	Antropotopônimo	Simple
	Matadouro, do		LP	Sociotopônimo	Simple
	Pacu, do	“O comer esperto, isto é, o que é vivido no comer ou tomar a isca. É o peixe fluvial” (SAMPAIO, 1987, p.292).	LT	Zootopônimo	Simple
	Papagaio, do		LP	Zootopônimo	Simple
	Rodrigues		LP	Antropotopônimo	Simple
	São Pedro		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Saraiva ⁷⁶		LP	Meteorotopônimo/ Antropotopônimo	Simple
Lagoa					
	Saraiva		LNI	Meteorotopônimo/ Antropotopônimo	Simple
Represa					
	Itaipu, de	“Fonte das pedras” (TIBIRIÇA, 1985, p. 65).	LT	Litotopônimo	Simple
Rio					
	Birigui	“BIRIGUI mesmo que MAROIM, os mosquitos” (SAMPAIO, 1987, p. 281).	LT	Zootopônimo	Simple
	Chororó	“O jorro, enxurro, a enxurrada” (SAMPAIO, 1987, p. 332).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Guaçu	“Como adjetivo, exprime grande, grosso, largo, amplo” (SAMPAIO, 1987, p.235).	LT	Dimensiotopônimo	Simple
	Paraná	“Pará-nã, o que é semelhante ao mar;	LT	Hidrotopônimo	Simple

⁷⁶ Chuva de pedra; granizo (HOUAISS, 2001).

		denominação dada aos grandes rios” (SAMPAIO, 1987, p.294).			
	Salamanca ⁷⁷		LE	Corotopônimo	Simple
	Taturi	“TATUHI Tatú-y, o rio do tatu” (SAMPAIO, 1987, p.326).	LT	Zootopônimo	Simple
Serra					
	Maracaju, de	“Maracá-yu, o chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico” (SAMPAIO, 1987, p.279).	LT	Ergotopônimo	Simple

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE IRACEMA DO OESTE

Histórico do nome do município: O nome do município é em homenagem a Iracema, filha do colonizador do primeiro loteamento da vila, Paulo Tricário (FERREIRA,2006, p. 147) .

Data de instalação: 01-01-1993 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Iracema (IBGE, 2012).

Área: 81,539 Km².

População: 2.578 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Nova Aurora, Jesuítas e Formosa do Oeste.

Gentílico: iracemense (IBGE, 2012).

Quadro 6 – Topônimos do município de Iracema do Oeste – PR.

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Iracema do Oeste	“Yra-cema, a saída das abelhas, o enxame” (SAMPAIO, 1987, p. 253).	LT+LP	Antropotopônimo	Híbrido
Povoado					
	Jesuítas		LP	Etnotopônimo	Simple
	São Pedro		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Córrego					
	Anta, da		LP	Zootopônimo	Simple
	Cateto	“CATÊTE Tatetú, o dente aguçado, ou pontiagudo. É o porco-montês” (SAMPAIO, 1987, p. 220).	LT	Zootopônimo	Simple
	Itacarambi	“Rio da pedra redonda” (TIBIRIÇA, 1985, p.	LT	Litotopônimo	Simple

⁷⁷ Província pertencente a Espanha.

		63).			
	Taquaruçú ⁷⁸	“ Taquar-uçú , a cana grande, a taquara grossa, bambu” (SAMPAIO, 1987, p.325).	LT	Fitotopônimo	Simple
Ribeirão					
	Padres, dos		LP	Axiotopônimo	Simple
	São Luiz		LP+LP	Hagiotopônimo	Simple
Rio					
	Central		LP	Cardinotopônimo	Simple
	Jesuítas		LP	Etnotopônimo	Simple

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE JESUÍTAS

Histórico do nome do município: O nome do município e em homenagem aos padres jesuítas espanhóis (FERREIRA, 2006, p. 102) .

Data de instalação: 01-02-1983 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 247,497Km²

População: 9.001 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Formosa do Oeste, Assis Chateaubriand, Cafelândia, Nova Aurora e Iracema do Oeste.

Gentílico: jesuitense (IBGE, 2012).

Quadro 7 – Topônimos do município de Jesuítas - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Jesuítas		LP	Etnotopônimo	Simple
Colônia					
	Peruíbe	“ Iperú-y-be , o rio do tubarão” (SAMPAIO, 1987, p. 298).	LT	Zootopônimo	Simple
Comunidade					
	Londrina		LP	Corotopônimo	Simple
Distrito					
	Carajá	“Carayá, o mono grande. O gentio costumava apelidar de carajá aos seus vizinhos desafetos” (SAMPAIO, 1987, p.217).	LT	Etnotopônimo	Simple
Povoado					

⁷⁸ “TAQUARUÇU – cresce preferencialmente às margens de rios e riachos; ocorre desde Minas Gerais até a Argentina” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 338).

	Santa Cruz		LP+LP	Hierotopônimo	Composto
	Santa Helena		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Paulo		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Itaguaí	De <i>itagua</i> , “pedra redonda” e <i>aje</i> , “atalho; atalho da pedra redonda” (TIBIRIÇA, 1985, p. 64).	LT	Litotopônimo	Simple
	Lobato		LP	Antropotopônimo	Simple
	Medianeira ⁷⁹		LP	Hierotopônimo	Simple
	Mundo Novo		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
Acidentes Físicos					
Água					
	Onça, da		LP	Zootopônimo	Simple
Córrego					
	Acampamento, do		LP	Sociotopônimo	Simple
	Araras	“Voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios” (SAMPAIO, 1987, p. 199).	LT	Zootopônimo	Simple
	Belo		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Caramuru	“Antiga designação brasileira do europeu residente no Brasil” (CUNHA, 1986, p.153).		Etnotopônimo	Simple
	Continental		LP	Não Classificado	Simple
	Dourado		LP	Cromotopônimo	Simple
	Garopaba	“ Ygara-paba , o porto, surgidouro das canoas” (SAMPAIO, 1987, p.232).	LT	Sociotopônimo	Simple
	Irara	“ Ira-ra , o que colhe mel, o papa mel” (SAMPAIO, 1987, p. 253).	LT	Zootopônimo	Simple
	Juazeiro ⁸⁰	“JUÁ A-yú-á, a fruta do espinho” (SAMPAIO, 1987, p.270).	LT	Fitotopônimo	Simple
	Lajeado		LP	Litotopônimo	Simple
	Manga		LP	Fitotopônimo	Simple
	Palmital		LP	Fitotopônimo	Simple
	Salto, do		LP	Hidrotopônimo	Simple
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Sebastião		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Ribeirão					
	Padres, dos		LP	Sociotopônimo	Simple
	Padres, dos ou Água Preta		LP/LP+LP	Sociotopônimo Hidrotopônimo	Simple Composto
Rio					
	Água Grande		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Central		LP	Cardinotopônimo	Simple
	Padres, dos		LP	Axiotopônimo	Simple
	Verde		LP	Cromotopônimo	Simple

⁷⁹ O topônimo foi relacionado a Nossa Senhora da Medianeira.

⁸⁰ “Planta brasileira, que habita nos sertões da Bahia e de outros Estados do Norte, principalmente do Ceará, caracterizando-se pelo seu poder de resistência aos climas inclementes. Resiste à seca dos sertões conservando a umidade” (CRUZ, 1995 p. 405).

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON

Histórico do nome do município: O nome do município é em homenagem ao desbravador Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (IBGE, 2012).

Data de instalação: 02-12-1961 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: General Rondon (IBGE, 2012).

Área: 748,004Km²

População: 46.819 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Mercedes, Nova Santa Rosa, Quatro Pontes, Toledo, Ouro Verde do Oeste, São José das Palmeiras, Entre Rios e Pato Bragado.

Gentílico: rondonenses (IBGE, 2012).

Quadro 8 – Topônimos do município de Marechal Cândido Rondon - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Marechal Cândido Rondon		LP+LP+LP	Axiotopônimo	Composto Híbrido
Distritos					
	Entre Rios		LP+LP	Cardinotopônimo	Composto
	Margarida		LP	Antropotopônimo	Simple
	Nova Mercedes		LP+LP	Cronotopônimo	Híbrido
	Novo Horizonte		LP+LP	Cronotopônimo	Composto
	Novo Três Passos		LP+LP+LP	Cronotopônimo	Composto
	Pato Bragado		LP+LP	Zootopônimo	Composto
	Porto Mendes		LP+LP	Sóciotopônimo	Composto
	Quatro Pontes		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	São Roque		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Vila Iguiporã	IGUIPORÃ: Água boa ⁸¹	LP+LT	Poliotopônimo	Composto híbrido
Povoado					
	Apepu	“Naranja silvestre y su fruta, oriundo de America, cuyo jugo, de sabor agridulce, es delicioso como refresco ⁸² ” (PERALTA, 1951, p. 10).	LG	Fitotopônimo	Simple
	Baitaca	“Espécie de papagaio”	LT	Zootopônimo	Simple

⁸¹ Informação retirada do site www.mrhnilsofranceski.seed.pr.gov.br/redeescola/.../historico2.doc. Acessado em 18.jan.2013.

⁸² “Fruto de laranja silvestre, nativa da América, cujo suco de sabor agridoce, é delicioso como refresco” (TN).

		(CUNHA, 1986, p. 93).			
	Base ⁸³ Náutica		LP+LP	Sociotopônimo	Composto
	Bela Vista		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Belmonte ⁸⁴		LP	Coropotopônimo	Simple
	Bom jardim		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Campos Sales		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
	Curvado		LP	Geomorfotopônimo	Simple
	Eldorado ⁸⁵		LE	Corotopônimo	Simple
	Iguaporã	IGUIPORÃ: Água boa ⁸⁶	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Mercedes		LE	Antropotopônimo	Simple
	Novo Rio do Sul		LP+LP+L P	Cronotopônimo	Composto
	Santa Tereza		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santo Mendes		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Cristovão		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São José do Guaçu		LP+LP+L T	Hagiotopônimo	Híbrido
	São Salvador		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Arroio					
	Fundo		LP	Dimensiotopônimo	Simple
	Guaçu	“Como adjetivo, exprime grande, grosso, largo, amplo” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Dimensiotopônimo	Simple
	Quatro Pontes		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
Córrego					
	Ajuricaba	“A liga para o trabalho confraterno; o tempo próprio para isso; o adjutório” (SAMPAIO, 1987, p.192).	LT	Sociotopônimo	Simple
	Apepu	“Naranja silvestre y su fruta, oriundo de America, cuyo jugo, de sabor agridulce, es delicioso como refresco ⁸⁷ ” (PERALTA, 1951, p. 10).	LG	Fitotopônimo	Simple
	Arara	“Nome comum a diversas aves de grande porte da família dos	LT	Zootopônimo	Simple

⁸³ Segundo Houaiss (2001), *base* designa “lugar de concentração de tropas e de meios materiais para a condução de operações militares”.

⁸⁴ Município pertencente ao estado de Santa Catarina.

⁸⁵ “Cidade ou país fictício que exploradores do século XVI afirmavam existir na América do Sul” (HOUAISS, 2001).

⁸⁶ Informação retirada do site www.mrhnilsofranceski.seed.pr.gov.br/redeescola/.../historico2.doc. Acessado em 18.jan.2013.

⁸⁷ “Fruto de laranja silvestre, nativa da América, cujo suco de sabor agridoce, é delicioso como refresco” (TN).

		psitacídeos” (HOUAISS, 2001).			
	Barra ⁸⁸ Bonita		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Barreiro		LP	Litotopônimo	Simple
	Belmonte ⁸⁹		LP	Corotopônimo	Simple
	Bom Fim		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Bonito		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Maracanã	“Maracanã – semelhante ao maracá; o que imita no som, o maracá ou chocalho” (SAMPAIO, 1987, p. 279).	LT	Ergotopônimo	Simple
	Cotovelo		LP	Morfotopônimo	Simple
	Curvado		LP	Morfotopônimo	Simple
	Dourado		LP	Cromotopônimo	Simple
	Esperança		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Guará	“A garça vermelha, a ave aquática (Ibis rubra)” (SAMPAIO, 1987, p. 237).	LT	Zootopônimo	Simple
	Guavirá	“Espécie de arbol frutal” (PERALTA, 1951 p. 56).	LT	Fitotopônimo	Simple
	Haváí		LIN	Corotopônimo	Simple
	Horizontalina		LP	Cardinotopônimo	Simple
	Pia ⁹⁰ -Cuê	CUÉ, “Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido” (SAMPAIO, 1987, p. 226).	LT+LG	Axiotopônimo	Composto híbrido
	Porã		LT	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Santo Ângelo		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Cristovão		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Luis		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Três Voltas		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Tunas ⁹¹		LE	Fitotopônimo	Simple
Lajeado					
	Guavirá	“Espécie de arbol frutal” (PERALTA, 1951 p.56).	LT	Fitotopônimo	Simple
	Santa Rosa		LP+LP	Hagiotopônimo/Cor otopônimo	Composto
Represa					
	Rio Paraná		LP+LT	Hidrotopônimo	Híbrido

⁸⁸ Para Houaiss (2001), *barra* designa “entrada de um porto, entre duas porções avançadas de terra firme [...] local em que um rio deságua no mar ou em lago; desembocadura, foz”. Foi considerada neste trabalho a segunda acepção, para fins de classificação taxionômica do topônimo.

⁸⁹ Município pertencente ao estado de Santa Catarina.

⁹⁰ *Pia* foi considerada variação de *pai*.

⁹¹ Conforme Houaiss (2001), *tuna* designa o “figo da figueira-da-índia; [...] designação comum a algumas plantas de diferentes gêneros da família das cactáceas, de caules articulados e achatados”.

	Itaipu, de	“Fonte das pedras” (TIBIRIÇA, 1985, p.65).	LT	Hidrotopônimo	Simples
Rio					
	Branco		LP	Cromotopônimo	Simples
	Marreco		LP	Zootopônimo	Simples
	Mercedes		LE	Antropotopônimo	Simples
	Paraná	“ Pará-nã , o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios” (SAMPAIO, 1987, p. 294).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Sanga					
	Apepu		LG	Fitotopônimo	Simples
	Baitaca	“Espécie de papagaio” (CUNHA, 1986, p.93).	LT	Zootopônimo	Simples
	Bangu	“O anteparo escuro, a barreira negra, em alusão a um serro” (SAMPAIO, 1987, p.203).	LT	Geomorfotopônimo	Simples
	Bora	“O âmago, o íntimo, o centro” (SAMPAIO, 1987, p.207).	LT	Cardinotopônimo	Simples
	Borboleta		LP	Zootopônimo	Simples
	Cunhaporí	CUNHÃ, “a língua que corre; a linguaruda. A mulher, a fêmea dos animais” (SAMPAIO, 1987, p.227). PORI, “a gente pequena, o povo miúdo; o indivíduo de estatura baixa” (SAMPAIO, 1987, p.306).	LT	Etnotopônimo	Simples
	Encantada		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Fruteira		LP	Fitotopônimo	Simples
	Laranjal		LP	Fitotopônimo	Simples
	Macuco	“ Macucu , a coisa muito de comer, ou muito bom de comer; alusão ao físico da ave deste nome” (SAMPAIO, 1987, p.275).	LT	Zootopônimo	Simples
	Maia		LNI	Etnotopônimo	Simples
	Maripor ⁹²		LP	Acronimotopônimo	Simples
	Miguelito		LP	Antropotopônimo	Simples
	Novo Horizonte		LP+LP	Cronotopônimo	Composto
	Onça Preta, da		LP+LP	Zootopônimo	Simples
	Palmital		LP	Fitotopônimo	Simples
	Peroba	“A casca amargosa” (SAMPAIO, 1987, p.	LT	Fitotopônimo	Simples

⁹² O topônimo foi considerado variação de Mairiporã, município da Região Metropolitana de São Paulo.

		251).			
	Porvenir		LNI	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Ruiva-cuê	CUÉ, “Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido” (SAMPAIO, 1987, p.226).	LP+LG	Cromotopônimo	Composto híbrido
	Santa Tereza		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Leopardo		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Luiz		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Sete, do		LP	Numerotopônimo	Simples
	Uru	“Nome comum das galináceas no tupi” (SAMPAIO, 1987, p.340).	LT	Zootopônimo	Simples

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE MARIPÁ

Histórico do nome do município: O nome é em homenagem à Companhia Madeireira Rio Paraná S.A. - MARIPÁ (FERREIRA, 2006, p. 190) .

Data de instalação: 01-01-1993 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 283,794Km²

População: 5.684 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Palotina, Assis Chateaubriand, Toledo e Nova Santa Rosa.

Gentílico: maripaense (IBGE, 2012).

Quadro 9 – Topônimos do município de Maripá - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					

	Maripá ⁹³		LP	Acronimotopônimo	Simple
Distrito					
	Pérola Independente		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
Povoado					
	Alto Aurora		LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
	Candeia		LP	Ergotopônimo	Simple
	Cinco Mil		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Independente		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Novo Blumenau		LP+LA	Cronotopônimo	Composto híbrido
	Vinte e Cinco de Julho ⁹⁴		LP+LP+LP	Historiotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Arroio					
	Dezoito de Abril		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Jaguarandi	“Espécie arbustiva, com ampla dispersão no Brasil”(PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 211).	LT	Fitotopônimo	Simple
Córrego					
	Diamante		LP	Litotopônimo	Simple
	Independente		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Primavera		LP	Fitotopônimo	Simple
Lajeado					
	Araras	“Conhecida ave brasileira”(TIBIRIÇA, 1985, p. 24).	LT	Zootopônimo	Simple
	Bentevi		LP	Zootopônimo	Simple
	Cinco de Outubro ⁹⁵		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
Rio					
	Aurora		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Azul		LP	Cromotopônimo	Simple
	Dezoito de Abril		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
Sanga					
	Antas, das		LP	Zootopônimo	Simple
	Arapacu	“ARAPASSU A ave conhecida por pica-pau”(SAMPAIO, 1987, p.198).	LT	Zootopônimo	Simple
	Cinco de Outubro		LP+LP	Historiotopônimo	Composto
	Doze		LP	Numerotopônimo	Simple
	Ipiranga	“Rio vermelho”(TIBIRIÇA, 1985, p.60).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Maracá ⁹⁶	“Marã-acã, a cabeça de	LT	Ergotopônimo	Simple

⁹³ COMPANHIA MADEIREIRA RIO PARANÁ S.A.

⁹⁴ Dia do Colono, segundo o calendário de datas comemorativas. Informações retiradas do site <http://www.arteducacao.pro.br/comemorativas.htm>. Acesso em 27.dez.2012.

⁹⁵ Data comemorativa do Dia das Aves. Informação retirada do site <http://www.arteducacao.pro.br/comemorativas.htm>. Acessado em 18.jan.2013.

		fingimento ou de ficção; instrumento utilizado pelos feiticeiros pajés” (SAMPAIO, 1987, p. 279).			
	Mercador		LP	Sociotopônimo	Simple
	Piranha	“ Pir-ã , o que corta a pele; nome de um peixe voraz (<i>Pygocentrus</i>) da fauna fluvial do Brasil” (SAMPAIO, 1987, p. 302).	LT	Zootopônimo	Simple
	Pirapó ⁹⁷	Salto do Peixe (IBGE, 2012)	LT	Corotopônimo/	Simple
	Piratininga	“ Pirá-tininga , o peixe a secar; o seca peixe. Designa rio que, por efeito dos transbordamentos, deixa peixe fora e o deixa em seco, exposto ao sol” (SAMPAIO, 1987, p. 303).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Real		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Sede, da		LP	Sociotopônimo	Simple
	Vinte de Fevereiro		LP+LP	Numerotopônimo	Composto

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE MERCEDES

Histórico do nome do município: O nome do município é em homenagem a Mercedes, jovem paraguaia, filha do Sr. Salvim, que trabalhava com extração de madeiras, na época do desbravamento desta região (FERREIRA, 2006, p. 195).

Data de instalação: 01-01-1993 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Mercedes, Nova Mercedes (IBGE, 2012).

Área: 200,865Km²

População: 5.046 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Guaíra, Terra Roxa, Nova Santa Rosa e Marechal Cândido Rondon.

Gentílico: mercedense (IBGE, 2012).

⁹⁶ Sampaio (1987, p. 279) completa esclarecendo que o maracá é “feito de um cabaço do tamanho da cabeça humana com orelhas, cabelos, olhos, narinas e boca, estribado numa flecha como sobre o pescoço. No **maracá**, faziam fumo, dentro, com folhas secas de tabaco, queimadas, e desse fumo, que saía pelos olhos, boca e narizes da figura, se enebriavam os tais feiticeiros e ficavam como que tomados do vinho; nesse estado, faziam visagens e cerimônia, prediziam o futuro e em tudo que afirmavam criam os outros índios, como se foram revelações de algum profeta”.

⁹⁷ Município pertencente ao estado do Rio Grande do Sul.

Quadro 10 – Topônimos do município de Mercedes - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Mercedes		LE	Antropotopônimo	Simple
Povoado					
	Britânia ⁹⁸		LNI	Mitotopônimo	Simple
	Novo Rio do Sul		LP+LP+LP	Cronotopônimo	Composto
	Três Irmãs		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Arroio					
	Guaçu	“Como adjetivo, exprime grande, grosso, largo, amplo” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Dimensiotopônimo	Simple
Córrego					
	Belmont		LP	Antropotopônimo	Simple
Lajeado					
	Belmont		LP	Antropotopônimo	Simple
Rio					
	Sul, do		LP	Cardinotopônimo	Simple
	Guaçu		LT	Dimensiotopônimo	Simple
Sanga					
	Alegre		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Forquilha		LE	Ergotopônimo	Simple
	Fruteira		LP	Ergotopônimo	Simple
	Guaira	“Nome que os guaranis davam à região de Sete-Quedas, considerada o seu paraíso terrestre” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 50).	LT	Mitotopônimo	Simple
	Guilherme		LP	Antropotopônimo	Simple
	Ipanema	“ Y-panema , a água ruim, imprestável; o rio sem peixe, ou ruim para pesca” (SAMPAIO, 1987, p. 251).	LT	Hidrotopônimo	Simple

⁹⁸ Segundo a mitologia Britânia é a personificação feminina da ilha da Grã-Bretanha. Informação retirada do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Britania>. Acessado em 14.jan.2013.

	Ituburuna		LNI	Não classificado	Simples
	Jaraguá ⁹⁹	“Luiz Caldas Tibiriçá afirma que o topônimo <i>Jaraguá</i> provém do tupi <i>jaraguá</i> 'certa planta de fibras têxteis’” (HOUAISS ELETRÔNICO, 2001).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Mate ¹⁰⁰		LP	Fitotopônimo	Simples
	Mineira		LP	Etnotopônimo	Simples
	Minerva		LP	Mitotopônimo	Simples
	Nico		LP	Antropotopônimo	Simples
	Pingüim		LP	Zootopônimo	Simples
	Ruiva-Cuê		LP+LT	Cromotopônimo	Híbrido
	Quinze de Novembro		LP+LP	Historiotopônimo	Composto
	São Luiz		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Três Irmãs		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Tupi	“Tu-upí, o pai supremo, o primitivo, o progenitor” (SAMPAIO, 1987, p. 335).	LT	Etnotopônimo	Simples

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE NOVA SANTA ROSA

Histórico do nome do município: O nome do município é em homenagem à cidade gaúcha Santa Rosa (FERREIRA, 2006, p. 211).

Data de instalação: 01-02-1977 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Novo Santa Rosa (IBGE, 2012).

Área: 204,666Km²

População: 7.626 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Maripá, Palotina, Marechal Cândido Rondon, Mercedes, Terra Roxa, Toledo e Quatro Pontes.

Gentílico: nova-santa-rosense (IBGE, 2012).

Quadro 11 – Topônimos do município de Nova Santa Rosa - PR

⁹⁹ “Nativa da Europa, invasora de cultivos e de bom valor forrageiro. A polpa farinhenta que envolve a semente é edule e muito apreciada pela população das regiões Amazônicas, Brasil Central e Centro-Oeste” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 213).

¹⁰⁰ “Esta é uma das mais importantes espécies vegetais que integram, valorizam e enriquecem a prodigiosa flora medicinal brasileira. É uma planta nacional, sendo acertada a outra classificação que recebeu de *Illex Brasiliensis*, porquanto é ela realmente brasileira (...) A Erva Mate prefere as terras arenosas e se desenvolve bem na região temperada do Brasil, medrando no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, estacando-se, entretanto, o referido Estado do Paraná como o maior produtor” (CRUZ, 1995 p. 323).

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Nova Santa Rosa		LP+LP+LP	Cronotopônimo	Composto
Distritos					
	Planalto do Oeste		LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
	Alto Santa Fé		LP+LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
Povoado					
	Maripá ¹⁰¹		LP	Acronimotopônimo	Simples
	Santa Rosa ¹⁰²		LP+LP	Corotopônimo	Composto
Vila					
	Cristal		LP	Litotopônimo	Simples
Acidentes Físicos					
Arroio					
	Guabirova ¹⁰³	“GUABIROBA Guabiroba , o comestível amargo, ou o fruto que trava” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Guaçu	“Como adjetivo, exprime grande, grosso, largo, amplo” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Dimensiotopônimo	Simples
	Jaguarandi	“Espécie arbustiva com ampla dispersão no Brasil” (PEREIRA. PUTZKE, 2010 p. 211).	LT	Fitotopônimo	Simples
Rio					
	Jaguarundi	“Espécie arbustiva, com ampla dispersão no Brasil”(PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 211).	LT	Fitotopônimo	Simples
Sanga					
	Colibri		LF	Zootopônimo	Simples
	Guamerim	“GUAMIRI, enseada pequena” (TIBIRIÇA, 1985, p. 51).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Jundiá	“ Yu-ndi-á , a cabeça armada de barbatanas. É o peixe d’água doce” (SAMPAIO, 1987, p. 271).	LT	Zootopônimo	Simples
	Miguel		LP	Antropotopônimo	Simples
	Paim		LNI	Antropotopônimo	Simples
	Real		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples

¹⁰¹ COMPANHIA MADEIREIRA RIO PARANÁ S.A.

¹⁰² Foi considerado um *corotopônimo* o topônimo *Santa Rosa*, pois conforme Ferreira (2006, p. 211), o nome é em homenagem à cidade gaúcha de Santa Rosa.

¹⁰³ “Esta espécie medra nos Estados do extremo sul do Brasil, sobretudo no Rio Grande do Sul. Trata-se de um arbusto muito conhecido nessas regiões da nossa Pátria e cujas folhas são dotadas de forte adstringência” (CRUZ, 1995 p. 375).

	Líria		LP	Antropotopônimo	Simple
	Ubiretama ¹⁰⁴	“Terra Pátria”. Informações retiradas de http://www.ubiretama.rs.gov.br/historico.php . Acessado em 30.jul.2012	LT	Corotopônimo	Simple
	Vera, da		LP	Antropotopônimo	Simple
	Vinte de Fevereiro		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Xerê	“Cabaça de pescoço longo e cheia de sementes, usado como chocalho ritual no culto do orixá” (HOUAISS, 2001).	LAF	Ergotopônimo	Simple

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE OURO VERDE DO OESTE

Histórico do nome do município: Ouro Verde do Oeste faz referência à vegetação da localidade (FERREIRA, 2006, p. 215) .

Data de instalação: 01-01-1990 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Ouro Verde (IBGE, 2012).

Área: 293,043Km²

População: 5.692 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Toledo, São Pedro do Iguçu, São José das Palmeiras e Marechal Cândido Rondon.

Gentílico: ouro-verdense (IBGE, 2012).

Quadro 12 – Topônimos do município de Ouro Verde do Oeste - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Ouro Verde do Oeste ¹⁰⁵		LP+LP+L P	Fitotopônimo	Composto
Povoado					
	Aparado ¹⁰⁶		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Santa Quitéria		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Sebastião		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Sol de Maio		LP+LP	Astrotopônimo	Composto
	Ouro verde		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Maripá ¹⁰⁷		LP	Acronimotopônimo	Simple

¹⁰⁴ Município do Rio Grande do Sul.

¹⁰⁵ O “Ouro Verde” se aplica a “mata riquíssima em madeira de lei como: peroba, cedro, canafistula, louro, marfim, óleo pardo, guatábú, piquá, canjarana, etc” (IBGE, 2012)

¹⁰⁶ Para essa classificação foi considerada a definição do termo conforme Houaiss Eletrônico (2001) “cuja qualidade foi aprimorada; aperfeiçoado, polido”.

Acidentes Físicos					
Água					
	Clara		LP	Cromotopônimo	Simple
Córrego					
	Água Funda		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Azul		LP	Cromotopônimo	Simple
	Lajeado		LP	Litotopônimo	Simple
	Pindorama	“ Pindó-rama , ou pindó-retama , a região ou o país das palmeiras” (SAMPAIO, 1987, p. 301).	LT	Fitotopônimo	Simple
	Pindorama ou Ivo	“ Pindó-rama , ou pindó-retama , a região ou o país das palmeiras” (SAMPAIO, 1987, p. 301).	LT LP	Fitotopônimo Antropotopônimo	Simple Simple
	Poço Grande		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Saltos, dos		LP	Hidrotopônimo	Simple
	Tigre		LP	Zootopônimo	Simple
	Várzea, da		LP	Geomorfotopônimo	Simple
	Zabelê	“Voz espúria ou onomatopaica. É o nome da ave <i>Crypturus noctivagus</i> ” (SAMPAIO, 1987, p. 347).	LT	Zootopônimo	Simple
Rio					
	Ouro, do		LP	Litotopônimo	Simple
	Santa Quitéria		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE PALOTINA

Histórico do nome do município: “O nome da cidade é homenagem aos Padres Palotinos, que no início da colonização muito contribuíram para a estabilidade social da comunidade. Presentes desde a derrubada das primeiras árvores, testemunhas do desbravamento, dos conflitos e do desenvolvimento da cidade. Agentes na implantação da religiosidade, da cultura e da paz do povo palotinese.” (FERREIRA, 2006, p. 220).

Data de instalação: 03-12-1961 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Vila Palotina (IBGE, 2012).

Área: 651,239Km²

População: 28.683 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Assis Chateaubriand, Maripá, Nova Santa Rosa e Terra Roxa.

Gentílico: palotinense (IBGE, 2012).

Quadro 13 – Topônimos do município de Palotina - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Palotina		LP	Hierotopônimo	Simples
Distrito					
	São Camilo		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Povoado					
	Alto Pioneiro		LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
	Alto Aurora		LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
	Caravagio ¹⁰⁸		LIT	Corotopônimo	Simples
	Cinco Mil		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Nossa Senhora da Salete		LP+LP+LP	Hierotopônimo	Composto
	Nova Aratiba	“Misto de latim e guarani. Em latim <i>ĀRA</i> ” significa – pedra de altar – e “ <i>TIBA</i> ”, em guarani, quer dizer – lugar onde se encontram muitas pessoas” ¹⁰⁹ .	LP+LP+L G	Cronotopônimo	Composto Híbrido
	Rancho Branco		LP+LP	Ecotopônimo	Composto Híbrido
	Santa Luzia		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santo Antonio		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Clemente		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São João Batista de La Salle		LP+LP+LP+LF	Hagiotopônimo	Composto híbrido
	São João Bosco		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Pedro do Piquiri	PIQUIRI, “rio do piki” (TIBIRIÇA, 1985, p. 97).	LP+LP+L T	Hagiotopônimo	Composto híbrido
	São Vicente		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Vargem Bonita		LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
Vila					
	Aurora		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Floresta		LP	Fitotopônimo	Simples
	Paraíso		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Santo Antonio		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto

¹⁰⁸ A cidade entre os limites dos estados de Milão e Veneza.

¹⁰⁹ Informações retiradas de <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/aratiba.pdf>. Acessado em 30. jul.2012

Acidentes Físicos					
Água					
	Paloma		LP	Antropotopônimo	Simple
	Palotina		LP	Hierotopônimo	Simple
Arroio					
	Água Branca		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Madrugada		LP	Cronotopônimo	Simple
	Primavera		LP	Fitotopônimo	Simple
	Pioneiro		LP	Etnotopônimo	Simple
	Santa Fé		LP+LP	Hierotopônimo	Composto
	São Cristóvão		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Córrego					
	Arapaçu	“ARAPASSÚ, A ave conhecida por pica-pau (<i>Picus</i>)” (SAMPAIO, 1987, 198).	LT	Zootopônimo	Simple
	Esperança		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
Lajeado					
	Araras	“Conhecida ave brasileira”(TIBIRIÇÁ, 1985, p. 24).	LT	Zootopônimo	Simple
	Aurora		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
Rio					
	Açu Braço Direito	AÇU, “grande, considerável” (SAMPAIO, 1987, p. 191).	LT+LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto híbrido
	Açuzinho	AÇU, “grande, considerável” (SAMPAIO, 1987, p. 191).	LT	Dimensiotopônimo	Simple
	Aurora		LP	Animopotopônimo Eufórico	Simple
	Azul		LP	Cromotopônimo	Simple
	Buati	Mesmo que QUATÍ, “ Qua-ti , o que é riscado, ou lanhado” (SAMPAIO, 1987, p. 308).	LT	Zootopônimo	Simple
	Peixe, do		LP	Zootopônimo	Simple
	Pioneiro		LP	Etnotopônimo	Simple
	Piquiri	“PIQUIRY, Piquir-y , o rio dos peixinhos” (SAMPAIO, 1987, p. 301).	LT	Zootopônimo	Simple
	Santa Fé		LP+LP	Hierotopônimo	Composto
	São Camilo		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São José		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Pedro		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Sanga					
	Asa Azul		LP+LP	Somatotopônimo	Composto
	Asa Branca		LP+LP	Somatotopônimo	Composto
	Bandeirante		LP	Historiotopônimo	Simple
	Barra Funda		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Coqueiro		LP	Fitotopônimo	Simple
	Coati	QUATÍ, “ Qua-ti , o que é riscado, ou lanhado”	LT	Zootopônimo	Simple

		(SAMPAIO, 1987, p. 308).			
	Dezesseis de Janeiro		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Doze		LP	Numerotopônimo	Simples
	Marabá	“ Mair-abá , raça de francês, gente que é procedente do estrangeiro” (SAMPAIO, 1987, p. 279).	LT	Etnotopônimo	Simples
	Miguel		LP	Antropotopônimo	Simples
	Mirim	“Pequeno, breve, pouco, miúdo” (SAMPAIO, 1987, p. 283).	LT	Dimensiotopônimo	Simples
	Piranha	“ Pir-ã , o que corta a pele; nome de um peixe voraz (<i>Pygocentrus</i>) da fauna fluvial do Brasil” (SAMPAIO, 1987, p. 302).	LT	Zootopônimo	Simples
	Quati/coati	QUATÍ, “ Qua-ti , o que é riscado, ou lanhado” (SAMPAIO, 1987, p. 308).	LT	Zootopônimo	Simples
	Real		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Saltinho		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Santa clara		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Surubim	“ Çoo-r-oby , o animal azulado, com laivos azuis. É o peixe do gênero <i>Platystoma</i> , dos maiores da fauna fluvial” (SAMPAIO, 1987, p. 317).	LT	Zootopônimo	Simples
	Tiradentes		LP	Historiotopônimo	Simples

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE PATO BRAGADO

Histórico do nome do município: A denominação da cidade foi inspirada no nome do “maior navio já ancorado, até então, no Porto Britânia, em águas do Rio Paraná, para o transporte de pinho beneficiado, o ‘Pato Bragado’” (FERREIRA, 2006, p. 225).

Data de instalação: 01-01-1993 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 135,286Km²

População: 4.822 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Entre Rios e Marechal Cândido Rondon

Gentílico: pato bragadense (IBGE, 2012).

Quadro 14 - Topônimos do município de Pato Bragado - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Pato Bragado		LP+LP	Ergotopônimo	Composto
Povoado					
	Flor do Sertão		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	Fundo		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Itapiranga	“Pedra vermelha” (TIBIRIÇA, 1985, p. 67).	LT	Litotopônimo	Simples
	Porto Britânia		LP+LP	Sociotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Água					
	Treze, do		LP	Numerotopônimo	Simples
Arroio					
	Água dos Dez		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Fundo		LP	Dimensiotopônimo	Simples
Córrego					
	Porá	“PORÃ, bonito, bonita” (TIBIRIÇA, 1985, p. 185).	LT	Animotopônimo Eufórico	Simples
Rio					
	Branco		LP	Cromotopônimo	Simples
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Sanga					
	Biriva	“ Mbir-yba , a árvore de casca ou pele. É madeira forte, boa para esteios, e arde ao fogo admiravelmente” (SAMPAIO, 1987, p. 206).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Caracuan	CARACÚ, “ Acaracú , espécie de gado de pelo fino e curto e cauda também fina, no Sul do Brasil” (SAMPAIO, 1987, p. 216).	LT	Zootopônimo	Simples
	Naranjita		LE	Fitotopônimo	Simples

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE QUATRO PONTES

Histórico do nome do município: Segundo Ferreira (2006, p. 251), há duas explicações para o nome desse município: “1) Denominação de Quatro Pontos, dada pela empresa colonizadora, por se tratar de um cruzamento de quatro diferentes pontos de colonização da empresa, nesta região (localidades de Primeiro de Maio, Porto Britânia, Maripá e Toledo). Porém, quando foi registrado, por erro datilográfico, ficou sendo Quatro Pontes, ao invés de Pontos. 2) A origem

do nome seria pelo fato da sede municipal estar localizada num cruzamento de duas estradas, e é circundada por quatro pontes”.

Data de instalação: 01-01-1993 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 114,393Km²

População: 3.803 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Marechal Cândido Rondon, Nova Santa Rosa e Toledo,

Gentílico: quatro pontense (IBGE, 2012).

Quadro 15 - Topônimos do município de Quatro Pontes - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Quatro Pontes		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
Povoado					
	Flor da Serra		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	José Bonifácio		LP+LP	Historiotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Água					
	Jataí	JATAHI: “Yá-atã-yba, a árvore de frutoduro (...) Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predileção de se aninhar nesta árvore” (SAMPAIO, 1987, p. 268).	LT	Fitotopônimo/ Zootopônimo	Simples
Arroio					
	Fundo		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Guaçu	“Como adjetivo, exprime grande, grosso, largo, amplo” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Dimensiotopônimo	Simples
	Quatro pontes		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
Córrego					
	Azul		LP	Cromotopônimo	Simples
	Itá	“Y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro” (SAMPAIO, 1987, p. 254).	LT	Litotopônimo	Simples
	Três Voltas		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
Rio					
	Marreco		LP	Zootopônimo	Simples
Sanga					
	Crissiumal	Variação de Criciumal “designação comum às	LT	Fitotopônimo	Simples

		plantas do gênero <i>Criciuma</i> , da família das gramíneas, com apenas uma espécie, uma trepadeira nativa do Brasil. Provável origem Tupi” (HOUAISS, 2001).			
	Cristal		LP	Litotopônimo	Simple
	Encantada		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Ratos, dos		LP	Zootopônimo	Simple
	Funda		LP	Dimensiotopônimo	Simple
	Gervasio Cuê	CUÊ: “Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido” (SAMPAIO, 1987, p. 226).	LP+LG	Antropotopônimo	Híbrido
	São Cristiano		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE SANTA HELENA

Histórico do nome do município: O nome do município é uma homenagem a antiga padroeira da cidade, Santa Helena.

Data de instalação: 29-12-1968 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 758,229Km²

População: 23.413 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Entre Rios do Oeste, São José das Palmeiras, Diamante d’Oeste, Missal e Itaipulândia.

Gentílico: santa-helenense (IBGE, 2012).

Quadro 16 – Topônimos do município de Santa Helena - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Santa Helena		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Distrito					
	São Clemente		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Povoado					
	Bela Vista		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Braço Norte		LP+LP	Hidrototopônimo	Composto
	Coroados		LP	Etnotopônimo	Simple
	Correa Porto		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
	Dois Irmãos		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Nova Esperança		LP+LP	Cronotopônimo	Composto

	Santa Helena Velha		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Braz		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Roque		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santa Clara		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santa Terezinha		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São João		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Luiz		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Miguel		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Vicente Chico		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Pacuri	BACURI, “nome de várias plantas da família das gutíferas” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 27).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Vera Cruz ¹¹⁰		LP+LP	Corotopônimo	Composto
Vila					
	Celeste		LP	Astrotopônimo	Simples
	Dezesseis		LP	Numerotopônimo	Simples
	Moreninha		LP	Etnotopônimo	Simples
	Rica		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
Porto					
	Dois Irmãos		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Verde		LP	Cromotopônimo	Simples
Acidentes Físicos					
Água					
	Dois Lajeados		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Golondrina ¹¹¹		LE	Zootopônimo	Simples
	Miguelito		LP	Antropotopônimo	Simples
	Moreninha		LP	Etnotopônimo	Simples
	Tartaruga		LP	Zootopônimo	Simples
	Uru	“Nome comum das galináceas no tupi” (SAMPAIO, 1987, p. 340).	LT	Zootopônimo	Simples
Córrego					
	Barra Grande ou Boas Novas		LP+LP LP+LP	Hidrotopônimo/ Animotopônimo Eufórico	Composto Composto
	Catani		LP	Antropotopônimo	Simples
	Baixada		LP	Geomorfotopônimo	Simples
	Confusão		LP	Animotopônimo Disfórico	Simples
	Dois Irmãos		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Felicidade		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Índio, do		LP	Etnotopônimo	Simples
	Lajeado		LP	Litotopônimo	Simples
	Moinho, do		LP	Sociotopônimo	Simples
	Navegantes ¹¹²		LP	Corotopônimo	Simples
	Novo		LP	Cronotopônimo	Simples

¹¹⁰ Município do Rio Grande do Sul.

¹¹¹ “Andorinha, pássaro insectívoro, de arribação, da família dos fissirrostrós; peixe do mar” (ALMOYNA, 1979, p. 573).

¹¹² Município de Santa Catarina.

	Pacuri	O mesmo que BACURI, “nome de várias plantas da família das gutíferas” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 27).	LT	Fitotopônimo	Simples
	São Roque		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Vicente Chico		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Placa		LP	Ergotopônimo	Simples
	Serrinha		LP	Geomorfotopônimo	Simples
	Sirlei		LP	Antropotopônimo	Simples
	Vinitu		LNI	Não classificado	Simples
Lajeado					
	Progresso		LP	Animotopônimo	Simples
	São João ou Boselito		LP+LP/LP	Hagiotopônimo Antropotopônimo	Composto/Simples
Rio					
	Morenã		LP	Etnotopônimo	Simples
	Paraná	“Pará-nã, o que é semelhante ao mar” (SAMPAIO, 1987, p. 294).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Ponte Quebrada		LP+LP	Hodotopônimo	Composto
	São Francisco Falso		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco Falso Braço Norte		LP+LP+LP P+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Vicente		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Sanga					
	Funda		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Latas, das		LP	Ergotopônimo	Simples
	Miguelito		LP	Antropotopônimo	Simples
	São Roque		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Natal		LP	Hierotopônimo	Simples
	Ponta Funda		LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
	Trinta e Oito		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Verde		LP	Cromotopônimo	Simples

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DAS PALMEIRAS

Histórico do nome do município: O nome do município é em homenagem ao santo padroeiro da cidade, São José. E o nome Palmeira foi acrescentado referindo-se a vegetação local.

Data de instalação: 01-01-1986 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: São José (IBGE, 2012).

Área: 182,419Km²

População: 3.830 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Entre Rios, Marechal Cândido Rondon, Ouro Verde do Oeste, São Pedro do Iguçu, Diamante d'Oeste e Santa Helena.

Gentílico: são-joseliense (IBGE, 2012).

Quadro 17 – Topônimos do município de São José das Palmeiras - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	São José das Palmeiras		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Povoado					
	CODAL ¹¹³		LP	Acronimotopônimo	Simples
	Estrada União		LP+LP	Hodotopônimo	Composto
	José Santa Helena		LP+LP+LP	Antropotopônimo	Composto
	São José		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Água					
	Golondrina ¹¹⁴		LE	Zootopônimo	Simples
Córrego					
	Abelha		LP	Zootopônimo	Simples
	Barra Funda		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Barra Grande		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Barreirinho		LP	Litotopônimo	Simples
	Bonito		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Encontro, do		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Felicidade		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Gameleiro ¹¹⁵		LP	Fitotopônimo	Simples
	Jetaita		LNI	Não classificado	Simples
	Perobal	“ Ypê-roba , a casca amargosa” (SAMPAIO, 1987, p. 251).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Prata ou Apepu	APEPU – “Naranjo silvestre y su fruta, oriundo de America, cuyo jugo, de sabor agrídulce, es delicioso como refresco ¹¹⁶ ” (PERALTA, 1951, p. 10).	LP LG	Litotopônimo Fitotopônimo	Simples Simples
	São Domingos		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Joaquim		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Serrinha		LP	Geomorfotopônimo	Simples
	Três Ranchos		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
Rio					

¹¹³ Companhia de Colonização e Desenvolvimento Rural (CODAL).

¹¹⁴ “Andorinha, pássaro insectívoro, de arribação, da família dos fissirrostrós; peixe do mar” (ALMOYNA, 1979, p. 573).

¹¹⁵ Variação fonética de *Gameleira*. “Árvore natural do Brasil. No interior do nosso país, há o costume de se preparar com este suco leitoso uma massa gomosa, a que dão o nome de *visgo* e que serve para apanhar passarinhos. O lenho desta árvore é muito aproveitado para a confecção de gamelas, tendo sido desta circunstância que lhe veio o nome de *Gameleira*” (CRUZ, 1995 p. 365).

¹¹⁶ “Fruto de laranja silvestre, nativa da América, cujo suco sabor agridoce, é delicioso como refresco” (TN).

	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco Falso Braço Norte ou Corvo Branco		LP+LP+LP+ LP LP+LP	Hagiotopônimo Zootopônimo	Composto Composto

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE SÃO PEDRO DO IGUAÇU

Histórico do nome do município: O nome do município foi dado por um senhor chamado Donato, que construiu a primeira casa da vila e atribuiu a ela o nome do santo do dia: São Pedro.(IBGE, 2012).

Data de instalação: 01-01-1993 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: São Pedro (IBGE, 2012).

Área: 308,329Km²

População: 6.491 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Ouro Verde, São José das Palmeiras, Toledo, Diamante d'Oeste, Vera Cruz do Oeste, Ceu Azul e Santa Tereza do Oeste.

Gentílico: paranavaense (IBGE, 2012).

Quadro 18 - Topônimos do município de São Pedro do Iguaçu - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	São Pedro do Iguaçu		LP+LP+L T	Hagiotopônimo	Composto híbrido
Colônia					
	São Pedro		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Povoado					
	Luz Marina ¹¹⁷		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
	Nove		LP	Numerotopônimo	Simple
	Princesa		LP	Axiotopônimo	Simple
	Santa Eliza		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santa Mônica		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Judas Tadeu		LP+LP+L P	Hagiotopônimo	Composto
	São Pedro		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Três Marcos		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Córrego					
	Arroz, do		LP	Fitotopônimo	Simple
	Prata ou Apepu	APEPU: "Naranjo silvestre y su fruta,	LP/LG	Litotopônimo Fitotopônimo	Simple

¹¹⁷ Foi considerada uma homenagem à Miss Universo 1958 – Luz Marina Zuluaga – da Colombia.

		oriundo de America, cuyo jugo, de sabor agridulce, es delicioso como refresco ¹¹⁸ ” (PERALTA, 1951, p. 10).			
	Barra Longa		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Prata		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Macaco		LP	Zootopônimo	Simples
	Palmital		LP	Fitotopônimo	Simples
	Pingo de Ouro		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	São Pedro		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Três Ranchos		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Vital Brasil		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
Rio					
	Central		LP	Cardinotopônimo	Simples
	Doze		LP	Numerotopônimo	Simples
	São Francisco Falso Braço Norte ou Corvo Branco		LP+LP+L P+LP+LP/ LP+LP	Hagiotopônimo Zootopônimo	Composto Composto
	Santa Quitéria		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Sanga					
	Princesa		LP	Axiotopônimo	Simples

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE TERRA ROXA

Histórico do nome do município: Os colonos italianos que trabalhavam nas lavouras de café ao se referirem à terra vermelha da localidade falavam “terra rossa”, os outros habitantes de nacionalidade brasileira ouviam “roxa” ao invés de “rossa”, o que acabou por motivando o nome do município de Terra Roxa (PREFEITURA DE TERRA ROXA, 2012¹¹⁹)

Data de instalação: 27-10-1962 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Terra Roxa d’Oeste (IBGE, 2012).

Área: 800,809Km²

População: 16.759 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Guaíra, Palotina. Nova Santa Rosa e Mercedes

Gentílico: terra-roxense (IBGE, 2012).

¹¹⁸ “Fruto de laranja silvestre, nativa da América, cujo suco sabor agridoce, é delicioso como refresco” (TN).

¹¹⁹ Informações retiradas do site http://www.terraroxa.pr.gov.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=2069&Itemid=33#origem. Acessado em 20.jan.2013.

Quadro 19 – Topônimos do município de Terra Roxa - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Terra Roxa		LP+LP	Litotopônimo	Composto
Colônia					
	C		LP	Grafematopônimo	Simples
	Serra Maracajú	“O chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico” (SAMPAIO, 1987, p. 279).	LP+LT	Geomorfotopônimo	Composto híbrido
Distrito					
	Santa Rita do Oeste		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Povoado					
	Alto alegre		LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
	Aparecidinha		LP	Antropotopônimo	Simples
	Mirassol ¹²⁰		LP	Zootopônimo	Simples
	Taturi	“TATUHI, Tatú-y , o rio do tatu” (SAMPAIO, 1987, p. 326).	LT	Zootopônimo	Simples
	Estrada da Peroba		LP+LT	Hodotopônimo	Composto
Vila					
	Dez		LP	Numerotopônimo	Simples
	Guarani	“ Guarini , o guerreiro, o lutador” (SAMPAIO, 1987, p.238).	LT	Etnotopônimo	Simples
Água					
	Tucano, do	“ Tu-quã , o bico que sobrepuxa, o bico exagerado” (SAMPAIO, 1987, p. 333).	LT	Zootopônimo	Simples
	Paloma		LP	Antropotopônimo	Simples
Arroio					
	Canto, do		LP	Morfotopônimo	Simples
	Erva Mate		LP+LQ	Fitotopônimo	Composto Híbrido
	Guaçu	“Como adjetivo, exprime grande, grosso, largo, amplo” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Dimensiotopônimo	Simples
	Guaçuzinho	Guaçu+zinho	LT	Dimensiotopônimo	Simples

¹²⁰ Houaiss (2001) define *mirassol* como sinônimo de olho-de-cão que, por sua vez, nomeia o “peixe teleosteo, perciforme, da família dos priacantídeos (*Priacanthus arenatus*), encontrado em águas tropicais e subtropicais do Atlântico, comum no Sudeste brasileiro”.

	Joana		LP	Antropotopônimo	Simples
	Serpentina		LP	Ergotopônimo	Simples
	Vira Volta		LP+LP	Dirrematopônimo	Composto
Córrego					
	Água Branca		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Bom retiro		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Butuca	“MUTUCA, inseto da família dos tabanídeos” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 180).	LT	Zootopônimo	Simples
	Cabeça de boi		LP+LP	Somatopônimo	Composto
	Caçador		LP	Sociotopônimo	Simples
	Caiopá	“Caiobá, nome de tribo guarani da região” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 34).		Etnotopônimo	Simples
	Cambuí ¹²¹	“ Caá-mboy , a planta ou folha que se desprende. (<i>Myrtacea</i>)” (SAMPAIO, 1987, p. 214).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Canela ¹²²		LP	Fitotopônimo	Simples
	Caracol		LNI	Zootopônimo	Simples
	Carolina		LNI	Antropotopônimo	Simples
	Anta, da		LP	Zootopônimo	Simples
	Desejo, do		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Floresta		LP	Fitotopônimo	Simples
	Fundo		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Iparacal		LNI	Não classificado	Simples
	Jacaré	“ Ya-caré , aquele que é torto ou sinuoso. (<i>Crocodilus sclerops</i>)” (SAMPAIO, 1987, p. 263).	LT	Zootopônimo	Simples
	Lajeado		LP	Litotopônimo	Simples
	Marfim		LP	Cromotopônimo	Simples
	Morena Chácara Primavera		LP+LP+L P	Etnotopônimo	Composto
	Palmital		LP	Fitotopônimo	Simples
	Romão		LP	Antropotopônimo	Simples
	Roncador		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Roncador, do		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Santa Lourdes		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Bento		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Paulo		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Vicente		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto

¹²¹ “Nome utilizado para designar popularmente varias espécies arbustivas a sub-arbóreas pertencentes à família *Myrtaceae* como, por exemplo, *Myrciaria delicatula*, *Myrciaria tenella*, *Gonidesia palustris*, esta última é uma espécie arbórea que ocorre desde Minas Gerais até a Argentina; a madeira dura é utilizada para lenha; *Mosiera prismática*, espécie arborea que ocorre no Paraná e Santa Catarina; a madeira é utilizada para lenha e carvão e *Myrcia multiflora*, espécie arbórea pequena, citada para o Cerrado” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p.77).

¹²² “Espécie arbórea, nativa do Sri Lanka e da Ásia Meridional, cuja casca, odorífera, se usa como especiaria, principalmente em doces” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p.79).

	Segunda ponte		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Silvestre		LP	Fitotopônimo	Simples
	Sucupira	Mesmo que SIBIPIRA “ Cibepyra , alusão à madeira pesada” (SAMPAIO, 1987, p. 314).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Taturi	“TATUHI, Tatú-y , o rio do tatu” (SAMPAIO, 1987, p. 326).	LT	Zootopônimo	Simples
	Tatuzinho	“ ta-tú , o casco encorpado, ou grosso, couraça” (SAMPAIO, 1987, p.326).	LT	Zootopônimo	Simples
Ribeirão					
	Açu	“Grande, considerável” (SAMPAIO, 1987, p.191).	LT	Dimensiotopônimo	Simples
	Maracajú	“ Maracá-yu . O chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico” (SAMPAIO, 1987, p. 279).	LT	Ergotopônimo	Simples
	Tapera	“ Tab-éra , a aldeia extinta” (SAMPAIO, 1987, p. 322).	LT	Ecotopônimo	Simples
Rio					
	Açu	“Grande, considerável” (SAMPAIO, 1987, p.191).	LT	Dimensiotopônimo	Simples
	Chororó	“Mesmo que Tororó s. O jorro, o enxurro, a enxurrada” (SAMPAIO, 1987, p. 332).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Pato, do		LP	Zootopônimo	Simples
	Paraná	“ Pará-nã , o que é semelhante ao mar” (SAMPAIO, 1987, p. 294).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Birigui	BIRIGUI “mesmo que MAROIM, os mosquitos” (SAMPAIO, 1987, p. 281).	LT+LT	Hidrotopônimo	Composto
	São João		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Taturi	“TATUHI Tatú-y , o rio do tatu” (SAMPAIO, 1987, p. 326).	LT	Zootopônimo	Simples
Sanga					
	Cinquenta e Dois		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Líria	“Lírio, gênero de plantas da família das iliáceas” (CUNHA, 1986, p.477).	LP	Antropotopônimo	Simples
Serra					

	Maracaju, do	“ Maracá-yu . O chocalho amarelo; o guizo, o cascavel metálico” (SAMPAIO, 1987, p. 279).	LT	Zootopônimo	Simple
--	--------------	---	----	-------------	--------

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE TOLEDO

Histórico do nome do município: O nome do município faz referência ao Rio Toledo, que corta o seu território (IBGE, 2012)

Data de instalação: 14-12-1952 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 1.197,002 Km².

População: 119.313 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Assis Chateaubriand, Maripá, Nova Santa Rosa, Tupãssi, Cascavel, São Pedro do Iguçu, Ouro Verde do Oeste, Marechal Cândido Rondon e Quatro Pontes.

Gentílico: toledano ou toledense (IBGE, 2012).

Quadro 20 – Topônimos do município de Toledo - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Toledo		LP	Hidrotopônimo	Simple
Distrito					
	Concórdia do Oeste		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Dez de Maio		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Dois Irmãos		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Novo Sarandi	“ Çarandyba , o deslizadeiro, as longarinas por ser sobre que deslizam as madeiras” (SAMPAIO, 1987 p. 313).	LP+LT	Cronotopônimo	Composto híbrido
	São Luiz do Oeste		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Miguel		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Novo Sobradinho		LP+LP	Cronotopônimo	Composto
Povoado					
	Alvorada		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Boa Vista		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto

	Bom Princípio		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Descoberto		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Dezoito de Abril		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Flor da Serra		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	General Osório		LP+LP	Axiotopônimo	Composto
	Jardim Porto Alegre		LP+LP+ LP	Fitotopônimo	Composto
	Lajeado Grande		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Maripá		LP	Acronimotopônimo	Simples
	Nova Santa Rosa		LP+LP+ LP	Cronotopônimo	Composto
	Nova Videira		LP+LP	Cronotopônimo	Composto
	Ouro Preto		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Pirapó	“ Pirá-pora , a morada do peixe; o que contém peixe” (SAMPAIO, 1987 p. 303).	LT	Ecotopônimo	Simples
	Quatro Pontes		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Santa Terezinha		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Roque do Lopeí		LP+LP+ LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Salvador		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Sebastiao		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Sol Nascente		LP+LP	Astrotopônimo	Composto
	Três Bocas		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Vista Alegre		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Xaxim	“ XANCHIM Chanchim , a corda lisa, a fibra macia” (SAMPAIO, 1987, p. 345).	LT	Fitotopônimo	Simples
Vila					
	Brasil		LP	Corotopônimo	Simples
	Cristal		LP	Litotopônimo	Simples
	Pioneira		LP	Numerotopônimo	Simples
Acidentes Físicos					
Água					
	Angico		LP	Fitotopônimo	Simples
	Bambu		LNI	Fitotopônimo	Simples
	Caçador		LP	Sociotopônimo	Simples
	Cascavel		LP	Zootopônimo	Simples
	Clara		LP	Cromotopônimo	Simples
	Dois Irmãos		LP+LP	Numerotopônimo	Simples
	Enganador		LP	Animotopônimo Disfórico	Simples
	Esperança		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Guairapó		LNI	Não classificado	Simples
	Jacutinga	“ Yacu-tinga , o jacu branco” (SAMPAIO, 1987, p. 264).	LT	Zootopônimo	Simples
	Jataí	“ Yá-atã-yba , a árvore de fruto duro. Designa também uma qualidade de abelha”	LT	Fitotopônimo/ Zootopônimo	Simples

		(SAMPAIO, 1987, p. 268).			
	Lambari	“ Aramberĩ , o peixinho de água doce semelhante à sardinha” (SAMPAIO, 1987, p. 273).	LT	Zootopônimo	Simples
	Macaco, do		LP	Zootopônimo	Simples
	Palmito		LP	Fitotopônimo	Simples
	Pavão		LP	Zootopônimo	Simples
	Quati	“Qua-ti, o que é riscado, ou lanhado” (SAMPAIO, 1987, p. 308).	LT	Zootopônimo	Simples
	Ranchinho		LE	Ecotopônimo	Simples
	Santo Antonio		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São João		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Silvino		LP	Antropotopônimo	Simples
	Surucua	“Designação comum às aves trogoniformes, de plumagem exuberante, cauda longa, retangular e graduada [São aves de hábitos florestais.]” (HOUAISS, 2001).	LT	Zootopônimo	Simples
	Tarumã	“taru'mã 'planta da fam. das verbenáceas” (HOUAISS, 2001).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Verde		LP	Cromotopônimo	Simples
	Xaxim	“XANCHIM Chan-chim , a corda lisa, a fibra macia” (SAMPAIO, 1987, p. 345).	LT	Fitotopônimo	Simples
Arroio					
	Dezoito de Abril		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Guaçu	“Como adjetivo, exprime grande, grosso, largo, amplo” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Dimensiotopônimo	Simples
	Jaguarandi	Segundo Aulete online (2007) é o mesmo que JABORANDI. JABORANDY – “aquele que faz salivar. É a planta medicinal <i>Pilocarpus senatifolius</i> ” (SAMPAIO, 1987, p. 262).	LT	Fitotopônimo	Simples
Cerro					
	Lola, da		LP	Antropotopônimo	Simples
	Verde		LP	Cromotopônimo	Simples
Córrego					
	Água Branca		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Barra Bonita		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto

	Barro Preto		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Canela		LP	Fitotopônimo	Simples
	Cavalo Morto		LP+LP	Zootopônimo	Composto
	Gritador		LP	Animotopônimo Disfórico	Simples
	Guaçuzinho	“Como adjetivo, exprime grande, grosso, largo, amplo” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Dimensiotopônimo	Simples
	Guarani	“ Guanani , o guerreiro, o lutador” (SAMPAIO, 1987, p. 238).	LT	Etnotopônimo	Simples
	Ipiranga	Y – “A água, o líquido; o rio, a corrente” (SAMPAIO, 1987, p. 345). PIRANGA – “Vermelho, corado, ruivo, rubro, pardo” (SAMPAIO, 1987, p. 302).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Irucú	“Ira-uçu, O mel grande” (SAMPAIO, 1987, p. 254).	LT	Zootopônimo	Simples
	Itá	“ Y-tá , o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral” (SAMPAIO, 1987, p. 254).	LT	Litotopônimo	Simples
	Jacaré	“ Ya-caré , aquele que é torto, sinuoso” (SAMPAIO, 1987, p. 263).	LT	Zootopônimo	Simples
	Jurema	“ Yu-r-ema , o espinheiro succulento; árvore espinhenta do sertão” (SAMPAIO, 1987, p. 271).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Lajeado		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Laranjeira		LP	Fitotopônimo	Simples
	Mandarina ¹²³		LP	Fitotopônimo	Simples
	Peabiru	“De origem tupi ‘ pe ’... caminho + ‘ abiru ’... aterrado, consertado: caminho conservado ou consertado” (FERREIRA, 2006, p. 227).	LT	Hodotopônimo	Simples
	Pindorama	“ Pindo-rama , a região ou país das palmeiras” (SAMPAIO, 1987, p. 301).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Poço Grande		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Quinze de		LP+LP	Historiotopônimo	Composto

¹²³ Houaiss (2001) classifica *mandarina* como um regionalismo do Rio Grande do Sul na acepção de *tangerina*.

	Novembro				
	Saltos, dos		LP	Hidrotopônimo/ Corotopônimo	Simples
	Santa Rosa		LP+LP	Hagiotopônimo/ Corotopônimo	Composto
	Sarandi	“Bras. PR Ilhota pedregosa” (Aurélio, 2004).	LT	Hodotopônimo	Simples
	Soco-Boê	“ Çoo-çó-boy , Nome de uma árdea que esconde o corpo debaixo d’água, mostrando só a cabeça e parte de seu extraordinário pescoço, com o que simula uma cobra, surgindo a superfície da água” (SAMPAIO, 1987, p. 315).	LT	Zootopônimo	Simples
	Tandilo		LE	Antropotopônimo	Simples
	Taquarucú	“ Taquar-uçú , a cana grande, a taquara grossa, o bambu” (SAMPAIO, 1987, p. 325).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Tigre		LP	Zootopônimo	Simples
	Tigres, dos		LP	Zootopônimo	Simples
	Várzea, da		LP	Geomorfotopônimo	Simples
Rio					
	Correntoso		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Descoberto		LP	Animotopônimo Disfórico	Simples
	Dezoito de Abril		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Jáguarundi	Segundo Aulete online (2007) é o mesmo que JABORANDI JABORANDY – “aquele que faz salivar. É a planta medicinal <i>Pilocarpus senatifolius</i> ” (SAMPAIO, 1987, p. 262).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Lopeí		LNI	Não classificado	Simples
	Marreco		LNI	Zootopônimo	Simples
	Memória		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco Falso Braço Norte ou Corvo Branco		LP+LP+ LP+LP+L P/LP+LP	Hagiotopônimo Zootopônimo	Composto Composto
	Toledo		LP	Corotopônimo	Simples
Sanga					
	Antas, das		LP	Zootopônimo	Simples
	Araruna	“Ará-uma, o papagaio escuro; arara azul” (SAMPAIO, 1987, p.	LT	Zootopônimo	Simples

		200).			
	Arteira		LP	Animotopônimo Disfórico	Simple
	Campina		LP	Fitotopônimo	Simple
	Cedro		LP	Fitotopônimo	Simple
	Floresta		LP	Fitotopônimo	Simple
	Funda		LP	Dimensiotopônimo	Simple
	Guaruvinha		LNI	Não classificado	Simple
	Ipacurá	Ypá – “a estância, ou pouso d’água, a lagoa” (SAMPAIO, 1987, p. 346). Caray – “o apelido do homem branco, europeu” (SAMPAIO, 1987, p. 218).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Ipiranga	Y – “A água, o líquido; o rio, a corrente” (SAMPAIO, 1987, p. 345). PIRANGA – “Vermelho, corado, ruivo, rubro, pardo” (SAMPAIO, 1987, p. 302).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Jundiá	“A cabeça armada de barbatanas. É o peixe d’água doce” (SAMPAIO, 1987, p. 271).	LT	Zootopônimo	Simple
	Lajes		LP	Litotopônimo	Simple
	Maracá	“A cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pajés)” (SAMPAIO, 1987, p. 279).	LT	Ergotopônimo	Simple
	Mochila		LE	Ergotopônimo	Simple
	Panambi	“A mariposa” (SAMPAIO, 1987, p. 293).	LT	Zootopônimo	Simple
	Pinhalzinho		LP	Fitotopônimo	Simple
	Pinheirinho		LP	Fitotopônimo	Simple
	Pirapó	“A morada do peixe; o que contém peixe. Significa também, o peixe salta, no tupi amazônico” (SAMPAIO, 1987, p. 303).	LT	Ecotopônimo	Simple
	Pitanga	“O nome da fruta ácida de pele delicada e corada” (SAMPAIO, 1987, p. 304).	LT	Fitotopônimo	Simple
	Ratos, dos		LP	Zootopônimo	Simple
	Rui Barbosa		LP+LP	Historiotopônimo	Composto
	Tarumã	“planta da fam. das verbenáceas” (HOUAISS, 2001).	LT	Fitotopônimo	Simple

	Vera, da		LP	Antropotopônimo	Simples
--	----------	--	----	-----------------	---------

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE TUPÃSSI

Histórico do nome do município: Segundo informações da prefeitura¹²⁴ do município, o nome é em homenagem a Fazenda Tupãssi pertencente à Colonizadora Norte do Paraná, situada no Mato Grosso.

Data de instalação: 01-02-1983 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 310,910Km²

População: 7.997 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Assis Chateaubriand, Cascavel, Nova Aurora, Cafelândia e Toledo.

Gentílico: tupãsiense (IBGE, 2012).

Quadro 21 – Topônimos do município de Tupãssi - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Tupãssi	“Mãe de Deus” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 114).	LT	Hierotopônimo	Simples
Colônia					
	Pindorama	“ Pindó-rama , a região ou país das palmeiras” (SAMPAIO 1987, p. 301).	LT	Fitotopônimo	Simples
Povoado					
	Brasiliana ¹²⁵		LP	Ergotopônimo	Simples
	Crispim ¹²⁶		LF	Antropotopônimo	Simples

¹²⁴ Informações retiradas em: <http://www.portaltupassi.com.br/nossa-cidade>. Acessado em 14.jan.2013.

¹²⁵ Conforme Houaiss Eletrônico (2001) esse termo significa “coleção de estudos, livros, publicações, filmes, músicas, material visual etc. sobre o Brasil”

¹²⁶ Para Houaiss (2001), a unidade lexical *Crispim* designa a “personagem que representa um criado esperto e fanfarrão, adulator e relapso, provavelmente originário da *commedia del'arte* (Crispino), de onde passou para a antiga comédia francesa do sXVI (Crispin), ger. trajado de preto, de espadim e botas”.

	Formigueiro		LP	Zootopônimo	Simple
	Jotaesse ¹²⁷		LP	Acronimotopônimo	Composto
	Memória		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Onze		LP	Numerotopônimo	Simple
	Palmitolândia		LP	Fitotopônimo	Simple
	Peixe, do		LP	Zootopônimo	Simple
	Quatro bocas		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	São Roque da Memória		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Valentim		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Água					
	Angico, do		LP	Fitotopônimo	Simple
	Azul		LP	Cromotopônimo	Simple
	Bela vista		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Paulistas, dos		LP	Etnotopônimo	Simple
Arroio					
	Silvestre		LP	Não classificado	Simple
Córrego					
	Crispim		LP	Antropotopônimo	Simple
	Curi	“ Curi , o pinhão, o fruto do pinheiro (<i>Araucaria brasiliensis</i>)” (SAMPAIO, 1987, p. 227).	LT	Fitotopônimo	Simple
	Embargo		LP	Animotopônimo Disfórico	Simple
	Gritador		LP	Animotopônimo Disfórico	Simple
	Guaçuzinho	“Como adjetivo, exprime grande, grosso, largo, amplo” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Dimensiotopônimo	Simple
	Jandaia	“ Nhand-ái , correndo sempre; o andejo, o errante. É um papagaio pequeno de cabeça, peito e encontros amarelos. (<i>Psittacus surdus</i>)” (SAMPAIO, 1987, p. 267).	LT	Zootopônimo	Simple
	Lajeado		LP	Litotopônimo	Simple
	Novo horizonte		LP+LP	Cronotopônimo	Composto
	Porvenir ¹²⁸		LE	Animotopônimo Eufórico	Simple
	São Vicente		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Simone		LP	Antropotopônimo	Simple
	Vitória		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple

¹²⁷ O desmembramento da sigla é João Simões, dono da Gleba que pertencia o distrito de Jotaesse. Informações retiradas em: <http://www.portaltupassi.com.br/nossa-cidade>. Acessado em 14.jan.2013.

¹²⁸ Foi relacionada com devenir, que conforme Houaiss Eletrônico (2001) significa “vir a ser; tornar-se, transformar-se”.

Rio					
	Alívio		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Boi Pigúá		LP+LNI	Zootopônimo	Híbrido
	Lambari	“ Aramberĩ , o peixinho de água doce semelhante a sardinha” (SAMPAIO, 1987, p. 273).	LT	Zootopônimo	Simples
	Memória		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Peixe, do		LP	Zootopônimo	Simples
	Verde		LP	Cromotopônimo	Simples
Sanga					
	Araruna	“Araúna., Ará-uma , o papagaio escuro; arara azul-celeste, escura” (SAMPAIO, 1987, p. 200).	LT	Zootopônimo	Simples
	Azul		LP	Cromotopônimo	Simples
	Caraguatá ¹²⁹	“ Car-tã , o carauá rijo, duro” (SAMPAIO, 1987, p. 217).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Jacutinga	“ Yacú-tinga , o jacu branco. (<i>Penelope leucoptera</i>)” (SAMPAIO, 1987 p. 264).	LT	Zootopônimo	Simples
	Vinte e Seis		LP+LP	Numerotopônimo	Composto

MICRORREGIÃO FOZ DO IGUAÇU

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE CÉU AZUL

Histórico do nome do município: Os primeiros moradores observaram que o céu estava limpo e apresentava um azul celeste, ao contrário do que apresentava o lado do Parque Nacional do Iguaçu. Devido a essa paisagem resolveram chamar o lugar de Céu Azul. (FERREIRA, 2006, p. 84).

Data de instalação: 22. 12.1968 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 1.179,449 Km²

População: 11.032 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: São Pedro do Iguaçu, Capanema, Lindoeste e Matelândia (ATEPAR, 1999).

¹²⁹ “Planta popularíssima em certas regiões do Brasil, sendo mais encontrada, principalmente em São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. “(CRUZ, 1995 p. 172).

Gentílico: céu-azulense (IBGE, 2012).

Quadro 22 – Topônimos do município de Céu Azul - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Céu Azul		LP+LP	Meteorotopônimo	Composto
Colônia					
	Benjamin Constant		LP+LP	Historiotopônimo	Composto
	Guairiçá	Guairacá: “carnívoro da família Mustelídea; lontra” (TIBIRIÇÁ, 1984, p.102).	LT	Zootopônimo	Simples
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Povoado					
	Butu Bueno	Ybytú: “o vento, o sopro, a ventania; o ar, o tempo, o clima” (SAMPAIO, 1987, p. 210).	LT	Meteorotopônimo	Composto
	Dois Irmãos		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Lagoa Azul		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Nova União		LP+LP	Cronotopônimo	Composto
	Santa Luzia		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santa Rita		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Cristóvão		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Roque		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Tatujupi	TA-TÚ: “o casco encorpado, ou grosso, couraça” (SAMPAIO, 1987, p.326). Yu-pi, “o pé de espinho” (SAMPAIO, 1987, p.271).	LT+LT	Zootopônimo	Composto
	Treze ou Bueiro		LP/LP	Numerotopônimo Hodotopônimo	Simples
Acidentes Físicos					
Água					
	Romana, da		LP	Antropotopônimo	Simples
Córrego					
	Boa Vista		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Braço Norte		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Bueno		LP	Antropotopônimo	Simples
	Cabeceiras		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Cafezal		LP	Sociotopônimo	Simples

	Corredeira		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Lagoa, da		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Salto, do		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Tigre, do		LP	Zootopônimo	Simples
	Dobrado		LP	Morfotopônimo	Simples
	Dois de Maio		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Juca		LP	Antropotopônimo	Simples
	Jumelo		LP	Ergotopônimo	Simples
	Juriti	“Ave da família. dos colomíbideos” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 119).	LT	Zootopônimo	Simples
	Lagoa Azul		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Tatujupi	Ta-tú , “o casco encorpado, ou grosso, couraça” (SAMPAIO, 1987, p.326) Yu-pi , “o pé de espinho” (SAMPAIO, 1987, p.271).	LT	Zootopônimo	Composto
	Uru	“Nome comum das galináceas no tupi” (SAMPAIO, 1987, p. 340)	LT	Zootopônimo	Simples
Lajeado					
	Branco		LP	Cromotopônimo	Simples
Parque nacional					
	Iguaçu, do	Yguassu, “Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LT	Hidrotopônimo	Simples
Rio					
	Butu	Ybytú , “o vento, o sopro, a ventania; o ar, o tempo, o clima” (SAMPAIO, 1987, p. 210).	LT	Meteorotopônimo	Composto
	Castro Alves		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
	Corvo Branco		LP+LP	Zootopônimo	Composto
	Florianópolis		LP	Antropotopônimo	Simples
	Gonçalves Dias		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco Falso		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco Falso Braço Norte ou Corvo Branco		LP+LP +LP+LP+L P LP+LP	Hagiotopônimo Zootopônimo	Composto Composto
	São Francisco Falso Braço Sul		LP+ LP+LP LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Silva Jardim		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
	Treze		LP	Numerotopônimo	Simples

	Xaxim	“Chan-chim, ou çam-cĩ, a corda lisa, a fibra macia” (SAMPAIO, 1987, p.345).	LT	Fitotopônimo	Simple
Salto					
	Sampaio		LP	Antropotopônimo	Simple
	Feraday		LNI	Antropotopônimo	Simple
Sanga					
	Biapó	Varição de Ibiapó – “Terra do trabalho”	LG	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Panelas, das		LP	Ergotopônimo/ Hidrotopônimo	Simple
	Pedras, das		LP	Litotopônimo	Simple
	Escondida		LP	Hidrotopônimo	Simple
	Menegus		LNI	Antropotopônimo	Simple
	São Laticínio		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Tarumã	“Designativo comum a várias árvores e arbustos do gênero. *taru'mã” (HOUAISS, 2001, p. 2676).	LT	Fitotopônimo	Simple

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU

Histórico do nome do município: O nome do município é em relação a sua posição geográfica.

Situa-se na confluência dos rios Paraná e Iguaçu, assim, recebeu o nome de Foz do Iguaçu.

Data de instalação: 23.11.1889 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Iguaçu.

Área: 617,702Km²

População: 256.088 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Itaipulândia, São Miguel do Iguaçu e Santa Terezinha de Itaipu.

Gentílico: iguaçuense (IBGE, 2012).

Quadro 23 – Topônimos do município de Foz do Iguaçu - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Acidentes humanos					
Cidade					
	Foz do Iguaçu	“Yguassu, Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LP+LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
Bairro					

	Jupiri ¹³⁰	Variação de Jukeri, “espécie de planta também chamada mimosa, sensitiva e dormideira” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 78).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Remanso Grande		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
Jardim					
	Flores, das		LP	Fitotopônimo	Simples
	Nações, das		LP	Corotopônimo	Simples
Distrito					
	Alvorada do Iguaçu	“Yguassu, Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LP+LT	Animotopônimo Eufórico	Composto híbrido
Povoado					
	Aparecidinha		LP	Antropotopônimo	Simples
	Bela Vista		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Campos do Iguaçu	“Yguassu. rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LP+LT	Geomorfotopônimo	Composto híbrido
	Guarani	Guarini, “o guerreiro, o lutador” (SAMPAIO, 1987, p. 238).	LT	Etnotopônimo	Simples
	Laranjal		LP	Fitotopônimo	Simples
	Lote ¹³¹ Grande		LP+LP	Hodotopônimo	Composto
	Marco Três Fronteiras		LP+LP+LP	Cardinotopônimo	Composto
	Ouro Verde		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Poço Preto		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	São João		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Sebastião		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Três Lagoas		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Vista alegre		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
Vila					
	Carimã	“CARIMAN Quirinmã, o bolo tenro, ou punhado de coisa macia. É o produto da mandioca fermentada e amolecida” (SAMPAIO, 1987, p. 218).	LT	Ergotopônimo	Simples
	Copacabana	“Aurora azul turqueza” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 44).	LQ	Corotopônimo	Simples
	Militar		LP	Sociotopônimo/axiotopônimo	Simples
	Nova		LP	Cronotopônimo	Simples

¹³⁰ O mesmo que JUQUERI, planta que, por sua vez, “ocorre principalmente em regiões de altitude, principalmente no Sul do Brasil, ocasionalmente cultivada como ornamental” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 218).

¹³¹ Para a lexia *lote* foi considerada a acepção fornecida por Houaiss Eletrônico (2001) “terreno de pequenas dimensões, urbano ou rural, que se destina a construções ou à pequena agricultura”.

	Satélite		LP	Astrotopônimo	Simples
Acidentes Físicos					
Água					
	Aterro, do		LP	Geomorfotopônimo	Simples
Cataratas					
	Iguaçu, do	Yguassu , “rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LT	Hidrotopônimo	Simples
Corredeira					
	Apepu, do	“Naranja silvestre y su fruta, oriundo de America, cuyo jugo, de sabor agridulce, es delicioso como refresco ¹³² ” (PERALTA, 1951, p. 10).	LG	Fitotopônimo	Simples
	Bonita		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Formiga, da		LP	Zootopônimo	Simples
	Irene, da		LP	Antropotopônimo	Simples
Córrego					
	Apepu		LG	Fitotopônimo	Simples
	Apepuzinho		LG	Fitotopônimo	Simples
	Azul		LP	Cromotopônimo	Simples
	Bela Vista		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Boi-Ci	“De mboyssy , o que é posto em fila; pode, no entanto, ser uma possível abreviação de mboissini , cascavel” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 29).	LT	Zootopônimo	Simples
	Carimã	“ CARIMAN: Quirinmã , o bolo tenro, ou punhado de coisa macia. É o produto da mandioca fermentada e amolecida” (SAMPAIO, 1987, p. 218).	LT	Ergotopônimo	Simples
	Corvos, dos		LP	Zootopônimo	Simples
	Dourado		LP	Zootopônimo	Simples
	Guabirobinha	“ Guabi-iroba , o comestível amargo, ou o fruto que trava. Alt. Guaviroba, Guabirova, Guamiroba ” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Jacutinga	“ Yacú-tinga , o jacu branco. (<i>Penelope</i>	LT	Zootopônimo	Simples

¹³² “Fruto de laranja silvestre, nativa da América, cujo suco de sabor agridoce, é delicioso como refresco” (TN).

		<i>leucoptera</i>)” (SAMPAIO, 1987, p. 264)			
	Lajeado		LP	Litotopônimo	Simples
	Leão		LP	Zootopônimo	Simples
	Matias Almada		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
	Mingau	“ Mingá-ú , ou monga-ú , o comer visguento, as papas ralas da mandioca” (SAMPAIO, 1987, p. 282)	LT	Ergotopônimo	Simples
	Morungone		LNI	Não classificado	Simples
	Pomba-Cuê ¹³³	CUÉ, “velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido” (SAMPAIO, 1987, p. 226).	LP+LG	Zootopônimo	Composto híbrido
	Taquapetinga	TAQUARITINGA, “o taquari branco”(SAMPAIO, 1987, p. 325).	LT	Fitotopônimo	Simples
Ilha					
	Santa Maria		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Ilhota					
	Taquaras, das	“ Ta-quara , a haste furda ou oca” (SAMPAIO, 1987, p. 325)	LT	Fitotopônimo	Simples
Lago					
	Itaipu, de	“ Itá-ypú , a fonte das pedras; o manancial saído da pedra ou do rochedo” (SAMPAIO, 1987, p. 256).	LT	Hidrotopônimo	Simples
Lagoa					
	Jacaré, do	“ Ya-caré , aquele que é torto, ou sinuoso” (SAMPAIO, 1987, p. 263).	LT	Zootopônimo	Simples
Lajeado					
	Ipiranga	“Rio vermelho” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 61).	LT	Hidrotopônimo	Simples
Parque					
	Aves, das		LP	Zootopônimo	Simples
	Iguaçu, do	“ Yguassu , rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LT	Hidrotopônimo	Simples
Porto					
	Belo		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Irene		LP	Antropotopônimo	Simples
	Meira		LP	Antropotopônimo	Simples
Rio					

¹³³ Sampaio (1987, p. 226) esclarece que *cuê* é mais comum no guarani.

	Guabiroba ¹³⁴	“ Guabi- iroba , o comestível amargo, ou o fruto que trava” (SAMPAIO, 1987, p. 235),	LT	Fitotopônimo	Simple
	Iguaçu	“ Yguassu . Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Ocoí	Reserva indígena pertencente ao município de São Miguel do Iguaçu.	LT	Etnotopônimo	Simple
	Paraná	Pará-nã , “o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios” (SAMPAIO, 1987, p. 294).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Passo ¹³⁵ -Cuê	CUÊ, “Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido” (SAMPAIO, 1987, p. 226).	LP+LG	Hodotopônimo	Composto híbrido
	São João		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Tamanduá	“O caçador de formigas” (SAMPAIO, 1987, p. 320)	LT	Zootopônimo	Simple
	Tamanduazinho	“O caçador de formigas” (SAMPAIO, 1987, p. 320)	LT	Zootopônimo	Simple
Sanga					
	Boqueirão		LP	Geomorfotopônimo	Simple
	Funda		LP	Dimensiotopônimo	Simple

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE ITAIPULÂNDIA

Histórico do nome do município: Com o fechamento das comportas da Usina de Itaipu, o núcleo urbano do município ficou submerso, assim, Itaipulândia é em homenagem à Usina de Itaipu (FERREIRA, 2006, p. 150).

Data de instalação: 01-01-1993 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Aparecidinha d`Oeste.

¹³⁴ “Esta espécie medra nos Estados do extremo sul do Brasil, sobretudo no Rio Grande do Sul. Trata-se de um arbusto muito conhecido nessas regiões da nossa Pátria e cujas folhas são dotadas de forte adstringência” (CRUZ, p. 375).

¹³⁵ Foi considerado para o termo *passo* a classificação em Houaiss eletrônico (2001) como “entrada ou passagem estreita; mesmo que desfiladeiro; passagem de mar;estreito; num rio ou arroio, local de passagem habitual ” O que concorda com a proposta de Dick (1990a p. 249) ao submeter os *hodotopônimos* à ideia de passagem entre cursos d’água.

Área: 331,289Km²

População: 9.026 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Santa Helena, Missal, Medianeira, São Miguel do Iguaçu, Foz do Iguaçu e com o lago de Itaipú, Ciudad de Leste – Paraguai.

Gentílico: itaipulandiense (IBGE, 2012).

Quadro 24 – Topônimos do município de Itaipulândia - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Acidentes humanos					
Cidade					
	Itaipulândia	“ITAIPÚ, a fonte das pedras; o manancial saído da pedra ou do rochedo” (SAMPAIO, 1987, p. 256)	LT	Hidrotopônimo	Simple
Distrito					
	São José do Itavó	Itavó Itá: “Pedra. Metal. Sino. Rocha” (SAMPAIO, 1986 p. 59) Vó: “rachar, abrir, partir, dividir. Greta, abertura, quebradura” (SAMPAIO, 1986 p. 177).	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
Povoado					
	Aparecidinha do Oeste		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
	Caramuru ou Plaquinha	CARAMURU, “peixe de mar” (CUNHA, 1985, p. 153)	LT LP	Zootopônimo/ Etnotopônimo Ergotopônimo	Simple Simple
	Catureta ¹³⁶		LNI	Zootopônimo	Simple

¹³⁶ O topônimo foi considerado uma variação de *caturrita*, que conforme Houaiss Eletrônico (2001) é um “periquito (*Myiopsitta monachus*) que ocorre em áreas campestres, na Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil (MS e RS); com cerca de 30 cm de comprimento, plumagem verde, cabeça e pescoço acinzentados, peito com faixas brancas, cauda longa, bico amarelo e rêmiges azuis; catorra, catorrita, catorrita-verde, papo-branco, periquito-do-pantanal”.

	Cristo Rei		LP+LP	Hierotopônimo	Composto
	Guaraci	“ Guara-cy , a mãe dos viventes; o criador da gente; o sol” (SAMPAIO, 1987, p. 237).	LT	Mitotopônimo	Simples
	Inhuvera	“Ñu – (subst.) campo, prado, extensão de terra sem mata pode ter ou não árvores, terreno extenso, plano que pode ser destinado a pastagens ou cultivo agrícola”. Nhum-Verá : designativo formado por Ñu mais o substantivo “vera: brilho, luminosidade, fulgor, claridade, luz, lucidez” (ASSIS, 2008 apud CAZAROTTO, 2010, p. 265).	LG	Geomorfotopônimo	Simples
	Itacorá	Itacorá Itá : “pedra. Metal. Sino. Rocha” (SAMPAIO, 1986, p. 59) Korá : “cercado. Aprisco. Curral. Devesa” (Sampaio, 1986, p. 91).	LT	Litotopônimo	Simples
	Itavó	Itavó Itá : “pedra. Metal. Sino. Rocha” (SAMPAIO, 1986, p. 59); Vo : “rachar, abrir, partir, dividir. Greta, abertura, quebradura” (SAMPAIO, 1986, p. 177)	LT	Litotopônimo	Simples
	Jacutinga	“ Yacú-tinga , o jacu branco. (<i>Penelope leucoptera</i>)” (SAMPAIO, 1987, p. 264).	LT	Zootopônimo	Simples
	Lindamar		LNI	Antropotopônimo	Simples
	Lobo		LP	Zootopônimo	Simples
	Lusitânia		LP	Corotopônimo	Simples
	Machadinho		LP	Antropotopônimo	Simples
	Santa Inês		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Sol de Maio		LP+LP	Animotopônimo	Composto

				Eufórico	
Porto					
	Itacorá	Itacorá Itá “Pedra. Metal. Sino. Rocha” (SAMPAIO, 1986, p. 59) Korá “Cercado. Aprisco. Curral. Devesa” (SAMPAIO, 1986, p. 91).	LT	Litotopônimo	Simple
Acidentes físicos					
Arroio					
	Natal		LP	Hierotopônimo	Simple
Córrego					
	Apolo ¹³⁷		LP	Mitotopônimo	Simple
	Cedro ¹³⁸		LP	Fitotopônimo	Simple
	Invernada		LP	Sociotopônimo	Simple
	Itacorá	Itacorá Itá “Pedra. Metal. Sino. Rocha” (SAMPAIO, 1986, p. 59) Korá: “Cercado. Aprisco. Curral. Devesa” (SAMPAIO, 1986, p. 91).	LT	Litotopônimo	Simple
	Itavó	Itavó Itá: “pedra. Metal. Sino. Rocha (SAMPAIO, 1986 p. 59) Vo: “rachar, abrir, partir, dividir. Greta, abertura, quebradura” (SAMPAIO, 1986 p. 177)	LT	Litotopônimo	Simple
	Jacutinga	“ Yacú-tinga , o jacu branco”. (SAMPAIO, 1987, p. 264)	LT	Zootopônimo	Simple
	Lambari	“ Aramberĩ , o peixinho de água doce semelhante à sardinha” (SAMPAIO, 1987, p. 273)	LT	Zootopônimo	Simple
	Moema	“ Mo-ema , a	LT	Antropotopônimo	Simple

¹³⁷ Para Houaiss (2001), “Apolo 'entre os gregos, deus da luz, do Sol, da força, da música, das artes, e ainda, deus que simboliza o equilíbrio, a ordem, a harmonia, a claridade”.

¹³⁸ “Ampla dispersão na América do Sul. A madeira é de lei e muito valiosa, da qual também se extrai óleo essencial e a casca é utilizada na medicina popular como antisséptico e antitérmico” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 100).

		exausta, a desfalecida. É o nome lendário de uma das amantes do Caramuru, perecida no mar, ao seguir, a nado, a nau em que partia para a Europa o ingrato consorte” (SAMPAIO, 1987, p. 285).			
	Moleda ¹³⁹		LP	Litotopônimo	Simples
	Ocoí-Chico	OCOÍ Reserva indígena pertencente ao município de São Miguel do Iguaçu.	LT+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Ocoí-mi	OCOÍ: “Rio afluente da margem esquerda do Maú, da bacia do Rio Branco” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 141). MIRIM: “Pequeno, breve. Alterações Mirĩ, mĩ, minĩ. Im, ĩ” (SAMPAIO, 1987, p. 283).	LT+LT	Hidrotopônimo	Composto
	Olinda		LP	Corotopônimo	Simples
	São João do Buriti	“ Mbiriti , árvore que emite líquido; a palmeira” (SAMPAIO, 1987, p. 209).	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
	Tigrinho		LP	Zootopônimo	Simples
Ribeirão					
	São João		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Rio					
	Ocoí	“Rio afluente da margem esquerda do Maú, da bacia do Rio Branco” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 141).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	São João		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Vicente		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Sanga					
	Ouro Preto		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Sabiá, do	“O animal apazível, mavioso” (SAMPAIO, 1987, p. 310).	LT	Zootopônimo	Simples
	Seca		LP	Hidrotopônimo	Simples

¹³⁹ Segundo Houaiss (2001), o mesmo que *moledro*: pedra grande; pedregulho.

	Sol de Maio		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Três Marias		LP+LP	Astrotopônimo	Composto

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE MATELÂNDIA

Histórico do nome do município: “O topônimo “Matelândia” constitui homenagem a Miguel Matte, membro da firma colonizadora que foi responsável pela colonização da localidade” (IBGE, 2012).

Data de instalação: 28-11-1961 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 639,748Km²

População: 16.078 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Céu Azul, Ramilândia, Serranópolis do Iguaçu e Medianeira.

Gentílico: matelandense (IBGE, 2012).

Quadro 25 – Topônimos do município de Matelândia - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura morfológica
Acidentes humanos					
Cidade					
	Matelândia		LE	Antropotopônimo	Simples
Distrito					
	Agro ¹⁴⁰ Cafeeira		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
Povoado					
	Barreirão		LP	Litotopônimo	Simples
	Campo do Bahia		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	Dourado		LP	Zootopônimo	Simples
	Marquesita ¹⁴¹		LP	Axiotopônimo	Simples
	Pinheirinho		LP	Fitotopônimo	Simples
	Rio Sabiá	SABIÁ “O animal apazível, mavioso” (SAMPAIO, 1987, p. 310).	LP+LT	Hidrotopônimo	Composto Híbrido
Vila					
	Bolson ¹⁴²		LE	Ergotopônimo	Simples
	Brasil		LP	Corotopônimo	Simples
	Esmeralda		LP	Antropotopônimo	Simples
	Rural		LP	Fitotopônimo	Simples
Acidentes Físicos					
Água					
	Branca		LP	Cromotopônimo	Simples

¹⁴⁰ Para Cunha (1986, p. 23), “campo, terra cultivável”.

¹⁴¹ Marquesita é a união de *marquesa+ita*. O primeiro, segundo Houaiss, é “mulher que possui uma região fronteira”. Já o sufixo “ocorre num bom número de helenismos, greco-latinismos e assimilados, já como gentílicos, já como seguidores de doutrinas ou religiões, já como hierarcas”.

¹⁴² *Bolsón*, “de bolsa; grande bolsa; tabuão com que se forra o solo do tanque nos lagares de azeite” (ALMOYNA, 1979, p. 173)

Córrego					
	Banana		LAF	Fitotopônimo	Simple
	Banhadão		LP	Hidrotopônimo	Simple
	Cacatu	“ Caá-catú , mato ralo, fácil de penetrar; o cerrado” (SAMPAIO, 1987, p. 211).	LT	Fitotopônimo	Simple
	Cascata		LP	Hidrotopônimo	Simple
	Dalazem ¹⁴³		LI+LJ	Fitotopônimo	Composto Híbrido
	Escondido		LP	Animotopônimo Disfórico	Simple
	Esmeralda		LP	Antropotopônimo	Simple
	Icatu	“ Y-catú , a água boa; o rio bom” (SAMPAIO, 1987, p. 246).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Irajá	“ Tra-yá , capaz de mel, a meleira” (SAMPAIO, 1987, p. 253).	LT	Zootopônimo	Simple
	Ocoizinho	Reserva indígena pertencente ao município de São Miguel do Iguaçu.	LT	Etnotopônimo	Simple
	Pinheirinho		LP	Fitotopônimo	Simple
	Rato		LP	Zootopônimo	Simple
	Saltinho		LP	Hidrotopônimo	Simple
	Santo Antônio		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Suçuí	Variação de SUCURÍ. “ Çuu-curí , morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática” (SAMPAIO, 1986, p. 316).	LT	Zootopônimo	Simple
	Taquara	“ Ta-quara , a haste furada, ou oca” (SAMPAIO, 1987, p. 325).	LT	Fitotopônimo	Simple
	Traipu	“ Ityra-ypú , o olho-d’água do monte, a fonte do morro” (SAMPAIO, 1987, p. 332).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Uru	“Nome comum das galináceas no tupi” (SAMPAIO, 1987, p. 340).	LT	Zootopônimo	Simple
Lajeado					
	Branco		LP	Cromotopônimo	Simple
Parque Nacional					

¹⁴³ União de *dala+zen* para Cunha (1986, p. 238) a primeira lexia tem o sentido de “terreno, porção de terra continua limitada apenas por marcos”. Por sua vez, *zen* para Houaiss (2001) se refere à “escola do *budismo* surgida na China do sVI d.C. e levada para o Japão no sXII, onde granjeou grande importância cultural até os dias atuais, caracterizada pela busca de um estado extático de iluminação pessoal, o *satori*, equivalente a um rompimento deliberado com o pensamento lógico, obtido por meio de práticas de meditação sobre o vazio ou reflexão a respeito de absurdos, paradoxos e enigmas insolúveis (*koans*)”.

	Iguaçu, do	“Yguassu. Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LT	Hidrotopônimo	Simple
Porto					
	Alegre		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
Rio					
	Barreirão		LP	Litotopônimo	Simple
	Benjamin Constant		LP+LP	Historiotopônimo	Composto
	Dourado		LP	Zootopônimo	Simple
	Feijão Verde		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	Floriano		LP	Antropotopônimo	Simple
	Iguaçu	“Yguassu. Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Matelândia		LE	Antropotopônimo	Simple
	Sabiá	“Çóó-biã, o animal aprazível, mavioso” (SAMPAIO, 1987, p. 310).	LT	Zootopônimo	Simple
	São Domingos		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Silva Jardim		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
Sanga					
	Rato		LP	Zootopônimo	Simple

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE MEDIANEIRA

Histórico do nome do município: O nome é uma homenagem a santa de devoção de um grupo de colonizadores, assim, Medianeira é uma reverência a Nossa Senhora Medianeira de todas as Graças. (IBGE, 2012).

Data de instalação: 28-11-1961 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 328,733Km²

População: 41.817 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Serranópolis do Iguaçu, Matelândia, Missal e São Miguel do Iguaçu.

Gentílico: medianeirense (IBGE, 2012).

Quadro 26 – Topônimos do município de Medianeira - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Acidentes humanos					
Cidade					
	Medianeira		LP	Hagiotopônimo	Simple
Comunidade					
	Alegria		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple

Distritos					
	Mara Lúcia		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
Povoado					
	Alto Alegria		LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
	Cabeça do Represa		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Javali		LA	Zootopônimo	Simple
	Ouro Verde		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	São Bernardo		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Brás		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São José do Ocoí	OCOÍ, “Rio afluente da margem esquerda do Maú, da bacia do Rio Branco” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 141)	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Híbrido
	São Valentim		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Sol de Ouro		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Vitória		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
Acidentes Físicos					
Córrego					
	Água Branca		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água do Meio		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Biguá	“Mbi-guá, o pé redondo, o palmípede” (SAMPAIO, 1987, p. 205).	LT	Zootopônimo	Simple
	Charruá ¹⁴⁴		LF	Ergotopônimo	Simple
	Feijão Cru		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	Guará	“A garça vermelha, a ave aquática” (SAMPAIO, 1987, p. 237).	LT	Zootopônimo	Simple
	Jacutinga	“Yacú-tinga, o jacu branco” (SAMPAIO, 1987, p. 264).	LT	Zootopônimo	Simple
	Javali		LP	Zootopônimo	Simple
	Laranjita		LP	Fitotopônimo	Simple
	Ocoí-mirim	OCOÍ Reserva indígena pertencente ao município de São Miguel do Iguaçu. MIRIM, “Pequeno, breve, pouco, miúdo” (SAMPAIO, 1986, p. 283).	LT+LT	Etnotopônimo	Composto

¹⁴⁴ Segundo Houaiss (2001), *charruá* designa o “aparato de tração animal ou mecânica cuja peça essencial (relha) tem a função de rasgar o solo com o fim de revolver e afogar a leiva”.

	Ocoizinho	OCOI Reserva indígena pertencente ao município de São Miguel do Iguaçu.	LT	Etnotopônimo	Composto
	Pampeiro ¹⁴⁵	<i>Pampa</i> é de origem quichuá e significa “vento forte originário dos pampas da Argentina, que alcança o Rio Grande do Sul” (HOUAISSO ELETRÔNICO, 2001)	LQ + LP	Meteorotopônimo	Simple
	Quinze de Novembro		LP+LP	Historiotopônimo	Composto
	Saltinho		LP	Hidrotopônimo	Simple
	Sanga Funda		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Sol de Ouro		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Tartaruga		LP	Zootopônimo	Simple
	Tigre		LP	Zootopônimo	Simple
	Umbu	Variação de IMBÚ “a árvore que dá de beber” (SAMPAIO, 1987, p. 248)	LT	Fitotopônimo	Simple
Espigão					
	Norte, do		LP	Cardinotopônimo	Simple
Lajeado					
	Rancho		LP	Ecotopônimo	Simple
Morro					
	Nossa Senhora da Salete		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Rio					
	Alegria		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Barreirão		LP	Litotopônimo	Simple
	Caranguejo		LP	Zootopônimo	Simple
	Feijão Verde		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	Ocoí	Reserva indígena pertencente ao município de São Miguel do Iguaçu.	LT	Etnotopônimo	Simple
	Ouro Verde		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Represa Grande		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Sabiá	“Çoo-biã, o anima aprazível, mavioso” (SAMPAIO, 1987 p. 310).	LT	Zootopônimo	Simple
Sanga					

¹⁴⁵ Segundo Houaiss (2001), a unidade lexical *pampeiro* resulta da junção de *pampa* + *eiro*.

	Magnólia		LP	Fitotopônimo/ Antropotopônimo	Simple
	Manduri	MANDORI “Manda-r-ĩ, o ninhozinho, o feixinho. É uma abelha silvestre” (SAMPAIO, 1987, p. 278).	LT	Zootopônimo	Simple
	Manguari	MAGOARY “Mbaguari, o tardo, o vagaroso, o que anda pausado. No tupi é o nome genérico de cegonhas e garças” (SAMPAIO, 1987, p. 275).	LT	Zootopônimo	Simple

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE MISSAL

Histórico do nome do município: Os bispos que chegaram à localidade desejavam atribuir ao nome do município um sentido religioso, e assim, optaram por Missal, livro em que o sacerdote se orienta para realizar a missa (PREFEITURA DE MISSAL¹⁴⁶, 2012).

Data de instalação: 01-02-1983 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Gleba dos Bispos ou Terra dos Bispos

Área: 324,398Km²

População: 10.474 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Santa Helena, Itaipulândia, Medianeira, Medianeira e Diamante d'Oeste.

Gentílico: missalense (IBGE, 2012).

Quadro 27 – Topônimos do município de Missal – PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Acidentes Humanos					
Cidade					
	Missal		LP	Hierotopônimo	Simple
Distrito					
	Dom Armando		LP+LP	Axiotopônimo	Composto
	Portão ¹⁴⁷ Ocoi	OCOI Reserva indígena	LP+LT	Geomorfotopônimo	Composto

¹⁴⁶ Informações retiradas no site <http://www.missal.pr.gov.br/prefeitura/html/main.jsp?cat=mun&pg=historia>. Acessado em 19.jan.2013.

		pertencente ao município de São Miguel do Iguaçu.			Híbrido
Povoado					
	Bandeirantes		LP	Historiotopônimo	Simple
	Boa Esperança		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Guairaçá	Guairacá: “carnívoro da família Mustelídea; lontra” (TIBIRIÇÁ, 1984, p.102).	LT	Zootopônimo	Simple
	Jacutinga	“Yacú-tinga, o jacu branco (<i>Penelope leucoptera</i>)” (SAMPAIO, 1987, p. 264).	LT	Zootopônimo	Simple
	Padre Feijó		LP+LP	Axiotopônimo	Composto
	Santa Catarina		LP+LP	Corotopônimo	Composto
	Santa Cecília		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São José		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Pedro		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Sebastião		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Silvestre		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Vista Alegre		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Vista Alta		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
Vila					
	Natal		LP	Hierotopônimo	Simple
Acidentes Físicos					
Água					
	Bonita		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
Arroio					
	Gato, do		LP	Zootopônimo	Simple
Córrego					
	Cedro		LP	Fitotopônimo	Simple
	Círculo		LP	Morfotopônimo	Simple
	Colombelli ¹⁴⁸		LNI	Zootopônimo	Simple
	Guajuvira ¹⁴⁹		LT	Zootopônimo	Simple
	Jacu	“Yacú, Esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso. É o nome da ave do gênero <i>Penelope</i> ”	LT	Zootopônimo	Simple

¹⁴⁷ O topônimo Portão foi considerado conforme definição em Houaiss Eletrônico (2001) “Barranco alto”, assim, Portão Ocoi seria o barranco do rio Ocoi.

¹⁴⁸ *Colombelli* é, provavelmente, uma variação fonética de *colombella* unidade lexical que é definida por Amendola (1990, p. 177) como “pequena pomba selvática”.

¹⁴⁹ Houaiss (2001) considera *guajuvira* como sinônimo de *guaivira* que nomeia um “peixe teleósteo, perciforme, costeiro, da fam. dos carangídeos (*Oligoplites saurus*), que ocorre no Atlântico ocidental e Pacífico oriental, com até 33 cm de comprimento, dorso plúmbeo-azulado, ventre prateado e nadadeiras amareladas; cavaco, goivira, guaibira, guajuvira, guaravira, pamparrona, solteira, tábuá, tiburo”.

		(SAMPAIO, 1987, p. 264).			
	Lajeado		LP	Litotopônimo	Simple
	Natal		LP	Hierotopônimo	Simple
	Nhabu ¹⁵⁰	“ Nhã-mbú , a noz que arrebenta, a mamona” (SAMPAIO, 1987, p. 288).	LT	Fitotopônimo	Simple
	Paz, da		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Placa		LP	Ergotopônimo	Simple
	Sabiá	“ Çooó-biã , o animal aprazível, mavioso” (SAMPAIO, 1987, p. 310).	LT	Zootopônimo	Simple
	São Francisco		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Sebastião		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Silvestre		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Água Bonita		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Pinheirinho		LP	Fitotopônimo	Simple
Lajeado					
	Uru	“Nome comum das galináceas no tupi” (SAMPAIO, 1987, p. 340).	LT	Zootopônimo	Simple
Rio					
	Branco		LP	Cromotopônimo	Simple
	Feijão Verde		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	Morenã		LP	Etnotopônimo	Simple
	Ocoí	Reserva indígena pertencente ao município de São Miguel do Iguaçú.	LT	Etnotopônimo	Simple
	São João		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Vicente		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Sanga					
	Sabiá, do	“ Çooó-biã , o anima aprazível, mavioso” (SAMPAIO, 1987, p. 310)	LT	Zootopônimo	Simple

¹⁵⁰ Planta que “ocorre desde o Pará até o Rio de Janeiro, cuja folha de sabor picante é usada como tempero para pratos regionais do Pará” (PEREIRA; PUTZKE, 2010, p. 261).

	São Joãozinho		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Seca		LP	Hidrotopônimo	Simples

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE RAMILÂNDIA

Histórico do nome do município: A região era composta por algumas fazendas, assim, o nome do município é em homenagem a uma dessas fazendas a Fazenda Rami, a qual abrigava aproximadamente 400 famílias(FÉRIAS TUR¹⁵¹, 2012)

Data de instalação: 01-01-1993 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 237,196Km²

População: 4.134 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Matelândia, Missal, Santa Helena, Diamante d'Oeste, Vera Cruz do Oeste

Gentílico: ramilandiense (IBGE, 2012).

Quadro 28 – Topônimos do município de Ramilândia - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Acidentes humanos					
Cidade					
	Ramilândia ¹⁵²		LM	Fitotopônimo	Simples
Assentamento					
	Dezesseis de Maio		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Santa Izabel		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Povoado					
	Braguinha		LP	Antropotopônimo	Simples
	Cafezinho		LP	Fitotopônimo	Simples
	Feijão Verde		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	Flor da Serra		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	São Vicente		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Padroeira do Brasil		LP+LP	Axiotopônimo	Composto
Colônia					

¹⁵¹ Informações retiradas do site :<http://www.ferias.tur.br/informacoes/6510/ramilandia-pr.html>. Acessado em 19.jan.2013.

¹⁵² RAMI- “No Brasil, tem sido tentada a cultura do rami em diferentes ocasiões e em varias partes do território nacional. Desse modo, nos fins do século passado e nos primórdios do atual, se destacaram as plantações do Estado de São Paulo; do Estado do Espirito Santo. Na atualidade, cultiva-se o rami, com resultados compensadores, no Estado de São Paulo e nos Estados do extremo sul do país” (CRUZ, p. 519).

	Dez		LP	Numerotopônimo	Simple
	Guairaçá	Guairacá: “carnívoro da fam. Mustelídea; lontra” (TIBIRIÇÁ, 1984, p.102).	LT	Zootopônimo	Simple
	Rio Quarto		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Córrego					
	Barreirão		LP	Litotopônimo	Simple
	Cascata		LP	Hidrotopônimo	Simple
	Cavalinho		LP	Zootopônimo	Simple
	Cedro		LP	Fitotopônimo	Simple
	Cristalino		LP	Hidrotopônimo	Simple
	Macuco	“ Macuco , a coisa de muito comer, ou muito bom de comer; alusão ao físico da ave deste nome” (SAMPAIO, 1987, p. 275).	LT	Zootopônimo	Simple
	Mata Pau		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	Pavãozinho		LP	Zootopônimo	Simple
	Perdido		LP	Animotopônimo Disfórico	Simple
	Sanga Seca		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
Lajeado					
	Jacaré	“ Ta-caré , aquele que é torto sinuoso” (SAMPAIO, 1987, p. 263).	LT	Zootopônimo	Simple
Rio					
	Feijão Verde		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	Quatorze		LP	Numerotopônimo	Simple
	São Domingos		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Francisco Falso Braço Sul		LP+LP+LP+ LP+LP	Hagiotopônimo	Composto

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE SANTA TEREZINHA DE ITAIPU

Histórico do nome do município: Homenagem à santa de devoção da comunidade (FERREIRA, 2006, p. 284).

Data de instalação: 01-02-1983 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Santa Terezinha.

Área: 259,394 Km²

População: 20.841 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Foz do Iguaçu e São Miguel do Iguaçu

Gentílico: terezinense (IBGE, 2012).

Quadro 29 – Topônimos do município de Santa Terezinha de Itaipu - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura morfológica
----------	----------	------------	------------------	---------------------------	-----------------------

Acidentes humanos					
Cidade					
	Santa Terezinha de Itaipu	ITAIPÚ: “a fonte das pedras; o manancial saído da pedra ou do rochedo” (SAMPAIO, 1987, p. 256).	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
Povoado					
	Água Branca		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Apepu	“Naranja silvestre y su fruta, oriundo de America, cuyo jugo, de sabor agridulce, es delicioso como refresco ¹⁵³ ” (PERALTA, 1951, p. 10).	LG	Fitotopônimo	Simples
	Dois Lapachos		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Ipiranga	Y “água” (SAMPAIO, 1987, p. 345). PIRANGA: “Vermelho” (SAMPAIO, 1987, p. 302).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Lagoa das Antas		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	São José		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Pedro		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Vendelino		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Terra Branca		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Tio Tamanduá	TAMANDUÁ: “o caçador de formigas” (SAMPAIO, 1986, p. 320).	LP+LT	Etnotopônimo	Híbrido
	Três Fazendas		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Vitorassi		LP	Antropotopônimo	Simples
Vila					
	Ipiranga	Y “água” (SAMPAIO, 1987, p. 345). PIRANGA: “Vermelho” (SAMPAIO, 1987, p. 302).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Treze		LP	Numerotopônimo	Simples
Acidentes Físicos					
Córrego					
	Água Branca		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Apepu		LG	Fitotopônimo	Simples
	Bonito		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Guabi-robinha	“Guabi-iroba, o comestível amargo, ou fruto que trava” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Fitotopônimo	Simples

¹⁵³ “Fruto de laranja silvestre, nativa da América, cujo suco de sabor agridoce, é delicioso como refresco” (TN).

	Guavirova	“ Guabi-iroba , o comestível amargo, ou o fruto que trava” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Ipiranga	Y “água” (SAMPAIO, 1987, p. 345). PIRANGA “Vermelho” (SAMPAIO, 1987, p. 302).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Lajeado		LP	Litotopônimo	Simples
	Limeirinha		LP	Fitotopônimo	Simples
	Lopei ¹⁵⁴		LP	Antropotopônimo	Simples
	Terra Branca		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Tucano	“ Tu-quã , o bico que sobrepuja, o bico exagerado” (SAMPAIO, 1987, p. 333).	LT	Zootopônimo	Simples
Rio					
	Guabiroba	“ Guabi-iroba , o comestível amargo, ou fruto que trava” (SAMPAIO, 1987, p. 235).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Tamanduá	“ Ta-monduá , o caçador de formigas” (SAMPAIO, 1987, p. 320)	LT	Zootopônimo	Simples
	Passo ¹⁵⁵ Cuê	CUÊ “mais comum no Guarani. Velho, antigo; o que já foi passado; velhaco, esperto, entendido” (SAMPAIO, 1987, p. 226)	LP+LG	Hodotopônimo	Composto híbrido
	São João		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Sanga					
	Dezesseis		LP	Numerotopônimo	Simples
	Funda		LP	Dimensiotopônimo	Simples
	Shangri-lá		LNI	Corotopônimo	Simples

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DO IGUAÇU

Histórico do nome do município: O nome do município é em homenagem ao padroeiro local, São Miguel, e “Iguaçu” pela proximidade do rio do mesmo nome (IBGE, 2012).

¹⁵⁴ “Com relação ao hidrônimo Lopei, assim se expressa Lima Figueiredo (*apud* Valascki, 1992, p. 63): “Penso que o nome Lopei dado a linda localidade de Lopei foi em homenagem ao filho de algum Lopes, ou quiçá, ao próprio Francisco Solano Lopes, pois que Lope significa Lopes e a desinência y leva o nome anterior ao diminutivo Lopezinho ou Lopes Pequeno” (ALBINO, 2004, p. 144).

¹⁵⁵ Houaiss Eletrônico (2001) define a lexia *passo* como “entrada ou passagem estreita; passagem de mar; estreito; num rio ou arroio, local de passagem habitual”.

Data de instalação 28-11-1961 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Gaúcha.

Área: 851,304 Km²

População: 25.796 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Itaipulândia , Medianeira , Missal, Medianeira, Santa Terezinha de Itaipu e Foz do Iguaçu.

Gentílico: são-miguelense (IBGE, 2012).

Quadro 30 – Topônimos do município de São Miguel do Iguaçu -PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura morfológica
Acidentes humanos					
Cidade					
	São Miguel do Iguaçu	“Yguassu. Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto Híbrido
Assentamento					
	Companheiro Antônio Tavares		LP+LP+LP	Axiotopônimo	Composto
Distrito					
	Aurora do Iguaçu	“Yguassu. Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LP+LT	Animotopônimo Eufórico	Composto híbrido
	São José do Iguaçu		LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
Povoado					
	Barro Preto		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Navegantes ¹⁵⁶		LP	Sociotopônimo	Simple
	Bom Princípio		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Cacique		LE	Sociotopônimo	Simple
	Capacete		LP	Ergotopônimo	Simple
	Catiporã	PORÃ: “bonito, bonita” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 185). CATI - “Planta aromática e acre” (CUNHA, 1986, p. 166).	LT +LT	Fitotopônimo	Composto híbrido
	Guanabara	“Antigamente Guanabará , c. goan~pará , o lagamar” (SAMPAIO,	LT	Corotopônimo	Simple

¹⁵⁶ Navegante conforme explica Houaiss Eletrônico (2001) é um termo “relativo a nauta, a marinheiro”, desta forma, foi considerado neste trabalho como sociotopônimo, pois está relacionado à atividade profissional.

		1987, p. 236)			
	Indianópolis		LP	Etnotopônimo	Simple
	Laranjita		LP	Fitotopônimo	Simple
	Mauritânia ¹⁵⁷		LP	Fitotopônimo	Simple
	Nova Roma		LP+LP	Cronotopônimo	Composto
	Pic ocoi	PIÍ, “fino, estreito, delgado” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 183) OCOI, “Rio afluente da margem esquerda do Maú, da bacia do Rio Branco” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 141).	LT+LT	Dimensiotopônimo	Composto
	Saltinho Leão		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	São José do Iguaçu	“Yguassu. Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Híbrido
	Sanga Funda		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Santa Cruz do Ocoí	OCOÍ “Rio afluente da margem esquerda do Maú, da bacia do Rio Branco” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 141).	LP+LP+LT	Hierotopônimo	Híbrido
	Santa Eliza		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santa Rita		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santa Rosa do Ocoí	OCOI Reserva indígena pertencente ao município de São Miguel do Iguaçu.	LP+LP+LT	Hagiotopônimo/ Corotopônimo	Composto Híbrido
	Santo Antônio		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Bráz		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Carlos		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Jorge		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Lourenço		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	São Vicente		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Squarema	“Bras. Epíteto dado aos conservadores no tempo do Império, e que se origina do fato de a fazenda de Monte Alegre, pertencente ao Visconde de	LT	Etnotopônimo	Simple

¹⁵⁷ Houaiss (2001) se refere ao termo como *cravo-poeta* que, por sua vez, significa “cravina vivaz e cespitosa (*Dianthus barbatus*), de flores róseas ou brancas e frutos capsulares, nativa de regiões montanhosas da Europa, naturalizada na Ásia e América do Norte, e muito cultivada como ornamental, com inúmeros cultivares; cravina-barbela, cravina-dos-poetas, cravina-ramuda, cravinho, cravo-barbudo, cravo-de-poeta, mauritânia”.

		Itaboraí, grande prócer do partido, achar-se localizada no município de Saquarema (RJ)” (Aurélio, 2004)			
	Tarcila		LP	Antropotopônimo	Simple
	Trinta e Um		LP+LP	Numerotopônimo	Composto
	Uirapuru ¹⁵⁸	“Do tupi <i>wirapu’ru</i> ” (NASCENTES, 1966, p. 758).	LT	Zootopônimo	Simple
	Urussanga	“ Y-roißanga , a água fria” (SAMPAIO, 1987, p. 342).	LT	Hidrotopônimo	Simple
Acidentes Físicos					
Água					
	Lima, da		LP	Fitotopônimo	Simple
	Aterro, do		LP	Geomorfotopônimo	Simple
Corredeira					
	Apepu, do	“Naranjo silvestre y su fruta, oriundo de America, cuyo jugo, de sabor agridulce, es delicioso como refresco ¹⁵⁹ ” (PERALTA, 1951, p. 10).	LG	Fitotopônimo	Simple
Córrego					
	Açude do Marinheiro		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água Fria		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água Limpa		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Apepu		LG	Fitotopônimo	Simple
	Azul		LP	Cromotopônimo	Simple
	Bonito		LP	Animotopônimo Eufórico	Simple
	Cadeado		LP	Ergotopônimo	Simple
	Capacete		LP	Ergotopônimo	Simple
	Charrua	<i>Charrua</i> : “aparato de tração animal ou mecânica cuja peça essencial (relha) tem a função de rasgar o solo com o fim de revolver e afofar a leiva” (HOUAISS, 2001).	LF	Ergotopônimo	Simple

¹⁵⁸ Segundo Cascudo (2002, p. 770), *uirapuru* designa o “pássaro ornado, pássaro emprestado. Oirapuru, é a maravilha da mata. Quando aparece e faz ouvir seu canto, dizem que tosos os pássaros da vizinhança acodem para ouvi-lo”.

¹⁵⁹ “Fruto de laranja silvestre, nativa da América, cujo suco de sabor agridoce, é delicioso como refresco” (TN).

	Cotia	CUTIA, “o indivíduo que come de pé, de referência ao hábito que tem o animal deste nome de tomar o alimento com as patas dianteiras” (SAMPAIO, 1987 p. 228)	LT	Zootopônimo	Simples
	Cristal		LP	Litotopônimo	Simples
	Cruzeiro		LP	Hierotopônimo	Simples
	Engano		LP	Animotopônimo Disfórico	Simples
	Farroupilha		LP	Historiotopônimo	Simples
	Gato Preto		LP+LP	Zootopônimo	Composto
	Gaúcho		LP	Etnotopônimo	Simples
	Guerezinho		LNI	Não classificado	Simples
	Julietta		LP	Antropotopônimo	Simples
	Laranjeira		LP	Fitotopônimo	Simples
	Laranjita		LP	Fitotopônimo	Simples
	Manjolo	MONJOLO: “engenho rudimentar, acionado à água, usado para pilar milho e descascar café” (HOUAISS, 2001).	LAF	Ergotopônimo	Simples
	Marília		LP	Antropotopônimo	Simples
	Marval		LNI	Não classificado	Simples
	Mico		LP	Zootopônimo	Simples
	Mosquito		LP	Zootopônimo	Simples
	Nova Roma		LP+LP	Cronotopônimo	Composto
	Ortigão		LP	Fitotopônimo	Simples
	Palmital		LP	Fitotopônimo	Simples
	Paraguai	“Paragua-y, o rio dos papagaios” (SAMPAIO, 1987, p. 294).	LT	Corotopônimo	Simples
	Pinheiro		LP	Fitotopônimo	Simples
	Primavera		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
	Quati	“Qua-ti, o que é riscado, ou lanhado” (SAMPAIO, 1987, p. 308).	LT	Zootopônimo	Simples
	Santa Clara		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santos Reis		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Solteiro		LP	Animotopônimo Disfórico	Simples
	Tenente Gualberto		LP+LP	Axiotopônimo	Composto
	Timburi	Variação de timburi, “espécie de planta da família das	LT	Fitotopônimo	Simples

		leguminosas” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 112).			
	Urussanga ervalzinho	ou “Y-roiçanga, a água fria” (SAMPAIO, 1987, p. 342).	LT LP	Hidrotopônimo Fitotopônimo	Simples
	Veado		LP	Zootopônimo	Simples
Ilha					
	Apepu, do		LG	Fitotopônimo	Simples
Parque Nacional					
	Iguaçu, do	“Yguassu. Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LT	Hidrotopônimo	Simples
Rio					
	Iguaçu		LT	Hidrotopônimo	Simples
	Índio		LP	Etnotopônimo	Simples
	Ocoí	OCOÍ Reserva indígena pertencente ao município de São Miguel do Iguaçu.	LT	Etnotopônimo	Simples
	Passo-cuê	CUÉ, “Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido” (SAMPAIO, 1987, p. 226).	LP+LG	Hodotopônimo	Composto Híbrido
	Pinto		LP	Zootopônimo	Simples
	Represa Grande		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Represinha		LP	Hidrotopônimo	Simples
	São Lourenço		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Saltinho					
	Leão		LP	Zootopônimo	Simples
Sanga					
	Boi, do		LP	Zootopônimo	Simples
	Cinquenta e Um		LP+LP	Numerotopônimo	Composto

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE SERRANÓPOLIS DO IGUAÇU

Histórico do nome do município: O nome do município é resultado da fusão do nome de duas comunidades: Flor da Serra e Jardinópolis, o que gerou Serranópolis (FERREIRA, 2006, p. 309).

Data de instalação: 01-01-1997 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 483,659Km² (IBGE, 2012).

População: 4.568 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: Matelândia, Medianeira e São Miguel do Iguaçu

Gentílico: serranopolitano (IBGE, 2012).

Quadro 31 – Topônimos do município de Serranópolis do Iguaçu - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
Acidentes humanos					
Cidade					
	Serranópolis do Iguaçu	“Yguassu. Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LP+LT	Geomorfotopônimo	Composto Híbrido
Povoado					
	Boa vista		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Bom princípio		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Cristo rei		LP+LP	Hierotopônimo	Composto
	Flor da serra		LP+LP	Fitotopônimo	Composto
	Esquina ¹⁶⁰ Represa		LP+LP	Hodotopônimo	Composto
	Jardinópolis		LP	Fitotopônimo	Simples
	Nove		LP	Numerotopônimo	Simples
	Palmital		LP	Fitotopônimo	Simples
	Santa Rosa de Lima		LP+LP+LP	Hagiotopônimo/ Corotopônimo	Composto
	São João Batista		LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Córrego					
	Bananeira		LP	Fitotopônimo	Simples
	Capoeirinha	“Do tupi <i>ko'puera</i> , o que já foi. Terreno onde já houve roça e que foi conquistado pelo mato” (CUNHA, 1985, p. 152)	LT	Fitotopônimo	Simples
	Pinheirinho		LP	Fitotopônimo	Simples
	Quinze de Novembro		LP+LP	Historiotopônimo	Composto
	Sanga Funda		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
Ilha					
	Pesqueiro, do		LP	Sociotopônimo	Simples
Lajeado					
	Bento Gonçalves ¹⁶¹		LP+LP	Coropotopônimo	Compostp
Parque					
	Iguaçu, Nacional do	“Yguassu. Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LT	Hidrotopônimo	Simples
Rio					

¹⁶⁰ Foi considerado para o termo esquina a acepção dada por Houaiss Eletrônico “ângulo formado pelo encontro de duas vias (ruas, avenidas etc.)”.

¹⁶¹ Município do Rio Grande do Sul.

	Benjamim Constant		LP+LP	Historiotopônimo	Composto
	Capaço ¹⁶²		LNI	Fitotopônimo	Simple
	Dourado		LP	Cromotopônimo/ Zootopônimo	Simple
	Iguaçu	“Yguassu. Rio caudaloso” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 194).	LT	Hidrotopônimo	Simple
	Moreno		LP	Etnotopônimo	Simple
	Quilômetro oitodo		LP+LP	Cardinotopônimo	Composto
	Represa grande		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Silva Jardim		LP+LP	Antropotopônimo	Composto
Sanga					
	Cordeana			Não classificado	
	Boa Vista		LP+LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Dezenove		LP	Numerotopônimo	Simple
	Safira		LP	Litotopônimo	Simple
	Suita		LNI	Não classificado	Simple

TOPÔNIMOS DO MUNICÍPIO DE VERA CRUZ DO OESTE

Histórico do nome do município: No ano de 1965 foi celebrada a primeira missa na localidade, ao apresentar este rito as mesmas características da primeira missa realizada no Brasil, optou-se por homenagear a Pátria com um de seus nomes e às ruas receberam nomes de personagens brasileiros importantes (IBGE, 2012)

Data de instalação: 01-02-1983 (IBGE, 2012).

Nomes anteriores: Não localizado.

Área: 327,091 Km²

População: 8.973 (IBGE, 2012).

Municípios limítrofes: São Pedro do Iguaçu, Céu Azul, Diamante d'Oeste e Ramilândia.

Gentílico: vera-cruzeiro (IBGE, 2012).

Quadro 32 – Topônimos do município de Vera Cruz do Oeste - PR

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação Taxionômica	Estrutura Morfológica
----------	----------	------------	------------------	---------------------------	-----------------------

¹⁶² Variação de *cabaço* que, segundo Houaiss (2001), é “designação comum a plantas das famílias das cucurbitáceas e a uma da família das bignoniáceas, cujas cascas dos frutos, muito duras, são usadas no fabrico de diferentes objetos; cabaceira, cabaceiro”.

Acidentes Humanos					
Cidade					
	Vera Cruz do Oeste		LP+LP+LP	Corotopônimo ¹⁶³	Composto
Colônia					
	Rio Quarto		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
Povoado					
	Água da Romana		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Água da Fortuna		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Aratinga	“ Ara-tinga , o tempo claro; dia claro” (SAMPAIO 1987, p. 200).	LT	Meteorotopônimo	Simples
	Jacutinga	“ Yacú-tinga , o jacu branco. (<i>Penelope leucoptera</i>)” (SAMPAIO, 1987 p. 264).	LT	Zootopônimo	Simples
	São Sebastião		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Nova União		LP+LP	Cronotopônimo	Composto
Acidentes Físicos					
Água					
	Diamante, do		LP	Litotopônimo	Simples
	Fortuna, da		LP	Animotopônimo Eufórico	Simples
Cerro					
	Verde		LP	Cromotopônimo	Simples
Córrego					
	Água Branca		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Aratinga	“ Ara-tinga , o tempo claro; dia claro” (SAMPAIO 1987, p. 200).	LT	Meteorotopônimo	Simples
	Barra Funda		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Barro Preto		LP+LP	Litotopônimo	Composto
	Biquinha ¹⁶⁴		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Brilhante		LP	Cromotopônimo	Simples
	Caeté ¹⁶⁵	“ Caá-etê-tê , a mata verdadeira, extensa, o matão” (SAMPAIO 1987, p. 212).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Corredeira		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Dobrado ¹⁶⁶		LP	Morfotopônimo	Simples
	Cabeceira		LP	Hidrotopônimo	Simples
	Estrada da Jurema	JUREMA, “o espinheiro suculento; árvore espinhenta do	LP+LT	Hodotopônimo	Composto

¹⁶³ O topônimo foi classificado como *corotopônimo* com base nos registros de Ferreira (2006, p. 332), segundo o qual, Antônio Villas Boas, julgou que a primeira missa realizada na cidade teve características da primeira missa realizada no Brasil, por isso, optou-se por prestar uma homenagem ao país, atribuindo ao novo povoado um dos nomes do Brasil, Vera Cruz.

¹⁶⁴ Conforme o Houaiss (2001). bica + *-inha* refere-se à “bica pequena, nascente, fonte”.

¹⁶⁵ “Diz-se da mata virgem. Nome popular de *Heliconia bihai*, espécie rizomota, pertencente a família *Heliconiaceae* nativa do Brasil, cultivada como ornamental” (PEREIRA; PUTZKE, 2010 p. 72).

¹⁶⁶ O topônimo *Dobrado* foi classificado como morfotopônimo considerando o sema “forma do córrego”.

		sertão, da qual o gentio extraia um suco capaz de dar sono e êxtase a quem o ingeria” (SAMPAIO, 1985, p. 271).			
	Estrada do Banco		LP+LP	Hodotopônimo	Composto
	Ipiranga	Y “A água; o rio” (SAMPAIO, 1987 p. 345). PIRANGA “Vermelho” (SAMPAIO, 1987 p. 302).	LT	Hidrotopônimo	Simples
	Jacutinga	“ Yacú-tinga , o jacu branco. (<i>Penelope leucoptera</i>)” (SAMPAIO, 1987 p. 264).	LT	Zootopônimo	Simples
	Jurema	“ Yu-r-ema , o espinheiro suculento; árvore espinhenta do sertão” (SAMPAIO, 1987 p. 271).	LT	Fitotopônimo	Simples
	Madeira		LP	Fitotopônimo	Simples
	Itabaiana	Baiana de pedra (TIBIRIÇA, 1985, p. 62).	LT	Litotopônimo	Simples
	Pacheco		LP	Antropotopônimo	Simples
	Santa Cecília		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Santa Cruz		LP+LP	Hierotopônimo	Composto
	Santa Inês		LP	Hagiotopônimo	Composto
	Bonsucesso		LP	Animotopônimo Eufórico	Composto
	Preguiça		LP	Zootopônimo	Simples
	São Pedro		LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
	Surucúá ¹⁶⁷	“Uma ave, das <i>Trogon surucura</i> . Conhecida pelo nome de Cachiroba, em algumas partes” (SAMPAIO, 1986, p. 148).	LT	Zootopônimo	Simples
	Tangará	“ Atá-cará , andar aos saltos, o pulador, em alusão ao costume das aves deste nome (<i>Tanagra</i>)” (SAMPAIO 1987, p. 321).	LT	Zootopônimo	Simples
	Tuneira ¹⁶⁸		LE	Fitotopônimo	Simples
Rio					
	Romana		LP	Etnotopônimo	Simples
	São Francisco		LP+LP+LP+	Hagiotopônimo	Composto

¹⁶⁷ Segundo Nascentes (1966, p. 706), do tupi *suruku'á*.

¹⁶⁸ O topônimo se origina de *tuna* + *eira*. Segundo Houaiss (2001), *tunas* é a designação de “algumas plantas de diferentes gêneros da família das cactáceas, de caules articulados e achatados”.

	Falso Braço Norte ou Corvo Branco		LP LP+LP	Zootopônimo	Composto
	São Francisco Falso Braço Sul		LP+LP+LP+ LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Sanga					
	Água Branca		LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
	Vinte e Seis		LP+LP	Numerotopônimo	Composto

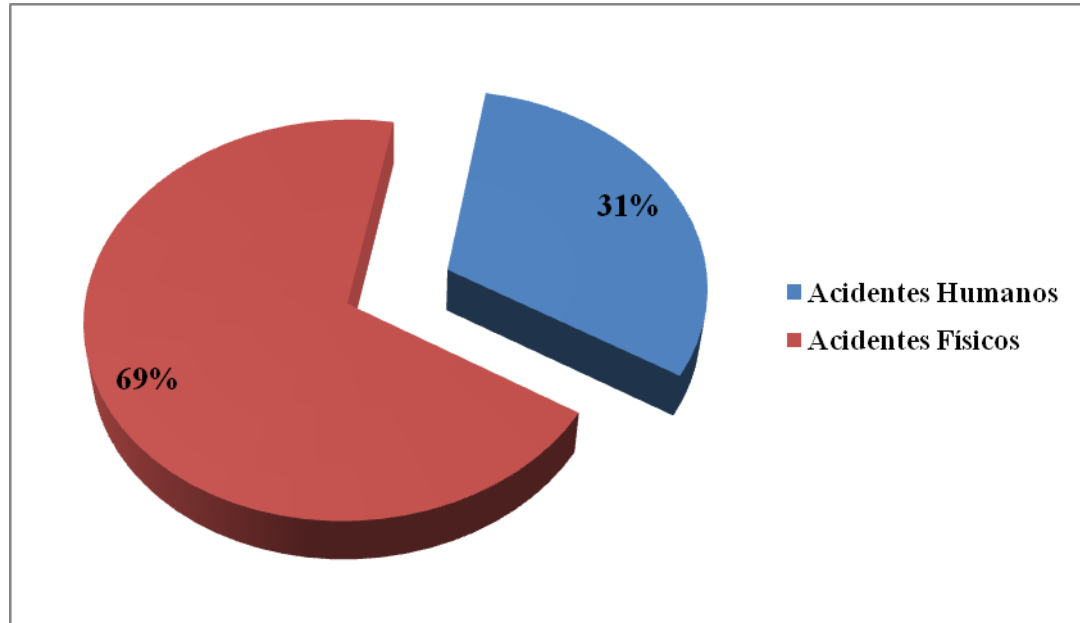
4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo apresenta-se a análise quantitativa dos topônimos sistematizados por meio dos quadros relativos aos 32 municípios que integram a área investigada. A discussão dos dados é baseada em três perspectivas: 1) análise taxionômica de acordo com o percentual de ocorrência no *corpus*; 2) discussão dos dados segundo a dimensão etnolinguística (bases linguísticas); 3) exame dos topônimos, segundo a estrutura morfológica dos sintagmas toponímicos.

4.2.1 Análise Taxionômica

O *corpus* reuniu o total de 1.471 topônimos que representam a soma dos nomes dos acidentes humanos e dos acidentes físicos dos 32 municípios pertencentes às microrregiões geográficas de Toledo e de Foz do Iguaçu. Do total, 459 topônimos são de acidentes humanos e 1.012 de acidentes físicos, percentuais esses visualizados no Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – Distribuição percentual dos topônimos segundo o tipo de acidente nomeado



Conforme o Gráfico 1, a maior concentração de topônimos recai nos acidentes físicos com 69% de ocorrências, desse percentual 347 topônimos são da microrregião de Foz do Iguaçu e 665 da microrregião de Toledo. Os acidentes humanos, por sua vez, somaram 31% de frequência no *corpus* deste trabalho; em termos numéricos, a microrregião de Foz do Iguaçu apresentou 181 topônimos, enquanto a microrregião de Toledo, 278.

A maior quantidade de acidentes físicos se justifica pelas próprias características físicas e geográficas da região, uma vez que, em sua maioria, são referentes a acidentes hídricos. Como salienta Moreira (2006, p. 193),

A quantidade significativa de recursos hídricos que cobrem todos os recantos do território paranaense e a geomorfologia do solo do estado do Paraná, expressa pela diversificada formação que compreende, desde pequenas elevações e extensas serras, até vastas planícies e planaltos que se manifestam na toponímia estudada.

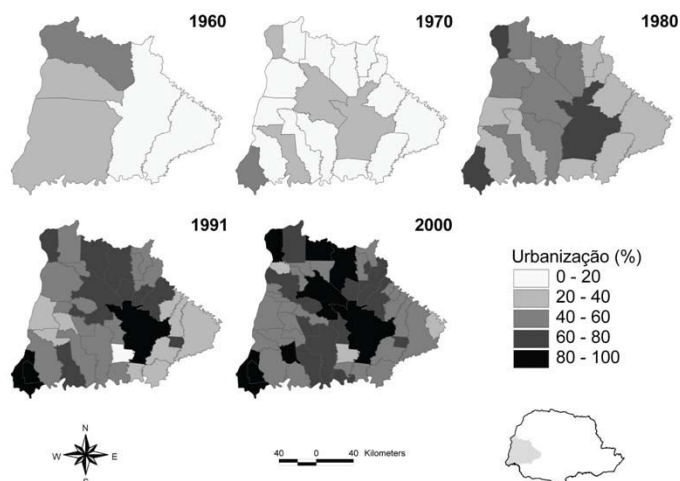
Nesse contexto é preciso considerar que a região oeste do Paraná é conhecida mundialmente por seus recursos hídricos, em especial, as cataratas do Iguaçu:

Localizadas dentro do Parque Nacional do Iguaçu, as cataratas são formadas por 275 quedas isoladas que formam um paredão de água em época de cheia do rio. O Parque Nacional do Iguaçu foi criado em 1939 e ocupa hoje uma área de 185 mil hectares. Em 17 de novembro de 1986 foi tombado como Patrimônio Mundial da Humanidade (ALBINO, 2004, p.77).

Já a menor incidência dos acidentes humanos urbanos é pautada no fato de as terras oestinas do Paraná terem sido as últimas colonizadas no Estado. Possivelmente, um

trabalho que abarque os acidentes humanos rurais possa apresentar outro quadro, visto que em muitos municípios da região a população habita o meio rural, o que pode ser visualizado na Figura 7.

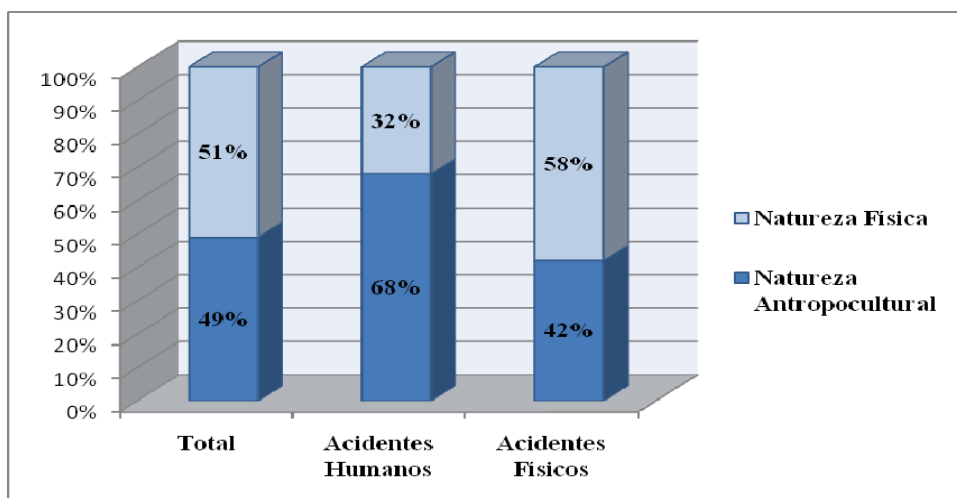
Figura 7 – Urbanização dos municípios da Mesorregião Oeste do Paraná (1960-2000)



Fonte: Reolon (2007, p.55).

Nota-se que, embora a região tenha apresentado um elevado índice de urbanização entre os anos 1960 e 2000, muitos municípios apresentam índices equilibrados em termos de população rural e urbana. O Gráfico 2 contém a produção dos topônimos, segundo o tipo de acidente e conforme a categoria dos topônimos: natureza física ou antropocultural:

Gráfico 2 – Distribuição percentual dos dados segundo a natureza do topônimo e o tipo de acidente geográfico nomeado



Os dados revelam que, no conjunto total dos dados, a diferença entre a distribuição dos topônimos em relação às categorias de natureza física e antropocultural é

irrisória, diferenciando um do outro apenas em 2% (51% de ocorrência contra 49%). A diferença maior é observada quando considerada os dados são agrupados, segundo o tipo de acidente (físico/humano). Seguindo uma tendência geral da toponímia brasileira, entre os acidentes humanos predominam os topônimos de natureza antropocultural (68%) contra 32% de topônimos de natureza física. Já entre os topônimos de acidentes físicos a predominância recaiu nos designativos de natureza física – 58% – em detrimento dos 42% de natureza antropocultural. Esses dados figuram a predileção de nomear vilas, cidades, povoados, distritos, entre outros, com designativos equivalentes a fenômenos relacionados ao ser humano, ao contrário do que se observa entre os dados relativos aos topônimos dos acidentes físicos que registram a predominância de topônimos relacionados ao meio ambiente físico.

Das 16 taxes de natureza antropocultural apresentadas por Dick (1990b, p.31-34) a que ganhou maior destaque, tanto entre os designativos de acidentes humanos quanto nos acidentes físicos, foi a dos *hagiotopônimos*, que reuniu um total de 193 topônimos, 102 em acidentes humanos e 91 em acidentes físicos, seguido dos animotopônimos com 106 ocorrências, 75 como nomes de acidentes físicos e 31 de acidentes humanos.

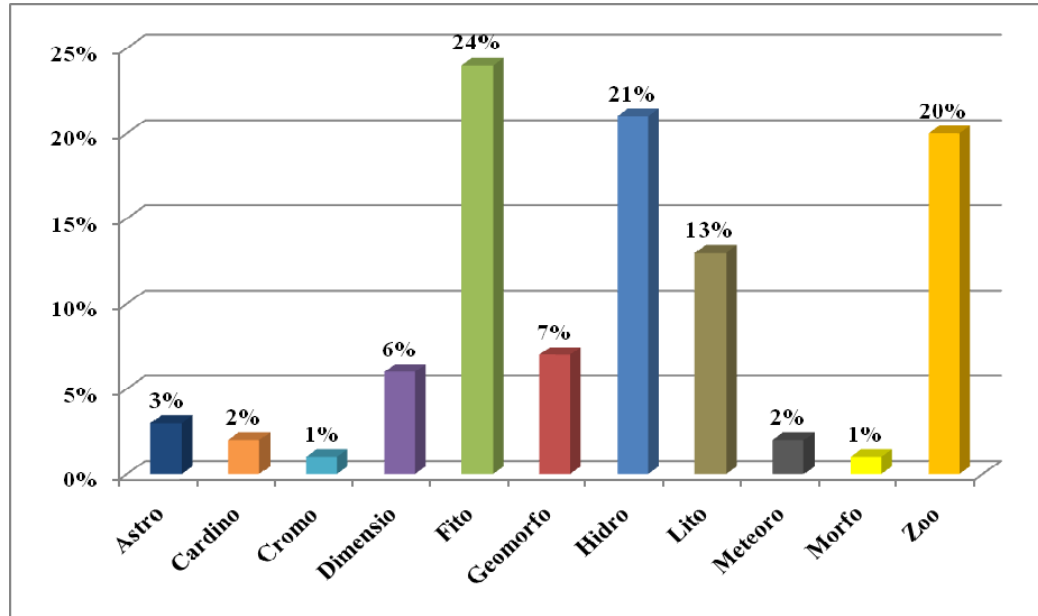
Em relação aos topônimos de natureza física, os dados confirmam a tendência apontada por outros trabalhos sobre a toponímia paranaense, ou seja, a preferência por nomear acidentes físicos com denominações que recuperam elementos da natureza, somando 58% de topônimos em detrimento dos 32% apresentados nos acidentes humanos.

Já entre as 11 taxes de natureza física (DICK, 1990b) a que ganhou maior destaque entre os acidentes humanos foram os *fitotopônimos* com um total de 34 ocorrências, já entre os acidentes físicos predominaram os *zootopônimos*, resultando em 189 topônimos.

Os Gráficos 3, 4, 5 e 6 têm por objetivo mostrar a produtividade das taxionomias de classificação de topônimos proposta por Dick (1990b). A análise das taxionomias propostas pelo projeto ATEPAR e os topônimos não classificados foram identificados no Gráfico 7.

Na sequência, o Gráfico 3 permite visualizar a produtividade das taxionomias de natureza física na designação de acidentes humanos das microrregiões estudadas. É importante salientar que as 11 taxes propostas pela estudiosa foram identificadas no *corpus* em análise. A disposição das taxes está em ordem alfabética.

Gráfico 3 – Distribuição percentual das taxes de natureza física na nomeação dos acidentes humanos

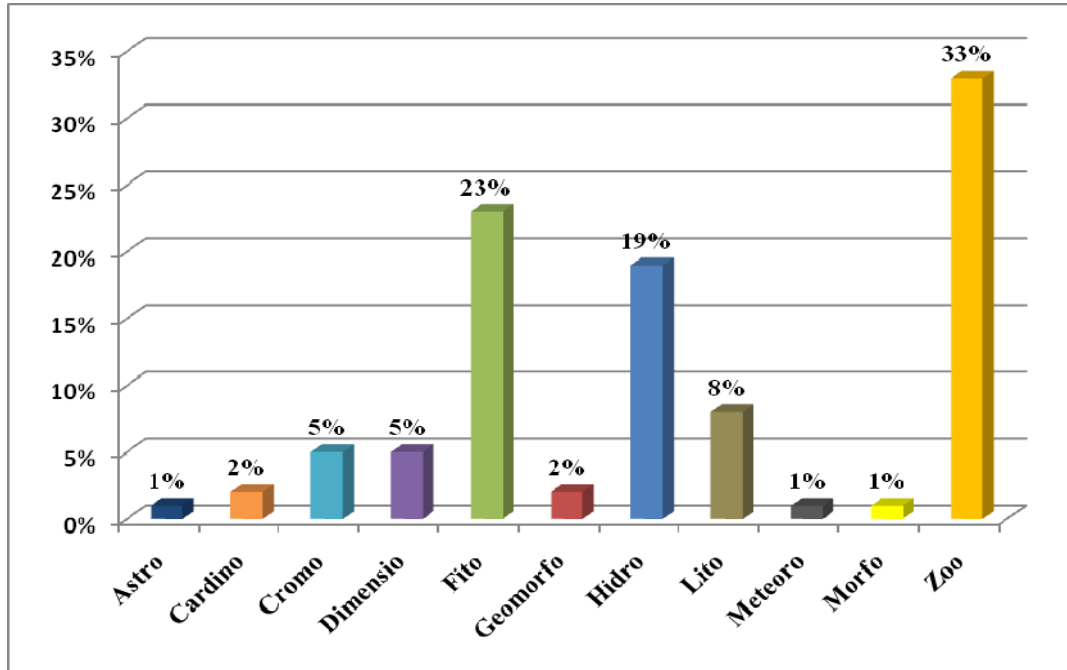


Os dados do Gráfico 3 ilustram a preferência pela utilização de *fitotopônimos* na nomeação dos acidentes humanos com 24% de ocorrência. Na sequência aparecem os *hidrotopônimos* com 21% e os *zootopônimos* com 20% de frequência, e os *litotopônimos* com 13% de produtividade.

Já os dados evidenciados pelo Gráfico 3 reforçam a influência que elementos da fauna, da flora, das correntes hídricas e das características do solo incidem sobre o homem e, conseqüentemente, na toponímia, uma vez que esses recursos são imprescindíveis à sobrevivência humana. E como apresentado nos pressupostos teóricos deste trabalho, ao escolher um nome para batizar determinado lugar, o denominador procura exteriorizar sua visão sobre determinado tempo e espaço. As demais classificações apresentaram um índice abaixo de 10% de frequência, assim distribuídas em ordem decrescente: *geomorfotopônimos* (7%), *dimensiotopônimos* (6%), *astrotopônimos* (3%), *cardinotopônimos* e *meteorotopônimos* (cada uma com 2%), e, por fim, os de menor ocorrência, os *morfotopônimos* (1%) e *cromotopônimos* (1%).

Já o Gráfico 4, na sequência, apresenta os dados relativos à produtividade das taxionomias de natureza física na nomeação de acidentes físicos. Esses, como já demonstrado no Gráfico 2, caracterizam a influência na representação dos recursos naturais; em outras palavras, os acidentes físicos são representativos do entorno natural da região.

Gráfico 4 – Distribuição percentual das taxas de natureza física na nomeação dos acidentes físicos



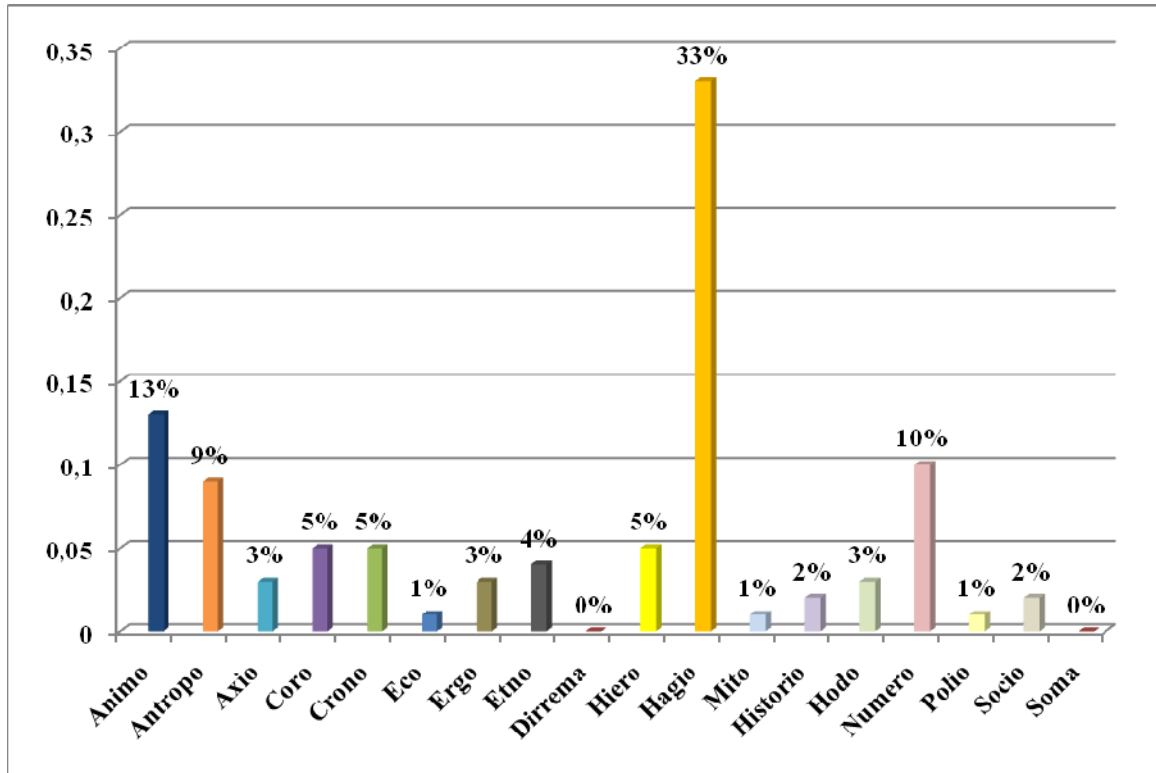
Diferentemente do ocorrido com o Gráfico 3, esses dados demonstram uma inversão na ordem de preferência do denominador no batismo do lugar, contudo, o favoritismo ainda recai sobre topônimo relacionados à fauna, à flora e a correntes hídricas. Os *zootopônimos* são os mais produtivos na nomeação dos acidentes físicos, totalizado 33% de ocorrência. Na sequência situam-se os *fitotopônimos*, configurando-se como a taxa mais produtiva entre os designativos de acidentes humanos (Gráfico 3), com 23% de ocorrência e, em seguida aparecem os *hidrotopônimos* com 19%.

Os dados do Gráfico 4 demonstram o quão relevantes são os recursos da fauna, da flora e da água para a população que habita determinado espaço geográfico, haja vista que as classificações que se seguem não foram tão representativas em comparação às apresentadas, pois não excederam a 8% de ocorrência no *corpus*. Os dados ratificam a motivação desses elementos na configuração da toponímia paranaense, confirmando resultados de outros trabalhos já realizados sobre a toponímia do Paraná (Francisquini, 1998); Albino (2004); Moreira (2006) e Zamariano (2006; 2010) que também demonstraram a força dessas taxionomias na nomeação de lugares.

Dentre as demais taxas, os *litotopônimos* apresentaram 8% de frequência e os *cromotopônimos* e os *dimensiotopônimos* 5% cada um. Em seguida aparecem os *cardinotopônimos* e os *geomorfotopônimos* com 2% cada uma, enquanto as demais taxas reuniram 1% cada: os *astrotopônimos*, os *meteorotopônimos* e os *morfotopônimos*. Como se pode observar na nomeação dos acidentes físicos foram identificadas ocorrências das 11 taxas de natureza física propostas por Dick (1990b).

Na sequência o Gráfico 5 exibe o percentual dos topônimos de acidentes humanos nomeados com taxes de cunho antropocultural.

Gráfico 5 – Distribuição percentual das taxes de natureza antropocultural na nomeação dos acidentes humanos



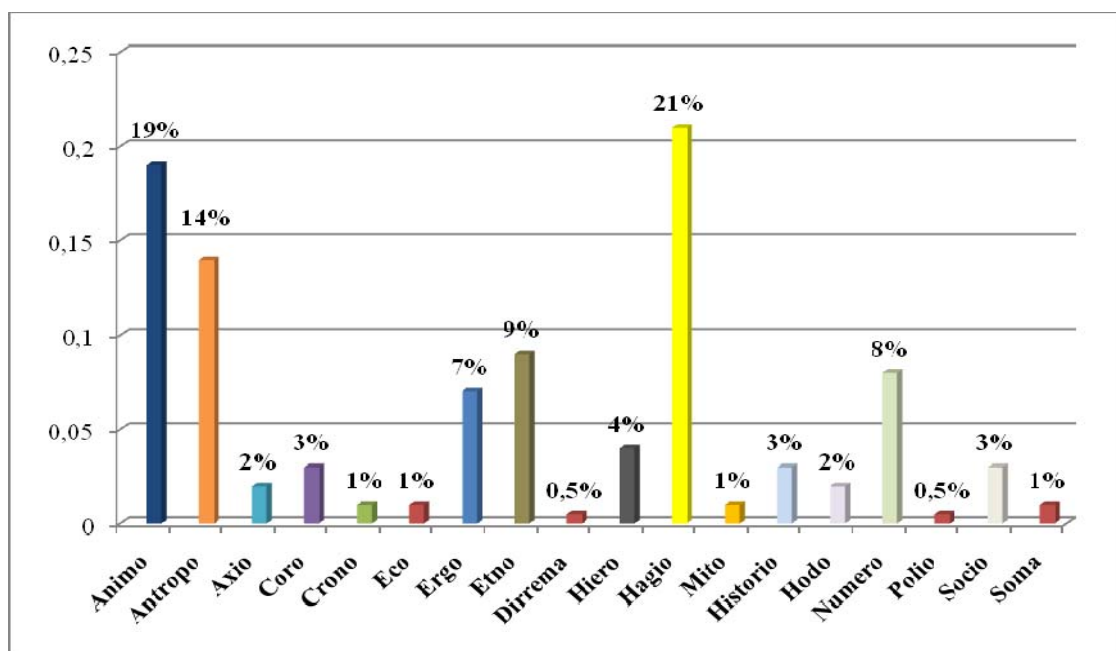
Os dados apontados demonstram a soberania evidente dos *hagiotopônimos*, categoria que alçou um índice elevado em comparação às demais taxes da mesma natureza, atingindo 33% de frequência em relação ao recorte estudado. Tal informação remete a uma particularidade da região, qual seja a influência da igreja católica junto aos colonos, o que será discutido no próximo capítulo deste trabalho.

Em segundo lugar, os *animotopônimos* se destacaram, todavia, com um percentual bem abaixo do primeiro classificado, totalizando 13% de ocorrência entre os designativos dos acidentes humanos na região. Ressalta-se que, em sua maioria, são de expressão positiva, ou seja, são *animotopônimos eufóricos* (ISQUERDO, 1996), denotando que os pioneiros da região procuravam ser otimistas frente à nova realidade, imprimindo nas designações as suas expectativas positivas com relação ao novo espaço escolhido para viver. Seguem os *numerotopônimos*, com um índice de 10% de produtividade, em sua maioria nomes relacionados a datas não registradas pela história oficial.

Já os *antropotopônimos*, com o total de 9% de frequência, registram nomes de pioneiros, moradores, governantes que atuaram na região, dentre outros. Essas pessoas em algum momento foram relevantes na colonização do Paraná, em especial do Oeste Paranaense. Todavia, na maioria dos casos os nomes recuperados pela toponímia não aparecem nos registros sobre a história do Paraná, tendo sido perpetuados apenas por meio dos topônimos da região. Os *corotopônimos*, com 5% de ocorrência, se referem, em sua maioria, a nomes transplantados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, de onde vieram os pioneiros do Oeste Paranaense e representam uma forma de transformar as terras oestinas em uma extensão dos Estados de origem do denominador.

Seguem-se as classificações com índice igual ou inferior a 5% de ocorrências, em ordem decrescente: *cronotopônimos* e *hierotopônimos* (5% cada), *etnotopônimo* (4%) *axiotopônimos*, *ergotopônimos* e *hodotopônimos* (3% cada um), *historiotopônimos* e *sociotopônimos* (2% cada), os *ecotopônimos* *mitotopônimos* e os *poliotopônimos* (1% cada), os *dirrematotopônimos* e os *somatotopônimos* não apresentaram nenhuma ocorrência no Gráfico 5. Para finalizar a apresentação quantitativa das ocorrências das taxes toponímicas propostas por Dick (1990b), o Gráfico 6 demonstra os dados dos acidentes físicos nomeados com taxes de ordem antropocultural.

Gráfico 6 – Distribuição percentual das taxes de natureza antropocultural na nomeação dos acidentes físicos



Paralelamente às informações apresentadas no gráfico anterior (Gráfico 5), a ordem de preferência no batismo de um lugar com nomes que remetem ao universo humano

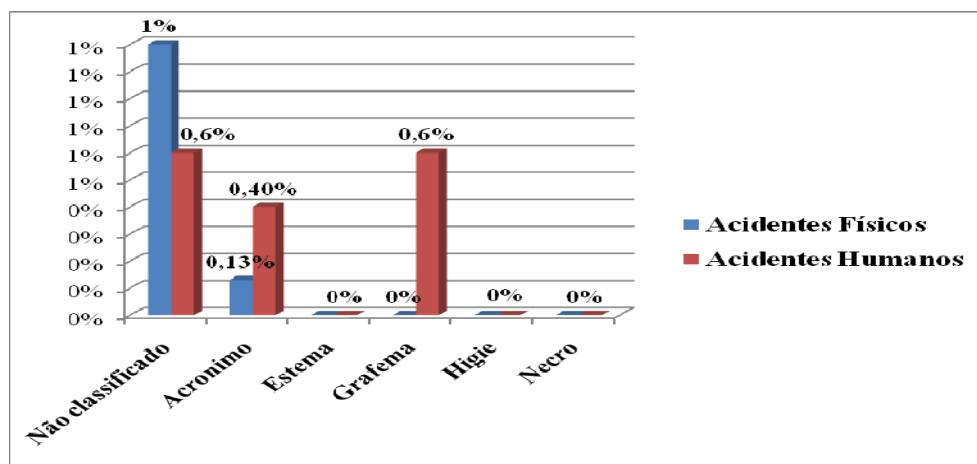
antropocultural continua entre os acidentes físicos, primeiro por nomes de motivação religiosa com referência a santos e santas do hagiológico católico, ou seja, os *hagiotopônimos*, que nesse contexto alcançaram um percentual de 21%. Em seguida, os *animotopônimos* com 19%, que seguem a tendência dos *animotopônimos eufóricos*.

Entre os designativos de acidentes físicos ocorre uma inversão em termos da terceira taxa mais produtiva em relação as que nomeiam acidentes humanos, pois com 14% de produtividade aparecem os *antropotopônimos* que resgatam nomes de moradores que fizeram história na região, seguidos dos *etnotopônimos* que ocupam a quarta colocação de preferência na nomeação dos acidentes físicos, com 9% de ocorrência. Os numerotopônimos alcançaram 8% de produtividade.

Os acidentes físicos apresentaram uma tênue tendência de recuperação de elementos da cultura material e elementos étnicos, pois, os *ergotopônimos* alcançou 7% da totalidade dos dados. Na sequência são arroladas as demais taxas que atingiram um percentual igual ou inferior a 4% no conjunto do *corpus* estudado: *hierotopônimo* (4%); *corotopônimo*, *historiotopônimos* e *sociotopônimos* (3% cada), *axiotopônimos* e *hodotopônimos* (2%), com também as que obtiveram 1% de ocorrência: *cromotopônimos*, *ecotopônimos*, *mitotopônimos* e *somatotopônimos*. Por fim, os *dirrematotopônimos* e os *poliotopônimos* obtiveram cada um 0,5% de frequência.

O Gráfico 7 traz o percentual de ocorrências das taxionomias propostas pelo projeto ATEPAR e o índice de nomes ainda não classificados, dados esses distribuídos segundo os tipos de acidentes.

Gráfico 7 – Distribuição percentual das taxas propostas pelo projeto ATEPAR e dos topônimos não classificados



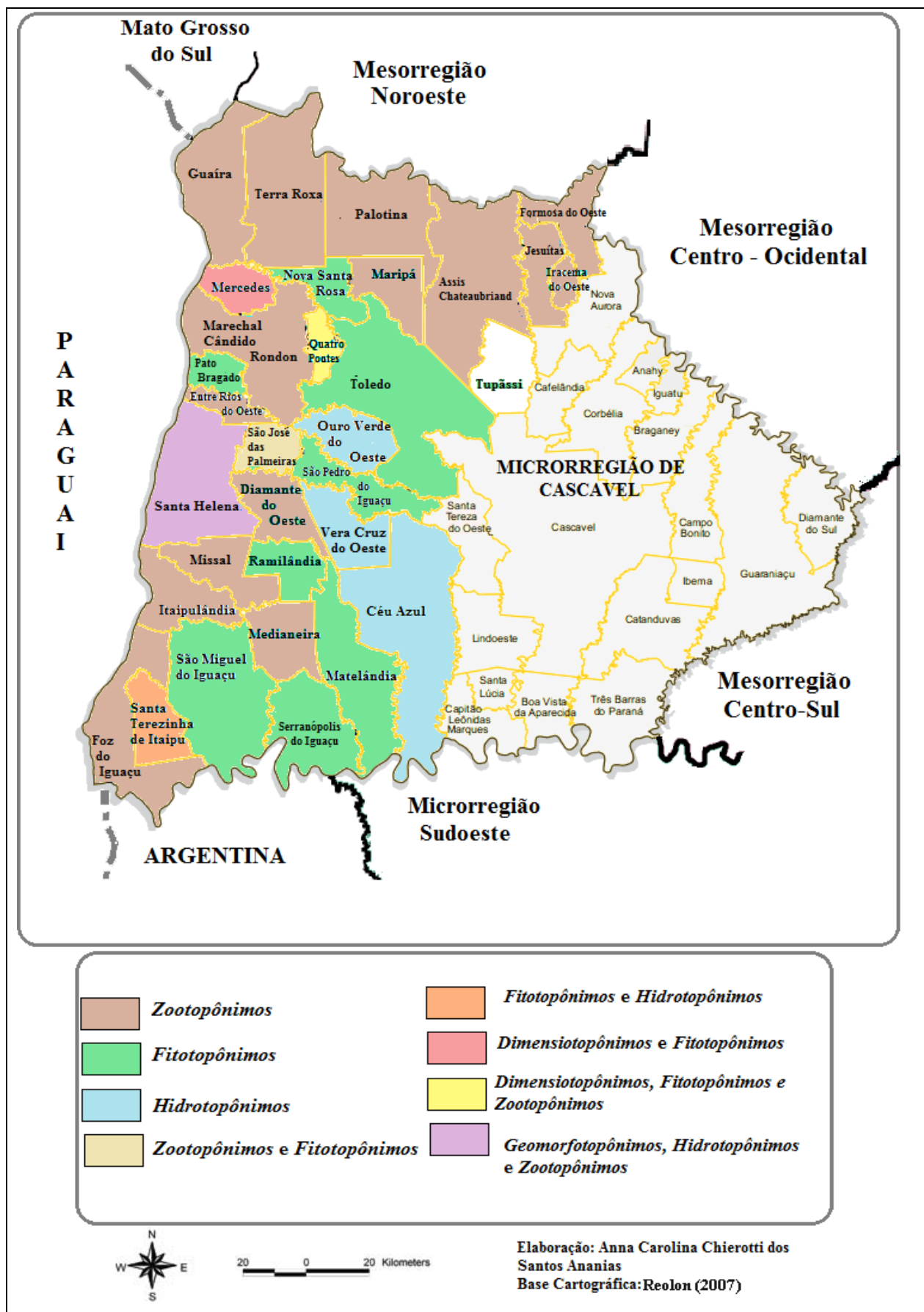
Nota-se que a presença das taxas propostas pelo projeto ATEPAR no universo total dos dados aqui analisados não foi de grande expressão. Tanto entre os acidentes

físicos quanto entre os acidentes humanos não foi encontrado nenhum registro de *estematopônimos*, *necrotopônimos* e de *higietopônimos*. Já em relação aos *grafematopônimos* houve um percentual de 0,6% entre os acidentes humanos, ficando os acidentes físicos sem nenhum registro. Já os *acronimotopônimos* alcançaram 0,40% de frequência nos acidentes humanos e 0,13% nos acidentes físicos, e traduzem uma homenagem às companhias colonizadoras que se fixaram na região, em especial a MARIPÁ.

Por fim, os topônimos de acidentes geográficos que ficaram sem classificação, ora por não terem sido encontradas sua origem ora por não se encaixarem em nenhuma classificação proposta, foi de 0,6% entre os acidentes humanos e 1% entre os acidentes físicos.

As Figuras 8 e 9 a seguir demonstram quais taxionomias foram mais produtivas em cada município estudado. A figura 8 apresenta a maior produtividade de taxionomias de natureza física.

Figura 8 – Carta Toponímica I: Taxionomias de natureza físicas mais produtivas nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu.



Pela distribuição das cores percebe-se que a classe dos *zootopônimos* está mais presente entre os municípios estudados, a saber: Assis Chateaubriand, Diamante do Oeste, Entre Rios do Oeste, Formosa do Oeste, Foz do Iguaçu, Guaíra, Iracema do Oeste, Itaipulândia, Jesuítas, Marechal Cândido Rondon, Maripá, Medianeira, Missal, Palotina, Terra Roxa e Tupâssi. Os dados apresentados demonstram a importância da fauna na vida dos pioneiros que ali chegaram, uma vez que, os animais eram utilizados para muitos interesses, inclusive na alimentação.

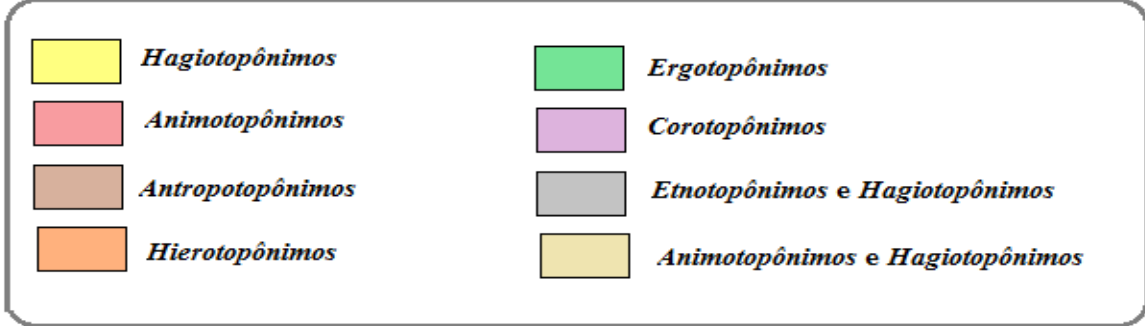
Em seguida vem a categoria dos *fitotopônimos* nos municípios: Matelândia, Nova Santa Rosa, Pato Bragado, Ramilândia, São Miguel do Iguaçu, São Pedro do Iguaçu, Serranópolis do Iguaçu e Toledo.

Os *hidrotopônimos* também marcaram presença entre as categorias mais produtivas, principalmente nos municípios: Céu Azul, Ouro Verde e Vera Cruz do Oeste.

As demais categorias não apresentam apenas uma classe mais produtiva e sim duas ou três, assim, em Mercedes as maiores ocorrências foram de *dimensiotopônimos* e *fitotopônimos*, em Santa Terezinha os *hidrotopônimos* e *fitotopônimos*, em São José das Palmeiras os *zootopônimos* e *fitotopônimos*, em Quatro Pontes os *dimensiotopônimos*, *fitotopônimos* e *zootopônimos*, e finalmente, Santa Helena com os *geomorfotopônimos*, *hidrotopônimos* e *zootopônimos*.

A Figura 9 apresenta a maior produtividade de taxionomias de natureza antropoculturais.

Figura 9 – Carta Toponímica II: Taxionomias de natureza antropoculturais mais produtivas nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu.



20 0 20 Kilometers

Elaboração: Anna Carolina Chierotti dos Santos Ananias
 Base Cartográfica: Reolon (2007)

Os *hagiotopônimos* estão mais representativos entre os municípios: Diamante do Oeste, Iracema do Oeste, Itaipulândia, Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Missal, Ouro Verde do Oeste, Palotina, Ramilândia, Santa Helena, Santa Terezinha de Itaipu, São José das Palmeiras, São Miguel do Iguaçu, São Pedro do Iguaçu, Terra Roxa e Vera Cruz do Oeste.

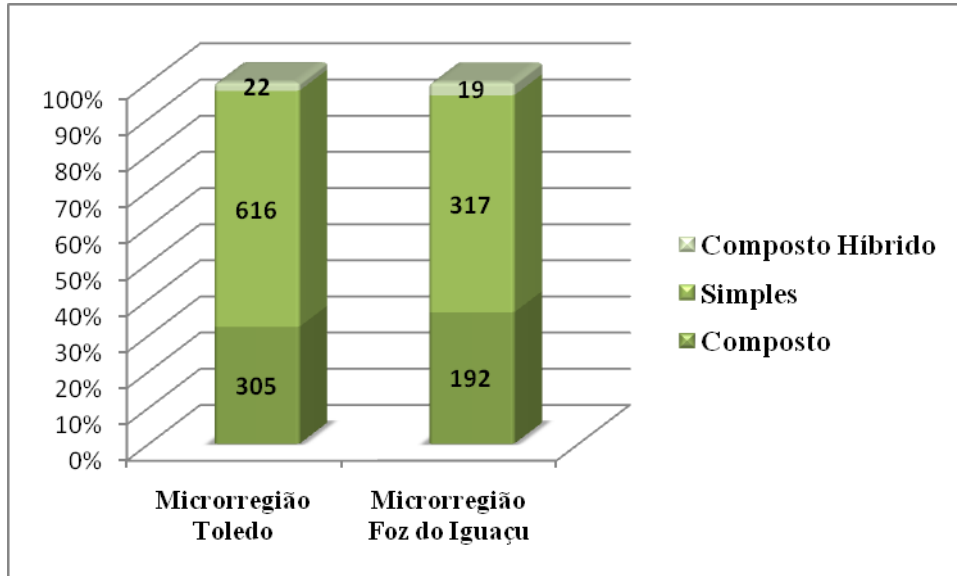
Seguido dos *animotopônimos* em: Assis Chateaubriand, Entre Rios do Oeste, Foz do Iguaçu, Maripá, Serranópolis do Iguaçu e Tupãssi. Os *antropotopônimos* se apresentaram como a terceira taxionomia mais produtiva entre alguns municípios, a saber: Céu Azul, Matelândia e Mercedes.

Algumas categorias foram mais representativas em apenas um município, são elas: *hierotopônimos* em Formosa do Oeste, *ergotopônimos* em Guaíra, *corotopônimo* em Nova Santa Rosa, *etnotopônimo* e *hagiotopônimo* em Jesuítas e *animotopônimos* e *hagiotopônimos* em Toledo. Os municípios Pato Bragado e Quatro Pontes ficaram em branco, pois cada um apresentou cinco taxionomias mais produtivas.

4.2.2 Estrutura Morfológica e Língua De Origem

O topônimo, segundo sua formação, se divide em simples, composto e composto híbrido, como já detalhado anteriormente. O *corpus* coletou 1.471 topônimos em que 933 são simples, 497 compostos e 41 são compostos híbridos que em termos percentuais, representaram: 63% simples, 34% compostos e 3 % compostos híbridos. O Gráfico 8 traz a distribuição da formação dos topônimos coletados de acordo com a microrregião pesquisada.

Gráfico 8 – Distribuição percentual dos topônimos segundo a estrutura morfológica



Nota-se a predominância de topônimos de estrutura simples nas duas microrregiões estudadas: a microrregião de Toledo reuniu 616 (65%) topônimos de estrutura simples, enquanto os de estrutura composta estão na casa dos 305 (32%) e os compostos híbridos 22 (3%), enquanto na microrregião Foz do Iguaçu são 317 (60%) simples e 192 (35%) compostos e os compostos híbridos somaram 19(5%).

Na sequência, o Quadro 33¹⁶⁹ visualiza as línguas de origem e sua quantidade no *corpus* do trabalho. O quadro está dividido em topônimos de estrutura simples, composto e composto híbrido e cada categoria é ilustrada com no mínimo um exemplo retirado aleatoriamente do *corpus*.

Quadro 33 – Distribuição numérica da língua de origem dos topônimos.

SIMPLES		
Língua de origem	Quantidade	Exemplos
LP	525	córrego da Lagoa (Céu Azul), rio Alívio (Assis Chateaubriand), jardim das Flores (Foz do Iguaçu)
LT	318	vila Carimã (Foz do Iguaçu), lajeado Jacaré (Diamante D'Oeste), povoado Guaraci (Itaipulândia)
LE	24	água Perla (Entre Rios do Oeste), Vila Bolsón (Matelândia)
LF	5	córrego Charruá (Medianeira)
LG	18	povoado Apepu (Santa Terezinha de Itaipu), córrego Carambey (Guaira)
LAF	9	sanga Xerê (Nova Santa Rosa), água do Macaco (Toledo)
LIT	2	Povoado Consolata (Palotina)
LNI	32	sanga Paim (Nova Santa Rosa)
TOTAL	933	

¹⁶⁹ Esse quadro é baseado no modelo proposto por Moreira (2006).

COMPOSTO		
Língua de origem	Quantidade	Exemplos
LP+LP	441	povoado Ouro Verde (Foz do Iguaçu), sanga Vinte de Fevereiro (Nova Santa Rosa)
LP+LP+LP	35	povoado São João Bosco (Palotina), morro
LT+LT	7	Córrego Ocoí-mi (Itaipulândia)
LIN+LIN	1	córrego Pic-Nic (Assis Chateaubriand)
LCH+LCH	1	ribeirão Hong Kong (Formosa do Oeste)
LP+LP+LP+LP+LP	12	rio São Francisco Falso Braço Norte (Santa Helena), Rio São Francisco Falso Braço Sul (Diamante D'Oeste)
TOTAL	497	
COMPOSTO HÍBRIDO		
Língua de origem	Quantidade	Exemplos
LP+LT	16	cidade Serranópolis do Iguaçu (Serranópolis do Iguaçu), distrito Vila Iguaporã (Marechal Cândido Rondon)
LP+LF	2	cidade Assis Chateaubriand (Assis Chateaubriand)
LP+LP+LT	13	povoado São José do Guaçu (Marechal Cândido Rondon), córrego São João do Buriti (Itaipulândia)
LP+LG	6	sanga Ruiva-Cuê (Marechal Cândido Rondon), rio Passo Cuê (Santa Terezinha de Itaipu)
LP+LP+LP+LF	1	povoado São João Batista de La Salle (Palotina)
LP+LA	2	povoado Novo Blumenau (Maripá)
LT+LP+LP	1	rio Açu Braço Direito (Palotina)
TOTAL	41	

Como já reiterado ao longo deste trabalho, o homem brasileiro resulta, fundamentalmente, do contato entre três bases étnicas, em consequência da formação histórica do país: os indígenas habitantes primitivos desta nação, os portugueses colonizadores do espaço brasileiro e os africanos trazidos para o novo território durante o período do tráfico negro, etnias essas que predominavam no começo da história do Brasil. Logo, analisar a toponímia de um país é, mergulhar nas origens da formação étnica da população, pois uma característica especial da toponímia é a preservação dos estratos linguísticos formadores da língua falada na localidade.

No âmbito deste trabalho, é indiscutível a predominância da camada linguística portuguesa na toponímia da região Oeste Paranaense, uma vez que, dos 1.471 topônimos coletados, 1054 designativos, simples, compostos e compostos híbridos, possuem origem portuguesa, ou seja, 72% da toponímia regional. A presença marcante dessa camada linguística é justificada pela própria história da região, já que sua efetiva colonização ocorreu no século XIX, época em que a língua portuguesa já estava cristalizada no território nacional. Uma pesquisa a partir de dados de sincronias pretéritas poderá apresentar resultado diferente,

visto que, conforme o Tratado de Tordesilhas, a região Oeste do Paraná pertencia aos espanhóis.

A camada indígena também marca presença considerável entre os topônimos registrados no Oeste Paranaense, o que confirma a posição de Sampaio (1987, p. 63):

Não há quem desconheça a predominância do tupi em nossas denominações geográficas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades, como os simples povoados, trazem geralmente nomes bárbaros que o gentio, dominador outrora, lhes aplicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois não raro, trocam-se, substituem-se nomes portugueses de antigas localidades por outros de procedência indígenas, às vezes lembrados ou compostos na ocasião, às vezes restaurados pelos amadores das coisas velhas e tradicionais.

A camada africana não apresentou grandes influências toponímicas na região, pois houve apenas nove registros de topônimos de base africana em todo o *corpus* (0,6%).

4.3 A MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA

Este capítulo reúne uma análise pontual dos dados, organizada segundo as tendências observadas no conjunto dos topônimos examinados.

4.3.1 A história e o Meio Ambiente *Versus* Toponímia Regional

Conforme já pontuado no capítulo 3 – *Breve Panorama Histórico do Oeste Paranaense* – a história dessa região pode ser demarcada segundo quatro fases: a ocupação indígena até o século XVI; as reduções jesuíticas no século XVI; as *obrages* no século XIX, e por fim, o período do efetivo povoamento da mesorregião Oeste Paranaense, que ocorreu a partir da campanha denominada *Marcha para o Oeste* e da implementação das companhias colonizadoras no século XX, mais especificamente entre os anos de 1930 e 1960 (REOLON, 2007, p. 50).

Considerando que o topônimo incorpora elementos motivacionais e imprime ao nome índices do momento vivenciado pela comunidade, os estudos toponímicos podem evidenciar estreita ligação com a história local, à medida que o trabalho do toponimista consiste também na interpretação da relação existente entre os momentos históricos vividos pela comunidade e os dados coletados, o que permite o resgate de aspectos relativos ao próprio

perfil ideológico desse povo. Os dados toponímicos analisados neste trabalho evidenciaram, em especial, quatro tendências motivadas por fatores relacionados ao processo de povoamento da região Oeste Paranaense, que foram objeto de reflexão neste capítulo: a influência religiosa dos colonos e os *hagiotopônimos*; a vegetação nativa da região presente entre os *fitotopônimos*; as expectativas do sujeito-nomeador e os *animotopônimos* e, por fim, a etnia indígena como camada etnodialetológica marcante no Oeste Paranaense.

4.3.1.1 Os hagiotopônimos e a fé na região Oeste Paranaense

Dentre as quatro fases apontadas por Reolon (2007), duas parecem justificar a fixação da fé cristã na região, mais especificamente a professada pela igreja católica, e que se manifesta na toponímia por meio da significativa incidência de *hagiotopônimos*, visto que, como já assinalado, a escolha do nome do lugar expressa valores veiculados pela sociedade em que está inserido o denominador.

As reduções jesuíticas, movimento cujo principal propósito era o de catequizar os índios que povoavam o lugar, por exemplo, estavam localizadas onde, atualmente, se encontram os municípios de Guaíra e de Terra Roxa.

Esse movimento marcou o início da fixação da igreja católica na região. A expansão da Companhia de Jesus ocorreu de forma rápida, pois, como assinala Deitos (2004, p. 34), o trabalho nas companhias era tão intenso e organizado que, em torno de 20 anos, formaram uma dezena de reduções. Porém, rápida também foi sua devastação, pois, em torno de quatro anos (1629-1632), as reduções foram destruídas, haja vista que não encontraram apoio nem dos espanhóis nem dos portugueses:

As reduções provocaram grande preocupação aos espanhóis devido ao êxito alcançado pelos jesuítas. A concorrência comercial e absorção da mão-de-obra indígena pelas reduções conflitavam com os interesses espanhóis. Somando a isso se registrava também a insuficiente remessa de escravos africanos, o que provocou a atração dos domínios portugueses pela mão-de-obra indígena. As bandeiras paulistas tinham nas reduções jesuíticas do Guairá grandes interesses, uma vez que os indígenas que ali se encontravam haviam sido completamente domesticados pelos jesuítas, o que facilitou a mão-de-obra escrava dos índios (DEITOS, 2004, p. 34).

Assim, sem apoio, os jesuítas presenciaram, conforme Busse (2010, p. 33), o “maior conflito da história entre brancos e indígenas, com a destruição das reduções jesuíticas e demais povoações espanholas pelos bandeirantes”. Com a queda dessa organização, os índios

sobreviventes fugiram, o que gerou desinteresse pela região, pois, sem os índios, o Oeste do Paraná não apresentava mais nenhum atrativo para as ambições da Coroa Portuguesa.

Outra fase de significativa influência da igreja católica na região Oeste do Paraná foi a apontada como o último período de colonização (1930 a 1960), quando ali se instalaram as companhias colonizadoras, trazendo consigo colonos provenientes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, em sua maioria de ascendência italiana que professavam a fé católica. Nessa fase a igreja católica exerceu grande influência sobre a população, assumindo-se como mediadora entre os colonos e suas preocupações e problemas e os patrões, o que desencadeou, conforme menciona Deitos (2004, p. 226), um imaginário religioso marcado pelo discurso da igreja:

A atuação da Igreja junto aos fiéis possibilitou a construção de um imaginário religioso através do qual ao mesmo tempo em que a Igreja valorizou a presença dos colonos, estes tiveram a possibilidade de se instalarem na região, e estabelecerem uma relação de valorização ao papel desempenhado pela Igreja. A Igreja Católica utilizou-se de práticas e discursos que possibilitaram marcar presença na região, desenvolvendo uma estratégia que a caracterizou como uma instituição de necessidade ímpar junto aos colonos, a fim de provê-los dos “bens espirituais”.

Nesse período não se pode desconsiderar a força do catolicismo no Brasil, haja vista que, na década de 50, época em que as companhias colonizadoras instalaram-se no Oeste Paranaense, o Brasil era considerado “a maior nação católica dos nossos tempos” (AZEVEDO, 2002, p. 55). Na época, a população brasileira era de 52 milhões de habitantes, assim distribuídos em termos percentuais, segundo a religião processada:

A situação por ocasião do censo de 1950 era: católicos 93,48%; protestantes 3,35; espíritas 1,58; ortodoxos 0,07; israelitas 0,13; budistas 0,29; maometanos 0,00 (apenas 3.454) indivíduos; outras religiões 0,27; sem religião 0,52; sem declaração de religião 0,26% (AZEVEDO, 2002, p. 55).

Cabe ressaltar que nessa época alguns alemães também se instalaram na região a par dos italianos que eram a maioria, e trouxeram para a nova terra o protestantismo. Deitos (2004, p. 85) destaca a relação não muito amigável entre as igrejas, pois a Igreja Católica via a Igreja Protestante como um inimigo, que era “combatido por sacerdotes católicos, não demonstrando nenhum esforço de diálogo ecumênico”.

Transportando esse quadro da história social da região para a toponímia, nota-se que a escolha do nome do lugar expressa, de forma significativa, as influências ambientais a

que o indivíduo está exposto. Esse cenário marcado pelo imaginário religioso desencadeado pelas ações da igreja católica parece justificar a grande presença de nomes de santos do hagiológico católico na designação de elementos geográficos humanos e físicos na região em estudo, como foi demonstrado neste trabalho.

O Quadro 34 a seguir registra a distribuição geral dos topônimos catalogados a partir dos mapas dos municípios paranaenses em estudo e respectivos *hagiotopônimos* identificados em cada um desses municípios estudados. Dispostos em quatro colunas, os dados foram assim sistematizados: a primeira coluna apresenta a microrregião a que pertence o município; a segunda se refere ao município analisado, organizados em ordem alfabética, as demais colunas comportam a distribuição dos topônimos segundo o tipo de acidente (humano ou físico) que, por sua vez, são subdivididas a fim de apresentar o total de topônimos coletados no município e desse total o número de *hagiotopônimos*.

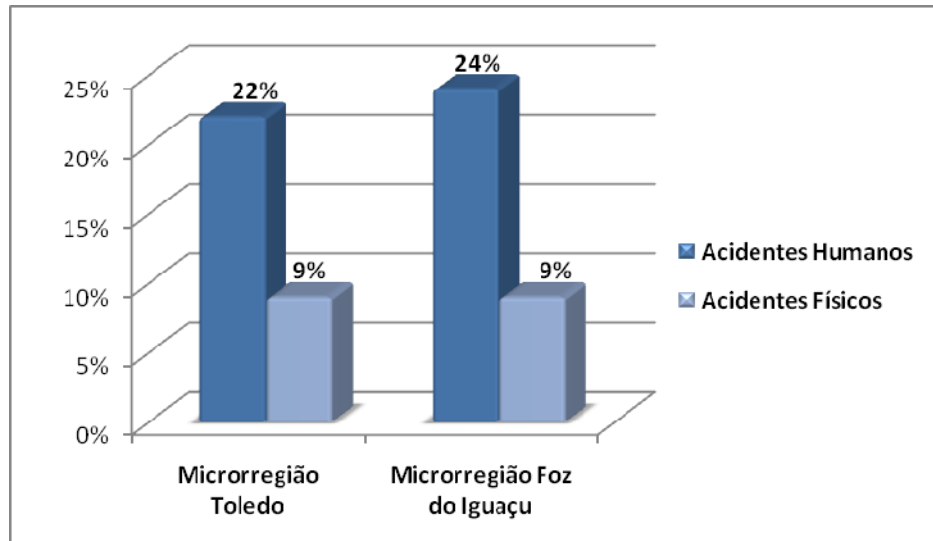
Quadro 34 – Distribuição dos hagiotopônimos segundo os municípios das microrregiões de Toledo e de Foz do Iguaçu

MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO	ACIDENTES HUMANOS		ACIDENTES FÍSICOS	
		Topônimos	Hagiotopônimos	Topônimos	Hagiotopônimos
TOLEDO	Assis Chateaubriand	32	05	66	02
	Diamante D'Oeste	13	03	34	10
	Entre Rios do Oeste	5	0	10	1
	Formosa do Oeste	12	1	23	0
	Guaira	27	3	45	2
	Iracema do Oeste	3	1	8	1
	Jesuítas	11	2	23	2
	Marechal Cândido Rondon	28	6	60	8
	Maripá	8	0	24	0

	Mercedes	4	0	23	1
	Nova Santa Rosa	6	0	15	0
	Ouro Verde do Oeste	7	2	15	2
	Palotina	21	9	42	5
	Pato Bragado	6	0	9	1
	Quatro Pontes	3	0	15	1
	Santa Helena	23	11	44	7
	São José das Palmeiras	5	2	20	4
	São Pedro do Iguaçu	11	7	16	3
	Terra Roxa	11	1	54	5
	Toledo	34	6	92	5
	Tupãssi	13	2	28	1
FOZ DO IGUAÇU	Céu Azul	15	5	41	5
	Foz do Iguaçu	24	2	44	2
	Itaipulândia	19	2	24	4
	Matelândia	12	0	33	2
	Medianeira	13	5	33	1
	Missal	18	6	28	6
	Ramilândia	12	2	15	2
	Santa Terezinha de Itaipu	15	4	18	1
	São Miguel do Iguaçu	34	12	56	2
	Serranópolis do Iguaçu	11	2	21	0
	Vera Cruz do Oeste	8	1	36	5
	TOTAL	459	102	1.012	91

Os dados do quadro demonstram que, do total de 1.471 topônimos coletados (459 nomes de acidentes humanos e 1.012 designativos de acidentes físicos), 193 foram classificados como *hagiotopônimos*, o que representa 13% dos dados. Em relação à distribuição desses topônimos entre acidentes humanos e acidentes físicos, dos 459 nomes de acidentes humanos, 102 são *hagiotopônimos* e dos 1.012 topônimos de acidentes físicos, 91 são denominações de santos e santas do hagiologia católica. O Gráfico 9, a seguir, apresenta a distribuição percentual dos *hagiotopônimos*, segundo o tipo de elemento geográfico nomeado e as microrregiões onde se localizam os designativos.

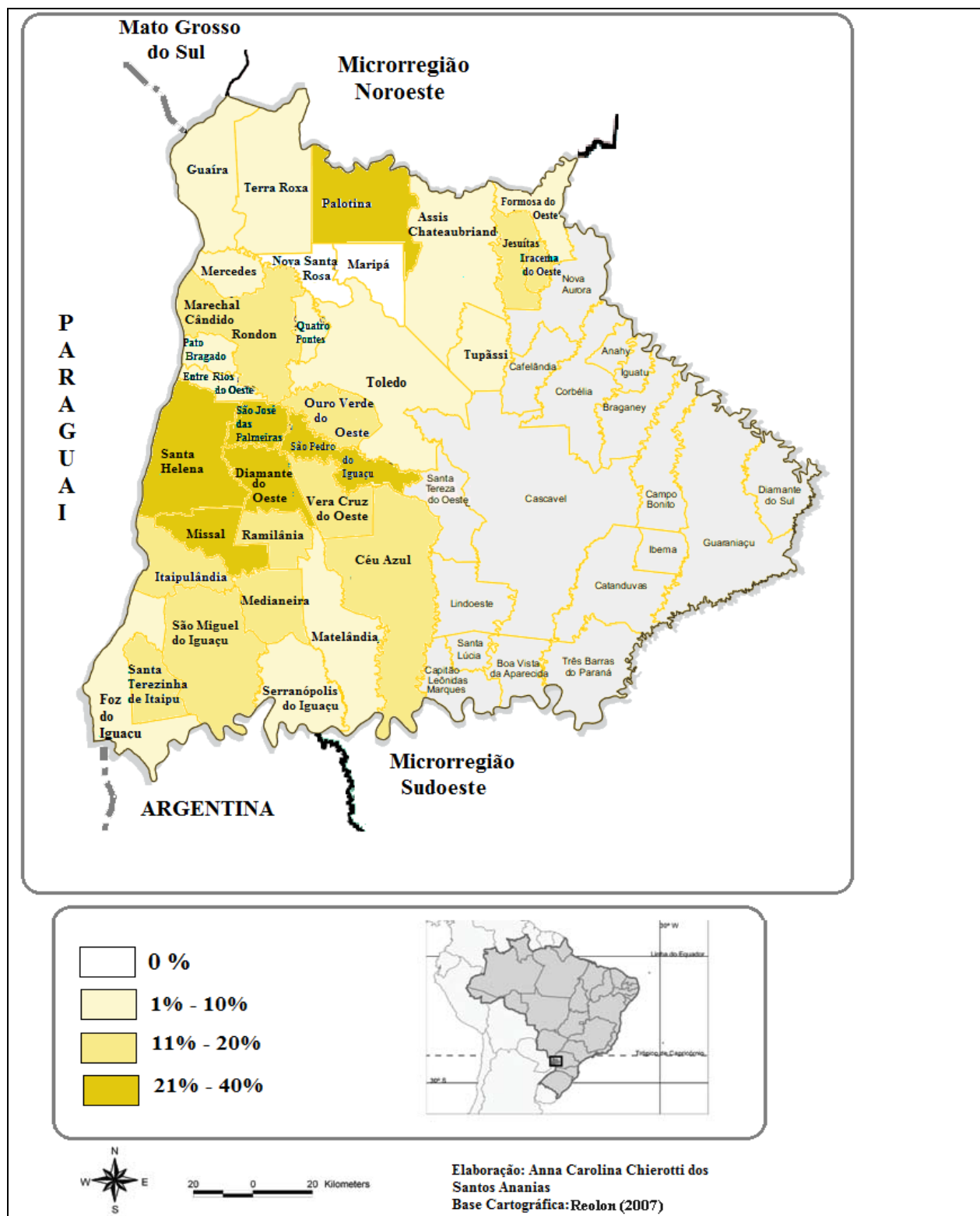
Gráfico 9 – Percentual de *hagiotopônimos* nas microrregiões de Toledo e de Foz do Iguaçu



Os dados do gráfico apontam para maior incidência de *hagiotopônimos* entre os acidentes humanos, como um percentual levemente superior nos situados na microrregião de Foz do Iguaçu: 24% contra os 22% da microrregião de Toledo, dados esses que se coadunam com a tendência de predomínio de taxes de natureza antropocultural entre os acidentes humanos. Já no que diz respeito aos acidentes físicos, as duas microrregiões em estudo acolhem, cada uma delas, apenas 9% do percentual dos *hagiotopônimos* catalogados, dado que referenda uma tendência geral da toponímia, à medida que as pesquisas na área não têm demonstrado números significativos de *hagiotopônimos* na nomeação de acidentes físicos. Nesse particular, a produtividade dessa categoria na área investigada representa um dado peculiar da toponímia em terras do Oeste do Paraná.

Para melhor visualização dos dados, optou-se por apresentar uma carta toponímica que traz os dados por meio do sistema de escala cromática com vistas a demonstrar a distribuição percentual dos *hagiotopônimos* em cada município estudado.

Figura 10 – Carta Toponímica III: Produtividade de *hagiotopônimos* nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu.



Os dados da Figura 10 demonstram que em apenas dois municípios não houve ocorrência de *hagiotopônimos*: Nova Santa Rosa e Maripá, ambos pertencentes à microrregião de Toledo. Uma possível explicação para esse fenômeno pode ser encontrada em dados de natureza histórica, à medida que Nova Santa Rosa e Maripá são núcleos de colonos alemães, oriundos, respectivamente, de Santa Rosa, Estado do Rio Grande do Sul, e de terras

catarinenses que, em sua maioria, professam religiões protestantes e que ali imprimiram a sua maneira de ver o mundo, no que tange a questões religiosas, o que se manifesta também na matriz toponímica desses municípios. Em contrapartida, a produtividade de *hagiotopônimos* é mais acentuada nos municípios próximos à fronteira com o Paraguai, país com forte tradição católica, e região colonizada por migrantes de ascendência italiana, características essas refletidas na toponímia local.

No Oeste Paranaense há poucos indícios da presença dos jesuítas, principalmente, onde hoje se situam os municípios de Guaíra e de Terra Roxa que, por sua vez, apresentaram, respectivamente, 7% e 9% de produtividade de *hagiotopônimos*, ou seja, o menor índice de ocorrência entre os municípios estudados, demonstrando que a toponímia contemporânea evidencia menor influência jesuítica que dos colonos do Rio Grande do Sul que chegaram ao Estado por meio das diversas companhias colonizadoras. Um estudo com base na cartografia histórica poderá evidenciar outro panorama toponímico nesses municípios.

Os municípios com um índice de 1% a 10% de *hagiotopônimos* foram organizados, em ordem alfabética, acompanhados dos respectivos percentuais de ocorrência da taxa em pauta: Assis Chateaubriand (7%), Entre Rios do Oeste (7%), Formosa do Oeste (6%), Foz do Iguaçu (6%), Guaíra (7%), Matelândia (4%), Mercedes (4%), Pato Bragado (7%), Quatro Pontes (6%), Serranópolis do Iguaçu (6%), Terra Roxa (9%), Toledo (9%) e Tupãssi (7%). Já os municípios com 11% a 20% de frequência de *hagiotopônimos* foram Céu Azul (18%), Jesuítas (12%), Iracema do Oeste (18%), Itaipulândia (14%), Marechal Cândido Rondon (16%), Medianeira (13%), Ouro Verde do Oeste (18%), Ramilândia (15%), Santa Terezinha de Itaipu (15%), São Miguel do Iguaçu (16%) e Vera Cruz do Oeste (14%). Por sua vez, os municípios cuja frequência de *hagiotopônimos* está entre 21% e 40% foram Palotina (24%), Diamante do Oeste (28%), Missal (28%), Santa Helena (27%) e São Pedro do Iguaçu (37%), São José das Palmeiras (24%).

Muitas ocorrências de *hagiotopônimos* foram comuns nas duas microrregiões estudadas. Segue o Quadro 35 com a lista, em ordem alfabética, dos *hagiotopônimos* registrados nos mapas oficiais consultados para este estudo. O universo de 193 *hagiotopônimos* documentados reuniu 51 nomes distintos de santos e de santas do hagiológico.

Quadro 35 – Relação de *hagiotopônimos* identificados nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu.

1. Santa Catarina	18. São Bento	35. São Judas
2. Santa Cecília	19. São Bernardo	36. São Lourenço
3. Santa Clara	20. São Brás	37. São Luiz

4. Santa Eliza	21. São Camilo	38. São Manuel
5. Santa Helena	22. São Carlos	39. São Miguel
6. Santa Inês	23. São Clemente	40. São Paulo
7. Santa Izabel	24. São Cosme e São Damião	41. São Pedro
8. Santa Lourdes	25. São Cristiano	42. São Roque
9. Santa Luzia	26. São Cristóvão	43. São Salvador
10. Santa Maria	27. São Domingos	44. São Sebastião
11. Santa Monica	28. São Francisco	45. São Silvestre
12. Santa Quitéria	29. São João	46. São Valentim
13. Santa Rita	30. São João Batista	47. São Vendelino
14. Santa Rosa	31. São João Bosco	48. São Vicente
15. Santa Terezinha	32. São Joaquim	49. Nossa Senhora Consolata
16. Santo Ângelo	33. São Jorge	50. Nossa Senhora Medianeira
17. Santo Antônio	34. São José	51. Nossa Senhora da Salete

Vale ressaltar que entre os sintagmas toponímicos classificados como *hagiotopônimos*, duas estruturas se destacaram:

1. **nome de santo/a + adjetivo e/ou adjetivo + sintagma nominal:** Santa Helena Velha, São Francisco Falso, São Francisco Falso Braço Norte, São Francisco Falso Braço Sul;
2. **nome de santo/a + sintagma preposicional:** Santa Terezinha *de Itaipu*, Santa Rita *do Oeste*, Santa Rosa *de Lima*, Santa Rosa *do Ocoí*, São João do Buriti, São José das Palmeiras, São José do Iguaçu, São José do Itavó, São José do Ocoí, São Luiz do Oeste, São Miguel do Iguaçu, São Pedro do Iguaçu, São Pedro do Piquiri, São Roque da Memória e São Roque do Lopeí.

Outra tendência observada diz respeito à notável predominância de *hagiotopônimos* referentes a santos masculinos, destes, *São Francisco* foi o mais produtivo na toponímia religiosa da região investigada, cuja presença foi marcante em: Céu Azul AH/AF, Missal AH/AF, Assis Chateaubriand AH, Entre Rios do Oeste AF, Jesuítas AF, Marechal Cândido Rondon AF, Ouro Verde do Oeste AF, Pato Bragado AF, São José das Palmeiras AF, São Pedro do Iguaçu AH, Toledo AF. A referência a esse santo deu-se em algumas localidades acrescido de adjetivo e/ou de adjetivo + sintagma nominal, como o assinalado no parágrafo anterior: *São Francisco Falso* (Céu Azul AF, Santa Helena AF); *São Francisco Falso Braço Sul* (Céu Azul AF, Ramilândia AF, Vera Cruz do Oeste AF, Diamante D'Oeste AF) e, por fim, *São Francisco Falso Braço Norte* (Céu Azul AF, Vera Cruz do Oeste AF, Diamante D'Oeste AF, Santa Helena AF, São José das Palmeiras AF, São Pedro do Iguaçu AF, Toledo AF).

São João, por sua vez, foi o segundo nome de santo mais homenageado entre os *hagiotopônimos* relativos à região Oeste Paranaense, tendo sido identificado nos seguintes municípios: Foz do Iguaçu AH, Foz do Iguaçu AF, Itaipulândia AF, Missal AF, Santa Terezinha de Itaipu AF, Diamante D'Oeste AF, Guaíra AH/AF, Santa Helena AH/AF, Terra Roxa AF, Toledo AF. O topônimo *São João* aparece também, ora seguido de elemento identificador que se reporta à variedade de santos do hagiológico romano nomeados com o sintagma “São João”: São João Batista (Serranópolis do Iguaçu AH), São João Batista de La Salle (Palotina AH), São João Bosco (Palotina AH), ora acrescido de um sintagma preposicional que remete a um elemento da flora: São João do Buriti (Itaipulândia AF).

O *hagiotopônimo* São Pedro se posiciona como o terceiro entre os nomes dessa categoria na preferência toponímica da região estudada, como em Missal AH, Santa Terezinha de Itaipu AH, Vera Cruz do Oeste AF, Assis Chateaubriand AH/AF, Guaíra AF, Iracema do Oeste AH, Palotina AF e São Pedro do Iguaçu AH/AF. O topônimo *São Pedro* também marcou presença na nomeação de outros acidentes geográficos, acrescidos de sintagma preposicional, como em São Pedro do Iguaçu (São Pedro do Iguaçu AH) e São Pedro do Piquiri (Palotina AH).

São Vicente, São Sebastião e São José tiveram algumas ocorrências, embora não tão significativas em termos de produtividade como os três santos já mencionados: *São Vicente*: Itaipulândia AF, Missal AF, Ramilândia AH, São Miguel do Iguaçu AH, Palotina AH, Santa Helena AF, Terra Roxa AF, Tupãssi AF; *São Vicente Chico*: Santa Helena AH/AF; *São Sebastião*: Foz do Iguaçu AH, Missal AH/AF, Vera Cruz do Oeste AH, Jesuítas AF, Ouro Verde do Oeste AH, Toledo AH; *São José*: Missal AH, Santa Terezinha de Itaipu AH, Assis Chateaubriand AH, Guaíra AH, Palotina AF; *São José das Palmeiras*: São José das Palmeiras AH; *São José do Guaçu*: Marechal Cândido Rondon AH; São José do Iguaçu: São Miguel do Iguaçu AH, *São José do Itavó*: Itaipulândia AH e *São José do Ocoí*: Medianeira AH.

Outros *hagiotopônimos* obtiveram menor índice de ocorrência, como os listados a seguir que foram ordenados em ordem decrescente em termos de ocorrências: *São Cristóvão* (Céu Azul – AH, Diamante D'Oeste AF, Marechal Cândido Rondon AH/AF, Palotina AF), *Santo Antônio* (Matelândia AF, São Miguel do Iguaçu AH, Guaíra AH, Palotina AH, Toledo AF), *São Domingos* (Matelândia AF, Ramilândia AF, Diamante D'Oeste AF, São José das Palmeiras AF); *São Luiz* (Iracema do Oeste AF, Marechal Cândido Rondon AF, Mercedes AF, Santa Helena AH); *São Roque* (Céu Azul – AH, Marechal Cândido Rondon AH, Santa Helena AH/AF); São Salvador (Diamante D'Oeste AH, Marechal Cândido Rondon AH, Toledo AH); *São Brás* (Medianeira AH, São Miguel do Iguaçu AH, Santa Helena AH); *São*

Paulo (Jesuítas AH, Terra Roxa AF); *São Miguel* (Santa Helena AH, Toledo AH); *São Camilo* (Palotina AH/AF) e *São Clemente* (Palotina AH, Santa Helena AH).

Houve ainda o registro de *hagiotopônimos* com ocorrência única: *São Silvestre* (Missal AH/AF), *São Valentim* (Medianeira AH), *São Vendelino* (Santa Terezinha de Itaipu AH), *São Roque da Memória* (Tupãssi AH), *São Roque do Lopeí* (Toledo AH), *São Miguel do Iguaçu* (São Miguel do Iguaçu AH), *São Luiz do Oeste* (Toledo AH), *São Manuel* (Diamante D'Oeste AF), *São Lourenço* (São Miguel do Iguaçu AF), *São Judas Tadeu* (São Pedro do Iguaçu AH), *São Joaquim* (São José das Palmeiras AF), *São Jorge* (São Miguel do Iguaçu AH), *São Cosme e Damião* (Assis Chateaubriand AH), *São Cristiano* (Quatro Pontes AF), *São Bento* (Terra Roxa AF), *São Bernardo* (Medianeira AH), *São Carlos* (São Miguel do Iguaçu AH) e *Santo Ângelo* (Marechal Cândido Rondon AF).

Entre os *hagiotopônimos* formados com nomes de santas, o de maior destaque foi *Santa Terezinha*, documentado em Diamante D'Oeste AH/AF, Formosa do Oeste AH, Marechal Cândido Rondon AH/AF, Santa Helena AH e Toledo AH, além de *Santa Terezinha de Itaipu* (Santa Terezinha de Itaipu AH). Os *hagiotopônimos* *Santa Helena*, *Santa Maria*, *Santa Quitéria*, *Santa Rita* e *Santa Inês* somaram, cada um, três ocorrências, ficando assim distribuídos: *Santa Helena* (Jesuítas AH, Assis Chateaubriand AF, Santa Helena AH), também com a variação *Santa Helena Velha* (Santa Helena AH); *Santa Maria* (Foz do Iguaçu AF, Diamante D'Oeste AH/AF); *Santa Quitéria* (Ouro Verde do Oeste AH/AF, São Pedro do Iguaçu AF); *Santa Rita* (Céu Azul – AH, São Miguel do Iguaçu AH, Assis Chateaubriand AH); *Santa Rita do Oeste* (Terra Roxa AH) e, por último, *Santa Inês* (Itaipulândia AH, Vera Cruz do Oeste AF, Diamante D'Oeste AF).

Os *hagiotopônimos* a seguir nomearam apenas dois ou um acidente geográfico dos municípios estudados: *Nossa Senhora da Salete* (Palotina AH, Medianeira AF), *Santa Cecília* (Missal AH, Vera Cruz do Oeste AF), *Santa Clara* (São Miguel do Iguaçu AF, Palotina AF, Santa Helena AH), *Santa Eliza* (São Miguel do Iguaçu AH, São Pedro do Iguaçu AH), *Santa Luzia* (Céu Azul – AH, Palotina AH), *Santa Rosa*¹⁷⁰ (Marechal Cândido Rondon AF, Toledo AF), *Santa Rosa do Ocoí* (São Miguel do Iguaçu AH), *Santa Rosa de Lima* (Serranópolis do Iguaçu AH), *Santa Catarina* (Missal AH), *Santa Izabel* (Ramilândia AH),

¹⁷⁰ O topônimo Santa Rosa também foi considerado um *corotopônimo*, pois pode ser um nome transplantado.

Santa Lourdes (Terra Roxa AF), *Santa Monica* (São Pedro do Iguaçu AH), Medianeira¹⁷¹ (Medianeira AH) e *Consolata*¹⁷² (Formosa do Oeste AH).

Em um balanço geral referente às tendências da toponímia religiosa no Oeste Paranaense, salienta-se que no conjunto dos 191 *hagiotopônimos* analisados neste trabalho, os três mais produtivos foram *São Francisco*, *São João* e *São Pedro*.

São Francisco, o santo conhecido como o patrono dos animais e do meio ambiente, obteve 27 ocorrências entre os municípios investigados. Megale (2003, p.106) esclarece que São Francisco é um santo muito popular no Brasil e sua oração é uma das mais conhecidas. Já o segundo mais frequente, com 15 ocorrências, foi *São João*, nome genérico que integra o nome de inúmeros santos do hagiológico romano, sendo São João Batista, o primo de Jesus, o mais popular nos países lusófonos. O *hagiotopônimo São Pedro*, por seu turno, obteve 13 ocorrências. São Pedro era discípulo de Jesus e, como argumenta Megale (2003, p.183), é difundido como o “padroeiro dos pecadores, das viúvas e dono das chaves do céu”.

Dick (1990b, p. 155), ao tratar dos topônimos de caráter religioso, argumenta o seguinte:

Não se cogita, porém, na toponímia de origem religiosa, da busca do equilíbrio perfeito e da exata adequação entre “nome” e “objeto nomeado”, um dos máximos objetivos da disciplina. Tampouco se pode dizer que a motivação, extrínseca à natureza do acidente, não o define nem se ajusta à normatividade do sistema onomasiológico. Apenas o fenômeno associativo é de outra ordem, porque centralizado no denominador; as circunstâncias locais pouco interferem na escolha, desde que sua causa determinante se prende ao homem, às manifestações de seu espírito, à maior sensibilidade pelos fatos místicos, à sua crença e à sua fé.

Entende-se, portanto, que os motivos que levam o indivíduo a escolher, dentre tantas possibilidades, um designativo de caráter religioso para nomear um acidente geográfico são, em sua maioria, de natureza intrínseca, ou seja, estão ligados diretamente a fatores ideológicos, em especial, no que diz respeito às opções religiosas.

Dick (1990b, p. 159-160), em balanço acerca da taxa dos *hagiotopônimos* na toponímia brasileira, aponta a preferência pelos santos São José e Santo Antônio entre os mais produtivos nos diferentes Estados do Brasil. Nesse particular, os dados aqui analisados

¹⁷¹ Nome atribuído em homenagem a Nossa Senhora Medianeira.

¹⁷² Nossa Senhora Consolata (ou Consoladora dos Aflitos) é conhecida como “Mãe das Consolações”, “Consoladora dos Aflitos”, e “Consolata” que é a forma popular de Consoladora. Informação retirada do site <http://evangelhoquotidiano.org/main.php?language=PT&module=saintfeast&id=10903&fd=0>. Acessado em 10 set. 2012.

contrariam essa tendência, à medida que no Oeste Paranaense São José ocupou a quarta posição entre a preferência popular dos paranaenses, enquanto Santo Antônio se posicionou em quinto lugar na toponímia religiosa da região investigada. Esse panorama pode ser explicado por fatores históricos, como os já assinalados neste trabalho.

A estudiosa cita também outros nomes de santos recuperados pela toponímia brasileira: São João, São Francisco, São Pedro, São Domingos, São Sebastião, São Miguel, São Bento, São Vicente, São Joaquim, São Gonçalo e São Mateus. Em relação ao estudo da toponímia das microrregiões de Toledo e de Foz do Iguaçu, desses nomes de santos, apenas São Gonçalo e São Mateus não foram documentados. Já São João, São Francisco, São Pedro foram os de maior índice de produtividade na área estudada.

Este estudo confirmou outro dado apresentado por Dick (1990b, p. 160): o menor índice de produtividade de nome de santas entre os *hagiotopônimos*. A toponimista constatou a preferência nacional por Santa Ana/Sant’Ana, topônimo esse não identificado na região Oeste do Paraná, onde o favoritismo incidiu sobre Santa Terezinha. Além desse, outros nomes são apontados pela estudiosa na hagiotoponímia brasileira, dentre outros, Santa Bárbara, Santa Izabel e Santa Luzia. Já no Oeste Paranaense, além da Santa Terezinha, o maior número de ocorrências recaiu entre Santa Helena, Santa Rita e Santa Rosa.

Por fim, este item do Capítulo IV, ao discutir a relação entre os *hagiotopônimos* e os fatores sócio-históricos e ambientais, confirmou a estreita relação entre a escolha do nome de lugar e condicionantes histórico-geográficos, em especial os relacionados aos processos de povoamento, já que os migrantes tendem a perpetuar nos designativos de lugares suas crenças e expectativas frente ao novo espaço escolhido para construir uma nova fase de suas vidas.

O próximo tópico foi destinado à análise de outra categoria expressiva no *corpus* — os *fitotopônimos*.

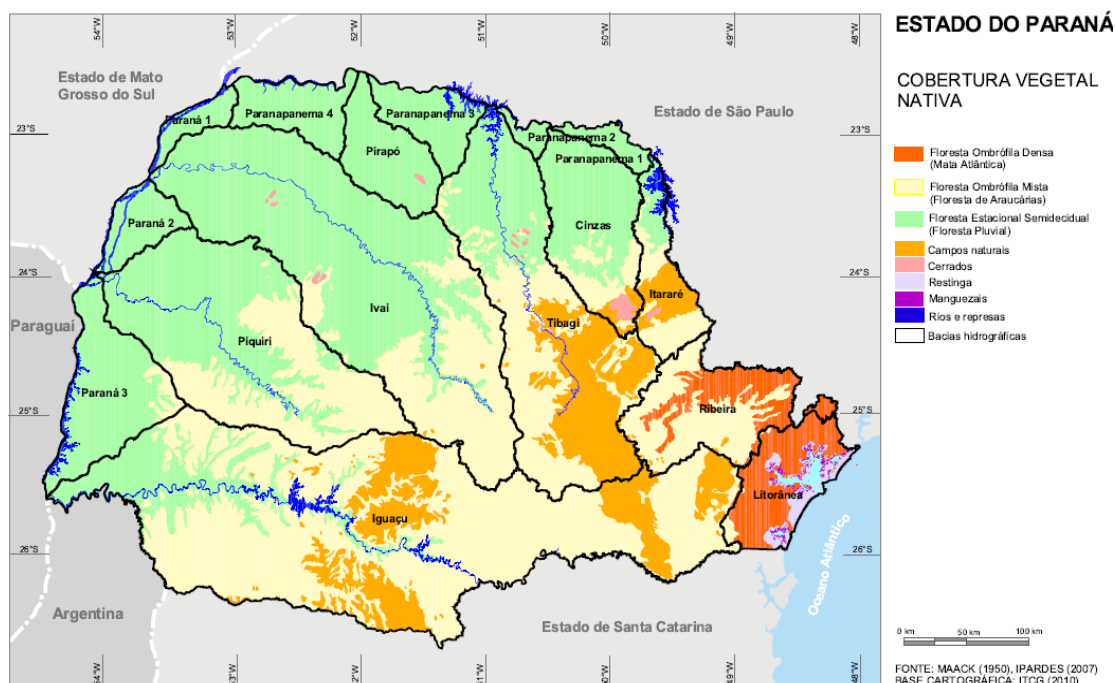
4.3.1.2 Marcas da vegetação impressas nos fitotopônimos

Os topônimos de natureza vegetal, os *fitotopônimos*, também apresentaram um índice relevante de ocorrências no *corpus* deste trabalho, característica comum entre os trabalhos toponímicos, à medida que os recursos naturais são elementos, além de necessários, desejados, pois se configuram como uma das maiores riquezas de um povo. Desta forma, os *fitotopônimos*, além de resgatarem toponimicamente a vegetação da época, revelam os interesses relacionados à flora. Nesse prisma é importante sublinhar que

O escrever sobre a botânica de determinado Estado é desvendar o passado, entender o presente e vislumbrar o futuro. Isto porque botânica, realmente, é a ciência que trata dos vegetais. E a vegetação, dada a sua própria natureza, reflete as condições daquilo que o cidadão possui de mais sagrado: o solo (HERTEL, 1969, p. 131).

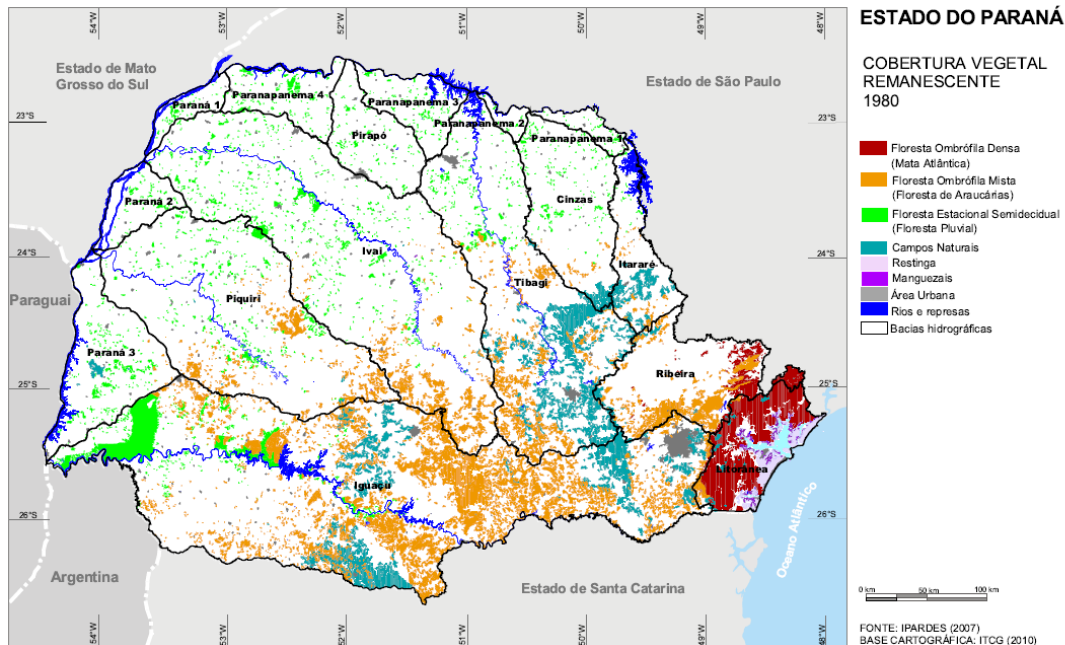
O Paraná exubera riquezas em suas matas, que comporta “Mata de Araucária, Mata Atlântica, Mata Tropical do Norte e Noroeste e a Mata Pluvial Subtropical” (WONS, 1985, p. 77), conforme se visualiza na Figura 11, a seguir. Já a Figura 12 traz o quadro atual da vegetação paranaense, já evidenciando as consequências da devastação do homem.

Figura 11 – Mata nativa do Paraná



Fonte: IPARDES (2012)

Figura 12 – Matas remanescentes no Paraná em 1980



Fonte: IPARDES (2012)

A vegetação do Oeste Paranaense, embora tenha uma parcela de Mata de Araucária, é, em sua maioria, composta de Mata Pluvial Subtropical, também conhecida por Floresta Estacional Semidecidual, que, segundo a SEMA¹⁷³ (Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos), é característica por oferecer árvores de grande porte e de boa qualidade conhecidas como “madeira de lei”. Algumas espécies desse tipo de vegetação são as seguintes: Peroba, Paineira, Cedro, Ingá, Ipê, Embaúba, Angico e Canela. Em consequência de sua diversidade, a floresta Estacional Semidecidual, localizada no Norte e no Oeste do Estado, é considerada a mais ameaçada do Paraná.

Consequentemente, a madeira de boa qualidade atraiu a ambição dos homens, para fins comerciais, razão pela qual o interesse pela vegetação da região motivou o início de um terceiro momento na história da localidade. No século XIX ocorreu a exploração dessa riqueza natural em um sistema denominado *obrages*, dentre as quais se situam as que se instalaram ao redor do rio Paraná, que servia de via natural para a exportação da madeira e da erva-mate extraídas das matas da região.

Em relação à importância do estudo dos *fitotopônimos*, Dick (1990a p.98) argumenta o seguinte:

173

Informações retiradas do site http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/cobf/V5_Floresta_Estacional_Semidecidual.pdf. Acessado em 13.set.2012

O estudo da vegetação terrestre constitui, para o leigo, uma das mais árduas tarefas que se lhe possa propor, pela variedade das espécies que se entrecruzam em porções delimitadas do espaço geográfico analisado. Principalmente no Brasil, onde a diversidade da flora é sentida tão vivamente, tantas ocorrências dos tipos botânicos mais difícil ainda se apresentam a tentativa de selecionar, toponimicamente, as feições da paisagem referentes ao assunto.

Frente à vegetação da região e ao sistema de exploração que durou em torno de um século, o campo semântico da flora apresentou-se de forma considerável no *corpus* deste trabalho. O Quadro 36 na sequência registra a quantidade de *fitotopônimos* em relação ao total dos dados, distribuídos segundo o tipo de acidente nomeado.

Quadro 36 – Produtividade de *fitotopônimos* nas microrregiões de Toledo e de Foz do Iguaçu

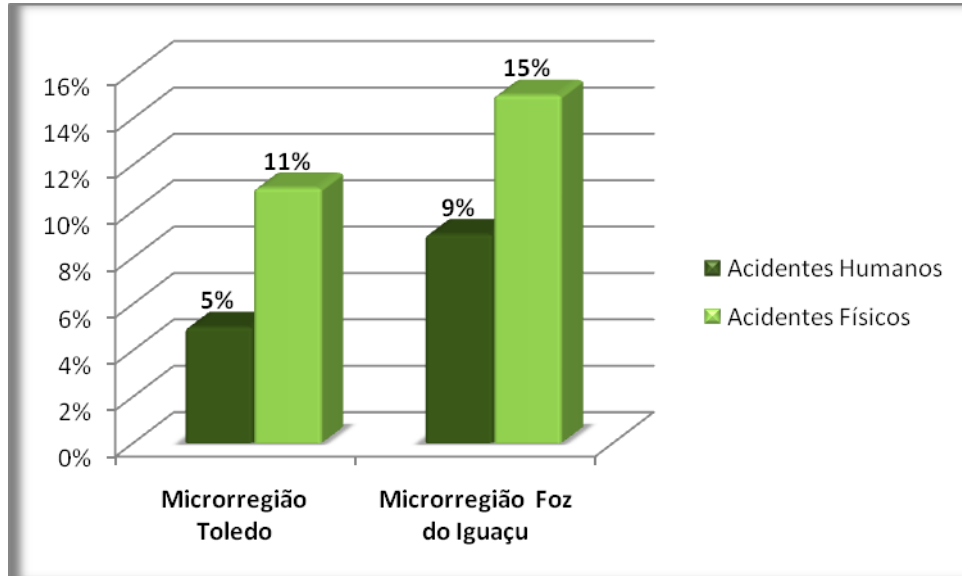
#	ACIDENTES HUMANOS		ACIDENTES FÍSICOS	
	Topônimos	<i>Fitotopônimos</i>	Topônimos	<i>Fitotopônimos</i>
Valor numérico	459	34	1.012	127
Percentual	100%	7%	100%	12%

Pelos dados verifica-se que os *fitotopônimos* se concentram entre os acidentes físicos, pois dos 1.012 topônimos coletados, 127 são referentes ao reino vegetal, ou seja, 12% do *corpus* total, enquanto, entre os acidentes humanos, apenas 7% (ou 34 unidades lexicais) dos 459 topônimos se referem aos *fitotopônimos*.

O predomínio dessa categoria de taxa nos acidentes físicos é um fenômeno recorrente na toponímia brasileira. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que, ao dar nome ao lugar, o homem busca retratar o que considera mais valioso em sua região. No caso da região Oeste do Paraná, uma vegetação vasta e de grande importância na economia do Estado que acabou se perpetuando na toponímia da região.

O Gráfico 10 apresenta a porcentagem dos *fitotopônimos* separados segundo as microrregiões estudadas.

Gráfico 10 – Percentual de *fitotopônimos* nas microrregiões de Toledo e de Foz do Iguaçu

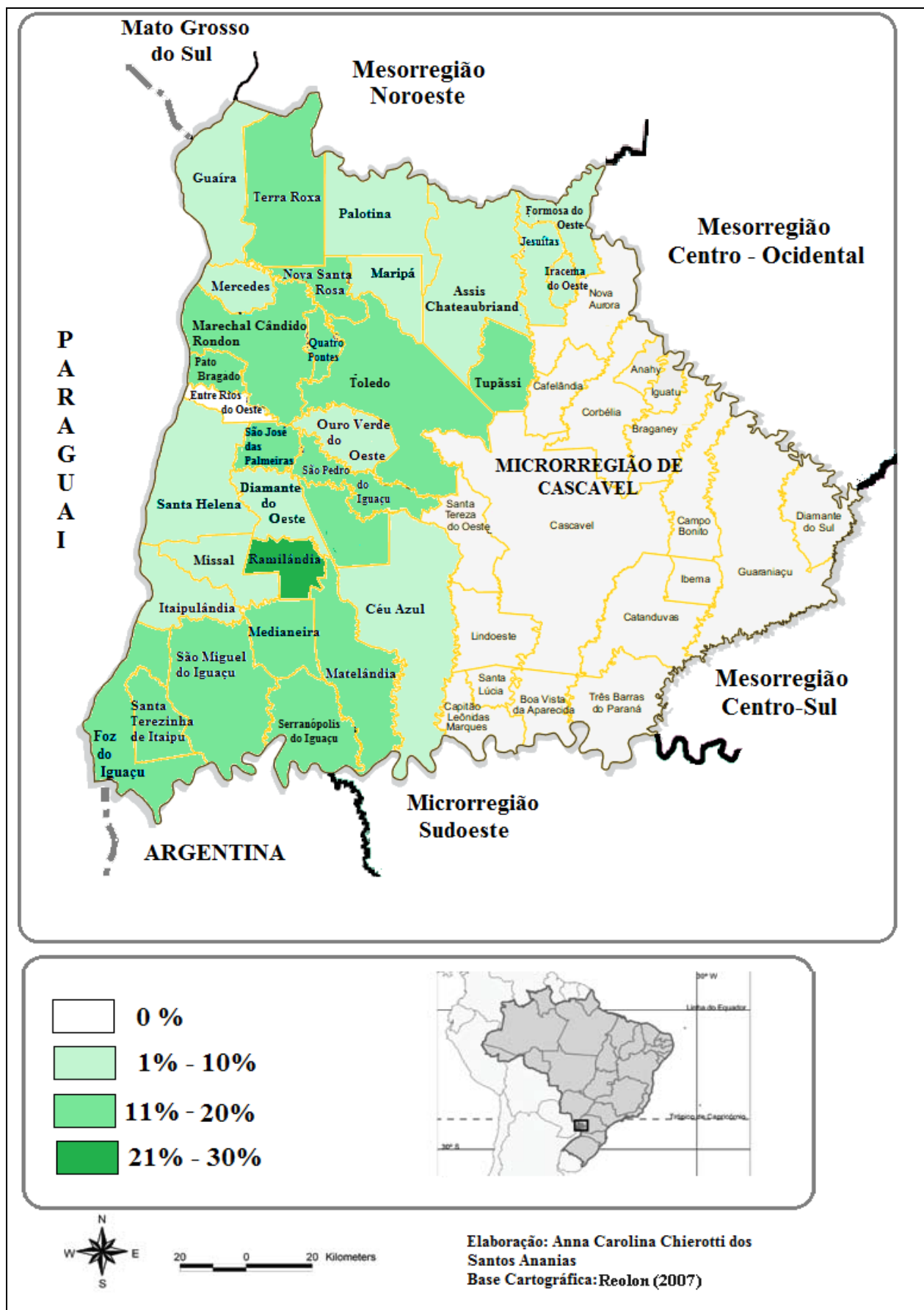


Os *fitotopônimos*, segundo o Gráfico 10, predominam em maior quantidade nos municípios pertencentes à microrregião Foz do Iguaçu, em que 15% dos acidentes físicos e 9% dos acidentes humanos foram nomeados com essa taxa. A microrregião de Toledo, por sua vez, tem 11% dos acidentes físicos e 5% dos acidentes humanos nomeados com *fitotopônimos*. Uma possível justificativa para a maior quantidade de *fitotopônimos* na microrregião de Foz do Iguaçu pode ter sido um dos objetivos da instalação da Colônia Militar da Foz do rio Iguaçu, pois como se refere Colodel (1992, p. 128),

Quando surgiu a idéia da criação de uma Colônia Militar na foz do rio Iguaçu, pretendia-se que ela iniciasse todo um processo de ocupação naquelas regiões fronteiriças do império, e que esse mesmo processo fosse respaldado pela segurança de um aquartelamento militar que oferecesse a proteção adequada àquelas populações e aos interessados nacionais. Além disso, a Colônia teria a finalidade de ser um centro agrícola e pastoril. [...] Desde o início, a extração da erva-mate foi o grande negócio por onde enveredou a grande maioria da população ali estabelecida. [...] As árvores, depois de cortadas, eram transformadas em pranchas, e transportadas do interior até a margem do rio Paraná. Dali eram embarcadas em vapores de procedência argentina, que as levavam tranquilamente até os centros de Pousadas e Corrientes.

Os dados analisados até o momento ratificam a tese de que o meio ambiente exerce forte influência na toponímia. A Carta Toponímica IV apresentada a seguir mostra a produtividade dos *fitotopônimos* nos municípios do Oeste Paranaense. Os dados foram calculados a partir do número total de *fitotopônimos* de cada município.

Figura 13 – Carta Toponímica IV: Produtividade de fitotopônimos nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu



O município de Entre Rios do Oeste, pertencente à microrregião de Toledo, não registrou nenhuma ocorrência de *fitotopônimos*, dado raro em termos toponímicos. Os municípios que apresentaram um índice de 1% a 10% foram os seguintes, a seguir apresentados em ordem alfabética: Assis Chateaubriand (8%), Céu Azul (5%), Diamante D'Oeste (4%), Formosa do Oeste (6%), Guaíra (3%), Iracema do Oeste (9%), Itaipulândia (2%), Jesuítas (9%), Maripá (6%), Mercedes (7%), Palotina (1,5%), Santa Helena (3%).

Já os municípios que apresentaram um índice de porcentagem entre 11% e 20% foram os seguintes: Foz do Iguaçu (15%), Marechal Cândido Rondon (11%), Matelândia (20%), Medianeira (11%), Missal (9%), Nova Santa Rosa (19%), Pato Bragado (20%), Quatro Pontes (17%), São José das Palmeiras (12%), São Pedro do Iguaçu (11%), Santa Terezinha de Itaipu (18%), São Miguel do Iguaçu (15%), Serranópolis do Iguaçu (19%), Terra Roxa (15%) e Toledo (18%) e Tupãssi (12%). Por fim, o município que se situa na última faixa de porcentagem é Ramilândia (22%).

Zamariano (2010, p. 211), em relação à escolha dos *fitotopônimos* como designativo, defende que:

A beleza e a diversidade das espécies vegetais existentes na superfície terrestre sempre inspiram o homem, tornando-se uma das suas principais riquezas, pois o homem, desfrutando dessas espécies, garante a sua alimentação e a continuidade de sua espécie. O fato de os elementos da flora estarem estreitamente ligados à sobrevivência do homem, desde que ele passou a percorrer os caminhos da terra que descobria, contribuiu para a valorização dos nomes de espécies vegetais na nomeação de lugares. O descobridor passava pelos lugares e se estabelecia, mas não antes investigar minuciosamente a natureza e, para diferenciar os espaços, dava-lhes o nome, normalmente, baseado no ambiente que o rodeava: o nome de uma erva, de uma árvore, de uma fruta ou de uma flor.

O destaque na taxionomia dos *fitotopônimos* não recai apenas na sua produtividade, pois outra característica dessa categoria é o fato de a região pesquisada apresentar, em sua maioria, *fitotopônimos* que remetem à diversidade do universo da madeira, em especial, madeiras de boa qualidade, que eram extraídas da mata com o propósito de exportação no período do sistema de *obrages*.

No universo dos nomes de árvores úteis para o comércio, recebem destaque, neste trabalho, os *fitotopônimos* formados com os seguintes nomes: *Pinheiro* e as formas *Pinheirinho* e *Pinhalzinho*. O primeiro ocorreu em Toledo (AF), Matelândia (AH/AF), Missal (AF), São Miguel do Iguaçu (AF), Serranópolis do Iguaçu (AF), enquanto o segundo apenas em Toledo (AF). Dick (1990a, p. 76), ao se reportar a essa planta, situa-a na zona Sul -

Brasileira da Araucária e revela que em âmbito nacional o “Estado do Paraná é o mais representativo no setor toponímico” relacionado aos nomes dessa madeira. Complementa a estudiosa que até mesmo o nome científico dessa árvore exerce função designativa no Paraná, ou seja, o nome Araucária. O *corpus* deste trabalho não registrou *fitotopônimos* com a denominação científica dessa árvore. Entretanto, em Assis Chateaubriand (AF) e em Tupãssi (AF) houve o registro de *Curi* lexia que, conforme Sampaio (1987, p. 227), na língua Tupi, se refere ao pinhão, ou seja, o fruto do pinheiro. É justificável, pois, a ocorrência de topônimos com o nome dessa planta nativa da região que compreendia, em determinadas áreas, a vegetação típica das florestas de Araucárias, muito comum no Paraná.

Já entre as denominadas “madeira de lei” foram registrados os seguintes nomes de plantas na toponímia estudada: cedro, canela, angico, imbuia e peroba.

O fitotopônimo *Cedro* foi cristalizado entre os municípios de Assis Chateaubriand (AF), Toledo (AF), Itaipulândia (AF), Missal (AF) e Ramilândia (AF). Conforme Pereira e Putzke (2010 p. 100). O cedro é um tipo de madeira que possui “ampla dispersão na América do Sul. A madeira é de lei e muito valiosa, da qual também se extrai óleo essencial e a casca é utilizada na medicina popular como antisséptico e antitérmico”. Dick (1990a, p. 172) classifica o *cedro* como uma das maiores riquezas da zona de vegetação das Matas Costeiras ou Florestas Orientais.

Na categoria das madeiras de boa qualidade, encontra-se também a *canela* que, conforme Dick (1990a, p. 172), “toponimicamente é bem restrita quanto aos focos de dispersão: regiões Sul e Centro-Oeste, além do Estado da Bahia”, na região Oeste Paranaense o fitotopônimo *Cedro* foi registrado em Terra Roxa (AF) e em Toledo (AF). Já a *peroba* emprestou seu nome à toponímia de Assis Chateaubriand (AF) e de Marechal Cândido Rondon (AF), enquanto a forma *Perobal* foi registrada em São José das Palmeiras (AF). *Angico* foi outra árvore característica do grupo das madeiras de qualidade e pertencentes à vegetação da época que foi recuperada pela toponímia com duas ocorrências, uma em Toledo (AF) e outra em Tupãssi (AF).

Embora os estudos de Dick a que se teve acesso não tenham dado ênfase ao universo do *mate* ou *erva-mate*, a região Oeste do Paraná registra topônimos com o nome dessa árvore, fato explicável, já que o cultivo da erva-mate constituiu-se em um dos principais ciclos econômicos da região. Houve ocorrência de *Erva* (Assis Chateaubriand (AF), São Miguel do Iguaçu (AF)) e de *Erva Mate* (Terra Roxa (AF)).

Outras árvores úteis que compõem o quadro da diversidade fitogeográfica da região Oeste Paranaense também foram recuperadas pela toponímia local. É o caso do

topônimo *Palmital* que ocorreu em Jesuíta (AF), Marechal Cândido Rondon (AF), São Pedro do Iguaçu (AF), Terra Roxa (AF), São Miguel do Iguaçu (AF), Serranópolis do Iguaçu (AH) e do designativo *Palmito* registrado em Toledo (AF) e em Tupãssi (AH).

Também houve o registro de *Jaguarandi* em Maripá (AF), Nova Santa Rosa (AF), Toledo (AF) e Mercedes (AF). *Tarumã*, também uma madeira de ótima qualidade, motivou topônimos em Formosa do Oeste (AF), Toledo (AF) e Céu Azul (AF). Também *cabaço*, tipo de madeira que, segundo Houaiss (2001), é usada “no fabrico de diferentes objetos; cabaceira, cabaceiro”, foi toponimicamente lembrada em Serranópolis do Iguaçu (AF). Houve o registro em Assis Chateaubriand de *Cambará* (AH), *Guambé* (AF) e *Indaiá* (AH/AF).

Nesse contexto das árvores utilizadas para o comércio, registradas na toponímia do Oeste Paranaense, é possível encontrar ainda: *Cambuí* (Terra Roxa AF), *Candeia* (Maripá AH), *Gameleiro* (São José das Palmeiras AF), *Guaporé* (Formosa do Oeste AH), *Jataí* (Quatro Pontes AF), Toledo (AF), *Pacuri* (Santa Helena AH/AF), *Rami* (Ramilândia AH), *Serpentina* (Terra Roxa AF), *Sucupira* (Terra Roxa AF), *Timburi* (São Miguel do Iguaçu AF).

Espécies de plantas utilizadas para alimentação também se perpetuaram na toponímia em estudo. Dentre elas, citamos: *Apepu* (Guaíra (AH/AF), Marechal Cândido Rondon (AH/AF), São José das Palmeiras (AF), São Pedro do Iguaçu (AF), Foz do Iguaçu (AF), Santa Terezinha de Itaipu (AH) / (AF), São Miguel do Iguaçu (AF); *Arroz* (São Pedro do Iguaçu (AF); *Banana* (Matelândia (AF); *Bananeira* (Serranópolis do Iguaçu (AF); *Café* (Ramilândia (AH); *Cafezal* (Céu Azul (AF); *Cebolão* (Diamante D’Oeste (AF); *Coqueiro* (Palotina (AF); *Feijão Cru* (Medianeira (AF); *Feijão Verde* (Matelândia (AF), Medianeira (AF), Missal (AF), Ramilândia (AH/AF), *Guabiroba* (Nova Santa Rosa (AF), Foz do Iguaçu (AF), Santa Terezinha de Itaipu (AF); *Laranjal* (Marechal Cândido Rondon (AF), Foz do Iguaçu (AH); *Laranjeira* (Toledo (AF), São Miguel do Iguaçu (AF); *Limeirinha* (Santa Terezinha de Itaipu (AF); *Mandarina* (Toledo (AF); *Manga* (Jesuíta (AF); *Melancia* (Diamante D’Oeste (AF); *Laranjita* (Pato Bragado (AF), Medianeira (AF), São Miguel do Iguaçu (AH/AF), por fim, *Pitanga* (Toledo (AF)).

A bela paisagem da região também teve o seu reflexo na toponímia, a saber: *Caeté* (Vera Cruz do Oeste AF), *Caraguatá* (Tupãssi AF), *Jupiri* (Foz do Iguaçu, AH), *Magnólia* (Medianeira, AF) e *Mauritânia* (São Miguel do Iguaçu, AH).

Na classificação dos *fitotopônimos* ainda foi possível encontrar: *Bambu* (Toledo AF), *Biriva* (Pato Bragado AF), *Cacatu* (Matelândia AF), *Campina* (Toledo AF), *Cati* (São Miguel do Iguaçu AH), *Crissiumal* (Quatro Pontes AF), *Nhambu* (Missal AF) e *Xaxim* (Toledo AH/AF, Céu Azul AF).

A partir do exposto observa-se o quão ricas e diversificadas eram as matas da região Oeste Paranaense, o que gerou a exploração dos recursos, cuja consequência foi a degradação da flora, como se pode verificar na Figura 12 anteriormente apresentada neste tópico do trabalho (p. 200). O estudo da toponímia se revela como auxílio no registro cultural das paisagens físicas como forma de conservação e de perpetuação de recursos da flora local já degradada pelo homem, mas perenizada pelos topônimos.

Outro aspecto marcante no *corpus* foi a grande ocorrência de *animotopônimos*, assunto tratado no tópico subsequente.

4.3.1.3 As expectativas do sujeito-nomeador e os *animotopônimos*

A categoria dos *animotopônimos* se refere aos “topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano” (1990b, p. 32), ou seja, são os topônimos motivados pela cognição e pela percepção do denominador.

Isquerdo (1996), em estudo sobre a toponímia dos seringais e colocações do Estado do Acre,¹⁷⁴ deparou-se com uma grande produtividade de topônimos que se encaixavam na classificação dos *animotopônimos* e identificou a “presença de determinados traços nesses nomes que permitem um reagrupamento desses topônimos” (ISQUERDO, 2011, p.471).

Assim, tomando o termo *animotopônimos* como uma “expressão neutra”, a pesquisadora apresentou uma subdivisão dessa taxionomia em *animotopônimos eufóricos* e *animotopônimos disfóricos*, em que os determinantes *eufórico* e *disfórico* funcionariam como especificadores da “natureza do estado anímico”. Assim justifica a proposta: “consideramos esses termos não no sentido corrente na psiquiatria, mas sim com a conotação de sensação agradável, expectativas otimistas, boa disposição de ânimo (eufórico) e sensação desagradável, expectativas não muito otimistas, perspectivas temerosas (disfórico)” (ISQUERDO, 2011, p.471).

Isquerdo (2011), em seu texto “Os animotopônimos na toponímia brasileira: um estudo de caso”, discute a aplicação dessas subcategorias a partir de dados toponímicos oriundos de alguns estados brasileiros, dentre eles o Paraná. Para tanto, pautou-se nos resultados de dois trabalhos acadêmicos que contemplaram a divisão dos *animotopônimos* em *disfóricos* e *eufóricos*: a dissertação “A toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das Missões e Estrada de Palmas” (MOREIRA, 2006) e a tese “Estudo toponímico no espaço

¹⁷⁴ Tese: “O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural” (ISQUERDO, 1996).

geográfico das mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro” (ZAMARIANO, 2010).

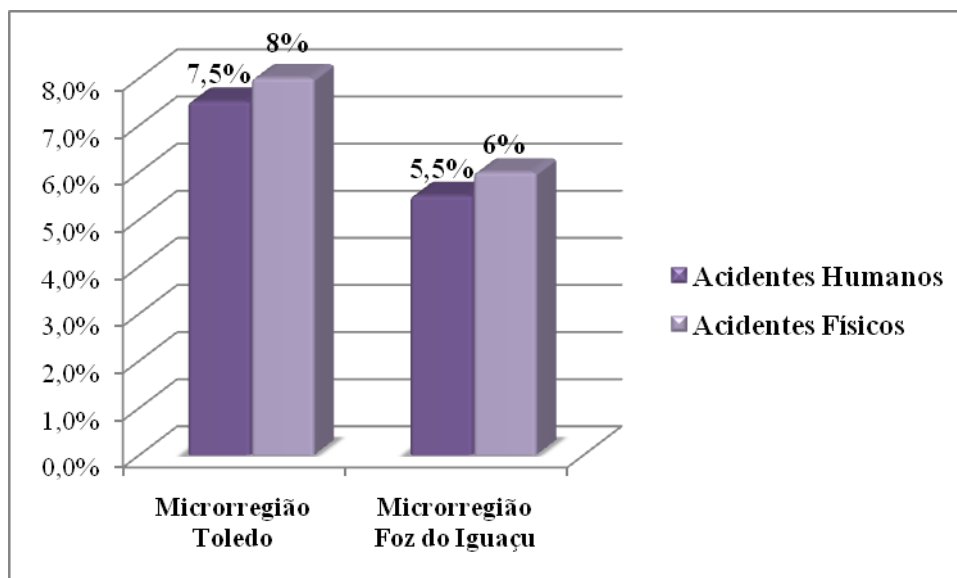
Segundo a mesma pesquisadora, a pesquisa de Moreira (2006) identificou 106 *animotopônimos* (5,9%) em um universo de 1.788 topônimos de acidentes humanos e físicos. Dessas 106 ocorrências, 80 (75,5%) foram classificados como *animotopônimos eufóricos* e 26 (24,5%) como *animotopônimos disfóricos*. Também Zamariano (2010) registrou índice similar *animotopônimos* – 215 em um universo de 4.306 topônimos (5%). Desse montante, 131 (61%) foram classificados como *animotopônimos eufóricos* e 84 (39%) como *animotopônimos disfóricos* (ISQUERDO, 2011, p.473).

A partir do exposto parte-se da hipótese de que o Estado do Paraná caracteriza-se como uma região rica em *animotopônimos*, em especial, *animotopônimos eufóricos*. Em relação a este trabalho, a representatividade de 7,2% dessa taxionomia frente ao *corpus* total da pesquisa suscitou a seleção deste recorte de dados como objeto de uma reflexão mais pontual, a exemplo do procedimento já adotado com relação às taxes dos fitotopônimos e dos hagiotopônimos. O índice significativo de *animotopônimos* também tem explicação na história social da região à medida que evidencia relação com o processo de povoamento do Oeste Paranaense.

Os *animotopônimos* da região, em grande parte, transparecem sentimentos positivos na nomeação dos acidentes. Esse contexto sugere que os indivíduos ali estabelecidos tinham a expectativa de encontrar na região um lugar próspero que pudesse proporcionar o essencial à vida, logo, exteriorizavam nas nomeações seus desejos intrínsecos.

Como já assinalado o *corpus* estudado gerou um total de 106 *animotopônimos* - 91 *eufóricos* e 15 *disfóricos*. O Gráfico 11 apresenta esses dados em termos percentuais, distribuídos conforme a microrregião e o tipo de acidente geográfico nomeado.

Gráfico 11 – Percentual de *animotopônimos* nas microrregiões de Toledo e de Foz do Iguaçu.



O Gráfico 11 evidencia que a diferença entre a produtividade das duas subcategorias de *animotopônimos* nas microrregiões estudadas não foi relevante, havendo um singelo acréscimo de produtividade na mesorregião de Toledo, onde dos 278 acidentes humanos que compõem a localidade, 7,5% (21 topônimos) são de *animotopônimos*, enquanto em relação aos acidentes físicos, dos 665 topônimos registrados 8% (54 topônimos) se enquadram nessa categoria. Por sua vez, na Microrregião de Foz do Iguaçu essa classificação totalizou 5,5% (10 topônimos) dos 181 acidentes humanos e 6% (21 topônimos) dos 347 designativos de acidentes físicos.

O Quadro 37, a seguir, relaciona os *animotopônimos eufóricos* e *disfóricos* identificados no *corpus* aqui estudado¹⁷⁵.

Quadro 37 – *Animotopônimos eufóricos* e *animotopônimos disfóricos* nas microrregiões de Toledo e de Foz do Iguaçu

Animotopônimos Eufóricos	Animotopônimos Disfóricos

¹⁷⁵ Foram registrados no quadro somente os termos específicos do sintagma toponímico, ou seja, os topônimos propriamente ditos.

Abençoado, Alegre, Alegria, Alívio, Bela Vista, Belo, Biapó, Boa Esperança, Boa Vista, Boas Novas, Bom Fim, Bom Jardim, Bom princípio, Bom Retiro, Bonito (a), Bonsucesso, Paz (da), Descoberto, Amor (do), Desejo (do), Encontro (do), Eldorado, Encantada, Encantado d Oeste, Esperança, Felicidade, Formosa do Oeste, Independente, Memória, Mundo Novo, Paraíso, Pioneira, Porã, Primavera, Progresso, Real, Rica, Solene, Vista Alegre, Vista Alta, Vitória.	Arteira, Cego, Confusão, Ilusão (da), Embargo, Enganador, Engano, Escondido, Gritador, Perdido, Solteiro.
---	---

Os dados desse quadro confirmam o anteriormente assinalado em termos de relevância dos *animotopônimos* de caráter positivo – *animotopônimos eufóricos* –, uma vez que essa subcategoria computou 44 nomes de acidentes geográficos, enquanto os *disfóricos* somaram apenas 13 topônimos.

O Quadro 37 também expõe a grande incidência de topônimos compostos formados com os adjetivos *bom/boa*: *Boa Esperança*, em Guaira (AF) e em Missal (AH); *Boas Novas*, em Santa Helena (AF); *Bom Fim*, em Marechal Candido Rondon (AF), onde também foi registrado o animotopônimo *Bom Jardim* (AF); *Bom Princípio*, em São Miguel do Iguaçu (AH), em Toledo (AH) e em Serranópolis do Iguaçu (AH); *Bom Retiro*, em Terra Roxa (AF); *Bonsucesso*, em Diamante D’ Oeste (AF) e em Serranópolis do Iguaçu (AF); *Boa Vista*, em Toledo (AH), em *Céu Azul* (AF) e em Serranópolis do Iguaçu (AH-AF). O adjetivo *bom/boa* no termo específico do sintagma toponímico revela um sentimento favorável a essa nova vida iniciada na localidade.

Outros *animotopônimos* expressam a beleza do acidente em questão, como é o caso de *Boa Vista*, já citado, e de *Bela Vista* nos municípios de Formosa do Oeste (AH), Marechal Candido Rondon (AH), Santa Helena (AH), Tupãssi (AF), Foz do Iguaçu (AH-AF); de *Belo* em Jesuítas (AF), Foz do Iguaçu (AH); de *Bonito/ Bonita*, em Diamante D’Oeste (AH), Marechal Candido Rondon (AF), Foz do Iguaçu (AF), Missal (AF), Santa Terezinha de Itaipu (AF), São Miguel do Iguaçu (AF). Denotam a beleza do lugar, ainda topônimos como *Formosa do Oeste* em São José das Palmeiras (AF) e Formosa do Oeste (AH); *Porã* em Marechal Candido Rondon (AF) e em Pato Bragado (AF) e *Vista Alta* em Missal (AH).

Muitos nomes demonstram sentimento de esperança do sujeito-nomeador, como o próprio nome *Esperança* que nomeia um acidente geográfico em Diamante D’Oeste

(AF), em Marechal Candido Rondon (AF), em Palotina (AF) e em Toledo (AF); *Biapó* (terra do trabalho) que, pode ser considerado nesse agrupamento, pois os pioneiros ansiavam por um local em que pudessem fixar suas raízes e trabalhar para garantir seu sustento. Essa nomeação apareceu em Céu azul (AF). Ainda nesse raciocínio insere-se *Mundo Novo*, em Jesuítas (AH); *Eldorado*, em Marechal Candido Rondon (AH); *Progresso*, em Diamante D'Oeste (AH) e em Santa Helena (AF).

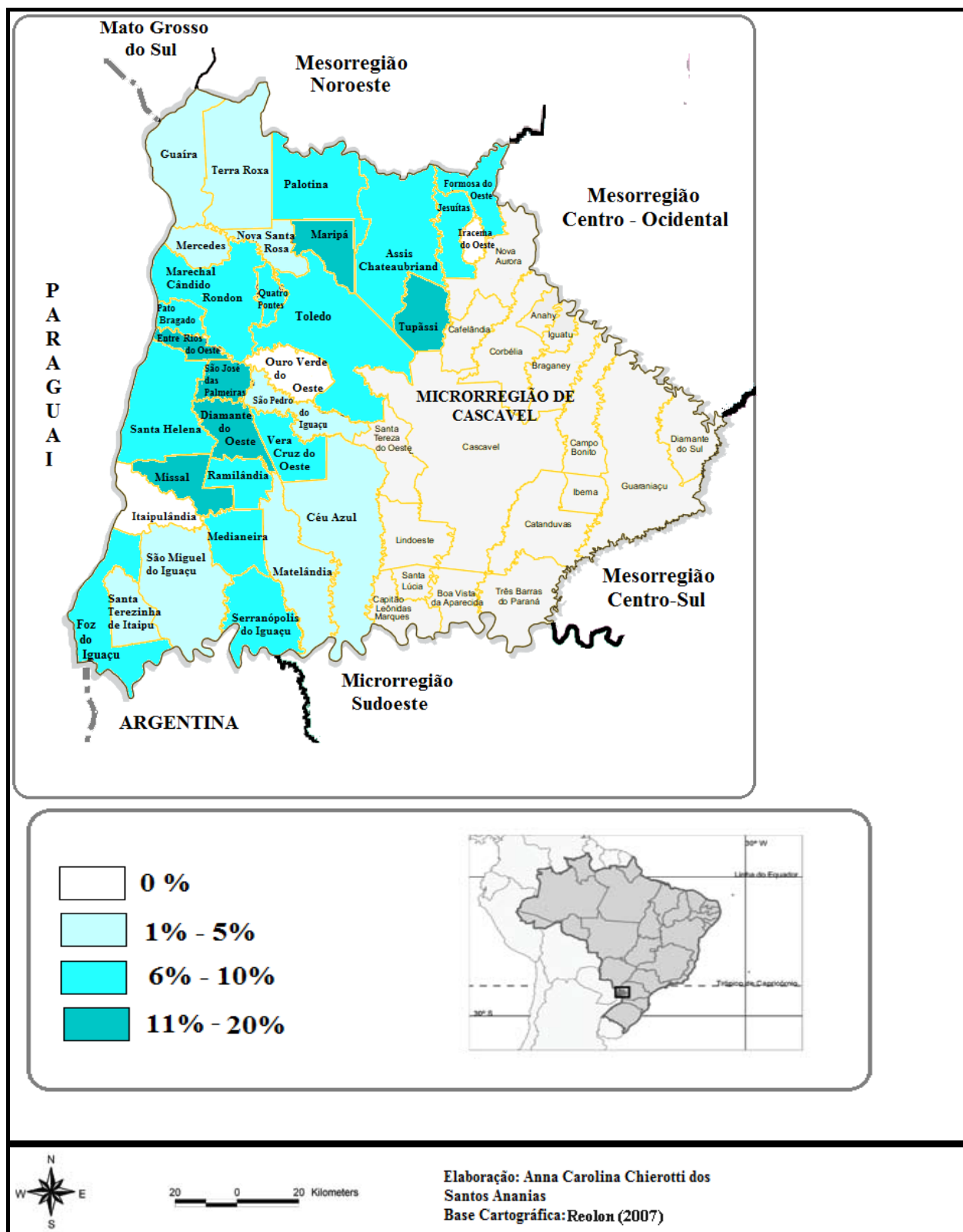
Alguns nomes manifestam um sentimento de satisfação como em *Abençoado*, em Assis Chateaubriand (AF); *Alegre*, em Entre Rios do Oeste (AF), em Mercedes (AF) e em Matelândia (AH); *Alegria*, em Medianeira (AH - AF); *Vista Alegre*, nos municípios de Entre Rios do Oeste (AH), de Toledo (AH), de Foz do Iguaçu (AH) e de Missal (AH); *Felicidade*, em Entre Rios do Oeste (AF), em Santa Helena (AF), em São José das Palmeiras (AF); *Encantado/Encantada*, em Assis Chateaubriand (AH-AF), em Guaíra (AF), em Quatro Pontes (AF) e *Paraíso* nas localidades de Diamante D'Oeste (AF) e de Palotina (AH). Nessa mesma perspectiva situam-se *Alívio*, em Assis Chateaubriand (AF) e em Tupãssi (AF); *Paz* (da), em Medianeira (AF); *Amor*, (do) Assis Chateaubriand (AF); *Desejo* (do), em Terra Roxa (AF); *Rica*, em Santa Helena (AH); *Solene*, em Assis Chateaubriand (AF); *Vitória*, em Tupãssi (AF) e em Medianeira (AH).

Ainda houve o registro, entre os *animotopônimos eufóricos*, de *Descoberto*, em Assis Chateaubriand (AF) e em Toledo (AH-AF); de *Encontro* (do), em São José das Palmeiras (AF); de *Independente*, em Maripá (AH-AF); de *Memória*, em Assis Chateaubriand (AF), em Toledo (AF) e em Tupãssi (AH-AF); de *Pioneira*, em Toledo (AH); de *Primavera*, em Maripá (AF), em Palotina (AF), em São Miguel do Iguaçu (AF); de *Real*, em Maripá (AF), em Nova Santa Rosa (AF) e em Palotina (AF).

Seguem agora os *animotopônimos disfóricos* e os respectivos municípios onde foram identificados: *Arteira* que apareceu em Toledo (AF); *Cego*, em Diamante D'Oeste (AF); *Confusão*, em Santa Helena (AF); *Ilusão*, em Guaíra (AF); *Embargo*, em Tupãssi (AF); *Enganador*, em Toledo (AF); *Engano*, em São Miguel do Iguaçu (AF); *Escondido*, em Matelândia (AF); *Gritador*, em Toledo (AF) e em Tupãssi (AF) *Perdido*, em Ramilândia (AF) e, finalmente, *Solteiro*, em São Miguel do Iguaçu (AF). Esses dados demonstram que os *animotopônimos eufóricos* ocorreram apenas na nomeação de acidentes físicos.

A Figura 14 – Carta Toponímica IV – demonstra a produtividade dos *animotopônimos* em cada município da área investigada.

Figura 14 – Carta Toponímica V: Produtividade de *animotopônimos* nas microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu.



Nos municípios Iracema do Oeste, Itaipulândia e Ouro Verde do Oeste não foram identificados casos de designativos nomeados como *animotopônimos*. O Quadro 39 a

seguir apresenta a relação dos municípios onde foram identificados *animotopônimos* e respectivo percentual de ocorrências em cada localidade. Para tanto foram considerados os mesmos intervalos estatísticos adotadas na Carta Toponímica IV.

Quadro 38 – Produtividade dos *animotopônimos* segundo os municípios das microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu.

Percentual de ocorrências	Municípios
1% a 5%	Céu Azul (3,5%) Guaíra (2,8%) Matelândia (4%) Mercedes (3,7%) Nova Santa Rosa (4,7%) Quatro Pontes (5,5%) Santa Terezinha de Itaipu (3%) São Miguel do Iguaçu (5,5%) São Pedro do Iguaçu (3,7%) Terra Roxa (3%)
6% a 10%	Assis Chateaubriand (8%) Formosa do Oeste (8,5%) Foz do Iguaçu (7,4%) Jesuítas (5,8%) Marechal Candido Rondon (9%) Medianeira (6,5%) Palotina (6%) Pato Bragado (6,6%) Ramilândia (7%) Santa Helena (8,9%) Serranópolis do Iguaçu (9%) Toledo (9,5%) Vera Cruz do Oeste (6,8%)
11% a 20%	Diamante D'Oeste (15,9%) Entre Rios do Oeste (13%) Maripá (12,5%) Missal (10,8%) São José das Palmeiras (12%) Tupãssi (17%).

Pela análise pode-se perceber a maior incidência de *animotopônimos eufóricos* na região pesquisada, o que pode ser justificada pelas circunstâncias do próprio povoamento e colonização da região: o pioneiro quando aporta em um novo território chega imbuído de esperança, de sonhos, de projetos de uma vida melhor – *Bom Princípio, Bonsucesso, Eldorado, Esperança, Felicidade, Vitória*, dentre outros. Todavia, não raras vezes os migrantes deparam-se com desafios, entraves, situações adversas que os levam a nutrir atitudes pessimistas, sentimento esse que se materializa em *animotopônimos disfóricos* como *Confusão, Ilusão (da), Engano, Perdido*, dentre outros. Importante reiterar que os

animotopônimos disfóricos catalogados ocorreram apenas na nomeação de acidentes geográficos de ordem física nos municípios de Diamante do Oeste, Guaíra, Santa Helena, Toledo, Tupãssi, Matelândia, Ramilândia, São Miguel do Iguaçu e Vera Cruz do Oeste.

Este tópico do Capítulo IV teve como propósito discutir a relação entre os *animotopônimos* e os sentimentos dos pioneiros expressos por meio dos designativos dos lugares, tendo sido demonstrado que a toponímia da região investigada evidencia também aspectos do sentimento do denominador, sobretudo, olhares positivos. A comparação dos dados deste estudo com o produto de outras pesquisas sobre a toponímia do Paraná mencionadas anteriormente demonstrou que no Oeste Paranaense houve um maior índice de produtividade dessa categoria, o que pode evidenciar reflexos do sistema de povoamento ocorrido na região, da época em que essa faixa do território paranaense foi colonizado, enfim, das características da história social que singulariza essa porção do estado do Paraná.

Na sequência é focalizada a última tendência evidenciada pelos dados analisados no Oeste do Paraná: a marcante presença de topônimos indígenas.

4.3.1.4 Toponímia indígena no Oeste Paranaense

Como é sabido, a língua portuguesa, ao ser transplantada para o Brasil, teve contato com as línguas indígenas faladas pelos primeiros habitantes do País. A princípio houve a tentativa de adaptação das línguas, pois, dentre os colonizadores portugueses que vieram para o Novo Mundo, estavam os jesuítas que tinham como missão a catequização dos índios.

Para que a colonização obtivesse sucesso, os jesuítas encarregaram-se de ensinar o português aos índios, mas, para atingir tal objetivo, tiveram que estudar e aprender o tupi, mais precisamente, o tupinambá, uma língua do litoral brasileiro da família tupi-guarani. O Pe. José de Anchieta da Companhia de Jesus tentou gramaticalizar essa língua que se perpetuou com o nome de Língua Geral. Com isso as duas línguas (portuguesa e tupinambá) foram usadas simultaneamente por um longo período do Brasil Colonial.

Na segunda metade do século XVIII, começou o declínio da Língua Geral indígena, com a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa por intermédio do Diretório instituído por Marquês de Pombal. Esse convívio do colonizador com os povos nativos enriqueceu o léxico do português, sobretudo com palavras ligadas à flora e à fauna. A partir da discussão desses fatos, Elia (2003, p. 51-53) questiona: “O que ficou das línguas indígenas no português?”. O autor entende que, como houve o período de bilinguismo, durante dois séculos, é certo que algumas marcas permaneceram na língua transplantada pelo colonizador. Ao

analisar essas marcas, no âmbito da língua portuguesa, Elia conclui que a maior contribuição se encontra no léxico, mais especificamente na toponímia, onde as designações indígenas estão mais presentes nos aspectos naturais e que por isso podem dar maior dimensão acerca da vegetação da época.

A preocupação em enfatizar os topônimos de origem indígena excede à grande influência desse extrato linguístico na toponímia do Brasil, pois, apesar da história regional focar os migrantes sulistas, de origem ítalo-germânica, na constituição da população do território da região oeste do Paraná, não se pode ignorar a presença indígena na região, haja vista que essa etnia esteve presente em todos os momentos vivenciados pela história oestina até sua constituição atual.

O Paraná, assim como o Brasil, antes da vinda dos colonizadores, também era povoado pela população indígena e essa realidade está estreitamente relacionada ao primeiro período da colonização do território da região Oeste Paranaense, conforme anteriormente pontuado. Segue-se a esse período, fins do século XVI, a vinda dos padres jesuítas, cujos objetivos estavam diretamente ligados à catequização indígena. A missão jesuítica durou por algum tempo, porém, entre os séculos XVII e XVIII, houve disputa entre jesuítas e bandeirantes, que possuíam interesses distintos em relação aos índios. Após esse cruel embate, os índios que sobreviveram se embrenharam na mata para se esconderem dos bandeirantes e tem início um período em que as terras oestinas do Paraná não ofereciam mais atrativo aos colonizadores, razão pela qual durante um longo período ficou novamente habitada, por índios, mais especificamente pelos Guarani.

Esse cenário mudou no século XIX, quando chegaram ao território as *obrages*, que atraíram para a região milhares de trabalhadores, em sua maioria composta de paraguaios e os denominados guaranis modernos, estes, conforme esclarece Wachowicz (1987, p. 47), tinham o seguinte perfil:

Descendentes dos índios aldeados pelos jesuítas, nas suas famosas reduções de Mato Grosso, Paraguai, Paraná e região missioneira. [...] Essa população de origem indígena falando o guarani, há séculos convivendo com as populações brancas, consideradas civilizadas, é que vieram fornecer a leva principal de mão de obra para a implementação das *obrages*.

O autor destaca ainda o valor da mão de obra indígena, uma vez que esses povos eram “conhecedores do meio, sabendo distinguir as árvores de erva-mate de outras semelhantes, conhecedores dos diversos tipos de madeira da região, sabendo sobreviver em condições adversas na selva” (WACHOWICZ, 1987, p. 47). Em consequência disso, novamente, o indígena era visto como mão de obra fácil e lucrativa. Com a saída das *obrages*

(1924), os indígenas novamente teriam que lutar por sua fixação no oeste paranaense, pois, no século XX, teve início novo projeto de povoamento da região, agora por meio de planos governamentais:

Para as empresas responsáveis pelo empreendimento colonizatório, ou para o Estado brasileiro, não serão as populações nativas as eleitas como responsáveis pela inserção da região nas esferas do “progresso”. De início, contudo, serão utilizadas como mão-de-obra, abrindo caminhos e picadas, de certo modo preparando ou limpando a área para sua ocupação por aqueles que deveriam ser os seus novos habitantes. O trabalho dos Guarani, tradicionais habitantes da região, foi, portanto, utilizado num primeiro momento. Considerando-se o projeto de ocupação para o Oeste, todavia, sua presença era indesejável, e assim serão sistematicamente expulsos, ou acossados para áreas destinadas a abrigá-los (RIBEIRO, 2002 p. 129).

Ou seja, ao reconhecer os indígenas como um obstáculo ao progresso da região, os colonizadores se apropriaram de suas terras e plantios e os mandaram para algumas reservas indígenas. Atualmente, o Paraná possui 17 reservas, que abrigam Kaingang, Guarani e alguns remanescentes dos Xetá, assim distribuídas conforme a Figura 15, a seguir:

Figura 15 – Distribuição de reservas indígenas no Paraná.



1	Reserva indígena Ocoí	10	Reserva indígena Apucarantina
2	Reserva indígena Rio das Cobras	11	Reserva indígena Barão de Antonina
3	Reserva indígena Mangueirinha	12	Reserva indígena São Jerônimo da Serra

4	Reserva indígena Palmas	13	Reserva indígena Laranjinha
5	Reserva indígena Marrecas	14	Reserva indígena Pinhalzinho
6	Reserva indígena Ivaí	15	Reserva indígena Ilha da Cotinga
7	Reserva indígena Faxinal	16	Reserva indígena Mococa
8	Reserva indígena Rio D'Areia	17	Reserva indígena Tekoha-Añeteté
9	Reserva indígena Queimadas		

Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/estaticas/alunos/indios_terras.

O Oeste Paranaense, portanto, é território de três reservas indígenas, a saber: Ocoí, Rio das Cobras e Tekoha-Añeteté. Porém, a região aqui pesquisada (microrregiões de Foz do Iguaçu e de Toledo) abrigam apenas as reservas Ocoí e Tekoha-Añeteté, ambas de povos Guarani.

A Ocoí pertence ao município de São Miguel do Iguaçu e engloba uma área de 256 hectares às margens do Lago Itaipu, enquanto a Tekoha-Añeteté situa-se no município de Diamante D'Oeste, em uma área de 1.780 hectares. Segundo Ribeiro (2002, p. 123), as duas somam cerca de setecentos indígenas de etnia Guarani, entre Mbýá e Ñandeva.

Embora a presença e a influência indígena sejam por certas vezes ignoradas pelos relatos históricos acerca da região, o estudo toponímico realizado demonstrou a importância desse grupo na constituição do território, o que será focalizado, a seguir, no tópico destinado à discussão dos topônimos de origem indígena coletados para este estudo.

O Quadro 39 registra a distribuição numérica dos topônimos coletados identificados segundo a etnia indígena. Vale ressaltar que entre os sintagmas toponímicos destacam-se estruturas:

3. **Simple:** com apenas um formante, independente da origem;
4. **Composta:** com mais de um formante da mesma matriz etimológica, ou seja, sintagmas que apresentem origem *língua tupi+língua tupi*.
5. **Composto híbrida:** com mais de um formante de origem linguística distinta, como: *língua portuguesa + língua tupi; língua portuguesa+língua guarani; língua portuguesa + língua portuguesa + língua tupi*.

Quadro 39 – Distribuição numérica da língua de origem indígena na toponímia regional.

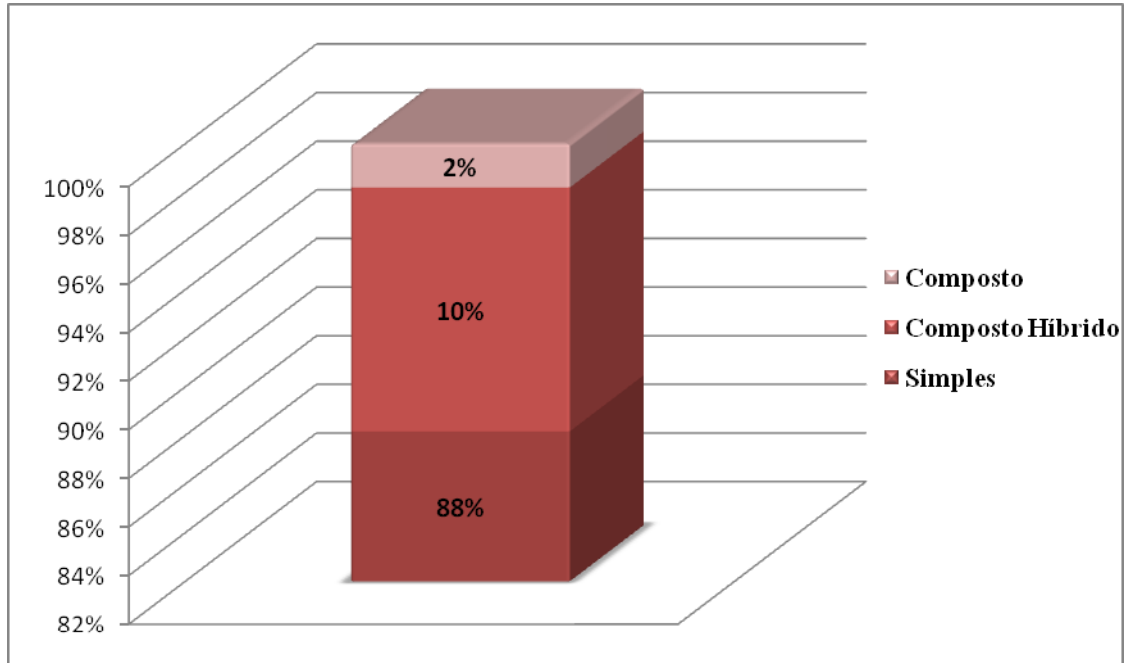
Língua de Origem	Quantidade
Língua indígena	336
Língua portuguesa + língua indígena	22
Língua portuguesa + língua portuguesa + língua indígena	13
Língua indígena + língua indígena	7
Língua indígena+ língua portuguesa+ língua portuguesa	1

Os dados do Quadro 39 indicam a influência indígena na toponímia regional, principalmente, no que se refere a topônimos de estrutura morfológica simples (318 → língua tupi e 18 → língua guarani). Em seguida se destacam os topônimos compostos de termos da língua portuguesa + língua indígena (16 → língua portuguesa + língua tupi e 6 → língua portuguesa + língua guarani). Ressalta-se a escassez de sintagmas compostos com essa mesma base, em ordem inversa, ou seja, língua indígena + língua portuguesa com nenhuma ocorrência. Ocupam o terceiro lugar os topônimos com a seguinte estrutura: língua portuguesa + língua portuguesa + língua indígena (13 → portuguesa + língua portuguesa + língua tupi), mais uma vez a forma inversa não foi produtiva, pois houve apenas uma ocorrência de língua tupi + língua portuguesa + língua portuguesa. Já os termos específicos com dois componentes de línguas indígenas ocorreram sete vezes (7 → + língua tupi + língua tupi).

Esses dados confirmam uma tendência na toponímia brasileira já constatada por outros trabalhos, ou seja, a predominância da família linguística Tupi, embora haja uma ressalva, em âmbito nacional, pois, não se pode ignorar a presença de outras famílias, pois como esclarece Dick (1990b, p. 120), “o fato é que a toponímia brasílica contém um acervo considerável de designações de outras origens como a karib, bororo, jê, kariri, kaingang, por exemplo”.

O Gráfico 12, a seguir, apresenta os dados relativos à estrutura de topônimos de base indígena em termos percentuais. A disposição dos índices obedeceu à sequência crescente, isto é, estão organizados a partir dos de menor para os de maior incidência.

Gráfico 12 – Distribuição percentual dos topônimos de base indígena segundo a estrutura morfológica.



Conforme expressam os dados no Gráfico 12, a predominância da estrutura formal simples de etimologia indígena é nítida, uma vez que 88% dos topônimos, dessa base linguística, configuraram essa estrutura. Os compostos híbridos obtiveram 10% de ocorrência e nesse caso, observa-se a preferência pela junção de termos de origem indígena e de base portuguesa, ficando as demais camadas linguísticas sem ocorrências. Por fim, os compostos caracterizam-se como os de menor preferência na nomeação com base indígena, resultando em 2% do total. A superioridade de termos simples justifica-se pela preferência, ora pela descrição ora pela motivação desencadeada por um referente da natureza, na utilização de nomes indígenas na toponímia brasileira, como destaca Dick (1990b, p. 123):

Mas é nos dados naturais ou físicos, principalmente, que essa toponímia encontra uma definição mais relevante, pela importância dos fatores geográficos envolvidos no próprio processo de ocupação do solo, e onde avultam, para nós, aqueles de origem hidrográfica.

A seguir discutimos uma amostragem de alguns topônimos descritivos que integram o *corpus* deste trabalho.

O termo *Iguaçu*, por exemplo, ocorreu tanto em acidentes físicos quanto em humanos, provavelmente os de acidentes humanos é referência ao acidente físico de mesmo nome. Conforme Tibiriçá (1984, p. 194) *Iguaçu*, de origem tupi, é característico de rio caudaloso, ou seja, que possui intenso fluxo. Esse topônimo ocorreu em Foz do Iguaçu (AH - AF), Matelândia (AF), São Miguel do Iguaçu (AH - AF), Serranópolis do Iguaçu (AH - AF) e em São Pedro do Iguaçu (AH).

O termo *Iguaçu* dá nome ao município Foz do Iguaçu e também a uma das microrregiões objeto deste estudo. O rio Iguaçu é considerado a maior bacia hidrográfica do Paraná e de suas inúmeras cachoeiras a mais famosa são as Cataratas do Iguaçu que, em 2012, foi eleita como uma das sete Maravilhas da Natureza.

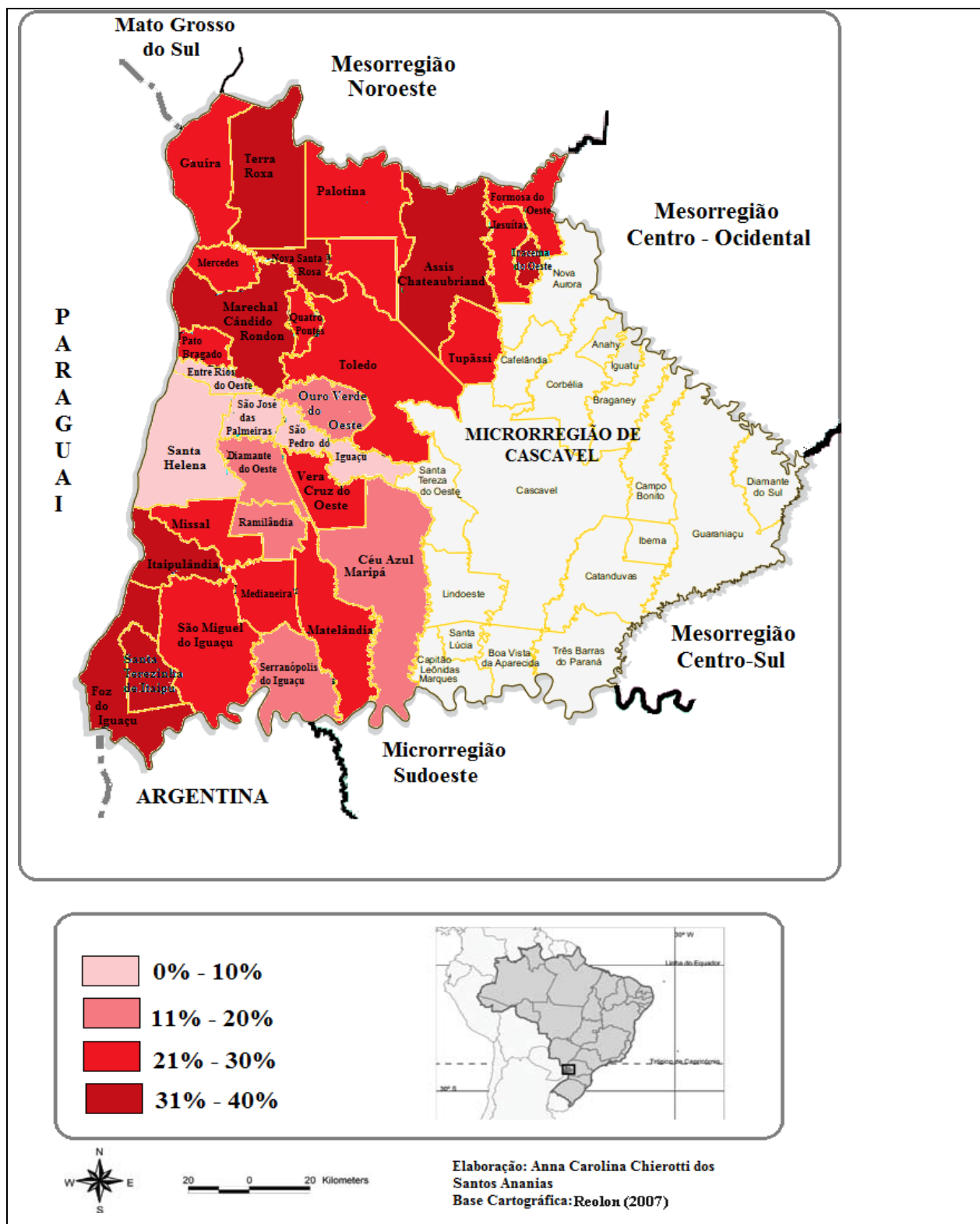
Foram selecionados ainda aleatoriamente mais dois termos indígenas que se relacionam com a descrição do acidente geográfico. O primeiro é *Iutaca*, de etimologia tupi, originário de Assis Chateaubriand (AH - AF), que significa “água ruidosa; o rio roncador” (SAMPAIO, 1987, 254), isto é, diz respeito ao som produzido pelo rio. Por último, *Itaipu*, também tupi, que de acordo com Tibiriçá (1985, p. 65) significa “fonte das pedras”. Esse topônimo foi registrado em Guaíra (AF) e em Marechal Cândido Rondon (AF).

Na verdade, os topônimos indígenas relativos a algum elemento da natureza estão bem representados no *corpus* deste trabalho, à medida que a fauna e a flora intensificaram os designativos toponímicos indígenas, como *Uru*, “nome comum das galináceas no tupi” (SAMPAIO, 1987, p. 340), presente nas duas microrregiões estudadas; *Jacutinga* (língua tupi), segundo Sampaio (1987, p. 264), o jacu branco; *Jacaré* (língua tupi), “aquele que é torto, ou sinuoso” (SAMPAIO, 1987, p. 263); *Tamanduá* (língua tupi), o caçador de formigas (SAMPAIO, 1987, p. 320), entre inúmeros outros exemplos da fauna;

Já entre os nomes relacionados à flora há topônimos como *Xaxim* (língua tupi), “a corda lisa, a fibra macia” (SAMPAIO, 1987, p.345); *Guabiroba* (língua tupi), “o comestível amargo, ou o fruto que trava” (SAMPAIO, 1987, p. 235); *Umbu* (língua tupi), “a árvore que dá de beber” (SAMPAIO, 1987, p. 248); *Timbori* (língua tupi), “espécie de planta da família das leguminosas” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 112), dentre outros.

A Carta Toponímica VI, a seguir, visualiza em que medida a língua indígena está distribuída entre os topônimos dos municípios estudados.

Figura 16 – Carta Toponímica VI: Produtividade de topônimos indígenas nas microrregiões de Toledo e de Foz do Iguaçu.



A carta apresentada evidencia a concentração da toponímia de origem indígena nos municípios situados nos extremos do mapa, o que indica que a área central permaneceu com o menor índice de produtividade de topônimos oriundos dessa camada linguística.

Os municípios de Santa Helena, Entre Rios do Oeste, São José das Palmeiras e São Pedro do Iguçu evidenciaram poucas ocorrências de topônimos indígenas. Em contrapartida, registraram grandes índices de topônimos de base portuguesa. Por ora, as informações históricas obtidas não forneceram subsídios suficientes para justificar essa diferença em relação aos outros municípios.

Os dados apresentados deram mostras, todavia, da representação dos povos indígenas como sujeitos atuantes na história do Oeste Paranaense, mesmo sem a devida valorização nas narrativas históricas.

Os dados discutidos neste Capítulo 4 permitem a confirmação da hipótese estabelecida para este estudo, ou seja, o princípio de que as quatro fases propagadas na colonização do Oeste Paranaense tenham deixado vestígios na toponímia. Na verdade, os dados analisados, além de evidenciarem a influências de contingentes históricos na toponímia da região, permitiu o estabelecimento de importantes interfaces entre a toponímia, a cultura e as paisagens naturais da região investigada.

A análise dos dados demonstrou que os *hagiotopônimos* marcaram o período em que a fé entre os colonos se tornou o meio de esperança em um futuro melhor; os *fitotopônimos* caracterizaram a vegetação nativa da região e sua importância, fator que trouxe muitos exploradores ao local, enquanto os *animotopônimos* traduziram estados anímicos dos habitantes. Por fim, a presença indígena marcante desde o princípio da colonização do Estado também deixou sua presença significativa na toponímia local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui apresentadas traduzem as conclusões alcançadas com o trabalho que não têm a pretensão de exaustividade, à medida que refletem as reflexões alcançadas a partir dos caminhos metodológicos trilhados frutos de escolhas feitas a partir do que revelaram os dados e dos objetivos propostos para a pesquisa de de origem a esta

dissertação. Também não se desconsidera o fato de que nenhum estudo se configurar como totalmente acabado e, por isso, sempre estar sempre aberto a novas leituras, a outros olhares.

Assim, conforme os objetivos previstos, foram analisados os 1.471 topônimos dos acidentes geográficos físicos e humanos registrados nos mapas oficiais do IBGE relativos aos 32 municípios que formam as microrregiões de Toledo e de Foz de Iguaçu.

A análise da motivação das designações dos acidentes geográficos evidenciou a influência exercida pelo meio ambiente físico e social e pelos pioneiros que colaboraram na construção da história da região na seleção dos nomes atribuídos aos lugares. Esses pioneiros, ao chegarem ao Oeste Paranaense, encontraram muitas dificuldades quanto à fixação na região que ainda era coberta pelas matas nativas e povoada por animais, muitas vezes, de instinto selvagem. Esses recursos da fauna e da flora, além de evidentes na toponímia oestina influenciaram outras motivações de natureza antropológica para nomeação dos lugares, como as relacionadas à fé religiosa e as que refletiam produtos do psiquismo humano como forma de manter uma relação positiva frente à nova realidade.

O estudo linguístico do acervo toponímico selecionado considerou o aspecto etimológico que apontou a presença das três bases étnicas que sedimentaram a formação da língua portuguesa no Brasil: o português, as línguas indígenas e as africanas. O português configurou-se como a língua de maior influência na toponímia local, tal resultado é justificado por ser essa a língua oficial do País e também a de maior prestígio. A língua indígena, em especial o Tupi, também é de concentração considerável entre os topônimos coletados, já que a presença indígena na região é marcante não só antes da vinda dos colonizadores europeus ao Brasil, mas também até a atualidade, pois a região ainda abriga reservas indígenas. Já os africanismos não foram representativos no estudo, o que confirma uma tendência geral da toponímia brasileira, considerando-se que essa realidade se manifesta também no léxico comum. Além disso, é preciso considerar que na região Oeste Paranaense não houve trabalho escravo de africanos. Em relação a presença da língua dos migrantes de ascendência italiana e germânica que exerceram importante papel na colonização da região na toponímia, uma das possibilidades aventadas no projeto de pesquisa, não foi confirmada, tendo sido identificados poucos registros na toponímia estudada, como em: povoado Caravagio (Palotina) e povoado Consolata (Formosa do Oeste).

Outro dado apurado foi a predominância de topônimos de estrutura formal simples – 63% do *corpus* coletado. Na sequência aparecem os compostos com 37% da totalidade dos dados. Isso demonstra que, ao nomear um lugar, o denominador procura escolher

um item lexical que traduza a percepção do referente de forma mais direta e objetiva com a função de distinguir, com maior clareza, não só o topônimo, mas também o acidente nomeado.

O projeto de pesquisa que deu origem a este trabalho estabeleceu como hipótese de pesquisa a tese de que as quatro fases definidas pelos historiadores como periodização da colonização estariam refletidas na toponímia da região e traduziriam, além de aspectos do sentimento coletivo evidenciado na trajetória do processo de povoamento, pistas para um resgate sobre a cultura e as paisagens naturais da região, hipótese que se confirmou no produto final do trabalho. Para fins de análise, foram considerados quatro recortes de topônimos que de alguma forma se relacionam com essas quatro fases da história regional mencionadas no decorrer do trabalho.

A característica que mais se sobressaiu na toponímia regional estudada foi a forte presença de *hagiotopônimos* que pode ter explicação na própria trajetória histórica da região: a presença jesuítica nos primeiros séculos de povoamento (século XVII) e os pioneiros católicos que ali se fixaram, a partir do século XX. Nesse sentido é preciso ratificar que o Oeste Paranaense até 1940, época em que se instalaram as companhias colonizadoras, era uma região marcada pelo abandono das autoridades governamentais e de conseqüente disputa por recursos naturais (extrativismo). Frente a esses descasos, a fé dos que ali buscavam fixar suas raízes representava uma alavanca de apoio para a sobrevivência da população frente a esses desafios, fato esse perpetuado na toponímia da região.

Os dados discutidos evidenciaram ainda peculiaridades regionais, dentre outras, a significativa presença de *hagiotopônimos* na nomeação de acidentes físicos, tendência essa até então não apontada por trabalhos sobre a toponímia paranaense. O estudo partiu da hipótese de que a grande ocorrência de *hagiotopônimos* na região seria explicada pelo processo de colonização ali ocorrido, em especial as fases das reduções jesuíticas e da chegada dos colonos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Porém a distribuição da produtividade visualizada na Carta Toponímica I apresentada no Capítulo 4 demonstrou que contemporaneamente não se registra presença considerável dessa taxa na área correspondente às antigas reduções jesuítas, ao contrário da que abrigou colonos sulistas, trazidos para a região via companhias colonizadoras, que concentrou o maior índice de *hagiotopônimos* aqui estudados.

Outra particularidade identificada foi a maior produtividade do nome de São Francisco, o santo patrono dos animais e do meio ambiente, entre os nomes de natureza religiosa examinados no âmbito deste trabalho, o que reflete a relação do denominador com o santo em questão, provavelmente motivada pela exuberância da fauna e da flora, o que pode

justificar a escolha do nome do santo protetor dos animais e do meio ambiente como uma forma de invocação da proteção do santo para as riquezas naturais da região.

O estudo recuperou alguns nomes de santos já citados nos estudos de Dick(1990b p. 159 - 160) como: São João, São Francisco, São Pedro. Topônimos significativos em termos de produtividade na área selecionada. Em relação aos nomes de santas a pesquisa confirmou outro dado apresentado por Dick (1990b p. 160) o menor índice de produtividade de nome de santas entre os *hagiotopônimos*. Porém não apontou os mesmos nomes citados pela toponimista, pois enquanto a estudiosa apresentou Santa Ana/Sant'Ana, Santa Bárbara, Santa Izabel e Santa Luzia como os mais recorrentes, no Oeste Paranaense a maior porcentagem recaiu entre Santa Terezinha, Santa Helena, Santa Rita e Santa Rosa.

Assim, pode-se concluir que os dados confirmaram a estreita relação entre a escolha do nome de lugar e condicionantes histórico-geográficos, em especial os relacionados aos processos de povoamento, já que os migrantes tendem a perpetuar nos designativos de lugares suas crenças e expectativas frente ao novo espaço escolhido para construir uma nova fase de suas vidas.

Um segundo fator relacionado ao processo de colonização do Oeste Paranaense refletido na toponímia regional diz respeito à significativa presença dos *fitotopônimos*, em especial os que recuperam nomes de árvores que fornecem madeira de boa qualidade. Assim, relacionou-se a presença das madeiras de lei nativas da região com os objetivos traçados pelos *obrageiros*, que visavam ao comércio das toras extraídas das matas e da erva-mate, também nativa na região.

Ainda em se tratando da relação entre a flora local e a fitotoponímia notou-se que outras espécies da rica e diversificada vegetação regional ficaram perpetuadas na toponímia, em designativos como *Pinheiro, Cedro, Canela, Peroba, Angico, Jaguarandi, Tarumã, Cabaço, Cambará, Guambé, Indaiá, Cambuí, Candeia, Jataí, Rami, Sucupira, Timburi*, entre outras. Em virtude da devastação das florestas ocorridas na região é provável que muitas dessas espécies só sobrevivam na toponímia.

Alguns *fitotopônimos* confirmaram os resultados evidenciados por Dick (1990a) em seus estudos mais amplos sobre a toponímia brasileira, como a presença de topônimos como *Pinheiro, Pinheirinho, Pinhalzinho, Canela*, dentre outros, na toponímia do Paraná, além de outros não destacados por Dick (1990a), como os motivados pela extração e comércio da *erva-mate*. Enfim, percebe-se a importância do estudo da *fitotoponímia*, também como uma forma de resgate de aspectos das paisagens naturais, alguns deles já degradados pela ação do homem.

O outro recorte de dados selecionado para um exame mais pontual foram os animotopônimos que evidenciam o sentimento dos pioneiros, em sua maioria de cunho positivo. Assim os *animotopônimos eufóricos* computaram 86%, enquanto os *animotopônimos disfóricos* 14% de produtividade. Pode-se concluir dos dados apresentados que havia certa expectativa dos primeiros habitantes frente às possibilidades de sucessos na nova terra.

O último aspecto destacado para fins de análise foi a questão da presença indígena na toponímia do Oeste Paranaense, fenômeno justificado pela significativa presença dessa etnia em todas as fases do percurso histórico da região. Neste particular ressalta-se a maior concentração de topônimos indígenas de estrutura simples que descrevem acidentes geográficos. Uma peculiaridade visualizada por meio da Carta Toponímica 6 é o fato de os municípios localizados na área central das mesorregiões concentrarem o menor índice de produtividade de nomes de origem indígena. Infelizmente as informações históricas a que teve acesso não foram suficientes para a formulação de hipóteses de explicação desse dado.

Em síntese, a pesquisa demonstrou a influência da história social no léxico e a importância das pesquisas toponímicas. Além disso, a pesquisa forneceu dados que poderão contribuir com o projeto ATEPAR, no que se refere ao estudo da toponímia oficial das duas microrregiões que integram o universo desta pesquisa, ao mesmo tempo em que disponibiliza um acervo de dados que poderá motivar novos estudos, incluindo os de elucidação dos signos toponímicos ainda não classificados no âmbito deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Lídia. **A relação da hidronímia com a história social no Paraná: uma análise diacrônico-contrastiva**. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ALMOYNA, Julio Martinez. **Dicionário de português-espanhol**. Porto: Porto Editora, 1979.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Projeto ATITO: algumas considerações sobre o Atlas Toponímico de origem indígena do estado de Tocantins. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. 4. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, 133-143.

AZEVEDO, Thales de. O Catolicismo no Brasil. In: _____. **O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2002, p. 31-55.

BALHANA, Altiva Pilatti et al. **História do Paraná**. 2. ed. Curitiba: Gráfica Editora Paraná Cultural Ltda., 1969.

BERNALES LILLO, M. **En busca de los nombres**. Toponimia indígena e hispánica. Temuco - Chile: Ediciones Universidad de la Frontera, 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico, Testemunho de uma cultura. In: Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filología Románicas, **Anais...** Santiago de Compostela: Fundación “Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa”, 1989, p. 397-405.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 11-20.

_____. Conceito lingüístico da palavra. In: BASÍLIO, Margarida (Org.). **Revista palavra**, n. 5. Rio de Janeiro: Departamento de Letras da PUC, 1999, p. 81-97.

_____. **Teoria lingüística** (teoria lexical e lingüística computacional). 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos lingüísticos**. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

BUSSE, Sanimar. **Um estudo geossociolingüístico da fala do oeste do Paraná**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **História da lingüística**. 4a ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

CARDOSO. Armando Levy. **Toponímica brasílica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. **Estudos de onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial**. 2008. Disponível em: <http://www.fllch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp14/01.pdf>. Acesso em 20 de julho de 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**, 11 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

COLODEL, José Augusto. Cinco séculos de História. In: SILVA, Gerson Henrique da; BUHÕES, Ronaldo; PERIS, Alfredo Fonseca (Org.). **Mesorregião oeste paranaense: diagnóstico e perspectivas**. Cascavel: EDINUOESTE, 2002. Disponível em: http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/pmop/capitulos/Capitulo_01.pdf. Acesso em 20 jun. 2012.

CRUZ, Gilberto Luis da. **Dicionário das plantas úteis do Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. **Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

DEITOS, Nilceu Jacob. **Presença da igreja no oeste do Paraná: a construção do imaginário católico (1930-1990)**. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990a.

_____. **Toponímia e antroponímia no Brasil: Coletânea de estudos**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

_____. A Significação hiponímica e hiperonímica nas práticas onomásticas. In: CARVALHO, Nelly Medeiros de; SILVA, Maria Emília Barcellos (Org.). *Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: questões conexas*. 1º Encontro Intermediário do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. **Anais...** Recife: Editora Universitária UFPE, 1998, p.41-59.

_____. Métodos e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: **Investigações: Linguística e Teoria Literária**, v. 9. Recife, UFPE, 1999. p. 119-148.

_____. A terminologia nas Ciências Onomásticas. Estudo de caso: O Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: CABRÉ, Maria Teresa; ESTOPÁ, Rosa; TEBÉ, Carles (Orgs.). *La terminología en el siglo XXI: contribución a la cultura de La paz, La diversidad y la sostenibilidad*. IX Simposio Iberoamericano de Terminología - RITERM04. **Anais...** Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada / Universitat Pompeu Fabra, 2006a, 215-223.

_____. Fundamentos teóricos da toponímia: estudo de caso: o projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006b, p. 91-117.

ELIA, Silvio. **Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1997.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940/70)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. Tradução e adaptação de: Maria Elisa Mascarenhas. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1975.

HERTEL, Ralph João George. Aspectos interessantes da vegetação do Paraná. In: Faissal El-khatib (Org.). **História do Paraná**, Curitiba: Grafipar, 1969, v.2, p. 131-241.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Vários acessos.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

_____. CASTIGLIONI, Ana Cláudia. Em busca de um dicionário onomástico-toponímico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. 4. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 291-310.

_____. Os animotopônimos na toponímia brasileira: um estudo de caso. In: CESTERO, Ana María; MARTOS, Isabel Molina; GARCÍA, Florentino Paredes (Ed.). La lengua, lugar de encuentro. XVI Congreso Internacional de La Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina (Alcalá de Henares, 6-9 de junio de 2011), **Anais...** 2011, p. 469-478. Disponível em: <<http://alfal2011.mundoalfal.org/#/pdf/49alfal.pdf>> Acesso em: 13 nov. 2012.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. IV. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 161-175.

LORENTE, Mercè. A Lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. II. Campo Grande: UFMS, 2004. p.19-30.

MEGALE, Nilza Botelho. **O livro de ouro dos santos: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MOREIRA, Hélio Costa. **A toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das missões e estrada de palmas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina,

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico resumido**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1966.

OLIVEIRA, Ana M. Pinto Pires. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In. OLIVEIRA, Ana M. Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998, p. 109-113.

_____. ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In. _____. (Org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001, p. 7-9.

PERALTA, Anselmo Jover. **Diccionario guaraní-español y español-guaraní**. 2.ed., Buenos Aires: Editorial Tupã, 1951,

PEREIRA, Antonio Batista; PUTZKE, Jair. **Dicionário brasileiro de botânica**. Curitiba: CRV, 2010.

REOLON, Cleverson Alexsander. Colonização e urbanização da mesorregião oeste do Paraná (1940-2000). **Revista R. RA'E GA**, Curitiba, n. 13, 2007, p. 49-57.

RIBEIRO, Sarah Iurkiv Gomes Tibes. **Etnicidade e política indigenista: breve ensaio sobre suas manifestações no oeste do Paraná**. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol6_atg3.htm. Acesso em 13 nov. 2012.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. **La toponimia en Venezuela**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na geografia nacional**. 5 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SAPIR, Edward. Parte Introdutória: Linguagem e sua definição. In: _____. (Org.). **Linguística e ciência**. Rio de Janeiro: Acadêmica: 1969, p.18-49.

_____. Língua e Ambiente. In: _____. (Org.). **Linguística e ciência**. Rio de Janeiro: Acadêmica: 1969, p.43-49

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. 4. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina: EDUEL, 2002.

TAVARES, Marilze. **Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina**. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi** – significados dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço Editora, 1985.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de: J. A. Osório Mateus. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

VILELA, Mário. Lexicologia e semântica. In: _____. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994, p. 9-12

WACHOWICZ, Ruy Christovan. **História do Paraná**. 5. ed. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina, 1982.

_____. **Obrageros, mensus e colonos: história do Oeste Paranaense**. 2 ed. Curitiba: Editora Vicentina, 1987.

WESTPHALEN, Cecília Maria. **Pequena História do Paraná**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1953.

WONS, Iaroslav. **Geografia do Paraná**. 5 ed. Curitiba: Ensino Renovado, 1985.

ZAMARIANO, Márcia. **Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853**. Dissertação (Mestrado em estudos da linguagem). 2006. Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

_____. **Estudo toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelha, 93, 141

Abençoado, 80, 261, 262

Acampamento, do, 104

Acavã, 80

Açu, 149, 150

Açu Braço Direito, 128, 232

Açuzinho, 128

Agro Cafeeira, 183

Água Branca, 43, 95, 127, 147, 156, 187, 197, 199, 212, 215

Água da Fortuna, 211

Água da Romana, 211

Água do Bugre, 95

Água do Meio, 187

Água Funda, 124

Água Grande, 106

Água Pica Pau, 91

Água Verde, 95, 98

Aimoré, 92

Ajuricaba, 109

Alegre, 93, 118, 152, 185, 203, 261, 262, 282, 284, 286

Alegria, 187, 189, 261, 262

Alívio, 44, 84, 164, 230, 261, 263

Alto alegre, 146

Alto Alegre, 77

Alto Aurora, 114, 125

Alto da Serra, 86

Alto Pioneiro, 125
 Alto Santa Fé, 121
 Alvorada, 67, 152, 171
 Amor, do, 80
 Ana Neri, 77
 Anchieta, 80, 268
 Anga, 80
 Angico, 154, 163, 250, 256, 280
 Anta, da, 102, 148
 Antas, das, 116, 160
 Anzol, 80
 Aparado, 123
 Aparecidinha, 146, 171, 177
 Aparecidinha do Oeste, 177
 Apepu, 96, 98, 107, 109, 112, 141, 144, 173, 198,
 199, 204, 207, 231, 257
 Apepuzinho, 173
 Apolo, 180
 Arapacu, 116
 Arapaçu, 80, 128
 Arapuã, 80
 Arara, 109
 Araras, 93, 104, 115, 128
 Araruna, 160, 165
 Aratinga, 212
 Ariranha, 85
 Arroz, do, 144
 Arteira, 160, 261, 263
 Asa Branca, 129
 Assis Chateaubriand, 10, 16, 43, 44, 55, 56, 64, 69,
 75, 76, 77, 85, 91, 103, 114, 125, 151, 162, 229,
 230, 231, 236, 241, 243, 244, 245, 246, 254,
 255, 256, 262, 263, 266, 273
 Aterro, do, 172
 Aurora, 55, 76, 91, 101, 103, 115, 127, 128, 162,
 172, 201
 Aves, das, 175
 Azul, 12, 18, 43, 44, 55, 65, 68, 70, 72, 73, 75, 116,
 124, 128, 129, 133, 143, 163, 165, 166, 168,
 170, 173, 182, 204, 211, 227, 229, 230, 237,
 241, 243, 245, 246, 254, 256, 257, 258, 261, 266

B

Baiano, 80, 84
 Baitaca, 107, 112
 Baixada, 137
 Balão, 80
 Bambu, 154, 257
 Banana, 184, 257
 Bananeira, 209, 257
 Bandeira, 76, 98
 Bandeirante, 129
 Bandeirantes, 96, 191

Bangu, 112
 Banhadão, 184
 Barra Bonita, 109, 156
 Barra Funda, 86, 129, 141, 212
 Barra Grande, 91, 137, 141
 Barra Longa, 144
 Barra Mansa, 93
 Barreirão, 87, 183, 185, 189, 196
 Barreirinho, 80, 141
 Barreiro, 84, 110
 Barrinha, 89
 Barro Preto, 156, 201, 212
 Base Náutica, 108
 Beija-Flor, 80
 Bela vista, 163
 Bela Vista, 92, 108, 135, 171, 173, 261, 262
 Belmont, 118
 Belmonte, 108, 110
 Belo, 104, 175
 Benjamim Constant, 210
 Bentevi, 115
 Bento Gonçalves, 55, 210
 Biapó, 170, 261, 262
 Biguá, 188
 Biquinha, 212
 Birigui, 100, 150
 Biriqui, 92
 Biriva, 131, 257
 Boa vista, 208
 Boa Vista, 60, 73, 152, 167, 210, 261, 262
 Boas Novas, 137, 261
 Boi Piguá, 164
 Boi, do, 208
 Boi-Ci, 173
 Bolson, 183
 Bom Fim, 110, 261
 Bom jardim, 108
 Bom princípio, 208, 261
 Bom Princípio, 152, 201, 261, 267
 Bom retiro, 147
 Bones, 80
 Bonita, 86, 173, 192, 194, 262
 Bonito, 110, 141, 199, 204, 261, 262
 Bonsucesso, 87, 214, 261, 267
 Boqueirão, 176
 Bora, 112
 Borboleta, 93, 112
 Boselito, 88
 Braço Norte, 135, 167
 Bragantina, 77
 Branca, 183, 198, 199
 Branco, 111, 131, 168, 181, 185, 187, 194, 202
 Brasil, 154, 183

Brasiliana, 162
 Brilhante, 87, 212
 Britânia, 8, 52, 54, 55, 57, 59, 118, 130, 131, 132
 Buati, 128
 Bucaio, 77
 Bueiro, 167
 Bueno, 167
 Butu, 43, 166, 168
 Butu Bueno, 43, 166
 Butuca, 147

C

C, 146
 Cabeça de boi, 147
 Cabeça do Represa, 187
 Cabeceiras, 167
 Caçador, 147, 154
 Cacatu, 184, 257
 Cachimbeiro, 96
 Cacique, 201
 Caetê, 213
 Cafezal, 167, 257
 Caiopá, 147
 Calunga, 84
 Cambará, 77, 256, 280
 Cambuí, 147
 Campina, 32, 160, 257
 Campo do Bahia, 183
 Campos do Iguaçu, 171
 Campos Sales, 108
 Candeia, 114, 256, 280
 Canela, 148, 156, 250, 280
 Canto, do, 147
 Capacete, 201, 204
 Capivari, 96, 98
 Capivari dos Sanches, 96
 Capoeirinha, 209
 Caracol, 93, 148
 Caracu, 77, 80
 Caracuan, 132
 Caraguatá, 165, 257
 Carajá, 103
 Carambey, 98, 231
 Caramuru, 104, 177, 180
 Caranguejo, 189
 Caravagio, 125, 278
 Cardoso, 31, 32, 99
 Carimã, 172, 173
 Carolina, 98, 148
 Casa Branca, 86
 Cascata, 184, 196
 Cascavel, 32, 34, 47, 55, 57, 58, 69, 89, 151, 154,
 162, 284, 285

Cassau, 81
 Castro Alves, 168
 Catani, 137
 Cateto, 102
 Catiporã, 201
 Catureta, 178
 Cavalo Morto, 96, 156
 Cebolão, 89, 257
 Cedro, 81, 160, 180, 193, 196, 250, 255, 256, 280
 Cedro, do, 81
 Cego, 87, 261, 263
 Celeste, 136
 Central, 8, 51, 93, 102, 106, 119, 144, 287

Ch

Charruá, 188
 Chororó, 101, 150

C

Cinco, 93
 Cinco de Maio, 81
 Cinco de Outubro, 115, 116
 Cinco Mil, 78, 114, 126
 Cinquenta e Um, 208
 Circuito, 193
 Clara, 124, 135, 154, 206, 242, 246
 coati, 130
 Coati, 129
 Cobras, das, 85
 CODAL, 64, 140
 Colibri, 121
 Colombelli, 193
 Colondrina, 90
 Companheiro Antônio Tavares, 201
 Concórdia do Oeste, 151
 Confusão, 137, 261, 263, 267
 Consolata, 92
 Continental, 104
 Copacabana, 172
 Coqueiro, 129, 257
 Cordeana, 210
 Coroados, 135
 Correa Porto, 135
 Corredeira, 80, 167, 173, 204, 213
 Correntoso, 159
 Corvo Branco, 88, 142, 144, 159, 168, 169, 215
 Corvos, dos, 174
 Cotovelo, 110
 Crispim, 162, 163
 Crissiumal, 133, 257
 Cristal, 121, 134, 154, 205
 Cristo rei, 208
 Cristo Rei, 178

Cruz de Malta, 99
 Cruzeiroinho, 92, 96
 Cruzeiro Novo, 96
 Cruzinha, 205
 Cunhaporí, 112
 Curi, 81, 164, 255
 Cururu, 99
 Curvado, 108, 110

D

Dalazem, 184
 Descoberto, 35, 84, 152, 159, 261, 263
 Desejo, do, 148
 Dez, 146
 Dez de Junho, 81
 Dez de Maio, 151
 Dezenove, 210
 Dezesesseis, 136, 200
 Dezesesseis de Janeiro, 129
 Dezesesseis de Maio, 195
 Dezoito de Abril, 115, 116, 152, 155, 159
 Diamante, 10, 16, 57, 69, 75, 81, 85, 87, 89, 93,
 115, 134, 140, 143, 191, 195, 211, 212, 227,
 229, 231, 236, 242, 244, 245, 246, 254, 257,
 261, 262, 263, 267, 271
 Diamante d'Oeste, 86
 Diamantina, 99
 Dobrado, 43, 168, 213
 Dois de Maio, 168
 Dois Irmãos, 135, 136, 137, 151, 154, 166
 Dois Lajeados, 136
 Dois Lapachos, 198
 Dom Armando, 191
 Dourado, 105, 110, 174, 183, 185, 210
 Doutor Oliveira Castro, 44, 95
 Doze, 116, 129, 144

E

Eldorado, 108
 Embargo, 164, 261, 263
 Encantada, 112, 134
 Encantado, 84
 Encantado d'Oeste, 77
 Encontro, do, 141
 Enganador, 154, 261, 263
 Engano, 205, 261, 263, 267
 Engenheiro Azauri, 78
 Entre Rios, 10, 16, 44, 57, 69, 75, 89, 90, 91, 106,
 107, 130, 134, 140, 227, 229, 231, 236, 241,
 243, 254, 262, 267, 276
 Entre Rios do Oeste, 10, 16, 44, 57, 69, 75, 90, 91,
 134, 227, 229, 231, 236, 241, 243, 254, 262,
 267, 276

Erva, 81
 Erva Mate, 147
 ervalzinho, 207
 Escondida, 170
 Escondido, 184, 261, 263
 Esmeralda, 183, 184
 Esperança, 87, 98, 110, 128, 135, 154, 191, 261,
 262, 267
 Espírito Santo, 55, 96
 Esquina Fagundes, 90
 Esquina Represa, 209
 Estrada da Jurema, 213
 Estrada do Banco, 213
 Estrada União, 140
 Estrela, da, 97

F

Facho, 81
 Farroupilha, 205
 Feijão Cru, 188, 257
 Felicidade, 91, 137, 141, 261, 262, 267
 Feraday, 170
 Flor da serra, 208
 Flor da Serra, 68, 133, 152, 196, 208
 Flor do Sertão, 131
 Flores, das, 171
 Floresta, 127, 148, 160, 250
 Floriano, 169, 185
 Formiga, da, 173
 Formigueiro, 162
 Formosa do Oeste, 92, 95
 Forquilha, 98, 118
 Fortuna, da, 212
 Foz do Iguaçu, 171, 176
 Fruteira, 112, 118
 Funda, 134, 139, 160, 176, 189, 200, 202, 209
 Fundo, 43, 109, 131, 133, 148

G

Gameleiro, 141, 256
 Garça Branca, 100
 Garopaba, 105
 Gato Preto, 205
 Gato, do, 192
 Gauchinho, 205
 Gavião, 87
 General Osório, 152
 Gervasio Cuê, 134
 Golondrina, 137, 140
 Gonçalves Dias, 169
 Grande, 100
 Gritador, 156, 164, 261, 263
 Guabiroba, 175, 200, 257, 274

Guabirobinha, 174, 199
 Guabirova, 121, 174
 Guaçu, 101, 109, 118, 121, 133, 147, 156, 232, 245
 Guaçuzinho, 147, 156, 164
 Guaira, 11, 17, 43, 44, 49, 55, 58, 61, 69, 75, 95,
 101, 117, 118, 145, 227, 229, 231, 234, 236,
 241, 244, 245, 254, 257, 261, 262, 263, 266,
 267, 273
 Guairaçá, 191, 196
 Guairiçá, 73, 166
 Guajuvira, 193
 Guambé, 81, 256, 280
 Guamerim, 122
 Guanabara, 202
 Guaporé, 92
 Guará, 110, 188
 Guaraci, 178
 Guarani, 14, 82, 99, 146, 156, 171, 200, 269, 270,
 271
 Guaruvinha, 160
 Guavirá, 110, 111
 Guavirova, 199
 Guerezinho, 205
 Guilherme, 119

H

Havai, 110
 Hong Kong, 94
 Horizontina, 60, 110

I

Icarai, 82
 Icatu, 184
 Iguaçu, 170, 171, 173, 175, 176, 185, 207, 210
 Iguaçu,, 173, 175, 210
 Iguaçu, do, 168, 173, 185, 207
 Iguiporã, 108
 Ilusão, da, 99
 Incra, 82
 Indaiá, 78, 82, 256, 280
 Independente, 114, 115, 261, 263
 Indianópolis, 202
 Índio, 207
 Índio, do, 137
 Índios, dos, 80
 Inhuvera, 178
 Invernada, 180
 Ipacurá, 160
 Ipanema, 119
 Iparacal, 148
 Ipiranga, 64, 116, 157, 160, 175, 198, 199, 213
 Iracema, 78, 82, 91

Iracema do Oeste, 11, 17, 58, 69, 75, 102, 103, 227,
 229, 236, 241, 244, 245, 254, 266
 Irajá, 184
 Irara, 105
 Irene, 173, 175
 Irene, da, 173
 Irucú, 157
 Itá, 82, 133, 157, 175, 177, 178, 179, 180
 Itabaiana, 87, 214
 Itacarambi, 102
 Itacorá, 178, 179, 180
 Itaguajé, 104
 Itaipu, de, 100, 111, 175
 Itaipulândia, 170, 177, 182
 Itanirim, 82
 Itapiranga, 131
 Itavó, 177, 179, 180
 Ituburuna, 119
 Iutaca, 78, 82, 273
 Ivo Muller, 78

J

Jacaré, 86, 88, 94, 148, 157, 175, 196, 231, 274
 Jacu, 193
 Jacutinga, 83, 154, 165, 174, 179, 180, 188, 192,
 212, 213, 273
 Jaguarandi, 115, 121, 156, 256, 280
 Jaguarundi, 121
 Jáguarundi, 159
 Jandaia, 164
 Japi, 83
 Jaraguá, 119
 Jardinópolis, 68, 208, 209
 Jataí, 43, 133, 154, 256, 280
 Javali, 187, 188
 Jesuítas, 11, 17, 44, 58, 59, 69, 75, 76, 91, 94, 101,
 102, 103, 106, 227, 229, 236, 241, 243, 244,
 245, 246, 254, 262, 266
 Jetaita, 141
 Joana, 147
 Joari, 83
 Joel, 100
 José Bonifácio, 133
 José Santa Helena, 140
 Jotaesse, 162, 163
 Juazeiro, 105
 Juca, 168
 Julieta, 205
 Jumelo, 168
 Jundiá, 122, 160
 Jupiri, 171
 Jurema, 45, 157, 213
 Juriti, 168

L

Lagoa, 32, 78, 100, 166, 167, 168, 175, 198, 230
 Lagoinha, 86, 87
 Lajeado, 193
 Lajeado, 105, 124, 138, 148, 157, 164, 174, 175, 199
 Lajeado Grande, 152
 Lajes, 161
 Lambari, 84, 154, 165, 180
 Laranjal, 112, 172, 257
 Laranjeira, 63, 157, 205, 257
 Laranjita, 188, 202, 205, 257
 Latas, das, 139
 Leão, 64, 90, 174, 202, 207
 Leão, do, 90
 Lima, da, 204
 Limeirinha, 199, 257
 Lindamar, 179
 Líria, 122, 150
 Lobato, 104
 Lobo, 179
 Lola, da, 156
 Londrina, 103
 Lopei, 199
 Lopei, 55, 153, 159, 199, 243, 245
 Lote Grande, 172
 Lua, da, 99
 Lusitânia, 179
 Luz Marina, 143

M

Macaco, 144, 155, 231
 Macacos, dos, 93
 Machadinho, 179
 Macuco, 85, 113, 196
 Madeira, 59, 214
 Madrugada, 127
 Magnólia, 190, 257
 Maia, 113
 Maíri, 83
 Mandarina, 157, 257
 Manduri, 190
 Manga, 105, 257
 Manguari, 190
 Manjolo, 205
 Mansa, 90
 Manso, 87
 Mara Lúcia, 187
 Marabá, 129
 Maracá, 44, 96, 97, 101, 116, 150, 161
 Maracaju, 96, 97, 101, 150
 Maracajú, 150

Maracaju dos Gaúchos, 96
 Maracaju, do, 150
 Maracanã, 110
 Marechal Cândido Rondon, 11, 17, 44, 45, 57, 59, 60, 61, 62, 70, 75, 89, 106, 114, 117, 120, 123, 130, 132, 140, 151, 227, 229, 231, 232, 236, 241, 243, 245, 246, 254, 256, 257, 273
 Marfim, 148
 Margarida, 107, 283
 Marília, 206
 Maripá, 11, 17, 59, 60, 62, 70, 75, 89, 114, 117, 120, 121, 124, 125, 132, 151, 152, 227, 229, 232, 236, 241, 254, 256, 263, 267
 Maripor, 113
 Marquesita, 183
 Marreco, 111, 133, 159
 Marulho, 83
 Marval, 206
 Massapê, 78
 Matadouro, do, 100
 Mate, 119
 Matelândia, 12, 18, 55, 57, 65, 66, 67, 70, 73, 75, 166, 182, 183, 185, 186, 195, 208, 227, 229, 231, 237, 241, 245, 254, 255, 257, 262, 263, 266, 267, 273
 Matias Almada, 174
 Maurítânia, 202, 257
 Medianeira, 12, 18, 43, 62, 66, 67, 68, 70, 75, 104, 177, 182, 186, 190, 191, 201, 208, 227, 229, 231, 237, 241, 242, 245, 246, 254, 257, 262, 266
 Meio, do, 89
 Meira, 175
 Melancia, 89, 257
 Memória, 85, 159, 163, 165, 243, 245, 261, 263
 Menegus, 170
 Mercador, 116
 Mercedes, 11, 17, 60, 70, 75, 95, 106, 108, 111, 117, 118, 120, 145, 227, 229, 236, 241, 245, 254, 256, 262, 266
 Mico, 206
 Miguel, 122, 129, 170, 176, 177, 181, 188, 190, 191, 194, 203, 207
 Miguelito, 113, 137, 139
 Militar, 172
 Mineira, 119
 Minerva, 119
 Mingau, 174
 Ministério, 93
 Mirassol, 146
 Mirim, 129
 Missal, 12, 18, 66, 67, 70, 75, 86, 134, 177, 186, 191, 195, 201, 227, 229, 237, 242, 243, 244, 245, 246, 254, 255, 257, 258, 261, 262, 267

Missões, 33, 99, 259, 286
 Mochila, 161
 Moema, 180
 Moinho, do, 138
 Moleda, 181
 Monjolo, 94
 Monte Alto, 97
 Morena Chácara Primavera, 148
 Morenã, 138, 194
 Moreninha, 136, 137
 Moreno, 210
 Morungone, 174
 Mosquito, 206
 Mundo Novo, 104, 261, 262

N

Nações, das, 171
 Naranjita, 132
 Natal, 139, 180, 192, 193
 Navegantes, 45, 138, 201
 Nhabu, 193
 Nice, 79
 Nico, 119
 Norte, do, 189
 Nossa Senhora da Salete, 126, 189, 243, 246
 Nova, 172
 Nova Aratiba, 126
 Nova Mercedes, 107, 117
 Nova Roma, 202, 206
 Nova Santa Rosa, 11, 17, 60, 70, 75, 106, 114, 117,
 120, 122, 125, 132, 151, 153, 227, 229, 231,
 236, 241, 254, 256, 257, 263, 266
 Nova União, 166, 212
 Nova Videira, 153
 Nove, 143, 209
 Nove de julho, 85
 Novo, 138
 Novo Blumenau, 115, 232
 Novo horizonte, 164
 Novo Horizonte, 44, 107, 113
 Novo Rio do Sul, 108, 118
 Novo Sarandi, 151
 Novo Sobradinho, 152
 Novo Três, 107

O

Ocoí, 176, 181, 184, 188, 190, 191, 194, 202, 203,
 207, 231, 243, 246, 270, 271
 Ocoí-Chico, 181
 Ocoí-mi, 181
 Ocoí-mirim, 188
 Ocoizinho, 184, 188
 Olinda, 181

Oliveira Castro, 97, 99
 Onça Preta, da, 113
 Onça, da, 97, 104
 Onze, 163
 Oriental, 33, 77, 259
 Ortigão, 206
 Ouro Preto, 43, 153, 182
 Ouro verde, 123
 Ouro Verde, 11, 17, 43, 55, 60, 61, 70, 75, 97, 99,
 106, 123, 125, 140, 143, 151, 187, 190, 227,
 229, 231, 237, 241, 243, 244, 246, 266
 Ouro Verde do Oeste, 123
 Ouro, do, 124

P

Pacheco, 214
 Pacu, do, 100
 Pacuri, 136, 138, 257
 Padre Feijó, 192
 Padres, dos, 94, 102, 105, 106
 Paim, 122, 231
 Pajé, 83
 Palmital, 105, 113, 144, 149, 206, 209, 256
 Palmito, 155, 256
 Palmitolândia, 163
 Paloma, 127, 146
 Palotina, 11, 17, 55, 57, 60, 61, 70, 75, 76, 114,
 120, 125, 127, 130, 145, 227, 229, 231, 232,
 237, 242, 244, 245, 246, 254, 257, 262, 263,
 266, 278
 Pampeiro, 188
 Panambi, 161
 Panelas, das, 170
 Papagaio, do, 100
 Paraguai, 177, 206
 Paraíso, 87, 127, 261, 262
 Paraná, 101, 112, 138, 148, 150, 176
 Passo Cuê, 200
 Passo-cuê, 207
 Pasta, 97, 98
 Pato Bragado, 11, 17, 43, 61, 62, 70, 75, 89, 106,
 107, 130, 131, 132, 227, 229, 237, 241, 243,
 254, 257, 262, 266
 Pato, do, 93, 150
 Paulistas, dos, 163
 Pavão, 155
 Paz, da, 193
 Pedras, das, 170
 Peixe, do, 85, 128, 163, 165
 Peixinho, 83
 Perla, 44, 90, 231
 Peroba, 113, 146, 250, 280
 Perobal, 141, 256

Perobas, das, 79
 Pérola, 114
 Peruíbe, 77, 93, 103
 Pesqueiro, do, 209
 Pia-Cuê, 111
 Pic ocoi, 202
 Pic-Nic, 83
 Pindorama, 77, 124, 158, 162
 Pingo de Ouro, 144
 Pingüim, 119
 Pinhalzinho, 161, 255, 270, 280
 Pinheirinho, 161, 183, 184, 194, 209, 255, 280
 Pinheiro, 206, 255, 280
 Pinto, 207, 283, 287
 Pioneira, 154, 261, 263
 Pioneiro, 33, 127, 128, 259
 Piquiri, 55, 56, 58, 76, 85, 94, 126, 128, 243, 244
 Piranha, 116, 129
 Pirapó, 117, 153, 161
 Piratininga, 117
 Piriquito, 94
 Pitanga, 161, 257
 Placa, 94, 138, 193
 Planalto do Oeste, 120
 Plaquinha, 177
 Poço Grande, 124, 158
 Pomba-Cuê, 174
 Ponte Nova, 86
 Ponte Quebrada, 139
 Ponte Queimada, 86
 Porá, 131
 Porã, 64, 111, 261, 262
 Porcos, dos, 98
 Portão, 83, 191
 Portão Ocoi, 191
 Porto Mendes, 55, 107
 Porvenir, 113, 164
 Prata, 51, 141, 144
 Preguiça, 87, 214, 261, 263, 267
 Primavera, 115, 127, 206, 261, 263
 Princesa, 143, 145
 Progresso, 86, 138, 261, 262

Q

Quati, 130, 155, 206
 Quatro, 87
 Quatro bocas, 163
 Quatro pontes, 133
 Quatro Pontes, 11, 17, 43, 45, 61, 62, 70, 75, 106,
 107, 109, 120, 132, 134, 151, 153, 227, 229,
 237, 241, 245, 254, 257, 258, 262, 266
 Quilômetro oito, do, 210
 Quinze de Novembro, 45, 120, 158, 189, 209

R

Ramilândia, 12, 18, 67, 70, 75, 86, 182, 195, 197,
 211, 227, 229, 237, 241, 243, 244, 245, 246,
 254, 255, 257, 263, 266, 267
 Ranchinho, 155
 Rancho, 126, 189
 Rancho Branco, 126
 Rato, 184, 186
 Ratos, dos, 134, 161
 Real, 58, 63, 117, 122, 130, 261, 263
 Remanso Grande, 171
 Represa grande, 210
 Represa Grande, 190, 207
 Represinha, 207
 Rica, 136, 261, 263
 Rio Paraná, 55, 57, 59, 61, 62, 95, 111, 114, 124,
 130
 Rio Quarto, 196, 211
 Rodrigues, 100
 Romana, 167, 215
 Romana, da, 167
 Romão, 149
 Roncador, do, 149
 Roselito, 88
 Rui Barbosa, 161
 Ruiva-cuê, 113
 Ruiva-Cuê, 119, 232
 Rural, 140, 183

S

Sabiá, 99, 182, 183, 186, 190, 193, 194
 Safira, 210
 Salamanca, 97, 101
 Saltinho, 130, 184, 189, 202
 Salto, do, 105, 167
 Saltos, dos, 124, 158
 Sampaio, 31, 74, 116, 170, 174, 178, 232, 255, 273
 Santa Catarina, 192
 Santa Cecília, 192, 214, 242, 246
 Santa clara, 130
 Santa Cruz, 78, 103, 202, 214
 Santa Eliza, 143, 203, 242, 246
 Santa Fé, 127, 128
 Santa Helena, 11, 17, 45, 62, 63, 70, 75, 83, 86, 89,
 104, 134, 135, 139, 140, 177, 191, 195, 227,
 229, 231, 237, 242, 243, 244, 245, 246, 248,
 254, 257, 261, 262, 263, 266, 267, 276, 279
 Santa Inês, 87, 179, 214, 242, 246
 Santa Izabel, 279
 Santa Lourdes, 149
 Santa Luzia, 126, 166, 242, 246, 248, 279
 Santa Maria, 65, 86, 87, 95, 175, 242, 246

- Santa Mônica, 143
 Santa Quitéria, 123, 125, 145, 242, 246
 Santa Rita, 78, 146, 167, 203, 242, 243, 246, 248, 279
 Santa Rosa, 60, 111, 120, 121, 145, 158, 203, 209, 241, 242, 243, 246, 248, 279
 Santa Teresinha, 87
 Santa Tereza, 108, 113, 143
 Santa Terezinha, 12, 18, 67, 70, 75, 86, 92, 136, 153, 170, 197, 200, 201, 227, 229, 231, 232, 237, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 254, 257, 262, 266, 279
 Santa Terezinha de Itaipu, 67, 246, 257
 Santo Ângelo, 111, 242
 Santo Antonio, 97, 126, 127, 155
 Santo Antônio, 185, 203, 243, 245, 247
 Santo Mendes, 108
 Santos Anjos, 92
 São Bento, 149
 São Bernardo, 187, 242, 245
 São Brás, 187, 242, 245
 São Braz, 135
 São Bráz, 203
 São Camilo, 125, 128, 242, 245
 São Carlos, 203, 242, 246
 São Clemente, 126, 135, 242, 245
 São Cosme e Damião, 79, 245
 São Cristiano, 134, 242, 245
 São Cristovão, 87, 108, 111, 127
 São Cristóvão, 167, 242, 245
 São Domingos, 88, 142, 186, 197, 242, 245, 248
 São Francisco, 44, 78, 88, 89, 91, 105, 112, 125, 131, 139, 142, 143, 144, 159, 166, 169, 192, 193, 197, 215, 231, 242, 243, 247, 248, 279
 São Francisco Falso, 89, 169, 231, 243
 São Francisco Falso Braço Norte, 88, 139, 142, 144, 159, 169, 215, 231, 243, 244
 São Francisco Falso Braço Sul, 89, 169, 197, 215, 231, 243
 São João, 88, 97, 98, 126, 136, 138, 150, 155, 172, 176, 181, 182, 194, 200, 209, 231, 232, 242, 243, 244, 247, 248, 279
 São João do Buriti, 181
 São Joãozinho, 194
 São Joaquim, 142, 242, 245, 248
 São Jorge, 203, 242, 245
 São José, 12, 18, 43, 62, 63, 70, 75, 78, 86, 89, 97, 106, 123, 128, 134, 140, 142, 143, 177, 192, 198, 201, 202, 227, 229, 232, 237, 242, 243, 244, 245, 247, 254, 256, 257, 262, 263, 267, 276
 São José das Palmeiras, 63, 140, 244, 245
 São José do Guaçu, 109
 São José do Itavó, 177
 São José do Ocoí, 187, 243, 245
 São Judas Tadeu, 143, 245
 São Lourenço, 203, 207, 242, 245
 São Luis, 111
 São Luiz, 102, 113, 120, 136, 152, 242, 243, 245
 São Manuel, 87, 242, 245
 São Miguel, 136, 152
 São Miguel do Iguaçu, 12, 19, 66, 67, 70, 75, 184, 186, 197, 201, 208, 227, 229, 237, 241, 243, 244, 245, 246, 254, 255, 256, 257, 261, 262, 263, 266, 267, 271, 273
 São Paulo, 104, 149
 São Pedro, 12, 18, 63, 70, 73, 75, 79, 85, 86, 100, 102, 123, 126, 129, 140, 142, 143, 144, 145, 151, 166, 192, 198, 211, 214, 227, 229, 237, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 254, 256, 257, 266, 273, 276, 279
 São Roque, 107, 135, 138, 139, 153, 163, 167, 242, 243, 245
 São Salvador, 86, 109, 153, 242, 245
 São Sebastião, 105, 123, 172, 192, 194, 212, 242, 244, 248
 São Valentim, 163, 187, 242, 245
 São Vicente, 127, 136, 139, 149, 164, 182, 194, 196, 203, 242, 244, 248
 São Vicente Chico, 138, 244
 Saquarema, 203
 Saraiva, 100
 Sarandi, 158
 Satélite, 172
 Seca, 182, 194, 196
 Sede, da, 117
 Segunda ponte, 149
 Seis, 93
 Serpentina, 147
 Serra Maracajú, 146
 Serranópolis do Iguaçu, 13, 19, 68, 70, 75, 182, 186, 208, 211, 227, 229, 231, 237, 241, 244, 246, 254, 255, 256, 257, 261, 266, 273
 Serrinha, 43, 138, 142
 Sete Quedas, 58, 95, 100
 Sete, do, 113
 Shangri-lá, 200
 Silva Jardim, 169, 186, 210
 Silveira, 83
 Silveirópolis, 79
 Silvestre, 149, 163, 192, 194, 242, 245
 Silvino, 155
 Simone, 164
 Sirlei, 138
 Soco-Boê, 158
 Soipê, 79, 83
 Sol de Maio, 123, 179, 182

Sol de Ouro, 187, 189
 Sol Nascente, 153
 Solene, 85, 261, 263
 Solteiro, 206, 261, 263
 Suçuí, 185
 Sucupira, 149
 Suita, 211
 Sul, do, 99, 118
 Surubim, 130
 Surucua, 155, 214

T

Tamandaré, 88
 Tamanduá, 176, 200, 274
 Tamanduazinho, 176
 Tandilo, 158
 Tangará, 79, 214
 Tapajós, 91
 Tapera, 150
 Taquapetinga, 175
 Taquara, 185
 Taquaras, das, 175
 Taquarucú, 158
 Taquaruçú, 102
 Tarcila, 204
 Tartaruga, 137, 189
 Tarumã, 94, 155, 161, 170, 256, 280
 Tatu, 94
 Tatujupe, 167, 168
 Taturi, 101, 146, 149, 150
 Tatuzinho, 149
 Tenente Gualberto, 206
 Terra Nova, 79
 Terra Nova do Oeste, 79
 Terra Roxa, 145, 151
 Tigre, 94, 97, 124, 158, 168, 189
 Tigre, do, 97, 168
 Tigres, dos, 158
 Timburi, 206, 257, 280
 Tio Tamanduá, 198
 Tiradentes, 130
 Toledo, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 18, 17, 35, 43, 44, 45,
 47, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 69, 70, 71,
 75, 76, 106, 114, 120, 123, 132, 143, 151, 160,
 161, 162, 216, 227, 229, 230, 231, 237, 238,
 240, 241, 243, 244, 245, 246, 248, 251, 252,
 254, 255, 256, 257, 260, 261, 262, 263, 266,
 267, 270, 275, 277
 Torre, da, 81
 Traipu, 185
 Três Bocas, 153
 Três Irmãs, 118, 120
 Três Lagoas, 172

Três Marcos, 143
 Três Marias, 182
 Três Ranchos, 142, 144
 Três Voltas, 111, 133
 Trez, 199
 Treze, 167
 Treze, do, 131
 Trinta e Oito, 139
 Trinta e Um, 204
 Tucano, 146, 199
 Tucano, do, 146
 Tunas, 111
 Tuneira, 214
 Tupancireta, 79, 83
 Tupãssi, 12, 18, 44, 55, 64, 70, 75, 76, 151, 162,
 165, 229, 237, 241, 244, 245, 254, 255, 256,
 257, 262, 263, 267
 Tupãssiretã, 84
 Tupi, 14, 31, 74, 84, 99, 120, 133, 255, 272, 277,
 287, 288

U

Ubiretama, 60, 122
 Uirapuru, 204
 Umbu, 189, 274
 Uru, 43, 79, 84, 114, 137, 168, 185, 194, 273
 Urussanga, 204, 207

V

Varana, 90
 Vargem Bonita, 127
 Várzea, da, 124, 158
 Vera Cruz, 136
 Vera Cruz do Oeste, 13, 19, 43, 45, 55, 68, 70, 75,
 86, 143, 195, 211, 215, 227, 229, 238, 242, 243,
 244, 246, 257, 263, 266, 267
 Vera, da, 122, 161
 Verde, 57, 85, 95, 106, 123, 136, 139, 155, 156,
 165, 172, 185, 190, 194, 195, 196, 212, 257
 Vila Iguiporã, 45, 107, 231
 Vinitu, 138
 Vinte de Fevereiro, 117, 122, 231
 Vinte e Cinco de Julho, 115
 Vinte e Seis, 165, 215
 Vira Volta, 147
 Vista alegre, 172
 Vista Alegre, 90, 153, 192, 261, 262
 Vista Alta, 192, 261, 262
 Vital Brasil, 144
 Vitória, 164, 187, 261, 263, 267
 Volta Gaúcha, 90

X

Xaxim, 153, 155, 169, 258, 274

Xerê, 122, 231

Zabelê, 124

